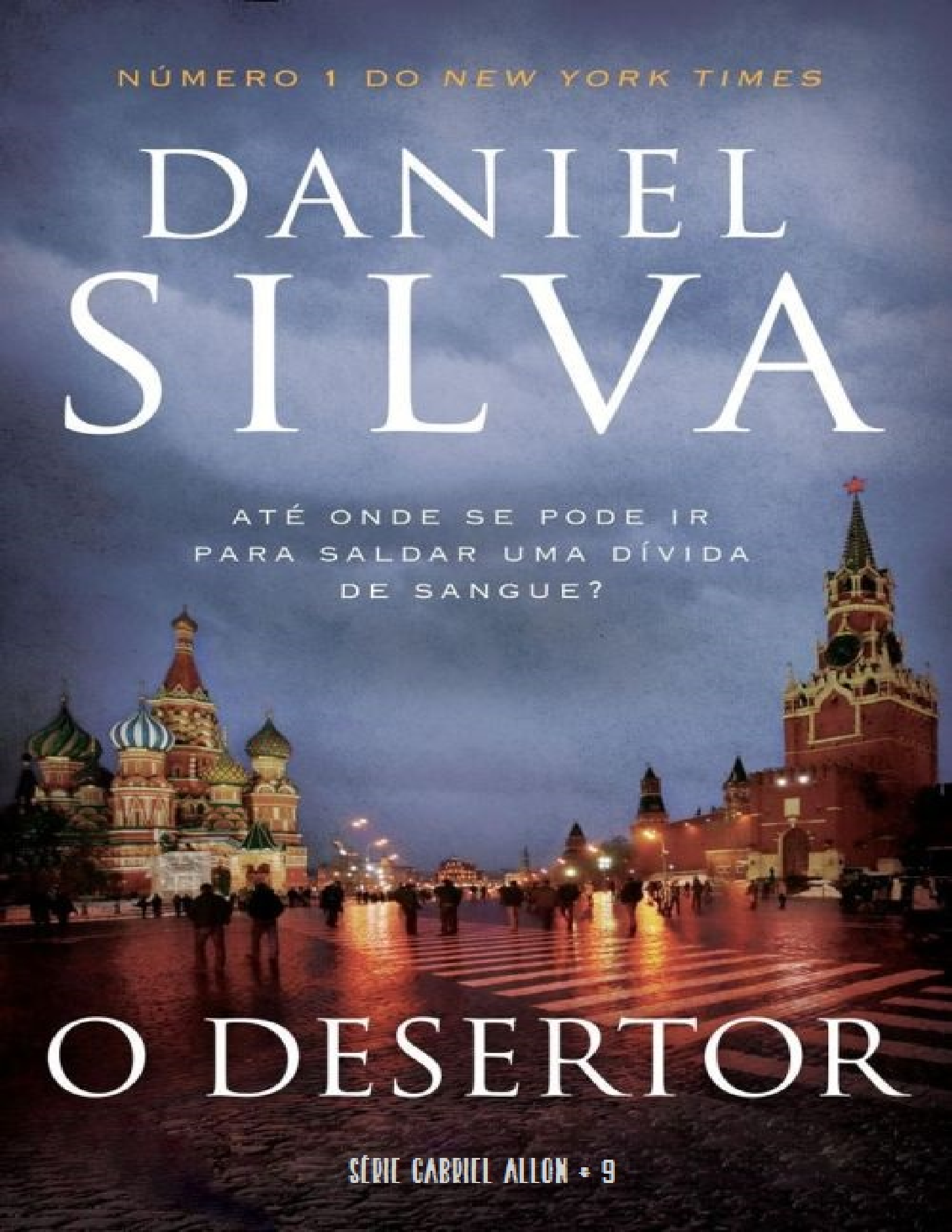
NÚMERO 1 DO *NEW YORK TIMES*

DANIEL SILVA



ATÉ ONDE SE PODE IR
PARA SALDAR UMA DÍVIDA
DE SANGUE?

O DESERTOR

SÉRIE GABRIEL ALLON • 9

DANIEL
SILVA

O desertor

THE DEFECTOR
2009

DANIEL SILVA
O DESERTOR
Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES
BERTRAND EDITORA
Lisboa 2010
Título original: The Defector
Autor:
Copyright 2009 by Daniel Silva
Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 1500-499 Lisboa Telefone: 21 762 60 00
Fax: 21 762 61 50
Correio eletrônico: editora@bertrand.pt
Design da capa: Vera Braga Revisão: Miguel Martins Rodrigues
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.
Unidade Industrial da Maia
Depósito legal nº 318 838/10
Acabou de imprimir-se em novembro de 2010
ISBN: 978-972-25-2218-2

SINOPSE

Seis meses após o dramático final de As Regras de Moscou, Gabriel Allon regressa à lua de mel com Chiara e à restauração de uma peça setecentista do Vaticano. Mas sua paz é efêmera. De Londres chega a notícia de que Grigori Bulganov, espião e desertor russo que salvou sua vida em Moscou, desapareceu sem deixar rastro. Nos dias que se seguem, Gabriel e equipe travarão duelo mortal com Ivan Kharkov, um dos homens mais perigosos do mundo. Confrontado com a possibilidade de perder a coisa mais importante de sua vida, Gabriel será posto à prova. E nunca mais será o mesmo. Com enredo surpreendente e personagens inesquecíveis, *O Desertor* é um thriller explosivo.

Para Marilyn Ducksworth, pelos muitos anos de amizade, apoio e gargalhadas.

E, como sempre, para minha mulher, Jamie, e para meus filhos, Nicholas e Lily.

Se for necessário fazer mal a um homem, então que seja de tal forma grave que não haja razão para temer sua vingança.

MAQUIAVEL

PRIMEIRA PARTE

JOGADAS DE ABERTURA

CAPÍTULO 1

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

Pyotr Luzhkov estava prestes a ser morto e sentia-se grato por isso.

Era o fim de Outubro, mas o Outono já era apenas uma memória. Tinha sido curto e desagradável, como uma velha babushka a despir apressadamente um vestido coçado. E agora isto: céus carregados, frio ártico, neve fustigada pelo vento. O plano de abertura do interminável Inverno russo.

Pyotr Luzhkov, de tronco nu, descalço, com as mãos amarradas atrás das costas, mal se dava conta do frio. Na verdade, naquele momento, teria até dificuldade em lembrar-se do próprio nome. Julgava estar a ser levado por dois homens por uma floresta de bétulas adentro, mas não tinha certeza. Fazia sentido que estivessem numa floresta. Esse era o lugar onde os russos gostavam de tratar dos seus assuntos sanguinários. Kurapaty, Bykivnia, Katyn, Butovo*... Sempre em florestas. Luzhkov estava prestes a juntar-se a uma grandiosa tradição russa: a morte entre as árvores.

**Locais de massacres famosos na União Soviética. (N. do T.)*

Havia um outro costume russo quando se tratava de matar: infligir dor intencionalmente. Pyotr Luzhkov tinha sido obrigado a escalar montanhas de dor. Tinham-lhe partido os dedos todos. Tinham-lhe partido os braços e as costelas. Tinham-lhe partido o nariz e o maxilar. Tinham-no espancado mesmo já depois de estar inconsciente. Tinham-no espancado porque lhes tinham dito para o fazerem. Tinham-no espancado porque eram russos. A única altura

em que tinham parado fora enquanto estavam a beber vodca. Quando a vodca acabou, tinham-no espancado ainda com mais força. Agora, estava na etapa final da sua travessia, a longa caminhada até uma sepultura não identificada. Os russos tinham uma designação para isso: iirhaya mera, a mais grave forma de punição. Normalmente, era reservada aos traidores, mas Pyotr Luzhkov não tinha traído ninguém. Fora enganado pela mulher do patrão e o patrão perdera tudo por causa disso. Alguém tinha de pagar. Mais cedo ou mais tarde, toda a gente acabaria por pagar. Agora, conseguia ver o patrão, em pé, sozinho, no meio dos troncos em forma de pau de fósforo das bétulas. Casaco de couro preto, cabelo cor de prata, cabeça parecida com a torre de um tanque. Estava a olhar para a pistola de grosso calibre que tinha na mão. Luzhkov tinha de lhe tirar o chapéu. Não havia assim tantos oligarcas com estômago para tratarem eles próprios das suas execuções. Mas a verdade também não havia assim tantos oligarcas como ele.

A sepultura já tinha sido cavada. O patrão de Luzhkov inspecionava-a com grande atenção, como se estivesse a calcular se era suficientemente grande para colocar lá um corpo. Ao ser forçado a ajoelhar-se, Luzhkov foi capaz de sentir o cheiro caraterístico da água-de-colônia. Sândalo e fumo. O cheiro do poder. O cheiro do diabo.

O diabo deu-lhe mais um soco na cara. Luzhkov não o sentiu. A seguir, o diabo encostou-lhe a pistola à nuca e desejou-lhe uma ótima noite. Luzhkov teve um vislumbre cor-de-rosa do seu próprio sangue. A seguir, escuridão. Estava finalmente morto. E sentia-se grato por isso.

CAPÍTULO 2

LONDRES: JANEIRO

O assassinato de Pyotr Luzhkov passou em grande parte despercebido. Ninguém o chorou; não houve mulheres a vestirem-se de preto por ele. Não houve polícias a investigarem a sua morte nem jornais russos que se tivessem dado ao trabalho de a noticiar. Não em Moscou. Não em São Petersburgo. E sem dúvida que na cidade russa por vezes conhecida como Londres também não. Mas se os ecos da morte de Luzhkov tivessem chegado a Bristol Mews, a casa do coronel Grigori Bulganov, e dissidente russo, este não teria ficado surpreendido, ainda que neste caso teria sentido uma súbita angústia motivada pela culpa. Se Grigori não tivesse fechado o pobre Pyotr dentro da caixa-forte de Ivan Kharkov, o guarda-costas ainda poderia estar vivo.

Entre os lordes de Thames House e de Vauxhall Cross, os quartéis-generais à beira-rio do MI5 e do MI6, Grigori Bulganov desencadeara sempre grande fascínio e considerável discussão. As opiniões eram diversas, mas a verdade normalmente era isso que acontecia quando os dois serviços eram obrigados a tomar uma posição sobre o mesmo assunto. Era uma dádiva dos deuses, apregoavam os seus apoiantes. Na melhor das hipóteses, tinha tanto de bom como de mau, resmungavam os seus detratores. Ficou famosa a descrição feita por um espirituoso do último andar de Thames House, referindo-se a ele como de que Downing Street Precisava tanto como de um telhado que deixasse entrar água como se Londres, que agora acolhia mais de um quarto de milhão de cidadãos russos, tivesse espaço para mais um descontente determinado em arranjar problemas ao Kremlin. O homem do MI5 tinha deixado registrada oficialmente a sua profecia de que, um dia, iriam todos arrepender-se da decisão de conceder asilo e um passaporte britânico a Grigori Bulganov. Mas até ele ficou surpreendido com a rapidez com que esse dia chegou.

Enquanto antigo coronel da divisão de contraespionagem do Serviço Federal de Segurança da Federação Russa, mais conhecido como FSB, Grigori Bulganov dera à costa no Verão anterior, como derivado inesperado de uma operação de espionagem multinacional organizada contra um tal Ivan Kharkov, oligarca russo e traficante de armas internacional. Apenas um punhado de agentes britânicos teve conhecimento da verdadeira amplitude do envolvimento de Grigori no caso. E ainda menos sabiam que, se não fosse pela sua ação, uma equipe inteira de agentes israelenses poderia ter sido morta em solo russo. Tal como os desertores do KGB que o precederam, Grigori desapareceu durante uns tempos num mundo de casas seguras e herdades isoladas no campo. Atuando em conjunto, uma equipe anglo-americana submeteu-o a um interrogatório constante, dia e noite, primeiro sobre a estrutura da rede de tráfico de armas de Ivan, para a qual Grigori tinha trabalhado enquanto agente pago, motivo de grande vergonha, e a seguir sobre as artes do ofício do serviço de segurança a que pertencera. Os interrogadores britânicos acharam-no encantador; os americanos, menos, fazendo questão de continuar a apertá-lo, o que na linguagem da CIA significava submetê-lo a um teste com um detetor de mentiras. Passou com distinção. Quando os interrogadores se mostraram satisfeitos e chegou a altura de decidir o que fazer com ele, os sabujos dos serviços de segurança internos levaram a cabo avaliações altamente secretas e emitiram as suas recomendações, também em segredo. No final de todo o processo, considerou-se que Grigori, embora caído em desgraça entre os seus antigos camaradas, não enfrentava nenhuma ameaça grave. Mesmo o outrora temido Ivan Kharkov, que estava a lamber as feridas na Rússia, foi considerado incapaz de realizar uma ação concertada. fez três pedidos: queria manter o nome, morar em Londres e não ter nenhum dispositivo de segurança visível à sua volta. Estar escondido à vista de toda a gente, sem que ninguém reparasse nele,

dar-lhe-ia, argumentou, o máximo de proteção possível em relação aos seus inimigos. O MI5 concordou prontamente com as suas exigências, em especial a terceira. Para as equipes de segurança, era necessário dinheiro, e podia ser dado melhor uso aos recursos humanos noutros campos, nomeadamente contra os extremistas jihadistas de produção caseira, dentro da própria Grã-Bretanha. Compraram-lhe uma pequena e adorável casinha, fruto da reconversão de uma antiga cavalariça, num local isolado em Maida Vale, atribuíram-lhe uma remuneração mensal generosa e efetuaram um único depósito num banco da City que teria causado certamente um escândalo se o montante tivesse vindo alguma vez a público. Um advogado do MI5 negociou discretamente um acordo para a escrita de um livro, junto de uma respeitada casa editorial londrina. O montante do adiantamento foi recebido com espanto entre os membros mais importantes de ambos os serviços, que estavam também eles, na sua maioria, a trabalhar nos seus próprios livros em segredo, claro.

Durante um tempo, parecia que Grigori iria ser uma das aves mais raras no mundo do serviço secreto: um caso sem complicações. Fluente em inglês, lançou-se à vida em Londres com a voragem de um prisioneiro libertado a tentar compensar o tempo perdido. Frequentava os teatros e fazia o circuito dos museus. Leituras de poesia, ballet, música de câmara: ia a todas essas coisas. Começou a trabalhar no seu livro e almoçava uma vez por semana com a sua editora, que por acaso era uma beldade de trinta e dois anos, com pele de porcelana. A única coisa que lhe faltava na vida era o xadrez. O agente do MI5 responsável por ele sugeriu-lhe que se inscrevesse no Central London Chess Club, uma venerável instituição fundada por um grupo de funcionários públicos durante a Primeira Guerra Mundial. A sua ficha de inscrição era uma obra-prima em termos de ambiguidade. Não fornecia qualquer morada, número de telefone fixo, celular ou e-mail. A sua profissão era descrita como “serviços

de tradução" e o empregador como "o próprio". Chegada a altura de enumerar uma lista de passatempos ou de quaisquer outros interesses, tinha escrito "xadrez".

Mas nenhum caso de grande envergadura se encontra alguma vez inteiramente livre de controvérsia e os veteranos alertaram para o fato de nunca terem conhecido um desertor, especialmente um desertor russo, que não perdesse as estribeiras de tempos a tempos. Grigori perdeu as dele no dia em que o primeiro-ministro britânico anunciou que uma importante conspiração terrorista tinha sido desmantelada. Segundo parecia, a Al-Qaeda planejara abater em simultâneo vários aviões a jato com recurso a mísseis antiaéreos russos mísseis que tinham sido adquiridos ao antigo benfeitor de Grigori, Ivan Kharkov. No espaço de vinte e quatro horas, Grigori viu-se sentado em frente das câmaras da BBC, afirmando que tinha desempenhado um papel fundamental em toda aquela questão. Nos dias e semanas que se seguiram, continuaria a ser uma presença assídua na televisão, na Grã-Bretanha e em muitos outros locais. Com o seu estatuto de celebridade agora cimentado, começou a frequentar os círculos dos emigrantes russos e a andar na pândega com dissidentes russos de toda a espécie. Seduzido pela atenção repentina, utilizou a sua fama recém-descoberta como uma plataforma para lançar acusações desabridas ao seu antigo serviço de segurança e ao presidente russo, o qual caraterizava como sendo um Hitler em potência. Quando o Kremlin respondeu com rumores e burburinhos desconfortáveis sobre russos a planejarem um golpe em solo britânico, o agente responsável por Grigori sugeriu-lhe que amenizasse um pouco o seu discurso. E também o fez a sua editora, que queria guardar alguma coisa para o livro.

Contra a sua vontade, passou a não dar tanto nas vistas, mas a diferença foi mínima. Em vez de provocar conflitos com o Kremlin, concentrou a sua considerável energia no livro que estava para sair e no xadrez. Nesse Inverno, entrou no torneio anual do clube e foi

avançando sem dificuldades na sua categoria como um tanque russo irrompendo pelas ruas de Praga, queixou-se uma das suas vítimas. Nas meias-finais, derrotou o campeão em título sem qualquer esforço. A vitória na final parecia inevitável. Na tarde da final do campeonato, almoçou no Soho com um jornalista da Vanity Fair. Ao regressar a Maida Vale, comprou na Clifton Nurseries uma planta para a casa e foi levantar um conjunto de camisas à sua lavanderia, na Elgin Avenue. Depois de uma curta sesta, um ritual antes de qualquer jogo, tomou banho e vestiu-se para a batalha, deixando a sua casa poucos minutos antes das seis. Tudo isso explica por que motivo estava Grigori Bulganov, desertor e dissidente, a atravessar a Harrow Road, em Londres, às h12, na segunda terça-feira de Janeiro. Por razões que seriam esclarecidas mais tarde, caminhava num ritmo mais rápido do que o normal. Quanto ao xadrez, era naquele momento a última coisa que lhe passava pela cabeça.

O jogo estava marcado para as seis e meia da tarde, no local habitual do clube, a Lower Vestry House da St. George's Church, em Bloomsbury. Simon Finch, o adversário de Grigori, chegou às seis e um quarto. Sacudindo a água da chuva do seu casaco de oleado, olhou de soslaio para três avisos afixados no painel informativo que havia no hall. Um proibia que se fumasse, outro alertava para que não se impedisse o corredor em caso de incêndio e o terceiro, colocado pelo próprio Finch, exortava a todos que usassem as instalações para reciclar o lixo que fizessem. Nas palavras de George Mercer, presidente do clube e campeão por seis vezes, Finch era "um chato de Camden Town", que vinha adornado com todas as necessárias convicções políticas da sua tribo. Libertem a Palestina. Libertem o Tibete. Fim ao genocídio em Darfur. Fim à Guerra do Iraque. Reciclar ou morrer. A única causa em que Finch parecia não acreditar era no trabalho. Descrevia-se a si mesmo como "um ativista social e jornalista freelancer, o que Clive Atherton, o tesoureiro reacionário do clube, traduzia com precisão como "preguiçoso e

chupista". Mas até mesmo Clive era o primeiro a admitir que o xadrez de Finch era extraordinariamente sedutor: fluido, artístico, instintivo e impiedoso como uma serpente. "A educação dispendiosa do Simon não foi um desperdício completo", gostava de dizer Clive. "Apenas mal empregado." O sobrenome dava a ideia errada, já que Finch [*pequena ave canora*] era comprido e lânguido, com cabelo castanho fraco que lhe caía quase até os ombros e óculos com armações de metal que lhe intensificavam o olhar firme e resoluto de revolucionário. Naquele momento, tinha acabado de acrescentar um quarto item ao painel uma carta muito lisonjeira da Regent Hall Church, a agradecer ao clube por ter organizado o primeiro torneio anual de xadrez do Exército de Salvação em favor dos sem-abrigo e, a seguir, deslizou pelo corredor exíguo até o vestiário improvisado, onde pendurou o casaco no cabide com rodinhas. Na quitinete, enfiou vinte pence num porco mealheiro gigante, pegou numa cafeteira de prata com a inscrição CLUBE DE XADREZ e serviu-se de uma xícara de café morno. O Jovem Tom Blakemore uma alcunha que dava igualmente a ideia errada, já que o Jovem Tom tinha pelo menos oitenta e cinco anos chocou contra ele à saída da quitinete. Finch pareceu nem reparar. Mais tarde, entrevistado por um homem do MI5, o Jovem Tom revelou que não ficara ofendido. Afinal de contas, não havia um único membro do clube que desse a Finch a mínima oportunidade de ganhar a taça de campeão. "Ele parecia um homem a ser levado para o cadafalso", disse o Jovem Tom. "A única coisa que faltava era o capuz preto." Finch entrou na arrecadação e, de uma fila de prateleiras a ceder, retirou um tabuleiro, uma caixa com peças, um relógio analógico de torneio e uma folha para as pontuações. Com o café numa mão e o material para o jogo cuidadosamente equilibrado na outra, entrou na sala principal da sacristia, com paredes cor de mostarda e quatro janelas encardidas: três com vista para os passeios da Little Russell Street e uma quarta

que dava para o pátio. Na parede, por baixo de um pequeno crucifixo, estava pendurado o quadro do torneio.

Havia ainda um jogo por disputar: S. FINCH VERSUS G. BULGANOV.

Finch virou-se e examinou a sala. Seis mesas de cavalete tinham sido instaladas para as disputas da noite, uma reservada para a final do campeonato e as restantes para os jogos normais os "amigáveis", na linguagem específica do clube. Ateu convicto, Finch escolheu o lugar mais afastado do crucifixo e preparou-se metodicamente para a contenda. Verificou se a ponta do lápis estava afiada e escreveu a data e o número do tabuleiro na folha para as pontuações. Fechou os olhos e viu o jogo tal como esperava que se desenrolasse. A seguir, quinze minutos depois de se sentar no seu lugar, olhou para o relógio: 18h42. Grigori estava atrasado. "Estranho", pensou Finch. O russo nunca se atrasava.

Finch começou a mover as peças na sua cabeça viu um rei tombado de lado, resignado, viu Grigori a abanar a cabeça em sinal de vergonha e observou a marcha implacável do relógio. 18h45... 18h51... 18h58...

"Onde estás, Grigori?", pensou. "Onde estás, raios?" Em última análise, o papel de Finch seria menor e, na opinião de todos os envolvidos, misericordiosamente breve. Houve quem quisesse investigar com maior atenção algumas das suas ligações políticas mais deploráveis. E houve quem se recusasse a tocar nele, ajuizando corretamente que Finch era um homem que, acima de tudo, se deleitaria em ter uma boa discussão em público com os serviços de segurança. No entanto, no final de todo o processo, ficaria estabelecido que o seu único crime tinha sido de desportivismo. Porque às 19h05 em ponto a hora registrada pela sua própria mão na folha oficial para as pontuações exerceu o direito de reclamar vitória por desistência do adversário, tornando-se assim o único jogador na história do clube a ganhar a final do campeonato sem mexer uma

única peça. Era uma honra duvidosa, algo que os jogadores de xadrez do serviço secreto britânicos nunca iriam perdoar verdadeiramente. Ari Shamron, o lendário mestre espião israelense, diria mais tarde que nunca tinha corrido tanto sangue a partir de um começo tão humilde. Mas até mesmo Shamron, que era culpado de ocasionais floreados retóricos, sabia que o comentário estava longe de ser exato. Pois os acontecimentos que se seguiram tiveram a sua verdadeira origem não no desaparecimento de Grigori, mas numa contenda fabricada pelo próprio Shamron. Grigori, confidenciaria ele aos seus mais devotos acólitos, tinha sido apenas um aviso à complacente comunidade internacional. Uma luz de sinalização numa torre de vigia longínqua. E o isco utilizado para chamar Gabriel a mostrar-se.

Na noite seguinte, a folha para as pontuações estava na posse do MI5, juntamente com o livro de registros de todo o torneio. Os americanos foram informados do desaparecimento de Grigori vinte e quatro horas mais tarde, mas, por razões nunca explicadas por inteiro, o serviço secreto britânicos esperaram quatro longos dias até acabarem por comunicar o fato aos israelenses. Shamron, que combatera na guerra pela independência de Israel e que odiava os ingleses desde então, classificou a demora de previsível. Num espaço de poucos minutos, estava ao telefone com Uzi Navot, dando-lhe ordem de marcha. Navot obedeceu com relutância; era aquilo que fazia melhor.

CAPÍTULO 3

ÚMBRIA, ITÁLIA

Guido Reni era um homem peculiar, mesmo para um artista. Era propenso a ataques de ansiedade, assolado por sentimentos de

culpa motivados pela sua homossexualidade reprimida e tão inseguro em relação ao seu talento, que só trabalhava sob a envolvência protetora de uma capa. Mantinha uma devoção invulgarmente intensa à Virgem Maria, mas sentia uma aversão tão profunda pelas mulheres, que não as deixava sequer tocar na sua roupa suja. Acreditava que havia bruxas a persegui-lo. As faces coravam-se-lhe de embaraço ao mero som de uma obscenidade.

Se tivesse seguido o conselho do pai, Reni teria aprendido a tocar cravo. Em vez disso, aos nove anos, entrou para o ateliê do mestre flamengo Denys Calvaert e embarcou numa carreira de pintor. Terminada a aprendizagem, deixou a sua casa em Bolonha, em 1601, e viajou para Roma, onde obteve rapidamente uma encomenda do sobrinho do Papa para produzir um retábulo de altar, A Crucificação de São Pedro, para a Igreja de San Paolo alle Tre Fontane.

A pedido do seu influente mecenas, Reni inspirou-se numa obra exposta na Igreja de Santa Maria del Popolo. O seu criador, um pintor controverso e errático conhecido como Caravaggio, não se sentiu lisonjeado com a imitação de Reni e jurou matá-lo, caso isso voltasse a acontecer mais alguma vez.

Antes de começar a trabalhar no retábulo de Reni, o restaurador tinha ido a Roma ver o Caravaggio novamente. Era evidente que Reni fora buscar coisas ao seu rival de forma mais notória, a sua técnica de utilização do claro-escuro para insuflar vida nas figuras e as fazer realçar, com grande força, em relação ao que estava em segundo plano —, mas também havia muitas diferenças entre os dois quadros. Enquanto Caravaggio tinha colocado a cruz invertida diagonalmente, atravessando toda a cena, Reni posicionara-a na vertical e ao centro. Enquanto Caravaggio tinha mostrado o rosto em sofrimento de Pedro, Reni ocultara-o com destreza. O que deixou o restaurador mais impressionado foi a representação de Reni das mãos de Pedro. No retábulo de

Caravaggio, já estavam atadas à cruz. Mas na representação de Reni as mãos estavam livres, com a direita esticada para cima. Estaria Pedro a tentar chegar ao prego que lhe estava prestes a ser espetado nos pés? Ou estaria a implorar a Deus que o salvasse de uma morte tão terrível? O restaurador estava a trabalhar no quadro há mais de um mês. Tendo removido a camada amarelecida de verniz, estava agora ocupado com a parte final e mais importante do restauração: retocar os bocados deteriorados pelo tempo e pela tensão. O retábulo tinha sofrido danos substanciais nos quatro séculos que se seguiram desde que Reni o pintara com efeito, as fotografias tiradas a meio do restauração tinham lançado os proprietários num período triste de histeria e recriminação. Em circunstâncias normais, o restaurador talvez os tivesse poupado ao choque de verem o quadro despido até o seu verdadeiro estado, mas estas dificilmente eram circunstâncias normais. O Reni estava agora na posse do Vaticano. Por o restaurador ser considerado um dos melhores do mundo e por ser um amigo pessoal do Papa e do seu poderoso secretário particular —, podia trabalhar para a Santa Sé como freelancer e selecionar os seus próprios trabalhos. Até podia restaurar não no sofisticado laboratório de conservação do Vaticano, mas numa propriedade rural isolada no Sul da Úmbria.

A Vila dei Fiori ficava a oitenta quilômetros para norte de Roma, num planalto entre os rios Tibre e Nera. Havia um grande negócio de gado e um centro equestre de onde saíam alguns dos melhores cavalos de salto de toda a Itália. Havia porcos que ninguém comia, cabras com propósitos exclusivos de entretenimento e, no Verão, campos a transbordar de girassóis. A villa propriamente dita ficava no final de um longo caminho de cascalho, la deado por enormes pinheiros mansos. No século XI, fora um mosteiro. Ainda restava uma pequena capela e os vestígios de um forno onde os monges tinham cozido o seu pão todos os dias. Rente ao chão, junto à casa, havia uma piscina grande e um jardim com uma latada, onde

alecrim e alfazema cresciam em paredes de pedra etrusca. Viam-se cães por todo o lado: um quarteto de sabujos que deambulava pelos pastos, devorando raposas e coelhos, e um par de terriers neuróticos que patrulhava o perímetro dos estábulos com o fervor dos guerreiros santos.

Embora a via fosse propriedade de um nobre italiano decadente chamado conde Gasparri, o seu funcionamento quotidiano era supervisionado por quatro empregados: Margherita, a jovem governanta; Anna, a talentosa cozinheira; Isabella, a etérea jovem meio sueca que cuidava dos cavalos; e Carlos, um vaqueiro argentino que tratava do gado, das colheitas e da pequena vinha. O restaurador e o pessoal da villa coexistiam numa espécie de paz fria. Tinham-lhes dito que era um italiano chamado Alessio Vianelli, filho de um diplomata italiano que tinha vivido grande parte da sua vida no estrangeiro. O restaurador não se chamava Alessio Vianelli, não era filho de um diplomata e nem sequer era italiano. O seu nome verdadeiro era Gabriel Allon e vinha do vale de Jezreel, em Israel. De estatura abaixo da média, com pouco mais do que um metro e setenta, tinha o físico bem cuidado de um ciclista. A cara era alta na testa e estreita no queixo, e o nariz comprido e aquilino parecia ter sido esculpido em madeira. Os olhos eram de um verde-esmeralda de tons intensos; o curto cabelo escuro apresentava-se grisalho nas têmporas. Inteiramente ambidestro, era capaz de pintar igualmente bem com qualquer uma das mãos. No momento, estava a utilizar a esquerda. Ao olhar de relance para o relógio que tinha no pulso, reparou que era quase meia-noite. Ponderou se devia ou não continuar a trabalhar. Mais uma hora, calculou, e o fundo do quadro estaria acabado. Era melhor terminá-lo já. O diretor da Galeria de Quadros do Vaticano queria muito ter o Reni outra vez em exposição a tempo da Semana Santa, o cerco anual de peregrinos e turistas Por altura da Primavera. Gabriel se comprometera fazer todos os esforços possíveis para cumprir o prazo de entrega, mas não era uma

promessa concreta. Era um perfeccionista que olhava cada trabalho como uma defesa da sua reputação. Conhecido pela leveza do seu estilo, era da opinião de que um restaurador devia ser um espírito transitório, que devia aparecer e sumir-se sem deixar traço, mas apenas um quadro devolvido à sua glória original, com os danos produzidos ao longo dos séculos desfeitos. O seu estúdio ocupava o que deveria ter sido a sala de estar formal da villa. Esvaziada da mobília, agora continha apenas os seus materiais, duas fortes lâmpadas e uma pequena aparelhagem portátil. La Bohème saía das colunas, com o volume reduzido ao nível de um sussurro. Era um homem com muitos inimigos e, ao contrário do que acontecia com Guido Reni, eles não eram produtos da sua imaginação. Era por isso que ouvia a sua música tão baixinho e que andava sempre com uma pistola carregada, uma Beretta de nove milímetros. A coronha estava manchada de tinta: um salpico de Ticiano, um pouquinho de Bellini, uma gota de Rafael e de Veronese.

Apesar da hora, trabalhou com energia e concentração e conseguiu terminar o que queria no momento em que as últimas notas da ópera se diluíam no silêncio. Limpou os pincéis e a paleta e, a seguir, reduziu a intensidade das lâmpadas. À meia-luz, o fundo do quadro recuou para a escuridão e as quatro figuras começaram a brilhar suavemente. Parado à frente do quadro, com o queixo apoiado na mão e a cabeça inclinada para o lado, pôs-se a planejar a próxima sessão. De manhã, começaria a trabalhar no algoz principal, uma figura de capa vermelha, com um prego numa mão e uma marreta na outra. Sentiu uma certa e sinistra afinidade com o executor. Noutros tempos, ocultado por outros nomes, tinha desempenhado um serviço semelhante para os seus patrões em Tel Aviv.

Apagou as lâmpadas e subiu os degraus de pedra até o quarto.

A cama estava vazia; Chiara, a sua mulher, estava há três dias em Veneza, de visita aos pais. Tinham suportado longas separações por causa do trabalho, mas esta era a primeira vez que escolhiam que assim fosse. Solitário por natureza e obsessivo em relação aos seus hábitos de trabalho, Gabriel esperara que a curta ausência dela fosse fácil de suportar. Mas, na verdade, sentia-se tremendamente triste sem ela. Essas sensações traziam-lhe um conforto peculiar: era normal que um homem com um casamento feliz tivesse saudades da mulher. Para Gabriel Allon um filho de sobreviventes do Holocausto, artista e restaurador talentoso, assassino e espião —, a vida tinha sido tudo menos normal.

Sentou-se no lado da cama de Chiara e passou em revista a pilha de material de leitura que ela tinha na mesinha-de-cabeceira. Revistas de moda, publicações de design de interiores, edições italianas de policiais americanos populares, um livro sobre puericultura intrigante, pensou ele, dado que não tinham filhos e, pelo menos tanto quanto sabia, não estavam à espera de um. Chiara tinha começado a abordar o assunto cautelosamente. Gabriel receava que, dentro de pouco tempo, isso passasse a ser um ponto de discórdia no casamento de ambos. A decisão de voltar a casar já o tinha atormentado suficientemente e a ideia de ter outro filho, ainda que com uma mulher que amava tanto como Chiara, era de momento incompreensível. O seu único filho fora morto num atentado a bomba em Viena e estava enterrado no Monte das Oliveiras, em Jerusalém. Leah, a sua primeira mulher, sobrevivera à explosão e estava agora num hospital psiquiátrico no cimo do monte Herzl, encerrada numa prisão motivada pela memória e num corpo devastado pelo fogo. Tinha sido por causa do trabalho de Gabriel que aqueles que ele amava tinham sofrido este destino. Jurara nunca trazer ao mundo outra criança que pudesse servir como alvo para os seus inimigos. Descalçou as sandálias e atravessou o chão de pedra até a mesa. Na tela do seu computador portátil, um ícone com a

forma de um envelope piscava, tentando chamar-lhe a atenção. A mensagem tinha chegado há várias horas. Gabriel fizera o possível para não pensar nisso, porque sabia que ela só podia ter vindo de um lugar. No entanto, ignorá-la para sempre não era uma opção. O melhor era despachar aquilo. Com relutância, clicou no ícone e surgiu uma linha de caracteres sem sentido na tela. Ao introduzir uma senha na janela apropriada, a codificação esfumou-se, deixando no seu lugar algumas palavras perfeitamente visíveis: MALACHI SOLICITA ENCONTRO. PRIORIDADE R 1.

Gabriel franziu o sobrolho. Malachi era a palavra-código para o chefe de Operações Especiais. Prioridade R era reservada a questões de urgência de tempo, normalmente de vida e morte. Hesitou e, a seguir, teclou uma resposta.

Demorou apenas noventa segundos para que a réplica chegasse: MALACHI ESPERA VÊ-LO EM BREVE.

Gabriel desligou o computador e enfiou-se na cama vazia. Malachi espera ver-te em breve... Duvidava de que fosse esse o caso, já que ele e Malachi não estavam propriamente de boas relações um com o outro. Ao fechar os olhos, viu uma mão a estender-se para um prego de ferro. Passou um pincel de leve na paleta e pintou até adormecer. A seguir, pintou mais um pouco.

CAPÍTULO 4

AMELIA, ÚMBRIA

Percorrer a estrada da Vila dei Fiori até a cidadezinha de Amelia, na colina, é ver Itália em toda a sua vetusta glória e, pensou Gabriel com tristeza, em toda a sua angústia moderna. Tinha

morado na Itália durante grande parte da sua vida adulta e observara a vagarosa mas metódica marcha do país a caminho do esquecimento total. As provas da decadência estavam por todo o lado: instituições governamentais a transbordarem de corrupção e incompetência; uma economia débil demais para providenciar emprego suficiente para os jovens; linhas costeiras outrora gloriosas conspurcadas pela poluição e pelos detritos. Por alguma razão, estes fatos escapavam à atenção dos escritores de viagens do mundo inteiro, que todos os anos deitavam cá para fora, em catadupa, inúmeras palavras de elogio às virtudes e à beleza da vida italiana. Quanto aos próprios italianos, tinham respondido ao deteriorante estado das coisas casando tarde, ou nem isso, e tendo menos filhos. A taxa de natalidade na Itália estava entre as mais baixas da Europa Ocidental e havia mais italianos acima dos sessenta anos do que abaixo dos vinte, um marco demográfico na história humana. Itália já era um país de pessoas idosas e estava a envelhecer rapidamente. Se as tendências continuassem na mesma linha, sem serem mitigadas, o país iria conhecer um declínio em termos de população como já não se via desde a Peste Negra.

Amelia, a mais antiga das cidades da Úmbria, tinha passado pelo último surto da Peste Negra e, muito provavelmente, por todos os que o antecederam. Fundada por membros de tribos da Úmbria muito antes do dealbar do cristianismo, fora conquistada pelos etruscos, romanos, godos e lombardos, antes de ser colocada por fim sob o domínio dos papas. As suas muralhas de cor parda tinham mais de três metros de espessura e muitas das suas ruas antigas apenas podiam ser percorridas a pé. Nos tempos que corriam, já poucos habitantes de Amelia procuravam refúgio atrás da segurança das muralhas. A maioria morava na parte nova da cidade, um labirinto disforme de prédios de apartamentos pesadões e centros comerciais de betão que se prolongava pela parte sul da colina. A rua principal, a Via Rimembranze, era o lugar onde a maioria dos

habitantes de Amelia passava as suas amplas quantidades de tempo livre. Ao final da tarde, passeavam pelos passeios e reuniam-se nas esquinas das ruas, trocando mexericos e observando o movimento do trânsito pelo vale abaixo, em direção a Orvieto. O misterioso inquilino da Villa dei Fiori estava entre os seus tópicos de conversa preferidos. Visto como um forasteiro que tratava dos seus assuntos delicadamente mas com um ar de distanciamento, era alvo de substancial desconfiança e de não pouca inveja. Os rumores sobre a sua presença na villa apenas eram alimentados pelo fato de os empregados se recusarem a falar sobre a natureza do trabalho dele. Tem a ver com as artes, respondiam evasivamente quando questionados. Prefere que o deixem em paz. Algumas das mulheres mais velhas achavam que ele era um espírito maligno que tinha de ser expulso de Amelia antes que fosse tarde demais. Algumas das mais novas estavam secretamente apaixonadas pelo estranho dos olhos cor de esmeralda e namoriscavam-no descaradamente naquelas raras ocasiões em que ele se aventurava até a cidade.

Entre as suas mais ardentes admiradoras, contava-se a moça que se encontrava atrás do reluzente balcão de vidro da Pasticceria Massimo. Tinha os óculos à gata de uma bibliotecária e um sorriso permanente e ligeiramente desaprovador. Gabriel pediu um cappuccino e uma variedade de bolos e dirigiu-se a uma mesa ao fundo do café, já ocupada por um homem com cabelo ruivo-alourado e os ombros maciços de um lutador profissional. Estava a fingir que lia um jornal local a fingir, sabia Gabriel, porque o italiano não era uma das línguas que ele dominasse.

— Alguma coisa interessante, Uzi? perguntou Gabriel, em alemão.

Uzi Navot olhou furiosamente para Gabriel durante alguns segundos e depois retomou a sua apreciação do jornal.

— Se não me engano, parece que há uma espécie de crise política qualquer em Roma respondeu, na mesma língua.

Gabriel sentou-se no lugar vago.

— O primeiro-ministro está envolvido neste momento num escândalo financeiro bem complicado.

— Mais um?

— Qualquer coisa a ver com o pagamento de propina em vários projetos grandes de construção no Norte. Como seria de esperar, a oposição exige sua renúncia. E ele promete solenemente que vai continuar no cargo e partir para a luta.

— Talvez fosse melhor se a Igreja ainda mandasse por aqui.

— Está propondo a reconstituição dos Estados papais?

— É melhor um papa do que um primeiro-ministro playboy com um cabelo que parece cheio de graxa de sapato. Ele elevou a corrupção a uma forma de arte.

— Nosso último primeiro-ministro também tinha graves deficiências de nível ético.

— É verdade. Mas, felizmente, não é ele que protege o país dos inimigos. Esse trabalho ainda é do Boulevard King Saul.

O Boulevard King Saul era a sede do serviço secreto de Israel. A agência possuía um nome comprido e deliberadamente enganador, que tinha muito pouco a ver com a verdadeira natureza do seu trabalho. Seus funcionários referiam-se a ela apenas como "o Escritório" e nada mais.

A moça pôs o cappuccino na frente de Gabriel e um prato de bolo no meio da mesa. Navot fez uma careta.

— O que há, Uzi? Não me diga que a Bella te pôs outra vez de dieta?

— O que te leva a pensar que eu alguma vez deixei de estar de dieta?

— O diâmetro da tua cintura.

— Nem todos podemos ser abençoados com teu físico elegante e metabolismo rápido, Gabriel. Os meus antepassados eram judeus austríacos anafados.

— Então, por que razão se deve lutar contra a natureza? Come um, Uzi, pelo menos para bem do teu disfarce.

A escolha de Navot, um bolo em forma de trompete cheio de natas, desapareceu com duas dentadas. Hesitou e, a seguir, decidiu-se por outro repleto de um creme doce de amêndoa. Sumiu-se no tempo que Gabriel demorou a despejar um pacote de açúcar no café.

— Não tive possibilidade de comer no avião disse Navot, envergonhado. Pede-me um café.

Gabriel pediu outro cappuccino e depois olhou para Navot. Estava outra vez a olhar fixamente para os bolos.

— Força, Uzi. A Bella não vai saber nunca.

— Isso é o que tu julgas. A Bella sabe tudo.

Bella tinha trabalhado como analista no Escritório para a Síria do Escritório, antes de aceitar um cargo de professora de História Levantina na Universidade Ben-Gurion. Navot, um veterano responsável pelos agentes e ele próprio um agente secreto versado na arte da manipulação, era incapaz de a enganar.

— Os rumores são verdadeiros? perguntou Gabriel.

— E que rumores são esses? — Os que dizem que tu e a Bella se casaram. Os que falam de um casamento discreto junto ao mar, na Cesareia, só com um punhado de amigos íntimos e família a assistir. E o Velho, claro. O chefe das Operações Especiais nunca poderia casar sem a bênção de Shamron.

As Operações Especiais constituíam o lado negro de uns serviços negros. A unidade realizava as missões que mais ninguém queria, ou se atrevia, levar a cabo. Os seus agentes eram executores e sequestradores; chantagistas e gente que instalava aparelhos de escuta; homens de inteleto e engenho, com uma veia criminosa maior do que a dos próprios criminosos; multilingues e camaleões que se sentiam em casa nos hotéis e salões mais elegantes da Europa ou nas piores ruelas de Beirute e Bagdá. Navot nunca tinha conseguido ultrapassar o fato de lhe ter sido atribuído o comando da

unidade por Gabriel ter recusado o cargo. Enquanto Gabriel era brilhante, ele era competente; enquanto Gabriel era por vezes imprudente, ele era cauteloso. Em qualquer outro serviço, em qualquer outra terra, ele teria sido uma estrela. Mas o Escritório valorizara sempre agentes como Gabriel, homens de uma criatividade livre das amarras da ortodoxia. Navot era o primeiro a admitir que não era mais do que um mero operacional, tendo passado toda a carreira a labutar à sombra de Gabriel.

— A Bella quis que estivesse presente o mínimo possível de pessoas ligadas ao Escritório. A voz de Navot soava sem grande convicção. Ela não queria que o copo-d'água se parecesse com uma reunião de espiões. Foi por isso que eu não fui convidado? Navot dedicou vários segundos à tarefa de juntar umas quantas migalhas num montinho minúsculo. Gabriel tomou nota disso mentalmente. Os psicólogos comportamentais do Escritório referiam-se às tácticas de adiamento assim tão óbvias pelo nome de atividade de deslocamento.

— Força, Uzi. Não me vais ferir os sentimentos.

Navot empurrou as migalhas para o chão com as costas da mão e olhou para Gabriel, em silêncio, durante um momento. Não foste convidado para o meu casamento porque eu não te queria no meu casamento. Não depois daquela brincadeira que fizeste em Moscou.

A moça pôs o café à frente de Navot e, sentindo a tensão, refugiou-se atrás da sua barricada de vidro. Gabriel espreitou pela Janela e pôs-se a olhar para um trio de velhos a avançar lentamente pelo passeio, fortemente agasalhados para se protegerem do frio cortante. Os seus pensamentos, no entanto, estavam voltados para uma noite chuvosa de Agosto em Moscou. Estava parado na pequena praça decrépita em frente ao colossal e ameaçador prédio de apartamentos estalinista, conhecido como a Casa no Cais. Navot apertava-lhe o braço com toda a força e falava-lhe ao ouvido em voz

baixa. Dizia que a operação para roubar os arquivos pessoais do traficante de armas Ivan Kharkov tinha ficado comprometida. Que Ari Shamron, o mentor e chefe de ambos, lhes tinha ordenado que batessem em retirada até o Aeroporto Sheremetyevo e apanhassem o avião para Tel Aviv que os esperava. Que Gabriel não tinha outra opção a não ser deixar para trás a sua agente, a mulher de Ivan, obrigada a enfrentar uma morte certa.

— Eu tinha de ficar, Uzi. Era a única maneira de conseguir tirar a Elena viva daquele lugar.

— Desobedeceste a uma ordem direta de Shamron e de mim, o teu superior direto, se bem que apenas em teoria. E puseste em perigo a vida de toda a equipe, incluindo a da tua mulher. Que imagem achas que isso deu de mim perante o resto da divisão? A de um chefe sensato que manteve a cabeça fria enquanto uma operação ia pelo cano abaixo.

— Não, Gabriel. Deu-me a imagem de um covarde que estava disposto a deixar morrer um agente para não ter de arriscar o pescoço e a carreira. Despejou três pacotes de açúcar no café e mexeu-o furiosamente, uma única vez, com uma colher de prata minúscula.

E sabes uma coisa? Eles teriam acertado se tivessem dito isso. Em tudo, menos na parte de eu ser um covarde. Não sou um covarde.

— Ninguém iria alguma vez acusar-te de fugir de uma luta, Uzi.

— Mas admito que tenho instintos de sobrevivência bem afiados. Temos de os ter neste tipo de trabalho, não só no terreno, mas também na Boulevard King Saul. Nem todos fomos abençoados com os teus talentos. Alguns de nós até precisam de um emprego. Alguns de nós até têm em vista promoções. Bateu de leve com a colher na borda da xícara e pôs no pires. Fui direito a uma verdadeira tempestade quando regressei naquela noite a Tel Aviv.

Foram buscar-nos ao aeroporto e levaram-nos diretamente para a Boulevard King Saul. Quando lá chegamos, tu já estavas desaparecido há várias horas. Não paravam de ligar do Gabinete do primeiro-ministro para receberem atualizações e Shamron estava com uma fúria verdadeiramente homicida. Ainda bem que ele se encontrava em Londres; caso contrário, ter-me-ia matado com as próprias mãos. Na altura, partiu-se do princípio de que tu estavas morto. E eu era o tipo que tinha deixado que isso acontecesse. Ficamos para ali sentados durante horas, à espera de informações. Foi uma noite má, Gabriel. Nunca mais quero voltar a passar por outra igual.

— Eu também não, Uzi.

— Não duvido. Navot olhou para a cicatriz junto ao olho direito de Gabriel. Quando amanheceu, já tínhamos perdido praticamente toda a esperança de que ainda pudesses estar vivo. E foi nessa altura que um dos funcionários da divisão de comunicações entrou pela Sala de Operações adentro a dizer que tu tinhas ligado pela linha de emergência... da Ucrânia, de todos os lugares possíveis e imagináveis. Quando ouvimos a tua voz pela primeira vez, foi um pandemônio. Não só tinhas conseguido sair vivo da Rússia com os segredos mais tenebrosos de Ivan Kharkov, como também tinhas trazido com você um carregamento de desertores, incluindo o coronel Grigori Bulganov, o oficial do FSB com a patente mais elevada que alguma vez tinha passado para este lado. Nada mau para uma noite de trabalho. Moscou esteve entre os teus melhores momentos. Mas, para mim, será uma mancha permanente num registro sem mácula, salvo isso. E foi você que a puseste lá, Gabriel. Foi por isso que não foste convidado para o meu casamento.

— Peço desculpas, Uzi.

— Por quê?

— Por te deixar numa posição difícil.

— Mas não por não ter acatado uma ordem direta?

Gabriel ficou em silêncio. Navot abanou a cabeça lentamente. — És um sacana de um convencido, Gabriel. Devia ter quebrado seu braço em Moscou e arrastado para o carro.

— O que quer que eu diga, Uzi?

— Quero que me diga que isso nunca mais voltará a acontecer.

— E se acontecer?

— Primeiro, quebro seu braço. Depois, me demito de Operações Especiais, o que não deixará outra opção a não ser dar o cargo a você. E eu sei o quanto você quer isso...

Gabriel levantou a mão direita.

— Nunca mais, Uzi... no terreno ou em qualquer outro lugar.

— Diga.

— Peço desculpas pelo que ocorreu entre nós em Moscou. E juro que nunca mais desobedecerei outra ordem direta sua.

Navot pareceu instantaneamente pacificado. Os confrontos pessoais nunca tinham sido seu forte.

— É só isso, Uzi? Fez esta viagem toda até a Úmbria porque queria um pedido de desculpas?

— E uma promessa, Gabriel. Não esqueça da promessa.

— Não esqueci.

— Ótimo.

Apoiou os cotovelosna mesa e inclinou-se. — Porque eu quero que me ouça com muita atenção. Vamos voltar para sua villa das flores e vai fazer as malas. Vamos para Roma e passamos a noite na embaixada. Amanhã de manhã, quando o voo das dez partir do Aeroporto de Fiumicino para Tel Aviv, estaremos nesse avião, na segunda fila da primeira classe, um ao lado do outro.

— E por que faremos isso?

— Porque Grigori Bulganov desapareceu.

— O que quer dizer com desapareceu?

— Quero dizer que desapareceu, Gabriel. Sumiu sem deixar rastro. Desapareceu.

CAPÍTULO 5

AMELIA, ÚMBRIA

— Há quanto tempo ele está desaparecido? — Faz agora mais ou menos uma semana.

— Sê mais específico, Uzi.

O coronel Grigori Bulganov foi visto pela última vez a entrar numa limusine Mercedes na Harrow Road, às seis horas e doze minutos, ao fim da tarde de terça-feira.

Estavam a andar no meio do crepúsculo moribundo, ao longo de uma rua estreita e empedrada, no centro histórico de Amelia. Seguindo-os, uns passos atrás, ia um par de guarda-costas com olhos claros. Era um sinal preocupante. Navot costumava viajar apenas com uma bat leveyha, uma agente com funções de escolta, para proteção. O fato de ter trazido dois assassinos experimentados indicava que levava a sério a ameaça à vida de Gabriel. Quando os ingleses se decidiram a informar-nos? Fizeram um telefonema discreto para a base de Londres no sábado à tarde, quatro dias depois dos acontecimentos. Como era sabat, o agente de serviço era um garoto que não compreendeu bem O significado daquilo que lhe tinham acabado de dizer. Escreveu um telegrama e enviou-o para o Boulevard King Saul como uma mensagem de prioridade mínima. Felizmente, o agente de serviço no Escritório Europeu percebeu de fato o que estava em causa e fez de imediato uma chamada de cortesia para Shamron.

Gabriel abanou a cabeça. Já tinham passado vários anos desde que Shamron saíra pela última vez em serviço enquanto chefe e, no entanto, o Escritório continuava a ser o seu feudo pessoal.

Estava repleto de agentes como Gabriel e Navot, homens que haviam sido recrutados e treinados por Shamron, homens que atuavam de acordo com um credo, e o mesmo se passava até com a linguagem em que falavam, escrita por ele. Em Israel, Shamron era conhecido como o Memuneh, aquele que manda, e continuaria a sê-lo até o dia em que decidisse finalmente que o país se encontrava suficientemente seguro para ele poder morrer.

— E parto do princípio de que, a seguir, Shamron te tenha ligado a ti disse Gabriel.

— Ligou, sim, embora tenha sido claramente uma chamada sem nenhum tipo de cortesia. Disse-me para te enviar uma mensagem. E depois disse-me para pegar em dois dos rapazes e meter-me num avião. Parece ser esta a minha sina na vida: o filho mais novo e cumpridor que é enviado para o meio de sabe-se lá onde, de tantos em tantos meses, para ir à procura do irmão mais velho e indisciplinado.

— E Grigori estava sob vigilância quando entrou no carro?

— Ao que parece, não.

— Então, como os ingleses têm tanta certeza sobre o que aconteceu?

— Tinham seus ajudantezinhos eletrônicos observando.

Navot se referia à CCTV, a rede ubíqua de dez mil câmaras de televisão de circuito fechado que deu à Polícia Metropolitana de Londres a capacidade de monitorizar as atividades, criminosas ou de outro tipo, em praticamente todas as ruas da capital britânica. Um estudo recente efetuado pelo governo concluíra que o sistema tinha falhado no seu objetivo primordial: dissuadir o crime e prender os criminosos. Apenas três por cento dos roubos de rua era resolvido com o recurso à tecnologia CCTV e os índices do crime em Londres estavam a subir em flecha. Os responsáveis da polícia, embaraçados, justificaram o fracasso apontando que os criminosos tinham levado as câmaras em linha de conta e ajustado as suas tácticas, passando,

por exemplo, a usar máscaras e chapéus para esconderem a sua identidade. Aparentemente, não houve ninguém no comando das operações que tivesse considerado essa possibilidade antes de se gastarem centenas de milhões de libras e de a privacidade das pessoas ser invadida a uma escala nunca vista. Os súbditos do Reino Unido, o local de nascimento da democracia ocidental, viviam agora num mundo orwelliano onde cada movimento seu era vigiado pelos olhos do Estado.

— Quando os ingleses descobriram que ele tinha desaparecido? — perguntou Gabriel.

— Foi só na manhã seguinte. Estava previsto que ele telefonasse todas as noites, às dez, para dar notícias. Quando não ligou na terça-feira, o agente responsável por ele não ficou especialmente preocupado. Grigori jogava xadrez todas as terças à noite, num clubinho em Bloomsbury. Na passada terça-feira, era a final do torneio anual do clube. Toda a gente estava à espera que Grigori vencesse facilmente.

— Não fazia ideia de que ele jogava.

— Calculo que ele nunca tenha tido hipótese de mencionar isso durante aquela noite que vocês passaram juntos nas salas de interrogatórios, em Lubyanka. Estava ocupado demais tentando perceber como um funcionário de nível médio do Ministério da Cultura de Israel tinha conseguido desarmar e matar assassinos chechenos.

— Se bem me lembro, Uzi, eu nunca teria estado naquela escadaria se não fosse por você e Shamron. Era um daqueles trabalhinhos rápidos, de entrar e sair que vocês estão sempre inventando. Do tipo dos que supostamente devem correr sem problemas. Do tipo em que supostamente ninguém se fere. Mas parece que as coisas nunca correm dessa maneira.

— Há homens que nascem formidáveis. Outros limitam-se a receber todas as missões formidáveis saídas do Boulevard King Saul.

Missões que os fazem ir parar a celas na cave de Lubyanka. E, se não fosse pelo coronel Grigori Bulganov, eu nunca teria saído vivo daquele lugar. Ele salvou-me a vida, Uzi. Duas vezes. Eu lembro-me respondeu Navot sardonicamente. Todos nós nos lembramos.

— E porque os ingleses não nos avisaram mais cedo?

— Acharam que era possível que Grigori se tivesse simplesmente afastado da reserva. Ou que estivesse enfiado com uma moça qualquer num hotelzinho à beira-mar. Queriam ter certeza de que ele estava desaparecido antes de fazerem disparar o alarme de incêndio. Ele desapareceu, Gabriel. E o último lugar na Terra em que se sabe que ele esteve foi naquele carro. É como se aquela viatura fosse um portal no qual ele caísse no esquecimento total.

— E tenho certeza de que foi. Eles já têm alguma teoria? Têm. E receio que não vás gostar dela. É que, sabes, Gabriel, os mandarins do serviço secreto britânicos chegaram à conclusão de que o coronel Grigori Bulganov voltou a desertar.

— Voltou a desertar? Só pode estar brincando.

— Mas não estou. E mais ainda: convenceram-se de que ele sempre foi um agente duplo este tempo todo. Acham que ele veio para o Ocidente para nos enganar russos e recolher informações sobre a comunidade de dissidentes russos de Londres. E agora, tendo sido bem-sucedido, voltou para casa para ser recebido como herói. E adivinha quem eles culpam por esta catástrofe?

— A pessoa que, antes de tudo acontecer, trouxe Grigori para o Ocidente.

— Correto. Culpam você.

— Que conveniente. Grigori Bulganov é tão agente duplo russo como eu. Os ingleses fabricaram essa teoria ridícula para se eximir de responsabilidade. Nunca deveriam tê-lo deixado viver em Londres abertamente. No outono passado, eu não conseguia ligar a BBC ou a CNN Internacional sem ver a cara dele.

— Então, o que acha que aconteceu?

— Foi executado, Uzi. Ou pior.

— O que pode ser pior do que isso?

— Ser sequestrado por Ivan Kharkov.

Gabriel parou de andar e virou-se de frente para Navot, na rua deserta. — Mas a verdade você já sabe isso, Uzi. Ou não estaria aqui.

CAPÍTULO 6

AMELIA, ÚMBRIA

Subiram as ruas tortuosas até a piazza, no ponto mais alto da cidade, e ficaram a olhar lá para baixo, para as luzes a brilharem como pedaços de topázio e granada na superfície do vale. Os dois guarda-costas estavam à espera do outro lado da praça, bem longe do alcance do ouvido. Um tinha um celular encostado à orelha; o outro, um isqueiro a um cigarro. Quando Gabriel viu o lampejo da chama, uma imagem passou-lhe de repente pela cabeça. Ia a atravessar as planícies enevoadas da Rússia Ocidental, ao romper do dia, no lugar do passageiro de um grande Volga, com a cabeça a latejar e o olho direito tapado por uma tosca ligadura. Duas mulheres lindas dormiam como crianças pequenas no banco de trás. Uma era Olga Sukhova, a figura mais famosa entre os jornalistas russos que se opunham ao governo. A outra era Elena Kharkov, a mulher de Ivan Borisovich Kharkov: oligarca, traficante de armas, assassino. Ao volante, cigarro ardendo entre o polegar e o indicador, ia Grigori Bulganov. Falava em voz baixa para não acordar as mulheres, com os olhos fixos numa estrada russa sem fim.

— Sabe o que fazemos com traidores, Gabriel? Levamos para uma salinha pequena e os obrigamos a se ajoelhar. A seguir, damos um tiro na nuca com uma pistola de grande calibre. Certificamo-nos de que a bala saia pelo rosto para que não sobre nada para a família ver. Depois, jogamos o corpo numa sepultura não identificada. Muita coisa que mudou na Rússia desde a queda do comunismo. Mas a punição para a traição continua a mesma. Prometa uma coisa, Gabriel. Prometa que eu não vou acabar numa sepultura não identificada.

Gabriel ouviu um esvoaçar repentino de asas e, ao olhar para cima, viu um grupo de gralhas girando em volta do campanário românico da piazza. A voz que ouviu a seguir era a de Uzi Navot.

— Pode ter certeza de uma coisa, Gabriel. A única pessoa que Ivan Kharkov quer ver morta mais do que Grigori é você. E quem pode condená-lo? Primeiro, você roubou os segredos dele. Depois, a mulher e os filhos.

— Eu não roubei nada. Elena quis desertar. Eu apenas ajudei.

— Duvido que Ivan veja a coisa dessa forma. E o Memuneh também não. O Memuneh acha que Ivan está de volta ao ativo; acha que Ivan fez a sua primeira jogada.

Gabriel ficou em silêncio. Navot puxou a gola do sobretudo para cima.

— Lembre-se, no outono passado, buscávamos informações sobre uma unidade especial que Ivan tinha criado em seu próprio serviço de segurança privada. Essa unidade recebeu uma missão simples. Encontrar Elena, recuperar as crianças e matar todos da operação. Deixamos a coisa morrer e pensamos que Ivan tinha se acalmado. O desaparecimento de Grigori sugere o contrário.

— Ivan nunca vai me encontrar, Uzi. Não aqui.

— Está disposto a apostar a vida nisso?

— Há cinco pessoas que sabem que estou neste país: o primeiro-ministro italiano, os chefes do serviço secreto e de

segurança italianos, o Papa e o secretário particular do Papa. Isso já são cinco pessoas a mais. Navot pôs a sua grande mão no ombro de Gabriel. Quero que me ouças com muita atenção. O fato de Grigori Bulganov ter deixado Londres voluntariamente ou com uma pistola russa apontada a ele tem muito pouca ou nenhuma importância. A tua posição está comprometida, Gabriel. E vais deixar este lugar hoje à noite.

— Já fiquei com a minha posição comprometida noutras alturas.

Além disso, Grigori não tem qualquer conhecimento do meu disfarce ou de onde eu estou a viver. Não pode trair-me e Shamron sabe disso. Ele está a utilizar o desaparecimento de Grigori como a desculpa mais recente para me fazer voltar para Israel. E, assim que eu lá estiver, irá enfiar-me na solitária. E tenho certeza de que, quando as minhas defesas estiverem no ponto mais fraco, irá oferecer-me uma saída. Serei o diretor e tu ficarás à frente das Operações Especiais. E Shamron vai poder finalmente morrer em paz, sabendo que os seus dois filhos preferidos controlam finalmente o seu querido Escritório.

— Isso pode ser a estratégia global de Shamron, mas de momento ele só está preocupado com a tua segurança. Não tem segundas intenções.

— Shamron é a personificação das segundas intenções, Uzi.

E tu também.

Navot tirou a mão de cima do ombro de Gabriel. — Tenho muita pena, mas isso não é discutível, Gabriel. Pode vir a ser o chefe um dia, mas por enquanto estou mandando você sair da Itália e voltar para casa. Não vai desobedecer a outra ordem, ok?

Gabriel não deu resposta.

— Tem inimigos demais para ficar sozinho no mundo, Gabriel. Pode achar que seu amigo, o Papa, tomará conta de você, mas está enganado. Precisa de nós tanto quanto precisamos de você.

Além disso, somos a única família que tens. Navot fez um sorriso perspicaz. As horas incontáveis que tinha passado nas salas de conferências no Boulevard King Saul tinham-lhe aguçado significativamente o talento para a argumentação. Agora, era um adversário temível, com o qual era preciso lidar com cuidado. Estou a trabalhar num quadro atirou Gabriel. Não Posso ir-me embora sem que esteja terminado.

— Quanto tempo? — perguntou Navot.

Três meses, pensou Gabriel. E depois disse: Três dias.

Navot soltou um suspiro. Dirigia uma unidade constituída por várias centenas de agentes altamente qualificados mas em que apenas um tinha seus movimentos ditados pelos ritmos volúveis da restauração de quadros dos Velhos Mestres.

— Presumo que sua mulher ainda esteja em Veneza?

— Volta hoje à noite.

— Ela devia ter dito que ia para Veneza antes de partir. Você pode ter serviços particulares, Gabriel, mas sua mulher é funcionária em tempo integral do Escritório. Exige-se que mantenha o supervisor, eu, a par de seus movimentos, pessoais e profissionais. Talvez você possa fazer a gentileza de lembrá-la desse fato.

— Vou tentar, Uzi, mas ela nunca ouve nada do que eu digo.

Navot olhou com irritação para o relógio de pulso, um grande aparelho de aço inoxidável que fazia tudo exceto dar horas certas. Era uma versão mais nova daquele que Shamron usava, a razão pela qual Navot o tinha comprado logo para começar. Tenho de tratar de uns assuntos em Paris e Bruxelas. Volto cá daqui a três dias para te vir buscar a ti e à Chiara. Voltaremos juntos para Israel.

— Tenho certeza de que podemos encontrar o aeroporto sozinhos, Uzi. Fomos bem treinados.

— É isso que me preocupa. — Navot virou-se e olhou para os guarda-costas. — Aliás, eles ficam com você. Pensa neles como sendo hóspedes fortemente armados.

— Não preciso deles.

— Não tem escolha respondeu Navot.

— Presumo que não saibam falar italiano.

— São filhos de colonos da Judeia e Samaria. Mal sabem falar inglês.

— Então, como espera que eu explique a presença deles aos empregados da villa?

— Isso não é um problema meu.

Esticou três grossos dedos na cara de Gabriel. — Tem três dias para acabar o diabo desse quadro. Três dias. Depois, você e sua mulher voltam para casa.

CAPÍTULO 7

VILLA DEI FIORI, ÚMBRIA

O estúdio de Gabriel estava na semiescuridão, com o retábulo envolto pelas trevas. Gabriel tentou passar por ele sem parar, mas não conseguiu como sempre, a atração exercida por um trabalho em andamento era simplesmente forte demais. Acendendo uma lâmpada, pôs-se a contemplar a pálida mão que se esticava para a parte de cima do quadro. Durante um instante, não era a mão de São Pedro mas a de Grigori Bulganov. E não tentava chegar a Deus, mas a Gabriel.

Prometa-me uma coisa, Gabriel. Prometa-me que eu não acabarei numa sepultura não identificada.

A visão foi perturbada pelo som de alguém a cantar. Gabriel apagou a lâmpada e subiu os degraus de pedra até o quarto. A cama, que não estava feita quando saíra, parecia agora ter sido preparada por um decorador profissional para uma sessão de fotos. Chiara estava a executar um último ajuste num par de almofadas decorativas, dois discos inúteis, adornados com rendas brancas, que

Gabriel atirava sempre para o chão antes de se enfiar dentro dos lençóis. Havia uma pequena mala de fim-de-semana ao fundo da cama, ao lado de uma Beretta de nove milímetros. Gabriel guardou a arma na gaveta de cima da mesinha-de-cabeceira e baixou o volume do rádio.

Chiara olhou para cima, como que surpresa pela presença dele. Trazia calças jeans azuis, desbotadas, uma camisola bege e umas botas de camurça que acrescentavam cinco centímetros à sua figura, já de si alta. Tinha o cabelo rebelde apanhado na nuca, com a ajuda de um travessão, e puxado para a frente, por cima do ombro. Os olhos cor de caramelo exibiam um tom mais escuro do que o normal. Não era um bom sinal. Os olhos de Chiara eram um barômetro fidedigno do seu estado de espírito.

— Não ouvi seu carro a chegar.

— De repente, não devia deixar o rádio tão alto.

— Por que Margherita não fez a cama?

— Disse a ela para não entrar aqui enquanto você estivesse fora.

— E claro que você não podia ter esse trabalho.

— Não consegui descobrir as instruções.

Ela abanou a cabeça lentamente para mostrar seu desapontamento.

— Se pode restaurar os quadros dos Velhos Mestres, também pode fazer uma cama. Como fazia quando era pequeno?

— Minha mãe tentava me obrigar.

— E?

— Eu dormia em cima da roupa da cama.

— Não admira que Shamron tenha recrutado você.

— Na verdade, os psicólogos do Escritório acharam que era bem revelador. Disseram que demonstra espírito independente e capacidade para resolver problemas.

— Então é por isso que agora se recusa a fazer? Porque quer demonstrar sua independência?

Gabriel respondeu com um beijo. Os lábios dela estavam muito quentes.

— Como estava Veneza?

— Quase suportável. Quando o tempo está frio e chuvoso, é quase possível imaginar que Veneza ainda é uma verdadeira cidade. A Piazza di San Marco está infestada de turistas, claro. Bebem as suas xícaras de cappuccino de dez euros e posam para fotos com aqueles pombos horrorosos. Me conte, Gabriel, que férias são essas?

— Achei que o presidente da Câmara tinha acabado com os vendedores de alpiste.

— Os turistas alimentam os pombos do mesmo jeito. Se adoram pombos tanto assim, deviam levá-los para casa de lembrança. Sabe quantos turistas visitaram Veneza este ano?

— Vinte milhões.

— Exatamente. Bastaria que cada pessoa levasse um desses pássaros nojentos e o problema ficaria resolvido em poucos meses.

Era estranho ouvir Chiara falar de Veneza de forma tão dura. Na verdade, houve uma época, não assim há tanto tempo, em que ela nunca teria imaginado uma vida fora dos pitorescos canais e ruelas estreitas da sua cidade natal. Filha do rabi principal da cidade, tinha passado a infância no mundo isolado do velho gueto judeu, ausentando-se apenas o tempo suficiente para tirar um mestrado em História, na Universidade de Pádua. Regressou a Veneza depois de terminar o mestrado e começou a trabalhar no pequeno museu judeu no Campo del Ghetto Nuovo, onde poderia ter permanecido para sempre se não tivesse sido descoberta por um olheiro do Escritório durante uma visita a Israel. O olheiro apresentou-se, num café em Tel Aviv, e perguntou a Chiara se não estaria interessada em fazer mais pelo povo judeu do que simplesmente trabalhar num museu, num gueto moribundo. Chiara disse que sim e desapareceu nos

meandros do sigiloso programa de treinos do Escritório. Um ano mais tarde, retornou a sua antiga vida, desta vez como agente secreto dos israelenses. Uma de suas primeiras missões foi dar proteção, sem que a sua presença fosse revelada, a um indisciplinado assassino a serviço do Escritório chamado Gabriel Allon, que tinha vindo para Veneza restaurar *O retábulo* de Bellini, em San Zaccaria. Informou-o de sua existência pouco tempo depois, em Roma, após um incidente que envolveu troca de tiros e a polícia italiana. Fechado sozinho com Chiara num apartamento seguro, Gabriel quis tocar nela desesperadamente. Esperou até o caso estar resolvido e terem voltado a Veneza. Foi aí, numa casa no canal de Cannaregio, que fizeram amor pela primeira vez, numa cama preparada com lençóis lavados. Tinha sido como fazer amor com uma figura pintada pela mão de Veronese. E agora essa mesma figura franzia o sobrolho enquanto ele despia o casaco de couro e o atirava para as costas de uma cadeira. Ela fez questão de mostrar que o pendurava no armário e, a seguir, abriu o fecho da pequena mala de fim-de-semana, começando a tirar o que lá estava dentro. A roupa estava toda lavada e meticulosamente dobrada.

— A minha mãe insistiu em lavar-me a roupa antes de eu partir.

— Ela acha que nós não temos máquina de lavar? É veneziana, Gabriel. Não acha que viver numa quinta seja o mais apropriado para uma moça. As pastagens e o gado deixam-na nervosa. Começou a guardar a roupa lavada nas gavetas da cômoda. Então e porque não estavas cá quando eu cheguei? — Tive uma reunião.

— Uma reunião? Em Amelia? Com quem?

Gabriel contou.

— Pensei que vocês não se falassem mais.

— O que tem que ser tem que ser.

— Que amoroso — respondeu Chiara friamente. E meu nome veio à baila?

— Uzi está ofendido com você por não ter informado ao Escritório que ia a Veneza.

— Era pessoal.

— Sabe bem que pessoal não existe para o Escritório.

— Por que toma o partido dele?

— Não estou tomando partido de ninguém. Foi uma simples constatação.

— E desde quando você liga para as regras do Escritório? Faz o que entende, quando bem entende, e ninguém se atreve sequer a te tocar.

— E Uzi dá tratamento preferencial a você por estar casada comigo.

— Continuo zangada com ele por ter deixado você para trás em Moscou.

— Uzi não teve culpa, Chiara. Ele tentou me obrigar a partir, mas eu me neguei.

— E quase conseguiu que te matassem. E teria morrido se não fosse Grigori.

Ficou de repente em silêncio, durante um momento, enquanto dobrava novamente duas peças de roupa. — Vocês comeram alguma coisa?

— Uzi devorou uns cem bolos no Massimo. Eu tomei café.

— E como ele está de peso?

— Parece que ganhou uns quilinhos com a felicidade pós-nupcial.

— Você não engordou nem um depois que nos casamos.

— Suponho que isso queira dizer que sou profundamente infeliz.

— E é?

— Não seja boba, Chiara.

Ela enfiou o polegar no cós dos jeans.

— Acho que estou engordando.

— Está linda.

Ela fez uma careta.

— Não devia dizer que estou linda. Devia dizer que não estou engordando.

— Sua blusa parece estar um pouquinho mais apertada do que o normal.

— São os cozinhados da Anna. Se continuar a comer assim, vou ficar como uma daquelas velhotas da cidade. De repente, devia comprar já um vestido preto e despachar a coisa.

— Eu dei-lhe a noite de folga. Achei que podia ser agradável estarmos sozinhos, para variar.

— Graças a Deus. Vou preparar qualquer coisa para comeres. Estás muito magro. Fechou a gaveta da cômoda. Então e o que trouxe o Uzi à cidade? — Anda a fazer a sua volta semianual de visita aos ativos europeus.

A dar palmadinhas nas costas. A mostrar a bandeira.

— Será que deteto uma pontinha de rancor na tua voz? Porque raio eu havia de me sentir rancoroso? Porque tu devias estar a fazer a luxuosa volta de visita aos nossos ativos europeus, em vez do Uzi.

— As viagens já não são o que eram em tempos, Chiara. Além disso, eu não quis o cargo.

— Mas nunca te sentiste confortável com o fato de eles o terem dado ao Uzi quando tu o recusaste. Achas que ele não tem nem o inteleto nem a criatividade para isso.

— Shamron e os seus acólitos no Boulevard King Saul discordam.

E, se fosse a ti, Chiara, mantinha-me nas boas graças do Uzi.

É provável que ele um dia venha a ser o diretor. Não depois de Moscou. De acordo com os rumores que andam por aí a circular,

o Uzi teve sorte em não perder o emprego. Sentou-se na borda da cama e tentou descalçar a bota direita sem grande convicção. Ajuda-me pediu, esticando o pé na direção de Gabriel. Não quer sair.

Gabriel agarrou na bota, puxando pela biqueira e pelo tacão, e ela soltou-se do pé com facilidade.

— De repente, da próxima vez, devias tentar puxar por ela.

— És muito mais forte do que eu.

Levantou a outra perna.

— Então e quanto tempo pensas fazer-me ficar à espera desta vez, Gabriel? — Antes de quê? — Antes de me dizeres porque o Uzi fez esta viagem toda até a Úmbria para te ver. E porque dois guarda-costas do Escritório te seguiram até casa.

— Pensava que não me tinhas ouvido chegar.

— Estava a mentir.

Gabriel descalçou-lhe a segunda bota.

— Nunca me mintas, Chiara. Acontecem coisas más quando dois amantes mentem um ao outro.

CAPÍTULO 8

VILLA DEL FIORI, ÚMBRIA

Talvez os ingleses tenham razão. Talvez Grigori tenha mesmo voltado a desertar.

— E talvez o Guido Reni apareça cá hoje à noite, mais daqui a bocado, para me ajudar a acabar o retábulo dele.

Chiara tirou um ovo da embalagem e partiu-o com destreza e uma só mão para dentro de uma tigela. Estava no meio da cozinha rústica da villa, numa área isolada. Gabriel estava do outro lado,

empoleirado num banco de madeira, com um copo de vinho merlot da Úmbria na mão.

— Vai me matar com esses ovos, Chiara.

— Beba seu vinho. Se beber vinho, pode comer todos os ovos que quiser.

— Isso é um disparate.

— É verdade. Por que acha que os italianos vivem para sempre?

Gabriel fez o que ela sugeriu e bebeu um pouco de vinho. Chiara partiu outro ovo na borda da tigela, mas desta vez um fragmento da casca ficou alojado na gema. Irritada, retirou-o delicadamente Com a ponta da unha e deu-lhe um piparote, atirando-o para dentro do caixote do lixo.

— Mas o que está fazendo, afinal de contas?

— Frittata com batata e cebola e spaghetti alla carbonara di Zuccine.

Voltou a atenção para um trio de panelas e frigideiras a salpicar para fora e a borbulhar na fornalha velha. Abençoada com um sentido nato e bem veneziano de estética, trazia uma qualidade artística a tudo o que fazia, em especial à comida. As refeições dela, tal como as camas, pareciam perfeitas demais para serem perturbadas. Gabriel interrogava-se várias vezes sobre o que a teria podido levar a sentir-se atraída por uma relíquia marcada e quebrada como ele. Talvez ela o visse como uma sala decrépita precisando ser redecorada.

— Anna podia ter deixado alguma coisa para comermos sem ser ovos e queijo.

— Acha que ela está tentando matar você entupindo suas artérias com colesterol?

— Não me surpreenderia nada. Ela me detesta.

— Tente ser simpático com ela.

Um fio de cabelo isolado tinha conseguido escapar ao constrangimento imposto pelo travessão de Chiara e caíra sobre seu rosto. Ela puxou-o para trás da orelha e lançou um sorriso diabólico a Gabriel.

— Parece que você precisa fazer fazer uma escolha — afirmou. — Uma escolha em relação ao futuro. Uma escolha em relação à vida.

— Eu não sou bom em tomar decisões em relação à vida.

— Sim, já reparei nisso. Lembro-me de uma certa tarde em Jerusalém, não há muito tempo. Tinha-me cansado de esperar que te decidisses a casar comigo e, por isso, tinha ganho finalmente coragem para te deixar. Quando me enfiei naquele carro, à porta do nosso apartamento, estive sempre à espera que viesses a correr atrás de mim e me implorasses para ficar. Mas não o fizeste. Provavelmente, estavas aliviado por ser eu a partir. Assim, era mais fácil. Fui um parvo, Chiara, mas isso já lá vai há muito tempo. Ela espetou um garfo numa batata, tirou-a para fora da frigideira, provou-a e a seguir acrescentou um pouquinho mais de sal. Eu sabia que era a Leah, claro. Ainda estavas casado com ela. Parou por um instante e depois acrescentou em voz baixa: — E ainda estavas apaixonado por ela.

— O que tudo isso tem a ver com a situação presente? És um homem que leva os seus votos a sério, Gabriel. Fizeste uma promessa solene à Leah e não a conseguiste quebrar, apesar de ela já não viver no presente. Também fizeste um juramento perante o Escritório e parece que também não consegues quebrar esse.

— Eu dei a eles mais da metade da minha vida.

— Então, o que vai fazer? Dar o resto dela? Quer acabar como Shamron? Tem oitenta anos e não consegue dormir porque está preocupado com a segurança do Estado. Fica sentado no terraço à noite, no mar da Galileia, olhando fixamente para leste, vigiando os inimigos.

— Não haveria um estado de Israel se não fosse por homens como Shamron. Ele estava lá no momento da criação. E não quer ver o trabalho de sua vida destruído.

— Há muitos homens e mulheres qualificados que podem cuidar da segurança de Israel.

— Experimente dizer isso a Shamron.

— Vai por mim, Gabriel. Já experimentei.

— Então, o que está sugerindo?

— Deixe-os, desta vez para sempre. Restaure quadros. Viva sua vida.

— Onde?

Ela levantou os braços para indicar que o espaço à volta serviria mais do que perfeitamente.

— Isto é só um acordo temporário. Mais cedo ou mais tarde, o conde vai querer sua villa de volta.

— Encontraremos uma nova. Ou então mudamos para Roma para você ficar mais perto do Vaticano. Os italianos deixarão você morar onde quiser, desde que não abuse desse passaporte e da nova identidade que ofereceram com tanta generosidade por ter salvado a vida ao Papa.

— Uzi diz que eu nunca terei coragem de me afastar para sempre. Diz que o Escritório é minha única família.

— Forme uma nova família, Gabriel. — Chiara fez uma pausa. — Comigo.

Provou o ucchini e apagou o fogo. Ao virar-se, viu Gabriel olhando atentamente para ela, com a mão encostada ao queixo pensativamente.

— Por que está me olhando dessa maneira?

— De que maneira, Chiara?

— Como se eu fosse um dos teus quadros.

— Estou só pensando com meus botões por que você deixou aquele livro de puericultura no quarto, num lugar onde sabia que eu

veria. E por que não deu um só gole no vinho que eu servi.

— Dei.

— Não deu, Chiara. Estou observando.

— Simplesmente não viu.

— Então dê um agora.

— Gabriel! O que te deu?

Levantou o copo e bebeu um gole. — Está satisfeito?

Não estava.

— Você está grávida, Chiara?

— Não, Gabriel, não estou grávida. Mas gostaria de ficar em futuro próximo.

Pegou a mão dele.

— Eu sei que tem medo pelo que aconteceu a Dani. Mas a melhor forma de honrar a memória dele é ter outra criança. Somos judeus, Gabriel. É isso que fazemos. Choramos os mortos e os guardamos no coração. Mas vivemos as nossas vidas.

— Com nomes que não são os nossos e perseguidos por homens que querem nos matar.

Chiara soltou um suspiro de exasperação e quebrou mais um ovo na borda da tigela. Desta vez, a casca desfez-se em pedaços na mão dela.

— Veja só o que me fez.

Limpou os restos do ovo com papel de cozinha. — Tem três dias até Uzi voltar. O que vai fazer?

— Preciso ir a Londres descobrir o que aconteceu realmente com Grigori Bulganov.

— Grigori não é problema seu. Deixa os ingleses tratarem disso.

— Os ingleses têm problemas mais importantes do que um desertor desaparecido. Varreram Grigori para baixo do tapete. Já passaram para outra.

— E tu também devias fazê-lo. Acrescentou um último ovo e começou a batê-los. Os russos têm memória de elefante, Gabriel... quase tanto como os árabes. Ivan perdeu tudo depois de a Elena desertar: as casas que tinha na Inglaterra e na França e todas aquelas contas bancárias em Londres e Zurique, cheias do seu dinheiro sujo. É alvo de um mandado de captura internacional por parte da Interpol e não pode pôr um pé fora da Rússia. Não lhe resta mais nada a não ser planejar a tua morte. Se fores para Londres e começares a escarafunchar por lá, há grandes hipóteses de ele vir a saber disso.

— Por isso, vou fazê-lo discretamente e, a seguir, volto para casa.

E depois poderemos continuar com a nossa vida.

O braço de Chiara parou de repente.

— Tu ganhas a vida a mentir, Gabriel. Espero que não estejas a mentir-me neste momento.

— Eu nunca te menti, Chiara. E nunca o farei.

— E o que vais fazer em relação aos guarda-costas?

— Ficam aqui com você.

— O Uzi não vai ficar contente.

Gabriel levantou o vinho para a luz.

— O Uzi nunca está contente.

CAPÍTULO 9

VILLA DEL FIORI LONDRES

O Escritório tinha um lema: "Por via do logro, farás a guerra." Normalmente, o logro era infligido aos inimigos de Israel. De vez em quando, também era necessário enganar quem se encontrava do mesmo lado. Gabriel teve pena deles; eram bons

rapazes, com um futuro risonho. Apenas lhes tinha calhado a missão errada na hora errada.

Chamavam-se Lior e Motti Lior era o mais velho e o mais experiente dos dois, enquanto Motti era um jovem estagiário que saíra da Academia há pouco mais de um ano. Ambos os rapazes tinham estudado as façanhas da lenda em causa e agarrado imediatamente a oportunidade de o escoltar de volta a Israel em segurança. Ao contrário de Uzi Navot, olhavam para os três dias de trabalho extra na linda villa na Úmbria como um golpe de sorte. E quando Chiara lhes pediu para não fazerem grande alarido, para que Gabriel pudesse terminar o quadro antes de regressar a casa, concordaram sem protestar. Sentiam-se simplesmente honrados por estar na presença dele. Iriam manter uma distância respeitável.

Passaram essa noite no pequeno chalé, cheio de correntes de ar, destinado às visitas, a dormirem por turnos e a vigiarem com grande atenção a janela do estúdio de Gabriel, que brilhava com uma luz branca intensa. E, se se pusessem à escuta, igualmente com grande atenção, conseguiam distinguir o som tênue de música primeiro a Tosca, depois a Madame Butterfly, e, por fim, numa altura em que os raios da aurora irrompiam pela herdade, La Bohème. Quando os primeiros sinais de vida começaram a fazer-se sentir na villa por volta das oito da manhã, dirigiram-se os dois à cozinha e depararam com três mulheres Chiara, Anna e Margherita a tomarem o pequeno-almoço em conjunto, na área isolada. A porta que dava para a sala de estar estava fechada à chave e havia dois sabujos vigilantes enroscados no chão, à frente dela. Aceitando uma xícara de café a escaldar, Lior perguntou se não seria possível dar uma espreitadela e ver como ele estava. “Não o recomendaria”, respondeu Chiara, em voz baixa. “Ele costuma ficar um pouquinho para o rabugento quando o prazo de entrega começa a aproximar-se.” Lior, filho de um escritor, compreendeu completamente.

Os guarda-costas passaram o resto desse dia a tentarem manter-se ocupados. Saíram numa ou outra missão de reconhecimento e juntaram-se aos empregados da villa para um almoço agradável, mas durante grande parte do tempo estiveram presos ao seu pequeno bunker de estuque. De tantas em tantas horas, espetavam a cabeça para dentro da parte principal da villa para ver se conseguiam ter nem que fosse um só vislumbre da lenda. Em vez disso, viam apenas portas fechadas, vigiadas pelos sabujos. "Ele está a trabalhar a um ritmo frenético", explicou Chiara no final dessa tarde, quando Lior voltou a reunir a coragem necessária para solicitar autorização para entrar no estúdio. "Não há maneira de prever o que pode acontecer se o perturbar. Confie em mim, não é aconselhável a quem tenha um espírito mais impressionável." Por isso, regressaram ao seu posto, como bons soldados, e ficaram sentados na varandinha lá fora, à medida que a noite começava a cair. Desmoralizados, puseram-se a olhar fixamente para a luz branca e a ouvir o som tênue da música. E ficaram à espera que a lenda emergisse da caverna. Às seis horas, não tendo visto qualquer sinal dele desde a noite anterior, chegaram à conclusão de que tinham sido enganados, mas não se atreveram a entrar no estúdio para confirmar as suas suspeitas. Em vez disso, passaram vários minutos a discutir sobre quem devia comunicar a notícia a Uzi Navot. Por fim, foi Lior, o mais velho e o mais experiente dos dois, quem fez o telefonema. Era um bom rapaz, com um futuro risonho.

Apenas lhe tinha calhado a missão errada na hora errada.

Havia lugares bem piores do que Bristol Mews para um desertor, impedido de se deslocar, passar os seus últimos dias. Chegava-se lá por um caminho à saída de Bristol Gardens, sendo que de um lado havia um ginásio onde se davam aulas de Pilates que prometiam fortalecer e trazer maiores capacidades aos seus clientes, e, do outro, um restaurantezinho desconsolado chamado D Place. O pátio era comprido e retangular, pavimentado com pedras

arredondadas cinzentas e adornado com tijoleira. O pináculo da St. Saviour Church espreitava a norte, e as janelas de uma casa grande com dois andares, a leste. A porta da pequena casinha no número 8, tal como a sua vizinha no número 7, estava pintada num tom alegre de amarelo-vivo.

Os cortinados estavam corridos na janela do rés-do-chão.

Mesmo assim, Gabriel conseguia ver uma luz a brilhar lá dentro. Tinha chegado a Londres a meio da tarde, depois de viajar diretamente de Roma para a capital britânica, servindo-se de um passaporte italiano falso e de um bilhete que lhe fora comprado por um amigo que tinha no Vaticano. Depois de efetuar um controle de rotina para detetar se estaria ou não sob vigilância, tinha entrado numa cabina telefônica perto de Oxford Circus e marcado um número que memorizara, e que tocou no interior de Thames House, o quartel-general do MI5. De acordo com as instruções, voltara a telefonar trinta minutos mais tarde e tinham-lhe dado uma morada, nº 8, Bristol Mews, e também uma hora: 19h. Neste momento, as 19h30 estavam a aproximar-se. O seu atraso era intencional. Gabriel Allon nunca chegava a lado nenhum às horas previstas. Gabriel estendeu o braço para tocar à campainha, mas, antes que conseguisse fazê-lo, a porta abriu-se sozinha. Parado no hall de entrada, estava Graham Seymour, o diretor-adjunto do MI5. Usava um fato cinzento-carvão que lhe assentava de forma perfeita e uma gravata cor de vinho. Tinha um rosto distinto e equilibrado e o cabelo possuía um tom prateado que lhe dava o ar de um daqueles modelos que se veem nos anúncios a bugigangas dispendiosas mas desnecessárias do gênero daqueles que usam relógios caros, escrevem com canetas de tinta permanente caras e passam os Verões a velejar pelas ilhas gregas a bordo de um iate feito por encomenda e cheio de mulheres mais novas. Tudo em Seymour denotava confiança e compostura. Até o seu aperto de mão era uma arma concebida para demonstrar a quem o recebia que tinha encontrado

um adversário à altura ou superior, revelando que Seymour frequentara as melhores escolas, pertencia aos melhores clubes e era ainda um opositor temível num campo de ténis; revelando que não devia ser encarado com leviandade. E tinha o benefício extra de ser verdade. Tudo, menos o ténis. Nos últimos anos, uma lesão nas costas diminuíra-lhe as capacidades. Embora ainda continuasse a ser bastante bom, Seymour tinha decidido que não era suficientemente bom e pusera de lado a raquete. Além disso, as exigências do seu emprego eram de tal forma, que lhe sobrava pouco tempo para o lazer. Graham Seymour tinha a tarefa nada invejável de manter o Reino Unido seguro num mundo perigoso. Não era um trabalho por que Gabriel ansiasse. Os tempos do Império Britânico podiam já ter passado há muito, mas os revolucionários, exilados e proscritos do mundo pareciam encontrar à mesma o caminho para Londres.

— Estás atrasado lançou Seymour.

— O trânsito estava horrível.

— Não me digas.

Seymour trancou novamente a porta e levou Gabriel até a cozinha. Pequena, mas renovada recentemente, exibia eletrodomésticos alemães e bancadas em mármore italiano a reluzirem, tudo novinho em folha. Gabriel já tinha visto várias assim nas revistas de design de interiores que Chiara andava sempre a ler.

— Que encantador disse, olhando à sua volta teatralmente. Faz com que uma pessoa se pergunte porque terá Grigori querido abandonar tudo isto para voltar para Moscou, uma cidade tão triste.

Gabriel abriu o frigorífico e olhou lá para dentro. O que encontrou deixava poucas dúvidas de que o dono era um homem de meia-idade que não recebia visitas muitas vezes, especialmente mulheres. Numa prateleira, havia uma lata de arenque salgado e um frasco aberto de molho de tomate; noutra, um pedaço de patê e uma fatia de queijo camembert muito curado. O congelador tinha apenas vodca. Gabriel fechou a porta e olhou para Seymour, que espreitava

para dentro do cesto do filtro da cafeteira, franzindo o nariz com repugnância.

Acho que devíamos mesmo chamar cá alguém para limpar este lugar.

Despejou o filtro do café no caixote do lixo e apontou com a mão para a pequena mesa, parecida com a de um café. Gostava de te mostrar uma coisa. Deve pôr fim a quaisquer dúvidas que tenhas em relação a Grigori e a quem ele deve lealdade. A mesa estava vazia, com a exceção de uma pasta de diplomata com fechaduras de segredo. Seymour rodou os ferrolhos com os polegares e, com um estalido repentino, fez com que se abrissem em simultâneo. Tirou cá para fora duas coisas: um leitor de DVD portátil fabricado no Japão e um único disco, protegido por um invólucro de plástico transparente. Ligou o aparelho e inseriu o disco. Quinze segundos depois, surgiu uma imagem na tela: Grigori Bulganov, a abrigar-se de uma chuva ligeira, à entrada de Bristol Mews. No canto inferior esquerdo da imagem, estava a indicação da localização da câmara que a tinha captado: BRISTOL GARDENS. No canto superior direito, via-se a data, dia 10 de Janeiro, e por baixo dela a hora: 17h47m39s, e a contagem prosseguia. Agora, Grigori acendia um cigarro, com a mão esquerda em forma de concha para não deixar apagar a chama. Voltando a enfiar o isqueiro no bolso, inspecionou a rua em ambos os sentidos. Aparentemente convencido de que não havia perigo, deitou o cigarro ao chão e começou a andar. Com as câmaras a seguirem-lhe cada passo, foi até o fim da Formosa Street e atravessou o Grand Union Canal por uma ponte de metal para peões, revestida de ambos os lados por candeeiros brancos esféricos. Quatro jovens com camisolas com capuz vagueavam pela escuridão, na margem contrária; passou por eles discretamente, sem lhes lançar um único olhar, e atravessou o conjunto de habitações sociais sombrias que preenchia o Delamere Terrace. Passavam poucos segundos das seis quando desceu umas escadas de pedra até a doca

conhecida como Browning's Pool. Aí, entrou no Waterside Café, voltando a sair precisamente dois minutos e quinze segundos depois, com um copo de papel, tapado por uma tampa de plástico, na mão. Deixou-se ficar à porta do café durante pouco mais de um minuto e, a seguir, deitou o copo num caixote do lixo e avançou pelo cais até chegar a mais umas escadas, estas em direção a Warwick Crescent. Parou por breves instantes na rua silenciosa para acender outro cigarro e fumou-o durante a caminhada até a Harrow Road Bridge. Andando agora a um ritmo visivelmente mais rápido, seguiu pela Harrow Road, onde, às 18h12m32s em ponto, parou subitamente e se encaminhou para o trânsito. De imediato, uma limusine Mercedes preta encostou ao passeio e uma porta abriu-se rapidamente. Grigori entrou para a parte de trás e o carro avançou aos solavancos até desaparecer da imagem. Cinco segundos mais tarde, um homem passou à frente da câmara, batendo com a ponta do chapéu-de-chuva no passeio enquanto caminhava. A seguir, em sentido contrário, apareceu uma mulher nova. Vestia um sobretudo de couro, não trazia chapéu-de-chuva e não tinha nada na cabeça para a proteger da chuva.

CAPÍTULO 10

MAIDA VALE, LONDRES

A imagem dissipou-se numa tempestade de estática, cinzenta e branca. Graham Seymour carregou no botão de STOP.

— Como pode ver, Grigori entrou de livre vontade naquele carro. Sem hesitação. Sem nenhum sinal de aflição ou medo. Ele é um profissional, Graham. Foi treinado para nunca mostrar medo, nem que estivesse quase a morrer de susto. Ele era sem dúvida um profissional. Enganou a todos. Até conseguiu enganar você, Gabriel. E, pelo que ouço dizer, você tem um olho para falsificações.

Gabriel recusou-se a responder à provocação.

— Conseguiram seguir os movimentos do carro com a CCTV? Virou à esquerda para a Edgware Road e, a seguir, cortou à direita na St. John's Wood Road. Acabou por entrar num estacionamento subterrâneo em Primrose Hill, onde permaneceu durante cinquenta e sete minutos. Quando voltou a sair, a parte de trás parecia já não levar ninguém. E não havia câmaras no parque? Seymour abanou a cabeça.

— Saiu mais algum carro antes do Mercedes?

— Quatro carros grandes e uma única van Ford Transit. Estava tudo bem com os carros. Quanto à van, tinha o logotipo de um serviço de limpeza de carpetes de Battersea. Mas o proprietário disse que nessa tarde não teve nenhum serviço marcado para aquela zona. E, além disso, a matrícula não correspondia a nenhum dos veículos alugados em nome da firma— Então, Grigori saiu do parque na parte de trás da Ford? É com essa suposição que estamos a trabalhar. Depois de sair do parque, a van seguiu para nordeste,

em direção a Brentwood, um subúrbio logo à saída da M25. E foi nessa altura que passou a estar fora do alcance da CCTV e desapareceu de vista. Então e o Mercedes?

— Sudeste. Perdemos de vista perto de Shooter's Hill. No dia seguinte, foi descoberto um carro completamente queimado no estuário do Tâmisa, a leste de Gravesend. Quem quer que tenha posto fogo não se deu ao trabalho de retirar os números de série. Correspondiam aos números de um carro comprado há duas semanas por alguém com um nome russo e endereço pouco preciso. Inútil dizer que todas as tentativas de localizar essa pessoa se revelaram infrutíferas.

— A porta desse carro foi claramente aberta por dentro. E pareceu que havia pelo menos uma pessoa na parte de trás.

— Na verdade, havia duas.

Seymour exibiu uma foto 20x25 com o carro em primeiro plano. Apesar do grão da imagem e das sombras fortemente carregadas, mostrava duas figuras no banco de trás. Gabriel ficou especialmente intrigado com a que se encontrava mais perto da janela do lado do motorista. Era uma mulher.

— Suponho que não terá conseguido uma foto antes de entrarem no carro, não?

— Infelizmente, não. Os russos serviram-se deliberadamente de um hiato nas câmeras a poucos quilômetros do Aeroporto de Heathrow. Nunca vimos ninguém entrar nem sair. Parecem ter-se sumido sem deixar rastro, tal e qual como Grigori. Gabriel ficou a olhar com atenção para a imagem durante mais um momento.

Parece ser muita preparação para uma coisa que podia ter sido tratada de uma forma muito mais simples. Se Grigori estava a planejar voltar a desertar, porque não lhe deram um passaporte, passagem de avião e mudança de visual? Podia ter saído de Londres de manhã e chegado em casa a tempo do seu borscht e da galinha à Kiev.

Seymour já tinha uma resposta preparada.

— Os russos partiriam sempre do princípio de que nós mantínhamos Grigori debaixo de vigilância. Do ponto de vista deles, tinham de criar um cenário que parecesse completamente inocente aos olhos das câmaras da CCTV. Levantou a mão comprida e pálida na direção da tela, agora em branco. Tu próprio viste isso, Gabriel. Ele estava claramente a ver se havia vigias. Quando teve certeza de que não o estávamos a seguir, enviou algum tipo de sinal. E a seguir os seus velhos camaradas recolheram-no.

— As Regras de Moscou?

— Exatamente.

— Presumo que tenham examinado o percurso de Grigori, à procura de marcas de giz, de marcas de fita adesiva ou de outros sinais de comunicação impessoal.

— Examinamos.

— E?

— Nada. Mas, como profissional de campo, você sabe que há variadas maneiras de enviar um sinal. Com chapéu, sem chapéu. Com cigarro, sem cigarro. Relógio no pulso esquerdo, no direito.

— Grigori era destro. E usava relógio, como sempre, no pulso esquerdo. Além disso, era um relógio diferente do que ele tinha na Rússia no outono passado.

— Você tem mesmo um olho apurado.

— Tenho sim. E, quando olho para essas imagens da CCTV, vejo uma coisa diferente. Vejo um homem assustado com alguma coisa e se esforçando muito para não mostrar. Alguma coisa fez com que Grigori parasse abruptamente. E alguma coisa o fez entrar naquele carro. Não foi uma nova deserção, Graham. Foi um sequestro. Os russos roubaram Grigori bem debaixo do seu nariz.

— Thames House não vê a coisa assim. Nem nossos colegas do outro lado do rio. Quanto a Downing Street e ao Foreign Office, estão inclinados a aceitar nossas conclusões. O primeiro-ministro

não tem vontade nenhuma de entrar em outro confronto de alto risco com os russos. Não depois do caso Litvinenko. E não com uma cúpula do G-8 virando a esquina.

Confrontados com o colapso financeiro global, os líderes do Grupo dos Oito, as nações mais industrializadas do mundo, tinham acabado de concordar em conversações de emergência em fevereiro para coordenar políticas fiscais e de estímulo monetário. Para grande consternação dos muitos burocratas e jornalistas que também estariam presentes, a cúpula seria em Moscou. Mas Gabriel não estava preocupado com a iminente cúpula do G-8. Pensava em Alexander Litvinenko, o antigo agente do FSB envenenado com uma dose de polônio-210 altamente radioativo.

— Seu comportamento depois do assassinato de Litvinenko provavelmente convenceu os russos de que podiam fazer qualquer coisa e se safar sem problemas. Afinal, os russos praticaram o equivalente a um ato de terrorismo nuclear no coração de Londres e vocês responderam com uma reprimenda diplomática.

Seymour encostou um dedo na boca, pensativamente. — Isso é uma teoria interessante. Mas lamento dizer que a nossa resposta ao assassinato do Litvinenko, por mais débil que possa ter sido em sua opinião, não teve qualquer relevância no caso de Grigori.

Gabriel sabia que era inútil insistir nesse ponto. Graham Seymour era um colega de confiança e um aliado ocasional, mas a sua lealdade ao país viria sempre em primeiro lugar. E o mesmo se aplicava a Gabriel.

— Eram essas as regras do jogo.

— Será preciso lembrar que Grigori ajudou vocês e os americanos a descobrir os mísseis de Ivan? Se não fosse ele, vários aviões comerciais poderiam ter explodido em pleno ar num único dia.

— Por acaso, toda a informação de que precisávamos fazia parte dos registros que você e Elena roubaram do escritório de Ivan.

Na verdade, o primeiro-ministro teve de ser convencido a conceder asilo e um passaporte britânico a Grigori. Londres já abriga vários dissidentes russos proeminentes, incluindo um punhado de multimilionários que entraram em rota de colisão com o regime. Ele estava relutante em espetar mais um dedo no olho de Moscou.

— Então, o que o levou a mudar de ideia?

— Nós dissemos que era o mais indicado a fazer. Afinal, os americanos tinham concordado em receber Elena e os filhos dela. Sentimos que tínhamos de fazer nossa parte. Grigori prometeu que seria um bom menino e não chamaria atenção. E foi o que fez.

Seymour calou-se por um instante e depois acrescentou: — Durante um tempo.

— Até se transformar num desertor e dissidente feito celebridade.

Seymour acenou com a cabeça, em sinal de concordância. Deviam tê-lo fechado numa casinha no campo e deitado a chave fora.

— Grigori insistiu em vir para Londres. Os russos adoram Londres.

— Então, isto até acabou por resultar bastante bem para vocês. Nunca quiseram Grigori, e agora os russos tiveram a gentileza de o tirarem das suas mãos.

— Nós não vemos a coisa assim.

— Então, como a veem? Seymour fez questão de mostrar que estava a ponderar muito bem a questão.

— Como seria de esperar, as motivações de Grigori são agora alvo de um debate bastante intenso. E, como também seria de esperar, as opiniões dividem-se. Há quem acredite que ele já vinha podre desde o início. E há outros que acham que ele simplesmente mudou de opinião. Mudou de opinião? — Um tanto como aconteceu com aquele tipo, o Yurchenko, que se passou para o lado dos americanos nos anos oitenta. Lembras-te do Vitaly Yurchenko?

Poucos meses depois de ter desertado, estava a jantar num restaurantezinho francês horrível em Georgetown quando disse ao agente da CIA responsável por ele que ia dar uma volta. Nunca mais voltou.

— Grigori com saudades de casa? Gabriel abanou a cabeça. Ele mal podia esperar para se pôr a mexer da Rússia. Nunca na vida iria regressar de livre e espontânea vontade. As próprias palavras dele sugerem o contrário. Seymour tirou um envelope castanho-amarelado, sem nada escrito, da mala de diplomata e segurou-o entre dois dedos. És capaz de querer ouvir isto antes de jurares fidelidade eterna a um homem como Grigori. Ele não é bem do tipo casadouro.

CAPÍTULO 11

MAIDA VALE, LONDRES

A carta tinha a data de 12 de janeiro e estava endereçada ao nome falso do agente do MI5 responsável por Grigori. O texto era curto, com cinco frases, e estava escrito em inglês, que Grigori falava bastante bem suficientemente bem, recordou Gabriel, para ter. conduzido um interrogatório bastante aterrorizador nas caves de Lubyanka. Graham Seymour leu a carta em voz alta. E depois entregou-a a Gabriel, que a leu em silêncio.

Peço desculpas por não te ter informado dos meus planos de voltar para casa, Monty, mas tenho certeza de que consegue compreender por que não os revelei. Espero que as minhas ações não deixem uma mancha permanente em seu registro. Você é decente demais para um mundo como

este. Gostei muito do tempo que passamos juntos, especialmente o xadrez. Quase tornou Londres suportável.

Cumprimentos, G

— Foi enviada de Zurique para uma caixa postal do MI5 em Camden Town. Este endereço só era conhecido por um punhado de superiores, pelo agente responsável por Grigori e por ele próprio. Quer que continue?

— Por favor.

— Os nossos especialistas ligaram o papel A4 da carta a uma empresa alemã de papelaria, localizada em Hamburgo. Por estranho que pareça, o envelope foi produzido pela mesma empresa, mas apresentava um estilo ligeiramente diferente. Os nossos especialistas também atribuíram, e de modo conclusivo, a letra, juntamente com várias impressões digitais latentes encontradas na superfície do papel, a Grigori Bulganov.

— A letra pode ser falsificada, Graham. Como os quadros.

— E as impressões digitais?

Gabriel pegou a mão de Seymour pelo pulso e a pôs no papel.

— Estamos falando de russos, Graham. Não jogam pelas regras do marquês de Queensberry.

Seymour libertou a mão de Gabriel.

— A carta torna evidente que Grigori estava a colaborar. Vinha dirigida ao agente responsável por ele, com o seu nome de disfarce correto, e foi enviada para a morada certa.

— Talvez o tenham torturado. Ou talvez a tortura não tenha sido necessária, porque Grigori sabia muito bem o que lhe aconteceria se não colaborasse. Ele foi um deles, Graham. Conhecia os seus métodos. Utilizava-os de tempos a tempos. E eu bem o sei. Vi-o no seu elemento.

— Se Grigori foi raptado, para que fazer uma charada com a carta?

— Os russos cometeram um crime grave no seu país. É mais do que natural que pudessem tentar esconder o que fizeram com uma brincadeira destas. Nada de sequestro, nada de crime. Seymour olhou atentamente para Gabriel com os seus olhos cor de granito. Tal como o seu aperto de mão, eram uma arma injusta. Dois homens estão a olhar para uma pintura abstrata. Um vê nuvens sobre um campo de trigo, o outro vê um par de baleias azuis acasalando. Quem tem razão? Será que importa? Estás a ver onde quero chegar, Gabriel?

— Estou a tentar ao máximo, Graham.

— Seu desertor desapareceu. E nada que possamos dizer agora irá alterar isso.

— O meu desertor? Você o trouxe para cá.

— E vocês aceitaram protegê-lo. Downing Street devia ter apresentado um protesto oficial junto do embaixador russo uma hora depois de Grigori ter faltado ao primeiro telefonema de controle a que estava obrigado.

— Um protesto oficial?

Seymour abanou a cabeça lentamente. De repente, não estás ciente do fato de que o Reino Unido tem mais dinheiro investido na Rússia do que em qualquer outro país ocidental. O primeiro-ministro não tem qualquer intenção de colocar esses investimentos sob risco dando início a uma nova discussão acalorada com o Kremlin.

— "Quando enforcarmos os capitalistas, eles nos venderão a corda."

— Stalin, não é? E o velho tinha uma certa razão. O capitalismo é o ponto mais forte do Ocidente e a sua maior fraqueza.

Gabriel pôs a carta em cima da mesa e mudou de assunto.

— Se bem me lembro, Grigori trabalhava num livro.

Seymour entregou a Gabriel uma pilha de folhas. Tinha aproximadamente dois centímetros e meio de espessura e estava presa por molas metálicas. Gabriel olhou para a primeira página: ASSASSINO NO KREMLIN, de Grigori Bulganov.

— Achei que era um título que ficava, e de que maneira, no ouvido. Duvido que os russos concordassem. Presumo que o tenha lido?

Seymour assentiu.

— Ele é bem duro com o Kremlin e não é lá muito simpático com seu antigo serviço. Acusa o FSB de todo o tipo de pecado, incluindo assassinatos, extorsões e ligações com o crime organizado e os oligarcas. E também argumenta de forma muito persuasiva que o FSB esteve envolvido nos atentados a prédios em Moscou, aqueles que o presidente russo usou como justificativa para reenviar o Exército Vermelho à Chechênia. Afirma que conhecia pessoalmente os agentes envolvidos na operação e identifica os nomes de dois.

— Há alguma referência a mim?

— Há um capítulo no livro sobre o caso Kharkov, mas não é lá muito preciso. Segundo Grigori, foi ele que descobriu sozinho os mísseis que Ivan vendeu à Al-Qaeda. Não há nenhuma referência no manuscrito a você nem a alguma ligação israelense.

— E notas à mão ou os arquivos de computador?

— Verificamos tudo. Para Grigori, você não existe.

Gabriel folheou as páginas do manuscrito. Na sexta página, havia uma nota à margem, em inglês. Leu-a e olhou para Seymour, à espera de uma explicação.

— É da editora que Grigori tinha na Buckley and Hobbes. Suponho que, a certa altura, teremos de contar que não receberão nenhum livro nos próximos tempos.

— Vocês leram as notas dela?

— Lemos tudo.

Gabriel virou mais umas páginas e depois parou outra vez para examinar outra nota à margem. Ao contrário da primeira, estava escrita em russo.

— Deve ser do Grigori — sugeriu Seymour.

— Não corresponde à letra da carta.

— A carta foi escrita no alfabeto romano. A nota está em cirílico.

— Confie em mim, Graham. Não foram escritas pela mesma pessoa.

Gabriel folheou rapidamente as páginas que faltavam e encontrou outras anotações escritas pela mesma mão. Quando levantou os olhos do manuscrito, Seymour tirava o DVD do leitor. Colocou-o novamente no invólucro de plástico transparente e entregou-o a Gabriel. A mensagem era clara: a sessão de informações tinha terminado. E se dúvidas houvesse sobre as intenções de Seymour, elas se eclipsaram quando ele se pôs a olhar entediado para o relógio de pulso. Gabriel fez um último pedido. Queria ver o resto da casa. Seymour levantou-se lentamente.

— Mas não vamos levantar tábuas do assoalho ou descascar o papel de parede — afirmou. — Tenho um jantar. E já estou dez minutos atrasado.

CAPÍTULO 12

MAIDA VALE, LONDRES

Gabriel seguiu Seymour por dois lances de escadas estreitas até o quarto. Na mesinha-de-cabeceira à direita da cama de casal, havia um cinzeiro cheio de cigarros calcados. Eram todos da mesma marca: Sobranie White Russians, iguais aos que Grigori tinha fumado durante o interrogatório a Gabriel em Lubyanka e durante a

fuga de ambos da Rússia. Havia vários livros amontoados debaixo do candeeiro de leitura, em latão: Tolstoi, Dostoievski, Agatha Christie, P. D. James.

— Ele adorava ler thrillers policiais ingleses — revelou Seymour. — Achava que ler P. D. James o ajudaria a ficar mais parecido conosco, embora por que uma pessoa haveria de querer ficar mais parecida conosco é algo que me ultrapassa.

Embaixo da cama havia uma caixa branca com logotipo de uma lavanderia da Elgin Avenue. Levantando a tampa, Gabriel viu meia dúzia de camisas, cuidadosamente engomadas, dobradas e embrulhadas em papel de seda. Em cima das camisas, um recibo de venda em dinheiro. A data do recibo correspondia à data do desaparecimento de Grigori. A hora da transação era registrada às 15h42.

— Partimos do princípio de que os controladores de Grigori queriam que o último dia dele em Londres fosse tão normal quanto possível — disse Seymour.

Gabriel achou que a explicação era, na melhor das hipóteses, duvidosa. Entrou no banheiro e abriu o armário de medicamentos. Espalhados entre várias loções, cremes e instrumentos para cuidar da aparência, estavam três frascos de remédios com receita médica: um para dormir, outro para ansiedade e um terceiro para enxaquecas.

— Quem receitou isso?

— Um médico que trabalha para nós.

— Grigori nunca me pareceu uma pessoa ansiosa.

— Ele disse que era a pressão de escrever um livro com um prazo.

Gabriel tirou um frasco de um remédio para indigestão do armário e virou o rótulo para Seymour.

— Ele tinha estômago instável — explicou Seymour.

— Então, não deveria comer arenque salgado e molho de tomate.

Gabriel fechou o armário e levantou a tampa do cesto da roupa.

Estava vazio.

— Onde está a roupa suja?

— Deixou-a na lavanderia na tarde em que desapareceu. Exatamente o que eu faria se estivesse me preparando para voltar a desertar.

Gabriel apagou as luzes do banheiro e desceu atrás de Seymour as escadas até a sala de estar. Havia vários jornais espalhados em cima da mesa de café, alguns londrinos e o resto da Rússia: Kommersant, Komsomolskaya Pravda, Moskovskaya Gazeta. Num dos cantos da mesa, estava um copo para o chá de estilo russo, com seu conteúdo há muito evaporado. Ao lado do copo, via-se outro cinzeiro cheio de guimbas. Gabriel examinou-as com a ponta de uma caneta. Eram todas iguais: Sobranie White Russians. Foi então que ouviu o som de risos vindo do pátio. Afastando as persianas da janela da frente, viu embaixo um casal de braço dado.

— Presumo que tenham uma câmara instalada no pátio, não é verdade?

Seymour apontou para uma calha de águas pluviais próxima do caminho para a casa.

— Houve algum russo dando uma espiada?

— Ninguém que possamos ligar à Rezidentura local.

Rezidentura era a palavra utilizada pelo SVR, o serviço secreto externo russo, para descrever operações em embaixadas locais. O resident era o chefe da base e a residentura denominava a própria base. Era um resquício dos tempos do KGB. Tal como a maior parte das coisas relacionadas com o SVR.

— E o que acontece quando alguém entra no pátio?

— Se é alguém que mora aqui, não acontece nada. Se não reconhecemos a pessoa, pomos alguém a segui-la e investigamos. Até agora, todos limpos.

— E não houve ninguém a tentar entrar na casa propriamente dita? Seymour abanou a cabeça. Gabriel soltou as persianas e dirigiu-se à mesa atulhada de Grigori. No centro, estava um pequeno computador portátil com a tela preto e, ao lado deste, um telefone com um atendedor de chamadas incorporado. Uma luzinha vermelha de mensagens piscava tenuemente.

— Essas devem ser novas disse Seymour.

— Importas-te? Sem esperar por uma resposta, Gabriel esticou o braço e carregou no botão de PLAYBACK. Ouviu-se um tom estridente e, a seguir, uma voz de homem robótica anunciou que havia três mensagens novas. A primeira era do serviço de lavanderia e limpeza a seco Sparlde Clean, a pedir a Mr. Bulganov que fosse buscar a roupa que lhe pertencia; a segunda era de um dos produtores do programa Panorama, da BBC, que queria marcar uma entrevista a Mr. Bulganov para um documentário em preparação sobre o ressurgimento da Rússia.

A última mensagem era de uma mulher que falava com um sotaque russo pronunciado. A voz tinha a qualidade de uma escala musical menor. Dó menor, pensou Gabriel. Clave de concentração na solenidade. Clave de introspeção filosófica. A mulher disse que tinha acabado de ler as páginas mais recentes do manuscrito e que queria falar delas quando fosse conveniente para Grigori. Não deixou nenhum número para uma chamada de resposta, nem mencionou o seu nome. Para Gabriel, isso não era necessário. O som daquela voz andava a ecoar-lhe na memória desde o momento do primeiro encontro entre ambos. Muito prazer, dissera-lhe ela naquela noite em Moscou. Sou Olga Sukhova.

— Suponho que agora já sabemos quem escreveu aquelas notas no manuscrito de Grigori.

— Suponho que sim.

— Quero vê-la, Graham.

— Lamento, mas isso não vai ser possível. Seymour desligou o atendedor de chamadas. Roma já falou. O caso está encerrado.

CAPÍTULO 13

MAIDA VALE, LONDRES

Os quarteirões de projetos habitacionais que se erguiam sobre Delamere Terrace pareciam uma coisa que os soviéticos podiam ter construído nos tempos áureos do "socialismo desenvolvido". Projetados de forma tosca e mal construídos, todos os prédios tinham nomes muito ingleses e sugeriam que no seu interior se desenrolava uma existência tranquila e campestre, apresentando ainda um letreiro a indicar que a área estava sob vigilância constante. Grigori tinha passado por essas habitações poucos minutos antes de desaparecer. Gabriel, recapitulando os passos do russo, fazia-o naquele momento. Ainda que detestasse admiti-lo, as informações fornecidas por Seymour tinham-lhe abalado a confiança absoluta na inocência de Grigori. Teria voltado a desertar? Ou fora raptado? Gabriel tinha certeza de que a resposta podia ser encontrada ali, nas ruas de Maida Vale.

Mostra-me como eles fizeram isso, Grigori. Mostra-me como eles te fizeram entrar naquele carro.

Foi até Browning's Pool e parou à porta do Waterside Café, àquela hora já fechado e com as persianas corridas. Reviu o vídeo mentalmente. Às 18h03m37 em ponto, parecia que Grigori tinha reparado num casal a atravessar a Westbourne Terrace Road Bridge, vindo da Blomfield Road. O homem trazia um impermeável com cinto e um chapéu encerado, além de levar um guarda-chuva aberto na mão esquerda. A mulher ia encostada ao ombro dele de forma

carinhosa. Trazia um casaco de lã com uma gola de pele e ia a ler qualquer coisa um mapa da cidade, pensou Gabriel, ou talvez algum tipo de guia.

Gabriel virou-se naquele momento, Grigori também e seguiu pela Browning's Pool, em direção aos degraus que davam na Warwick Crescent. No fim dos degraus, parou, porque Grigori tinha parado, mas não acendeu nenhum cigarro. Em vez disso, avançou até Harrow Road, onde Grigori tinha visto alguma coisa ou alguém que o fizera apressar o ritmo. Gabriel fez o mesmo e continuou a andar pelas calçadas vazias por mais uns duzentos metros.

Apesar da hora, o trânsito na movimentada via de quatro faixas continuava terrível. Parou por breves instantes junto à St. Mary's Church, deu mais uns passos e parou outra vez. Foi aqui, pensou. Tinha sido naquele lugar que Grigori se sentira muito assustado para continuar. O lugar onde tinha congelado abruptamente e se encaminhara impulsivamente na direção do trânsito. Na gravação, parecia que tinha ponderado, por curtos instantes, tentar atravessar a estrada movimentada. E nessa altura, tal como agora, isso teria significado quase Com certeza uma morte por outros meios.

Gabriel olhou para a esquerda e viu um muro de tijolos com dois metros de altura e coberto de graffiti. A seguir, olhou para a direita e viu o rio de aço e vidro fluindo pela Harrow Road. Por que teria ele parado ali? E por que teria ele entrado sem hesitar quando um carro apareceu sem que ninguém chamasse? Seria um plano de fuga previamente combinado? Ou uma cilada perfeitamente montada? Ajude-me, Grigori. Será que eles enviaram um antigo inimigo para te assustar e obrigar a voltar? Ou enviaram um amigo para te levar gentilmente pela mão?

Gabriel olhou fixamente para o clarão dos faróis que se aproximavam. E, por um instante, viu de relance uma figura pequena e bem vestida avançando em sua direção, batendo com o

guarda-chuva na calçada. E viu a mulher. Uma mulher com casaco de couro sem guarda-chuva. Uma mulher sem nada na cabeça para protegê-la da chuva. Ia passar por ele agora, em grande velocidade, como se estivesse atrasada para um encontro, e seguiu em passo acelerado pela Harrow Road. Gabriel tentou lembrar-se de suas feições, mas não conseguiu. Eram fantasmagóricas e incompletas, como os primeiros e indistintos traços de um esboço inacabado. E, por isso, ficou ali parado, sozinho, com o trânsito de Londres na hora do rush a rugir em seus ouvidos, vendo-a desaparecer na escuridão.

CAPÍTULO 14

LONDRES OESTE

Tinham transcorrido mais de trinta e seis horas desde que Gabriel dormira pela última vez, e morria de cansaço. Em circunstâncias normais, teria procurado a base local e pedido para usar um apartamento seguro. Mas isso não era uma opção, já que os ativos da base local estavam provavelmente envolvidos numa busca frenética por ele naquele preciso momento. Teria de ficar num hotel. E não num bom hotel, com check-in computorizado a que se pudesse aceder por via de um software de extração de dados. Teria de ser o tipo de hotel onde se aceitasse dinheiro vivo e os empregados rissem de pedidos de luxos como serviço de quarto, telefones que funcionassem e toalhas lavadas. O Grand Hotel Berkshire era um lugar exatamente desse gênero. Ficava no fim de uma fila de casas de estilo eduardiano caindo aos pedaços na West Cromwell Road. O gerente do turno da noite, um homem decrépito com uma camisola decrépita, mostrou-se Pouco surpreendido quando Gabriel lhe revelou que não tinha reserva e ainda menos

quando lhe anunciou que iria pagar a conta da sua estadia três noites, talvez duas, se o seu negócio corresse bem inteiramente em dinheiro vivo. A seguir, Gabriel entregou-lhe duas notas de vinte libras novinhas em folha e disse-lhe que não estava à espera de nenhum tipo de visitas, nem queria que o incomodassem com telefonemas nem com o serviço de limpeza dos quartos. O gerente do turno da noite enfiou o dinheiro no bolso e prometeu a Gabriel que a sua estadia seria não só confidencial, como segura. Gabriel deu-lhe as boas-noites e subiu sozinho para o quarto.

No terceiro andar e com vista para a rua movimentada, o quarto tresandava a solidão e à água-de-colônia horrenda do último inquilino. Ao fechar a porta depois de entrar, Gabriel sentiu-se dominado por uma onda súbita de depressão. Quantas noites teria ele passado em quartos exatamente como aquele? Talvez Chiara tivesse razão. Talvez fosse altura de abandonar finalmente o Escritório e deixar que fossem outros homens a combater. Iria para as colinas da Úmbria, dar à sua nova mulher o filho que ela tanto queria, o filho a que Gabriel se tinha negado por causa do que acontecera numa noite de neve em Viena, numa outra vida. Não tinha escolhido essa vida. Haviam sido outros a escolhê-la por ele. Tinha sido escolhida por Yasser Arafat e por um bando de terroristas palestinianos conhecido como Setembro Negro. E tinha sido escolhida por Ari Shamron.

Shamron fora buscá-lo numa tarde de sol em Jerusalém, em Setembro de 1972. Gabriel era um promissor jovem pintor que tinha renunciado a uma colocação numa unidade militar de elite, de forma a poder prosseguir a sua formação na Academia de Artes e Design de Bezalel. Tinham acabado de atribuir a Shamron o comando da Operação Ira de Deus, a operação confidencial executada pelo serviço secreto israelenses com o objetivo de perseguir e matar os perpetradores do massacre das Olimpíadas de Munique de 1972. Precisava de um instrumento de vingança e Gabriel era exatamente

o tipo de jovem de que ele andava à procura: atrevido mas inteligente, leal mas independente, emocionalmente frio mas inerentemente decente. E também falava alemão fluentemente, com o sotaque de Berlim herdado da mãe, e viajara bastante pela Europa em criança. Após um mês de treino intenso, Shamron enviou-o para Roma, onde Gabriel matou um homem chamado Wadal Abdel Zwaiter no hall de um prédio de apartamentos na Piazza Annibaliano. Depois, ele e a sua equipe de agentes passaram os três anos seguintes a caçarem as suas presas por toda a Europa Ocidental, matando à noite e em plena luz do dia, vivendo com o medo de que, a qualquer momento, pudessem ser presos pela polícia europeia e acusados de homicídio.

Quando Gabriel regressou finalmente a casa, tinha as têmporas da cor da cinza e o rosto era o de um homem vinte anos mais velho. Leah, com quem casara pouco tempo antes de deixar Israel, mal o reconheceu quando ele entrou no apartamento de ambos. Ela própria uma artista talentosa, pediu-lhe que posasse para lhe pintar o retrato. Pintado no estilo de Egon Schiele, mostrava um jovem atormentado, prematuramente envelhecido pela sombra da morte. Era um dos melhores trabalhos de Leah. Gabriel sempre o detestara, pois representava com uma honestidade brutal o peso que a Ira de Deus tinha exercido sobre si.

Exausto fisicamente e tendo perdido a vontade de pintar, procurou refúgio em Veneza, onde estudou a arte do restauração com o famoso Umberto Conti. Quando a sua aprendizagem chegou ao fim, Shamron chamou-o de volta ao ativo. Trabalhando sob o disfarce de restaurador de arte profissional, Gabriel eliminou os inimigos mais perigosos de Israel e levou a cabo uma série de investigações que lhe granjeou amigos importantes em Washington, no Vaticano e em Londres. Mas também tinha adversários poderosos. Não conseguia andar por uma rua sem se sentir atormentado pelo medo de estar a ser perseguido por um dos seus

inimigos. Tal como não conseguia dormir num quarto de hotel sem barricar primeiro a porta com uma cadeira, coisa que estava a fazer naquele preciso momento.

Introduziu o disco com a gravação captada pela CCTV no leitor de DVD do quarto e a seguir, depois de tirar apenas os sapatos, deitou-se na cama. Ao longo de várias horas, ficou a ver e a rever o vídeo das imagens de vigilância, tentando cruzar o que conseguia ver na tela com o que tinha sentido nas ruas de Maida Vale. Incapaz de encontrar uma ligação, desligou a televisão. À medida que os seus olhos se iam ajustando à escuridão, as imagens dos últimos momentos de Grigori surgiam-lhe como fotografias num retroprojetor. Grigori a entrar num carro na Harrow Road. Um homem bem vestido com guarda-chuva. Uma mulher com um sobretudo de couro, sem nada na cabeça para a proteger da chuva. A última imagem dissolveu-se e deu lugar a um quadro, escurecido por uma camada de verniz sujo. Gabriel fechou os olhos, molhou uma mecha de algodão num solvente e esfregou-a na superfície suavemente.

A resposta surgiu-lhe uma hora antes de amanhecer. Tateou na escuridão à procura do controle da televisão e apontou para a tela que, uns segundos depois, voltou à vida piscando. Eram 17h47 da terça-feira anterior. Grigori Bulganov estava à entrada de Bristol Mews. Às 17h48, atirou o cigarro para o chão e começou a andar.

Seguiu pelo agora familiar percurso até o Waterside Café. Às 18h03m37, o jovem casal apareceu precisamente à hora prevista, com um impermeável com cinto para o homem e um casaco de lã com uma gola de pele para a mulher. Gabriel puxou o filme para trás e viu a cena uma segunda e depois uma terceira vez. A seguir, carregou no botão de PAUSA. De acordo com o relógio que surgia na tela, eram 18h04m25s quando o casal chegou ao fim da Westbourne Terrace Road Bridge. Se a operação tinha sido bem

planejada e todas as evidências indicavam que sim —, havia tempo mais do que suficiente.

Gabriel fez avançar o vídeo até os trinta segundos finais e ficou a ver, uma última vez, Grigori a entrar na parte de trás do Mercedes No momento em que o carro desaparecia da imagem, um homem pequeno e bem vestido surgia pela esquerda. A seguir, uns segundos depois, veio a mulher com o sobretudo de couro. Sem chapéu-de-chuva.

Nem nada na cabeça para a proteger da chuva.

Gabriel parou a imagem e olhou para os sapatos dela.

CAPÍTULO 15

WESTMINSTER, LONDRES

Estava um frio cortante na Parliament Square, mas não era um frio suficientemente forte para afastar os manifestantes. Havia a inevitável manifestação contra os crimes de Israel, outra a exigir que os americanos abandonassem o Iraque, e ainda uma terceira, prognosticando que o Sul da Inglaterra se transformaria em breve num deserto devido ao aquecimento global. Gabriel atravessou a praça até o lado contrário e sentou-se num banco vazio, em frente à North Tower da Abadia de Westminster. Era o mesmo banco onde em tempos se sentara à espera que a filha do embaixador americano fosse deixada na abadia por dois homens-bomba jihadistas. Interrogou-se se Graham Seymour teria escolhido o local intencionalmente ou se se teria simplesmente esquecido dos acontecimentos desagradáveis dessa manhã.

Uma limusine Jaguar com motorista abrandou e parou junto à praça pouco depois das três. Seymour saiu da parte de trás do carro, vestindo um sobretudo com gola de veludo. Esperou que a limusine descesse a Victoria Street a grande velocidade e depois foi ter ao banco. Desta vez, era Seymour quem estava atrasado. Peço desculpa, Gabriel, a minha reunião com o primeiro-ministro demorou mais do que o esperado.

Como ele está? Tendo em conta que é o líder britânico menos popular em toda uma geração, até pareceu bastante bem. E, para variar, até fomos capazes de lhe dar algumas boas notícias.

E quais foram? — Boa tentativa.

Vá lá, Graham. Gabriel olhou de relance para a fachada da abadia. Já temos uma história em conjunto, tu e eu.

Seymour não disse nada durante uns momentos.

— Que raio de dia horroroso aquele, não foi? Não sei se alguma vez serei capaz de tirar aquela imagem da cabeça, a tua imagem a...

— Eu lembro-me, Graham. Estava lá.

Seymour enfiou as pontas do cachecol de lã por baixo da lapela do sobretudo.

— Enquanto estamos aqui a falar, há agentes da Polícia Metropolitana a fazerem rusgas por East London inteira.

— East London? Calculo que não andem a prender russos. É uma célula da Al-Qaeda que andamos a vigiar há algum tempo. Uma coisa a sério. Estavam a tratar dos últimos preparativos de um plano para atacar vários alvos financeiros e turísticos. As perdas em termos de vidas teriam sido significativas.

— E quando vão anunciar as detenções?

— O primeiro-ministro está a contar fazer um comunicado ainda esta noite, mesmo a tempo das News at Ten. Os assessores dele têm a esperança que isto lhe dê um empurrão bem necessário nas sondagens de opinião. Seymour parou de falar por um instante.

— Preciso voltar à Thames House. Acompanhe-me.

Os dois homens levantaram-se juntos e seguiram pela praça em direção às Casas do Parlamento. Formavam um par incongruente, Gabriel em jeans e casaco de couro, Seymour com seu terno sob medida e sobretudo.

— Honra seja feita, Gabriel. Por sua sugestão, escavamos um pouquinho mais fundo e conseguimos imagens novas captadas pela CCTV nas ruas circundantes. O casal que atravessou a Westbourne Terrace Road Bridge às seis e três minutos entrou num carro à espera numa rua secundária sossegada. Levou-os até a Edgware Road, onde a mulher saiu sozinha. Tinha trocado de casaco no caminho.

Olhou para Gabriel com admiração.

— Posso saber o que te levou a suspeitar dela?

— O guarda-chuva.

— Mas ela não levava nenhum.

— Precisamente. Caía uma chuva fininha, mas a mulher não usava guarda-chuva. Precisava das mãos livres.

Gabriel olhou de lado para Seymour. — As pessoas como eu não andam com guarda-chuva, Graham.

— Os assassinos, quer dizer?

Gabriel não respondeu diretamente.

— Se Grigori não tivesse resolvido entrar naquele carro, a mulher provavelmente o mataria bem ali. Suponho que ele deve ter decidido que era melhor arriscar. É melhor ser um desertor desaparecido do que morto.

— E o que mais reparou nela?

— Não se deu ao trabalho de trocar os sapatos. Suponho que não havia tempo.

— O que eu não faria para ter esse olho!

— É um defeito profissional.

— De qual das profissões?

Gabriel limitou-se a sorrir. Tinham chegado à ponta ao sul das Casas do Parlamento e atravessavam naquele momento os Victoria Tower Gardens. À frente deles, erguia-se a pesada fachada cinzenta da Thames House. De repente, Seymour já não parecia ter pressa em voltar para o trabalho.

— Sua descoberta apresenta um óbvio dilema. Se eu comunicar isto ao meu diretor-geral, haverá uma batalha feroz nos Serviços de Segurança Britânicos. Vão me rotular de herege. E sabe o que fazemos com os hereges.

— Não quero que diga nada, Graham. — Gabriel fez uma pausa e depois acrescentou: — Não sem que eu fale com Olga primeiro.

— Lamento, mas isso está fora de questão. O meu DG me crucificaria se soubesse a quantidade de informações que já te dei. Seu envolvimento neste caso terminou neste momento. Aliás, se se

apressar, até pode fazer as malas e pegar o último Eurostar para Paris. Sai às sete e trinta e nove em ponto.

— Preciso falar com ela, Graham. Só por uns minutos.

Seymour parou de andar e contemplou as luzes que brilhavam intensamente no último andar de Thames House.

— Por que eu sei que vou me arrepender disso?

Virou-se para Gabriel. — Tem vinte e quatro horas. Depois, quero você fora do país.

Gabriel passou duas vezes o dedo no coração.

— Ela está escondida em Oxford, no lado mais bonito da Magdalen Bridge. Número 24 da Rectory Road. Usa o nome de Marina Chesnikova. Arranjamos emprego para ela ensinar estudantes de russo na universidade.

— Como é a segurança em volta dela?

— Igual à de Grigori. Teve vigias nos primeiros meses e depois pediu para nos afastarmos. Tem um agente responsável por ela e deve telefonar a dar notícias todos os dias. Monitoramos seus telefones e a seguimos de tempos em tempos para ter certeza de que não está sob vigilância e que se comporta bem.

— Gostaria muito que não a seguissem amanhã. Nem a mim.

— Você nem sequer está aqui. E quanto a Chesnikova, vou dizer para esperá-lo. Não me desaponte.

Deu uma palmadinha no ombro de Gabriel, num jeito de advertência, e avançou sozinho pela Horseferry Road.

— Que tipo de carro era?

Seymour deu meia-volta.

— Qual carro?

— O carro que levou a mulher de Maida Vale para Edgware.

— Era um Vauxhall Insignia.

— Cor?

— Acho que chamam azul-metro.

— Uma van com porta traseira?

— Não, uma van fechada, na verdade. E não esqueça: quero você no último trem para Paris amanhã à noite.

— Às sete e trinta em nove. Em ponto.

CAPÍTULO 16

OXFORD

O vento soprava vindo do Noroeste, ao longo do vale de Evesham e descendo as encostas das colinas de Cotswold. Fustigava as lojas da Cornmarket Street ao passar por ela, dava a volta ao Peckwater Quad, na Christ Church, e cercava a pequena frota de barcas amarradas umas às outras debaixo da Magdalen Bridge. Gabriel parou por uns instantes para admirar aquela imagem emblemática de uma Inglaterra há muito desaparecida e depois recomeçou a sua caminhada, seguindo pela Plain, em direção à Cowley Road. Oxford, lembrava-se ele da última visita, não era uma cidade mas duas: uma cidadela acadêmica de universidades e pináculos em pedra na margem ocidental do rio Cherwell, e uma cidade industrial em tijolos, a leste. Tinha sido no bairro de Cowley que um jovem fabricante de bicicletas chamado William Morris construíra a sua primeira fábrica de automóveis, em 1913, transformando instantaneamente Oxford num importante centro industrial britânico. E, embora o bairro tivesse permanecido fiel às raízes operárias, tinha sido transformado numa área de lojas, cafés e discotecas de grande animação. Os estudantes e os professores universitários encontravam alojamento nas casas exíguas, tal como os imigrantes vindos do Paquistão, da China, do Caribe e da África. O bairro também acolhia recém-chegados dos antigos países comunistas do Leste europeu. Com efeito, quando Gabriel passou

por uma mercearia de produtos biológicos ouviu duas mulheres falando em russo enquanto examinavam tomates.

No centro da Jeune Street, uma idosa dedicava-se à tarefa inteiramente fútil de varrer o pó do hall de uma igreja metodista, com as pontas do cachecol a esvoaçarem como bandeiras ao vento. Ao lado da entrada, via-se um letreiro azul e branco no qual se lia: A TERRA É DO SENHOR: É NOSSA PARA QUE A APROVEITEMOS, NOSSA PARA QUE A LAVREMOS E DEFENDAMOS. Gabriel percorreu mais um quarteirão, até a Rectory Road, e contornou a esquina.

A rua descia abruptamente e curvava para a esquerda ligeiramente, mas o suficiente para que ele não conseguisse ver onde terminava. Gabriel fez toda a rua uma vez, à procura de sinais que indicassem a presença de vigias. Não encontrando nenhum, voltou para trás, até a casa do número 24. Ao longo do passeio, havia um pequeno muro de tijolo com ervas daninhas a brotarem da argamassa. Por trás do muro, num pequeno pedaço de cascalho branco, estava um grande caixote verde do lixo. Havia uma bicicleta encostada, sem a roda da frente e com o selim coberto por uma sacola plástica de compras. O caminho de entrada talvez tivesse um metro de comprimento e ia dar a uma porta de madeira a lascar, num pequeno recanto. Aparentemente, a campainha já não funcionava, pois não aconteceu nada quando Gabriel carregou no botão com o polegar. Bateu três vezes na porta com força e ouviu o tap-tap-tap de passos femininos no hall. A seguir, o som de uma voz, uma mulher falando em inglês com sotaque russo.

— Quem é, por favor?

— É Natan Golani. Ficamos sentados ao lado um do outro do verão passado, num jantar na residência do embaixador israelense. Conversamos durante uns minutos no terraço, quando você saiu para fumar um cigarro. Disse que os russos não conseguem viver como um povo normal e que nunca conseguirão.

Gabriel ouviu o som de uma corrente deslizando e viu a porta abrir lentamente. A mulher que estava parada na minúscula entrada tinha no colo um gato siamês, com olhos azuis luminosos que combinavam na perfeição com os dela. Usava blusa preta justa, calça cinza e elegantes botas pretas. O cabelo, antes comprido e da cor do linho, estava agora curto e escuro. O rosto, no entanto, permanecia inalterado. Era um dos mais belos que Gabriel alguma vez vira: heroico, vulnerável, virtuoso. O rosto de um ícone russo em carne e osso. O rosto da própria Rússia. Até há seis meses, Olga Sukhova praticara uma das atividades mais perigosas do mundo: o jornalismo russo. Enquanto repórter da revista Moskovskaya Gazeta, um semanário de investigação socialmente empenhado, tinha exposto as atrocidades do Exército Vermelho na Chechênia, revelara a corrupção nas mais altas instâncias do Kremlin e fora uma crítica inflexível do ataque à democracia perpetrado pelo presidente russo. O seu trabalho deixara-a com uma visão sombria do país e do futuro dele, ainda que nada pudesse tê-la preparado para a descoberta mais importante da sua carreira: um oligarca e traficante de armas russo estava a preparar-se para vender algumas das mais sofisticadas armas russas a terroristas da Al-Qaeda. Apesar de nunca ter sido publicada pela Gaeta, a história resultou no assassinato de dois colegas de Olga. O primeiro, Aleksandr Lubin, foi apunhalado até a morte num quarto de hotel, na estância de esqui francesa de Courchevel. O segundo, um editor chamado Boris Ostrovsky, morreu nos braços de Gabriel, no chão da Basílica de São Pedro, vítima de envenenamento. E se não fosse por Gabriel e Grigori Bulganov, Olga Sukhova também teria sido seguramente assassinada.

A natureza perigosa do trabalho de Olga e as ameaças constantes à sua vida tinham-na deixado com um conhecimento das artes do ofício da espionagem tão apurado como o de um agente experimentado. Tal como Gabriel, partia do princípio de que todas

as salas, até as salas da sua própria casa, se encontravam sob escuta. As conversas importantes deviam ser tidas em locais públicos. E isso explicava o fato de, cinco minutos depois de Gabriel chegar, estarem os dois a caminhar pelo passeio varrido pelo vento da St. Clement's Street. Gabriel escutou o barulho das botas dela a baterem no chão e pensou numa tarde enevoada em Moscou, durante a qual tinham caminhado entre os mortos do Cemitério de Novodevichy, sempre com a sombra das equipes alternadas de vigias russos. Talvez devesse beijar-me agora, Mr. Golani. É melhor que o FSB fique com a impressão de que tencionamos passar a ser amantes.

— Sente saudade? perguntou ele.

— De Moscou? — Ela sorriu de forma triste. — Sinto muita saudade. Do barulho. Dos cheiros. Do trânsito horrendo. Às vezes, até dou por mim com saudade da neve. Janeiro já está quase no fim e ainda não caiu um só floco. Na BBC, a mulher chamou isso de onda de frio. Em Moscou, chamamos de primavera.

Olhou para ele.

— Neva em Oxford?

— Se neva, não terá nada a ver com o que acontece em sua terra.

— Nada tem a ver com a minha terra. Oxford é uma cidade encantadora, mas tenho de confessar que a considero entediante. Moscou tem muitos problemas, mas pelo menos nunca é entediante. Pode não compreender isso, mas sinto saudade dos meus tempos de jornalista.

— Uma mulher muito inteligente e bonita me disse uma vez que não havia jornalismo na Rússia... pelo menos, jornalismo sério.

— É verdade. O regime conseguiu silenciar os críticos da imprensa, não com censura aberta, mas com assassinatos, intimidações e mudanças forçadas de proprietários. Agora, a Gazeta não passa de um tabloide de escândalos, cheio de histórias sobre estrelas pop, homenzinhos do espaço e lobisomens que vivem nas

florestas nos arredores de Moscou. Tenho certeza de que ficará contente se eu lhe disser que a tiragem nunca foi tão grande.

— Pelo menos, ninguém está sendo morto.

— Isso é verdade. O pobre Boris foi o último a morrer.

Apertou o braço de Gabriel melancolicamente. Mas reparei num artigo sobre Ivan que apareceu no site da Gaeta no mês passado. Ele tinha ido à festa de inauguração de um novo restaurante em Moscou. A nova mulher dele, a Yekaterina, estava tão deslumbrante como sempre. E o próprio Ivan também mostrava bom aspecto. Aliás, estava até bronzeado. Franziu o sobrolho de forma teatral. Onde acha que Ivan conseguiu ficar com um bronzeado na Rússia e no meio do Inverno? Num daqueles solários? Não, não me parece. Ivan não é do gênero de expor a pele a radiações. Costumava ir até Saint-Tropez para ficar bronzeado. De repente, escapuliu-se sorrateiramente até Courchevel, com um passaporte falso, para esquiar um pouquinho na época natalícia. Ou, então, foi visitar um dos antigos redutos dele em África.

— Temos andado a apanhar informações de que ele anda a reconstruir as suas antigas redes.

— Não me diga.

— Também tem ouvido coisas parecidas?

— Para ser honesta, tento não pensar em Ivan. Tenho um blog popular aqui no Reino Unido e também em Moscou, e o FSB lança ataques cibernéticos constantes.

Sorriu fugazmente.

— Sinto prazer em saber que consigo irritar o Kremlin, mesmo de uma casinha em Cowley.

— Talvez fosse melhor se...

— O quê? — interrompeu ela. — Se me mantivesse calada? O povo russo está calado há tempo demais. O regime tem utilizado esse silêncio como uma justificação para esmagar qualquer aparência de democracia e impor uma forma de totalitarismo moderado.

Alguém tem de falar abertamente. E se tenho de ser eu, então que seja. Já o fiz antes.

Tinham chegado ao outro lado da Magdalen Bridge: o lado dos Pináculos, da pedra calcária e dos grandes pensamentos. Olga parou na High Street e fez de conta que estava a ler o placard informativo. Tenho de confessar que não fiquei surpresa quando Graham Seymour me ligou ontem à noite e disse que você viria. Suponho que tenha a ver com Grigori. Ele está desaparecido, não está?

Gabriel acenou com a cabeça.

— Já receava isso quando ele não respondeu ao meu telefonema. Nunca tinha feito isso. Como veio de Londres para Oxford?

— No trem de Paddington.

— E os ingleses o seguiram?

— Não.

— Tem certeza?

— Tanto quanto é possível ter.

— E os russos? Foi seguido por russos?

— Até agora, parecem não ter conhecimento da minha presença aqui.

— Duvido que continuem assim por muito tempo.

Olhou para o outro lado da rua, na direção da entrada para o Jardim Botânico de Oxford.

— Vamos falar ali dentro, está bem? Sempre gostei de jardins no inverno.

CAPÍTULO 17

OXFORD

— Meu Deus — murmurou ela. — Quando isso vai terminar? Quando vai terminar de vez?

— É possível, Olga? Há alguma possibilidade de Grigori ter resolvido voltar para casa?

Ela limpou as lágrimas que lhe escorriam pela cara e olhou em redor do jardim. — Já esteve aqui?

Parecia uma pergunta estranha, tendo em conta o que ele acabara de contar. Mas Gabriel conhecia Olga o suficiente para entender que tinha um propósito.

— Esta é a minha primeira visita.

— Há cento e cinquenta anos, um matemático da Christ Church costumava vir aqui com uma moça e as duas irmãs dela. O matemático era Charles Lutwidge Dodgson. A moça era Alice Liddell. As visitas serviram de inspiração para um livro que Dodgson escreveria sob o pseudônimo de Lewis Carroll... — *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, claro. Apropriado, não acha?

— Como assim?

— A teoria dos ingleses sobre Grigori é uma história digna do Lewis Carroll. O ódio que ele sentia pelo regime e pelo antigo serviço era real. A ideia de que voltaria para a Rússia de livre vontade é absurda.

Sentaram-se num banco de madeira no centro do jardim, ao lado de uma fonte. Gabriel não disse a Olga que chegara à mesma conclusão e que tinha as provas fotográficas para a sustentar.

— Estava ajudando no livro dele.

— E passava tempo com ele?

— Mais do que os ingleses provavelmente imaginavam.

— Via-o muitas vezes?

Olga olhou para o céu, como se procurasse uma resposta.

— De quinze em quinze dias.

— E onde se encontravam?

— Normalmente, aqui, em Oxford. Fui a Londres duas ou três vezes, quando precisei de uma mudança de ares.

— Como combinavam os encontros?

— Por telefone.

— Falavam ao telefone abertamente?

— Usávamos um código rudimentar. Grigori dizia que a capacidade de escuta dos serviços russos já não era a mesma de outros tempos, mas que mesmo assim ainda era suficientemente boa para justificar precauções razoáveis.

— E como Grigori vinha até aqui?

— Como você veio. No trem de Paddington.

— E era cuidadoso?

— Era o que ele dizia.

— E vinha a sua casa?

— Às vezes.

— E nas outras?

— Íamos almoçar no centro da cidade. Ou tomar café.

Apontou para o pináculo do Magdalen College. — Há um café muito agradável do outro lado da rua, chamado Queen's Lane. Grigori gostava muito dele.

Gabriel conhecia. O Queen's Lane era o café mais antigo de Oxford. Naquele momento, no entanto, seus pensamentos estavam virados para outro lugar. Duas mulheres próximas da terceira idade tinham acabado de entrar no jardim. Uma debatia-se com uma brochura que se ia agitando com o vento; a outra estava a prender um cachecol debaixo do queixo. Gabriel examinou-as minuciosamente durante uns momentos e, a seguir, retomou o interrogatório.

— E em Londres?

— Numa lojinha de sanduíches horrorosa perto do metrô Notting Hill Gate. Ele gostava de lá porque era perto da embaixada

russa. Tinha um prazer perverso passar na frente dela de tempos em tempos, só para se divertir.

A embaixada russa, uma estrutura branca que lembrava um bolo de casamento muito ornamentado e que tinha um muro de alta segurança a cercá-la, ficava na ponta mais a norte dos Jardins do Palácio de Kensington. O próprio Gabriel tinha passado por lá na tarde do dia anterior enquanto fazia tempo para a reunião com Graham Seymour.

— Alguma vez foi à casa dele?

— Não, mas a descrição que ele fez me deixou com com um pouquinho de inveja. É pena eu não ter sido capanga do FSB. Teria gostado de ganhar uma casa simpática em Londres para juntar ao meu passaporte britânico novo.

— E quanto tempo Grigori costumava ficar aqui quando vinha?

— Duas ou três horas, às vezes um pouquinho mais.

— E alguma vez passou a noite?

— Pergunta se éramos amantes?

— Só estou perguntando.

— Não, ele nunca passou cá a noite.

— E eram amantes?

— Não, não éramos amantes. Eu nunca seria capaz de fazer amor com um homem tão parecido com Lênin.

— Essa é a única razão?

— Ele já foi do FSB. Esses sacanas olharam para o lado enquanto muitos amigos meus eram assassinados. Além disso, Grigori não estava interessado em mim. Continuava apaixonado pela mulher.

— Irina? Pelo que Grigori me contou, quase se mataram um ao outro antes de finalmente se divorciarem.

— As opiniões dele devem ter mudado com o tempo e a mudança de ares. Disse que tinha sido um idiota, que se embrenhou

demais no trabalho. Ela andava a sair com outro homem, mas ainda não tinha aceitado casar com ele. Grigori achava que iria conseguir intrometer-se entre ambos, afastá-la do namorado e trazê-la para Inglaterra. Queria que a Irina soubesse que ele se tinha tornado uma pessoa muito importante. Achava que ela se apaixonaria por ele outra vez se o pudesse ver no seu novo elemento e na sua casinha nova e toda elegante de Londres.

— E ele mantinha contato com ela?

Olga aquiesceu.

— E ela respondia aos avanços dele?

— Aparentemente, sim, mas Grigori nunca entrava em detalhes.

— Se bem me lembro, ela é agente de viagens.

— Trabalha para uma empresa chamada Galaxy Travel, em Moscou, na Rua Tverskaya. Trata dos voos e do alojamento de russos que vão viajar para a Europa Ocidental. A clientela-alvo da Galaxy é de classe alta. E depois acrescentou, num tom claro de desprezo: Novos russos. O tipo de russo que gosta de passar os Invernos em Courchevel e os Verões em Saint-Tropez. Tirou um maço de cigarros do bolso do casaco. Suspeito que neste momento o negócio ande bastante fraco para os lados da Galaxy Travel. A recessão mundial atingiu a Rússia com extrema dureza. Não fez qualquer tentativa para esconder o prazer que essa situação lhe causava. Mas isso era previsível. As economias que dependem dos recursos naturais são sempre vulneráveis ao ciclo inevitável de explosão econômica e falência. Pergunto a mim própria qual será a reação do regime a este novo paradigma.

Olga tirou um cigarro do maço e enfiou-o entre os lábios. Quando Gabriel lhe lembrou que não era permitido fumar no jardim, ela reagiu acendendo o cigarro de qualquer forma. Eu agora posso ter um passaporte britânico, mas continuo a ser russa. Os sinais de proibição de fumar não significam nada para nós.

— E as pessoas ainda se interrogam porque os russos morrem aos cinquenta e oito anos.

— Só os homens. Nós, as mulheres, vivemos muito mais tempo Expirou uma nuvem de fumo, que o vento atirou diretamente para a cara de Gabriel. Pediu desculpa e trocou de lugar com ele. Lembro-me da noite em que partimos todos juntos... Nós os quatro, todos apertados naquele Volga pequenino, a avançar lentamente pelas estradas desoladas da Rússia. Grigori e eu não parávamos de fumar. Você ia encostado à janela, com aquela ligadura a tapar-lhe o olho, a implorar-nos que parássemos. Nós não podíamos parar. Estávamos aterrorizados, mas também estávamos excitados com o que estava à nossa frente. Tínhamos esperanças tão elevadas, Grigori e eu! Íamos mudar a Rússia. As esperanças da Elena eram mais modestas. Ela só queria ver os filhos outra vez.

Soprou o fumo por cima do ombro e olhou para ele.

— Você a tem visto?

— Elena?

Ele abanou a cabeça.

— Tem falado com ela?

— Nem uma palavra.

— Nenhum contato?

— Escreveu-me uma carta. Eu pintei um quadro para ela.

Gabriel pediu que apagasse o cigarro. Enquanto ela enterrava a guimba no cascalho, junto aos pés, ele viu um grupo de quatro turistas entrando no jardim.

— O que achou quando Grigori se transformou em dissidente célebre?

— Admirei a coragem dele. Mas achei que estava sendo um idiota com uma vida tão pública. Disse para não dar tanto na vista. Avisei-o de que iria se meter-se em problemas. Ele não quis ouvir. Tinha sido enfeitiçado pelo Viktor.

— Viktor?

— Viktor Orlov.

Gabriel reconheceu o nome, claro. Viktor Orlov era um dos oligarcas russos originais, o pequeno bando de intrépidos capitalistas que tinha engolido os ativos valiosos do antigo Estado soviético E fizera biliões pelo caminho. Enquanto os russos comuns enfrentavam sérias dificuldades para sobreviver, Viktor ganhava uma fortuna enorme com petróleo e aço. Mais tarde, acabou por entrar em rota de colisão com o regime pós-Yeltsin e fugiu para a Grã-Bretanha para se antecipar a um mandado de prisão. Agora, era um dos críticos mais claros, ainda que de pouca confiança, do regime. Orlov raramente deixava que coisas triviais como fatos se intrometessem nas acusações obscenas que levantava com regularidade contra o presidente russo e os seus comparsas no Kremlin.

— Já teve contato com ele alguma vez? — perguntou Gabriel. — Com Viktor?

Olga sorriu de forma prudente. — Uma vez, há uma centena de anos, em Moscou. Foi logo depois de Yeltsin deixar a presidência. Os novos senhores do Kremlin queriam que Viktor vendesse os seus negócios voluntariamente, de modo a voltarem para as mãos do Estado... ao preço da chuva, claro.

Por razões compreensíveis, Viktor não se mostrou interessado. As coisas ficaram feias... mas a verdade é sempre assim. O Kremlin começou a falar em rusgas e apreensões. É isso que o Kremlin faz quando quer qualquer coisa. Traz o poder do Estado a lume.

— E Viktor achou que podia ajudar?

— Convidou-me para almoçar. Disse que tinha uma exclusiva para mim: um homem cujo trabalho era arranjar moças para entretenimento do presidente. Garotas muito novas, Gabriel. Quando eu respondi que não tocaria nessa história, ficou furioso.

Um mês depois, fugiu do país. Oficialmente, os russos querem-no de volta para responder acusações de fraude e evasão fiscal.

— E sem ser oficialmente?

— O Kremlin quer que Viktor abdique da participação majoritária na Ruzoil, a gigantesca companhia energética siberiana. Vale vários bilhões de dólares.

— O que o Viktor queria de Grigori?

— Os motivos do Viktor para se opor ao Kremlin eram irremediavelmente transparentes e longe de serem nobres. Grigori dava-lhe uma coisa que ele nunca tinha tido até aí.

— Respeitabilidade.

— Correto. E mais: Grigori conhecia alguns dos segredos mais tenebrosos do regime. Segredos que o Viktor poderia manejar como uma arma. Grigori era a resposta às suas preces e aproveitou-se dele. É isso que o Viktor faz. Usa as pessoas e, quando elas já não têm valor para ele, atira-as aos lobos. E Olga disse alguma destas coisas a Grigori?

— Claro. Mas não se saiu especialmente bem. Grigori achava que podia tomar conta de si próprio e não gostava de ter uma jornalista mandando tomar cuidado. Ele era como um homem mais velho apaixonado por uma moça bonita. Não andava a pensar como deve ser. Gostava de estar perto do Viktor, dos carros, das festas, das casas, do vinho caro. Era como uma droga. Grigori estava agarrado.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Há duas semanas. Estava muito animado. Segundo parecia, a Irina andava a pensar seriamente em vir para Londres. Mas também estava nervoso. Por causa da Irina

— Não, por causa da sua segurança. Estava convencido de que andava a ser vigiado.

— Por quem?

— Não entrou em detalhes. Deu-me as últimas páginas que tinha escrito do manuscrito. E depois deu-me uma carta para eu

guardar. Disse-me que, se por acaso lhe acontecesse alguma coisa, UM amigo dele viria procurá-lo. E tinha certeza absoluta de que, mais tarde ou mais cedo, esse homem acabaria por vir ter a Oxford Para se encontrar comigo. Grigori gostava desse homem e respeitava-o muito. Aparentemente, tinham feito uma espécie de pato durante uma longa viagem pelo campo russo. Enfiou discretamente a carta na mão de Gabriel e acendeu mais um cigarro. Tenho de admitir que não me lembro de ouvir isso. Devia estar a dormir nessa altura.

CAPÍTULO 18

OXFORD

— Nunca a leu? — perguntou Gabriel.

— Não, nunca.

— Difícil acreditar.

— Por quê?

— Porque você era tempos atrás a jornalista de investigação mais famosa da Rússia.

— E?

— Os jornalistas de investigação são bisbilhoteiros

— Como os espiões?

— Sim, como os espiões.

— Eu não leio o correio das outras pessoas. É impróprio.

Estavam sentados no Queen's Lane Coffee House, janela com treliça. Gabriel estava virado para a rua; Olga, para o interior do café, cheio de movimento. Segurava a carta numa mão e uma caneca de chá na outra.

— Acho que isto põe fim ao debate sobre se Grigori voltou a desertar ou foi raptado. De forma bastante definitiva.

Por coincidência, a carta também tinha cinco frases, embora, ao contrário da que tinha sido falsificada e que anunciava que Grigori voltara a desertar, tivesse sido escrita num processador de texto e não à mão. Não trazia nenhum cumprimento, pois um cumprimento teria sido inseguro. Gabriel tirou-a das mãos de Olga e leu-a uma vez mais:

SE ISTO LHE CHEGOU ÀS MÃOS É PORQUE IVAN ME CAPTUROU. SÓ POSSO CULPAR A MIM MESMO, POR ISSO NÃO SE SINTA NA OBRIGAÇÃO DE MANTER A PROMESSA QUE ME FEZ NAQUELA NOITE NA RÚSSIA. MAS TENHO UM FAVOR PARA LHE PEDIR; RECEIO QUE A MINHA VONTADE DE ESTAR OUTRA VEZ JUNTO DA MINHA EX-MULHER A POSSA TER COLOCADO EM PERIGO. SE OS SEUS AGENTES EM MOSCOU PUDESSEM VER COMO ELA ESTÁ, DE TEMPOS A TEMPOS, FICARIA AGRADECIDO. POR FIM, SE EU PUDER DAR UM PEQUENO CONSELHO A PARTIR DA COVA, SERÁ ESTE: CAMINHE COM CUIDADO.

Presa à carta por um clipe, estava uma fotografia de 7,5 por 12,5 cm. Mostrava Grigori e a ex-mulher sentados diante de uma mesa carregada de vodca, em tempos mais felizes. Irina Bulganova era uma mulher atraente, com cabelo louro curto e um corpo compacto que sugeria uma juventude atlética. Gabriel nunca a tinha visto antes. Mesmo assim, achou que a cara dela tinha algo de remotamente familiar.

— Acredita nisso? — perguntou Olga.

— Em qual parte?

— Na parte relacionada a Ivan. Acha que ele seria mesmo capaz de de uma operação tão complexa?

— Ivan é KGB até a medula. A rede de tráfico de armas dele era a mais sofisticada que o mundo já vira. Havia dezenas de antigos e atuais agentes do serviço secreto, incluindo o próprio Grigori, a serviço dela. Grigori recebia dinheiro de Ivan. E depois o traiu. Na Rússia, o preço da traição continua o mesmo.

— Virshqya mera — disse Olga em voz baixa. — A mais grave forma de punição. Acha que ele está morto?

— É possível. Mas duvido.

— Mas ele desapareceu há uma semana.

— Pode parecer que é muito tempo, mas não é. Ivan vai querer informações; tudo o que Grigori contou aos ingleses e aos americanos sobre a rede dele. E, depois disso, suspeito que os rapazes de Lubyanka também vão querer uma conversinha com ele. Os russos têm muita paciência em interrogatórios hostis. Chamam a isso secar uma fonte completamente.

— Que encantador.

— São os sucessores de Dzerjinsky, Yezhov e Beria. Não são um grupo lá muito encantador, especialmente quando está em causa alguém que se pôs a revelar segredos de família aos ingleses e aos americanos.

— Presumo que também já tenha feito estas coisas, não?

— Interrogatórios? — Gabriel abanou a cabeça. — Para ser honesto, nunca foram a minha especialidade.

— E quanto tempo demora para fazer bem feito?

— Isso depende.

— De quê?

— Do fato de a pessoa colaborar ou não. E, mesmo que colabore, podem demorar semanas ou meses até que tenha certeza do que ela disse aos interrogadores tudo o que eles querem saber. Basta perguntar a quem está detido na prisão de Guantánamo. Há quem esteja sendo interrogado sem parar há anos.

— Pobre Grigori. Pobre e tolo Grigori.

— Ele foi tolo. Nunca devia ter vivido tão abertamente. Devia ter ficado de bico calado. Só estava chamando problemas.

— E é possível tirá-lo de lá de alguma maneira?

— Isso não está fora de questão. Mas, por hora, a minha preocupação é você.

Gabriel olhou pela janela. O sol tinha deslizado para trás dos telhados das faculdades e a High Street estava agora à sombra. Um ônibus municipal de Oxford passou lentamente e com grande barulho, seguido de uma procissão de estudantes em bicicleta. Olga tinha contato com Grigori. Ele sabe tudo de você. Seu nome de disfarce. Seu endereço. Temos de partir do princípio de que agora Ivan também sabe disso.

— Tenho um número de telefone para onde devo ligar, no caso de haver uma emergência. Os ingleses dizem que podem vir buscar-me numa questão de minutos.

— Como pode calcular, não ando especialmente impressionado com os serviços de segurança ingleses nestes últimos tempos.

— E pretende fazer-me sair de Oxford sem os informar? Nem que seja à força, se for necessário. Onde está esse seu passaporte britânico novo? — Na gaveta de cima da minha mesinha-de-cabeceira. Vai precisar dele, bem como de uma muda de roupa e de tudo o resto que não queira deixar para trás.

— Preciso do meu computador e dos meus papéis. E da Cassandra.

Não me vou embora sem a Cassandra.

— Quem é a Cassandra? — A minha gata.

— Deixamos-lhe bastante comida e água. E amanhã mando alguém vir buscar o bicho.

Cassandra é uma menina, Gabriel, não é um bicho. A não ser que ela seja uma gata-guia para cegos, não a deixarão entrar no Eurostar.

— No Eurostar? — Nós vamos para Paris. E temos de nos despachar se queremos apanhar o último trem.

A que horas parte? Às sete e trinta e nove, pensou ele. Em ponto.

CAPÍTULO 19

OXFORD

O ônibus municipal número 5 de Oxford parte da estação de trens, segue pela área de comércio de Templars Square e atravessa a Magdalen Bridge, em direção ao longínquo bairro social de Blackbird Leys. Gabriel e Olga entraram em frente ao All Souls College e saíram na primeira parada da Cowley Road. Com eles, apearam-se mais cinco passageiros. Quatro seguiram o seu caminho O quinto, um homem de meia-idade, caminhou atrás deles durante um curto período de tempo, antes de entrar na igreja, na esquina da Jeune Street. Do interior, vinha o som de vozes que se elevavam em oração.

— Fazem serviços ao final da tarde de todas as quartas-feiras.

— Espere lá dentro enquanto eu vou buscar as suas coisas. Quero despedir-me de Cassandra e certificar-me de que ela fica bem.

— Não confia em mim para lhe dar de comer?

— Consigo ver que não gosta de animais.

— Por acaso, até é o contrário. E tenho as cicatrizes para provar.

Viraram para a Rectory Road e seguiram diretamente para a porta de Olga. A bicicleta dela continuava encostada ao caixote do lixo, por trás do minúsculo muro de tijolo. Havia um folheto verde-claro, anunciando um novo restaurante indiano com entrega em domicílio pendurado no trinco. Olga tirou-o antes de enfiar a chave

na fechadura, mas a chave não girou. Em seguida, na rua escura, ouviu-se o motor de um carro. E Gabriel sentiu a nuca fervendo.

Para uma pessoa normal, os dois acontecimentos consecutivos significariam provavelmente muito pouco. Porém, para um homem como Gabriel Allon, eram o equivalente a um sinal de perigo em néon a piscar. Virando a cabeça rapidamente para a direita, viu o carro aproximar-se a grande velocidade, vindo da St. Clement's Street, com os faróis apagados. O motorista tinha ombros largos e segurava o volante calmamente com duas mãos. Logo atrás dele, saindo pela janela traseira que ia aberta, Gabriel reparou numa forma que lhe foi instantaneamente familiar: uma pistola semiautomática equipada com um silenciador.

Cairam numa cilada, como Grigori antes deles. Mas não seria um sequestro, era uma operação de extermínio. Para sobreviver aos dez segundos seguintes, Gabriel precisava de jogar à defesa, algo que ia contra décadas de experiência e de treino. Infelizmente, não tinha outra escolha. Viera até Oxford desarmado.

Recuou um passo e deu um pontapé fulminante na porta. Sólida como uma antepara, ela se recusou a se mexer. Olhando de relance para a esquerda, viu o minúsculo jardim de cascalho branco. No exato momento em que os primeiros tiros embateram violentamente na porta, ele agarrou o braço de Olga e a fez agachar-se, atrás do pequeno e grosso muro de tijolo.

Os disparos não duraram mais do que cinco segundos o tempo suficiente para gastar um carregador, pensou Gabriel e o motorista não parou para o homem da pistola a poder recarregar ou trocar de arma. Gabriel levantou a cabeça quando o carro se preparava para fazer a curva ligeira da rua. A tempo de confirmar a marca e o modelo.

Vauxhall Insignia.

Uma van fechada.

Azul escuro. *Acho que chamam azul-metro...*

— Está me esmagando.

— Você está bem?

— Acho que sim. Mas me lembre de nunca mais deixar você me trazer para casa.

Gabriel deixou-se ficar no chão ainda mais um instante, levantando-se a seguir e dando outro pontapé na porta, este estimulado pela adrenalina e pela raiva. O ferrolho cedeu e a porta voou para dentro de casa, como se tivesse sido atingida por uma onda de choque. Avançando cautelosamente para o hall, reparou num par de olhos felinos a olhar calmamente para ele ao fundo das escadas. Pegou a gata e apertou-a contra o peito.

— Não vou embora daqui sem ela.

— Sim, mas então se apresse, Miss Chesnikova. Gostaria de sair antes de as pessoas armadas voltem para terminar o trabalho.

SEGUNDA PARTE

ANATOLY

CAPÍTULO 20

LE MARAIS, PARIS

O bairro parisiense conhecido como Le Marais fica na margem direita do Sena e estende-se por partes do terceiro e quarto arrondissements. Em tempos um conjunto de terrenos pantanosos, tinha sido um local bastante na moda durante a monarquia, um bairro-de-lata para a classe operária após a Revolução e, no século XX, a área judia mais vibrante da cidade. Cenário de rusgas aterrorizadoras perpetradas pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial, caíra num estado de ruína por volta dos anos sessenta, altura em que o governo lançou um esforço concertado no sentido de o fazer regressar à vida. Agora um dos bairros mais na berra em Paris, o Le Marais estava repleto de lojas chiques, museus de arte e restaurantes da moda. Era num desses restaurantes, na Rue des Archives, que Uzi Navot aguardava ao final da tarde do dia seguinte. Trazia uma camisola de gola alta que dava a impressão, nada favorecedora, de que tinha a cabeça diretamente aparafusada aos ombros corpulentos. Mal ergueu os olhos quando Gabriel e Olga se sentaram.

Tinham chegado a Paris na noite anterior, pouco depois das dez, e dado entrada num insípido hotelzinho de trânsito em frente à Gare du Nord, do outro lado da rua. A viagem tinha sido calma; não ocorrera mais nenhum ataque por parte de assassinos russos e a gata de Olga portou-se tão bem quanto seria possível esperar durante o percurso de trem de Oxford para a estação de Paddington. Devido à proibição de levar animais no Eurostar, Gabriel não tivera outra escolha a não ser arranjar alojamento para a gata em Londres. Tinha-

a levado para uma galeria de arte em St. James's, cujo dono era um homem chamado Julian Isherwood. Ao longo dos anos, Isherwood tinha sofrido muitas afrontas devido à ligação secreta que mantinha com o Escritório, mas imporem-lhe a gata de uma desconhecida sem aviso era, disse ele, o derradeiro insulto. No entanto, o seu estado de espírito alterou-se radicalmente quando viu Olga pela primeira vez. Mas a verdade Gabriel já sabia que isso iria acontecer. Julian Isherwood tinha um fraco por três coisas: quadros italianos, vinho francês e mulheres bonitas. Em especial, mulheres russas. E, tal como Uzi Navot, era fácil de apaziguar. Não sei porque tivemos de vir a este estava agora a dizer Navot. Sabe como gosto do frango à caçarola de Jo Goldenberg.

— Está fechado, Uzi. Não ouviu dizer?

— Eu sei. Mas ainda não consigo acreditar nisso. O que é o Marais sem Jo Goldenberg?

Durante mais de meio século, a delicatessen kosher ocupara uma esquina proeminente da Rue des Rosiers. Judeus vindos de todos os cantos do mundo tinham enchido as banquetas vermelhas e gastas do restaurante, empanturrando-se com caviar, fígado picado, peito e latkes de batata. Tal como o tinham feito estrelas de cinema francesas, ministros do governo e escritores e jornalistas famosos. Mas a proeminência do Jo Goldenberg tornou-o alvo de extremistas e terroristas, e, em agosto de 1982, seis clientes foram mortos num atentado com granadas e metralhadoras pelo grupo terrorista Abu Nidal. Contudo, em última análise, não foi o terrorismo que derrubou esse marco parisiense, mas a subida em flecha da renda e as repetidas intimações judiciais devido às deficientes condições sanitárias.

— Por sorte aquele frango não te matou, Uzi. Só Deus sabe há quanto tempo já estava ali antes de o jogarem numa tigela e servirem.

— Estava excelente. E o borscht também. Você adorava o borscht do Jo Goldenberg.

— Eu detesto borscht. Sempre detestei borscht.

— Então, por que pediu?

— Você pediu por mim. Aliás, você comeu por mim.

— Não me lembro disso.

— Você que sabe, Uzi.

Falavam num francês rápido. Navot voltou-se para Olga e perguntou em inglês: — Você teria apreciado uma boa tigela de borscht, não teria, miss Sukhova?

— Sou russa. Por que cargas d'água viria a Paris pedir borscht?

Navot olhou outra vez para Gabriel.

— Ela é sempre assim tão simpática? — perguntou em hebraico.

— Os russos têm um senso de humor mais para o negro.

— Você bem sabe.

Navot olhou pela janela e espreitou de relance a rua estreita. Este lugar mudou desde que eu me fui embora de Paris. Costumava cá vir sempre que tinha umas quantas horas livres. Era como um pequeno pedaço de Tel Aviv, mesmo no centro de Paris. Agora... Abanou a cabeça lentamente. É só mais outro lugar Para se ir comprar uma mala ou jóias caras. Já nem sequer se conseguem arranjar cá bons falafel1 — É exatamente assim que o presidente da Câmara o quer. Arrumado e limpinho, com montes de lojas chiques a pagarem grandes rendas e grandes impostos. Até tentaram meter cá um McDonald's há uns meses, mas as pessoas do bairro ergueram-se em protesto.

O pobre Jo Goldenberg já não conseguia aguentar o negócio. Nos últimos tempos, a renda que o restaurante pagava era de trezentos mil euros por ano.

— Não admira que a cozinha fosse a balbúrdia total. Navot olhou para o menu. Quando voltou a falar, o tom era decididamente menos cordial: Deixa-me ver se eu percebo bem isto. Vou a Itália e ordeno-te que regresses a Israel porque acreditamos que a tua vida possa estar em perigo. Respondes-me que precisas de três dias para acabar um quadro e eu concordo estupidamente. A seguir, no espaço de vinte e quatro horas, venho a descobrir que te escapuliste dos teus guarda-costas e viajaste para Londres para investigar o desaparecimento de um tal Grigori Bulganov, um desertor russo desaparecido. E hoje de manhã recebo uma mensagem a dizer que chegaste a Paris, acompanhado pelo russo número dois, a Olga Sukhova. Deixei escapar alguma coisa? — Tivemos de deixar ficar a gata da Olga na galeria do Julian. Precisas de mandar alguém da base de Londres ir buscá-la. Caso contrário, o Julian é bem capaz de a soltar em pleno Green Park. Gabriel tirou a carta de Grigori do bolso do casaco e deitou-a para cima da mesa. Navot leu-a em silêncio; o seu rosto uma máscara impenetrável. A seguir, olhou novamente para ele.

— Quero saber tudo o que você fez na Inglaterra, Gabriel. Nada de atalhos, rasuras, cortes ou resumos. Compreende?

Gabriel fez um relato completo a Navot, começando pelo primeiro encontro com Graham Seymour e terminando na tentativa de assassinato na porta da casa de Olga.

— Eles destruíram a fechadura? — perguntou Navot.

— Foi um belo pormenor.

— É uma pena que o atirador não tenha percebido que você estava desarmado. Podia ter simplesmente saído do carro e te matado.

— Não está falando sério, Uzi.

— Não, mas dizer isso faz com que me sinta melhor. Muito desleixo para uma equipe de assassinos russos, não acha?

— Não é assim tão fácil matar uma pessoa de um veículo em movimento.

— A não ser que seja Gabriel Allon. Quando marcamos alguém, essa pessoa morre. E os russos também costumam ser assim. São fanáticos pelo planejamento e à preparação. Gabriel acenou com a cabeça, em sinal de concordância. Então, porque iriam enviar um par de amadores até Oxford? Porque partiram do princípio de que seria fácil. Provavelmente, acharam que a segunda linha seria capaz de dar conta do recado.

— Acha que Olga era o alvo e não você?

— Exatamente.

— Como sabe?

— Eu só estava no país há três dias. Até mesmo nós teríamos dificuldade para organizar uma execução assim tão depressa.

— Então, por que não cancelaram a coisa quando viram que ela não estava sozinha?

— É possível que tenham simplesmente achado que eu era um namorado de Olga ou um dos alunos dela, e não alguém que sabe que o melhor é se jogar no chão quando uma fechadura para de funcionar de repente.

Um garçom aproximou-se da mesa. Navot mandou-o embora com um gesto sutil da mão.

— Teria sido mais sensato compartilhar essas observações com Graham Seymour. Ele deixou você comandar sua própria investigação sobre o desaparecimento de Grigori. E como você retribuiu? Escapulindo do país com outro desertor deles.

Navot deu um sorriso amargo. — Eu e Graham podíamos formar nosso próprio clubinho. Homens que confiaram em você e acabaram queimados.

Olhou para Olga e passou do hebraico para o inglês. — Seus vizinhos só repararam nos buracos de bala e na porta da frente

arrombada por volta das oito horas. Como não a encontraram em lugar algum, telefonaram para a polícia de Thames Valley.

— Receio saber o que aconteceu em seguida — respondeu ela. — Como meu endereço tinha indicação especial de segurança, o agente de serviço contatou de imediato o chefe de polícia.

— E adivinhe o que o chefe da polícia fez?

— Suspeito que tenha ligado para o Ministério do Interior. E que o Ministério do Interior tenha procurado Graham Seymour.

Navot desviou o olhar de Olga para Gabriel.

— E o que acha que Graham Seymour fez?

— Ligou para o chefe da nossa base de Londres. Que há três dias já passava discretamente a cidade no pente-fino, a sua procura.

E, a seguir, acrescentou: — E quando o chefe da base veio ao telefone, deu-lhe uma bronca. Parabéns, Gabriel. Conseguiu deixar as relações entre os ingleses e o Escritório no nível mais baixo. Eles querem uma explicação completa do que aconteceu em Oxford na noite passada. E também que devolvam a desertora deles. Graham Seymour espera nos ver em Londres amanhã de manhã, bem cedinho.

— Todos?

— Você, eu e Olga.

Depois, quase como se fosse uma reflexão tardia, acrescentou: — E o Velho também.

— E como Shamron conseguiu se envolver nisso?

— Da maneira de sempre. Shamron tem aversão a vácuos. Vê um espaço vazio e preenche.

— Diga a ele para não sair de Tiberíades. Diga que podemos tratar disso.

— Por favor, Gabriel. Na opinião de Shamron, ainda somos dois garotos tentando aprender a andar de bicicleta, e ele não consegue largar o selim. Além disso, é tarde demais. Ele já está aqui.

— Onde?

— Num apartamento seguro em Montmartre. Olga e eu vamos ficar aqui e aproveitar para nos conhecermos melhor. Shamron gostaria de dar uma palavrinha com você. Em particular.

— Sobre o quê?

— Não me disse. Afinal, sou apenas o chefe de Operações Especiais.

Navot olhou para o menu e franziu o sobrolho. Nada de frango de panela.

— Você sabe como eu gostava do frango de panela do Jo Goldenberg. A única coisa melhor que frango de panela era borscht.

CAPÍTULO 21

MONTMARTRE, PARIS

O prédio de apartamentos ficava na ponta mais a leste de Montmartre, ao lado do cemitério. Tinha um pátio interior bem cuidado e uma escadaria elegante, coberta por uma passadeira já gasta. O apartamento ficava no terceiro andar; da janela da sala de estar, mobilada com conforto, talvez tivesse sido possível ver a cúpula branca da Basílica do Sagrado Coração se Shamron não estivesse a tapar a vista. Ao ouvir a porta a abrir, virou-se lentamente e fitou Gabriel durante um longo momento, como se estivesse a ponderar se devia ordenar que lhe dessem um tiro ou que o atirassem para o meio de cães selvagens. Trazia um fato às riscas cinzento e uma dispendiosa e reluzente gravata de seda prateada. Dava-lhe o ar de um homem de negócios envelhecido da Europa Central, que ganhava dinheiro de maneiras suspeitas e nunca perdia ao bacará.

— Sentimos sua falta ao almoço, Ari.

— Eu não almoço.

— Nem quando vem a Paris?

— Eu detesto Paris. Especialmente no inverno.

Puxou uma cigarreira do bolso e abriu a tampa com o polegar.

— Pensei que tivesse finalmente parado de fumar.

— E eu pensei que você estivesse na Itália terminando um quadro.

Tirou um cigarro, bateu com a ponta na tampa três vezes e enfiou-o entre os lábios. E ainda te perguntas porque eu não me reformo.

O isqueiro soltou uma chama. Não era seu velho Zippo todo amassado, mas uma engenhoca vistosa prateada que, ao comando de Shamron, produziu pequena chama azul. O cigarro, no entanto, era da marca habitual. Sem filtro e turco, lançava um odor acre muito próprio de Shamron, como seu jeito de caminhar e a vontade inabalável de esmagar quem fosse tolo o bastante para se opor a ele. Descrever a influência de Ari Shamron na defesa e segurança do estado de Israel equivalia a explicar o papel desempenhado pela água na formação e manutenção da vida na Terra. Em muitos aspetos, Ari Shamron era o estado de Israel. Tinha combatido na guerra que conduziu à reconstituição de Israel e passara os sessenta anos seguintes a proteger o país de uma multidão de inimigos disposta a destruí-lo. A sua estrela tinha brilhado com maior intensidade em tempos de guerra e de crise. Foi nomeado diretor do Escritório pela primeira vez pouco depois do desastre da Guerra do Yom Kippur, em 1973, e manteve-se no cargo por mais tempo do que qualquer outro chefe antes ou depois dele. Quando uma sucessão de escândalos públicos arrastrou a reputação do Escritório até o nível mais baixo da sua história, Shamron viu a sua reforma ser interrompida e, com a ajuda de Gabriel, fez o serviço regressar à sua antiga glória. E, tal como a primeira, a segunda reforma foi involuntária. Em certos meios, equiparada à destruição do Segundo Templo. O papel de Shamron era agora o de uma eminência parda.

Apesar de já não deter um posto ou título formal, continuava a ser a mão oculta que guiava as políticas de segurança de Israel. Não era invulgar entrar em casa dele à meia-noite e encontrar vários homens amontoados à volta da mesa da cozinha, em mangas de camisa e a gritarem uns com os outros através de uma nuvem densa de fumaça de cigarro e a pobre Gilah, a sua paciente mulher, sentada no quarto ao lado, com seu crochê e seu Mozart, à espera que os rapazes se fossem embora para poder ir tratar da louça. Conseguiste criar um belo alvoroço do outro lado do canal da Mancha, meu filho. Mas a verdade isso já se tornou sua especialidade.

Shamron exalou um fluxo de fumaça em direção ao teto, onde rodopiou à meia-luz, como nuvens de tempestade se acumulando.

— Segundo parece, seu amigo Graham Seymour luta para manter o emprego. Mazel tov, Gabriel. Nada mau para três dias de trabalho.

— Graham vai sobreviver. É o que ele faz sempre.

— E a que custo? — perguntou Shamron, mais a si mesmo do que a Gabriel. — Downing Street e os órgãos superiores do MI5 e do MI6 estão em rebuliço por suas ações. Fazem um burburinho desagradável, ameaçando suspender a cooperação conosco numa ampla série de matérias sensíveis. Precisamos deles neste momento. E você também.

— Por quê?

— Você não reparou, mas os mulás de Teerã estão prestes a finalizar a sua arma nuclear. Eu e o nosso novo primeiro-ministro partilhamos uma filosofia parecida. Não acreditamos em ficar sentadinhos enquanto planejam nossa destruição. E, quando há pessoas a falar em dizimar-nos da face da terra, preferimos levá-los à letra. Perdemos os dois as nossas famílias no primeiro Holocausto e não vamos perder o nosso país por causa de um segundo... pelo menos, sem darmos luta. Shamron tirou os óculos e inspecionou as

lentes, à procura de impurezas. Se formos forçados a atacar o Irã, podemos esperar uma resposta feroz por parte do exército que eles têm no Líbano: o Hezbollah. Fique sabendo que uma delegação do Hezbollah fez recentemente uma viagem secreta a Moscou para umas comprinhas E não estavam à procura de bonecas russas nem de chapcas. Foram falar com seu velho amigo Ivan Kharkov. O que se diz por aí: Ivan vendeu três mil mísseis antitanque Komet instalados em veículos, bem como vários milhares de lança-granadas RPG-32. Segundo parece, também deu um desconto simpático por saber que eles usariam as armas contra nós.

— E temos certeza de que foi Ivan?

— Ouvimos o nome dele ser mencionado em várias interceptações.

Shamron pôs os óculos outra vez e examinou Gabriel minuciosamente durante uns momentos.

— Com adversários como Irã, Hezbollah e Ivan Kharkov, precisamos de amigos onde quer que os possamos encontrar, Gabriel. É por isso que precisamos estar de boas relações com os ingleses. Fez uma pausa. E é por isso que eu preciso que tu termines a tua lua-de-mel interminável e regresses a casa. Gabriel conseguia ver onde a conversa ia dar. Resolveu não facilitar ainda mais a tarefa a Shamron fazendo-lhe uma pergunta que o colocasse logo à sua mercê. Este, visivelmente irritado com o silêncio calculado, esborrachou o cigarro num cinzeiro que estava em cima da mesa de café.

— Há já vários anos que o nosso novo primeiro-ministro é um admirador seu. O mesmo não se pode dizer dos sentimentos dele em relação ao diretor atual do Escritório. Ele e Amos coexistiram brevemente no AMAN [*serviço secreto militar israelense*]. O ódio entre ambos era mútuo e mantém-se até hoje. Amos não vai sobreviver por muito tempo. Na semana passada, num jantar

privado, o primeiro-ministro perguntou quem eu queria que fosse o próximo chefe do Escritório. Dei seu nome, claro.

— Já deixei mais do que claro que não estou interessado no cargo.

— Já ouvi esse discurso antes. É cansativo. E, mais importante ainda, não reflete a realidade atual. O estado de Israel enfrenta uma ameaça sem comparação com qualquer outra da sua história. Se ainda não reparou, não somos muito populares neste momento. a ameaça iraniana significa ainda maior instabilidade e potencial violência em toda a região. O que pretende fazer, Gabriel? Ficar sentado em sua quinta na Itália restaurando quadros para o Papa?

— Sim.

— Isso não é realista.

— Para você não, Ari, mas é isso que pretendo fazer. Dei minha vida ao Escritório. Perdi meu filho. Perdi uma mulher. Derramei o sangue de outros homens e o meu. Acabou-se. Diga ao primeiro-ministro para escolher outra pessoa.

— Ele precisa de você. Seu país precisa de você.

— Está sendo um pouquinho hiperbólico, não acha?

— Não, apenas honesto. O país perdeu a fé nos seus líderes políticos. A nossa sociedade está a começar a desgastar-se. O povo precisa de alguém em quem possa acreditar. Alguém em quem possa confiar. Alguém irrepreensível.

— Eu fui um assassino. Não me consideraria uma pessoa irrepreensível. Tu foste um soldado no campo de batalha secreto. Trouxeste justiça aos que não a podiam procurar eles mesmos. E perdi tudo ao longo do caminho. Quase me perdi a mim mesmo.

— Mas sua vida foi restaurada, como um de seus quadros. Tem a Chiara. Quem sabe? Talvez em breve tenha outra criança.

— Há alguma coisa que eu deva saber, Ari? O isqueiro de Shamron voltou a soltar uma chama. As suas palavras seguintes

foram ditas não para Gabriel, mas para a cúpula da Basílica do Sagrado Coração, iluminada por projetores: — Venha para casa, Gabriel. Assuma o controle do Escritório. Nasceu para isso. Seu futuro ficou determinado quando sua mãe o chamou Gabriel.

— Isso foi exatamente o que disse quando me recrutou para a Operação Ira de Deus.

— Foi?

Shamron esboçou um ligeiro sorriso, recordando-se.

— Não admira que na época tivesse dito sim.

Há já vários anos que Shamron andava a fazer alusões a um cenário desse gênero, mas até então nunca o tinha afirmado de forma tão inequívoca. Gabriel, se fosse suficientemente tolo para aceitar a proposta, sabia perfeitamente como passaria o resto da vida. Na verdade, bastava-lhe olhar para o homem que tinha à sua frente. Comandar o Escritório tinha arruinado a saúde a Shamron e lançado o caos na sua vida familiar. O país considerava-o um tesouro nacional, mas, no que aos filhos dizia respeito, Shamron era o pai que nunca estivera presente. O pai que tinha faltado a festas de anos e aniversários. O pai que viajava em carros blindados, rodeado por homens armados. Não era a vida que Gabriel queria, tal como não pretendia infligi-la àqueles de quem gostava. Mas dizer agora essas palavras a Shamron não era uma opção. O melhor era dar a entender que havia ainda uma réstia de esperança e tirar proveito da situação. Shamron compreenderia isso. Seria exatamente assim que ele procederia se os papéis estivessem invertidos.

E quanto tempo eu teria até ter de assumir o controle? — Isso quer dizer que aceitas o cargo? — Não, quer dizer que vou pensar na proposta... com duas condições.

— Eu não gosto de ultimatos. A OLP aprendeu essa lição à bruta.

— Queres ouvir as minhas condições? — Se insistes.

— Número um: acabar o meu quadro.

Shamron fechou os olhos e assentiu com a cabeça.

— E a segunda? — Tirar Grigori Bulganov da Rússia antes que Ivan o mate. — Já receava que fosses dizer isso. Shamron deu uma última passa no cigarro e apagou-o, esmagando-o no cinzeiro lentamente. Vai ver se há café por aqui. Sabes que sou incapaz de discutir uma operação sem café.

CAPÍTULO 22

MONTMARTRE, PARIS

Gabriel deitou café dentro da cafeteira de êmbolo e fez um relatório a Shamron enquanto esperava que a água fervesse. Shamron estava sentado à mesinha, sem se mexer, em mangas de camisa e com os dedos das mãos, cheias de manchas de fígado, entrelaçados por baixo do queixo. Mexeu-se pela primeira vez para ler a carta que Grigori tinha deixado a Olga Sukhova em Oxford, e, passado um momento, para aceitar a sua primeira xícara de café. Estava a deitar-lhe açúcar quando anunciou o seu veredicto: É óbvio que Ivan está a planejar perseguir e matar toda a gente que esteve envolvida na operação contra ele. Primeiro, foi atrás de Grigori. Depois, da Olga. Mas a pessoa que ele realmente quer és tu.

— Então, o que queres que eu faça? Que passe o resto da minha vida escondido? Gabriel abanou a cabeça. Citando o grande Ari Shamron, não acredito em ficar sentadinho enquanto há gente a planejar a minha destruição. A mim, parece-me que temos escolha. Podemos viver com medo, ou podemos ripostar.

— E como sugeres que façamos isso? — Tratando Ivan e os agentes deles como se fossem terroristas. Acabando com eles antes que possam ir atrás de mais alguém. E, se tivermos sorte, pode ser que consigamos recuperar Grigori Por onde pensas começar? Gabriel abriu o fecho da pequena mala de fim-de-semana e tirou de lá uma fotografia ampliada de um grande Mercedes com duas pessoas no banco de trás. Shamron pôs uns óculos de leitura em meia lua já amolgados e examinou a imagem. A seguir, Gabriel colocou outra fotografia à frente dele: a que tinha sido anexada à carta de oxford. Grigori e Irina em tempos mais felizes...

— Suponho que saibamos como conseguiram que ele entrasse no carro tão tranquilamente disse Shamron. Partilhaste isso com os teus amigos ingleses? — Sou capaz de me ter esquecido enquanto estava a fugir do país, apenas um passo à frente de uma equipe de assassinos russos. Acompanhado pela desertora do Graham Seymour. Shamron examinou a fotografia minuciosamente durante uns momentos. Diz-me o que tens em mente, meu filho.

— Eu fiz uma promessa a Grigori na noite em que ele me salvou a vida. Pretendo cumprir essa promessa.

— Grigori Bulganov tem um passaporte britânico. Isso torna-o um problema britânico.

— O Graham Seymour deixou-me uma coisa mais do que evidente em Londres, Ari. No que diz respeito aos ingleses, Grigori é meu desertor e não deles. E se eu não o tentar recuperar, ninguém o fará.

Shamron bateu com as pontas dos dedos na fotografia.

— E achas que ela te pode ajudar? — Ela viu as caras deles. Ouviu-lhes as vozes. Se conseguirmos chegar a ela, pode ajudar-nos.

— Então e se ela não estiver disposta a ajudar-te? E se participou na operação de livre vontade? Suponho que tudo é possível...

— Mas...? Duvido disso muito seriamente. Com base no que Grigori me contou, a Irina detestava o FSB e tudo o que ele representava.

Foi uma das razões para o casamento deles se ter desfeito. E houve alguma outra razão? Ela tinha vergonha de Grigori por ele aceitar dinheiro de Ivan Kharkov. Chamava-lhe dinheiro sujo. Recusava-se a usá-lo. De repente, a Irina mudou de opinião. Os russos são capazes de ser muito persuasivos, Gabriel. Se há uma coisa que aprendi nesta vida, toda a gente tem um preço.

És capaz de ter razão, Ari. Mas não vamos poder ter certeza enquanto não lhe perguntarmos.

— Uma conversa? É isso que estás a sugerir? — Qualquer coisa desse gênero.

— E o que te leva a crer que eles não a mataram? — Liguei-lhe para o escritório hoje de manhã. Ela atendeu o telefone. Shamron bebeu um pouco de café e ponderou as implicações da afirmação de Gabriel.

— Deixa-me pôr uma coisa bem clara logo de início. Em nenhuma circunstância, tu ou qualquer outra pessoa que tenha feito parte da operação inicial contra Ivan poderão voltar a Moscou.

Nunca.

— Eu não faço qualquer tenção de voltar.

— Então, como vais organizar um encontro com ela? Gabriel revelou as linhas gerais do seu plano. Shamron rodopiou o isqueiro nas pontas dos dedos enquanto escutava: duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda.

— Tem uma falha. Estás a presumir que ela vai colaborar.

— Não estou a presumir nada.

— Terás de lidar com ela com cuidado até teres certeza onde reside a sua lealdade.

— E depois disso também.

— Calculo que gostaria de utilizar sua antiga equipe.

— Poupa tempo não termos de nos familiarizar com outras pessoas.

— E quanto dinheiro isso me vai custar?

Gabriel pôs mais café na xícara de Shamron e sorriu. O Velho tinha trabalhado para o Escritório numa altura em que era necessário contar todos os tostões e continuava a agir como se os fundos operacionais saíssem diretamente de seu próprio bolso.

— Cem mil devem ser suficientes.

— Cem mil!

— Ia pedir duzentos.

— Vou transferir os fundos para sua conta em Zurique amanhã. Mal tenha instalado uma base de operações, envio a equipe. E o que vai dizer a Amos?

— O mínimo possível.

— E aos ingleses?

— Deixa isso comigo. Vou informá-los de seus planos e deixar bem claro que compartilharemos todas e quaisquer informações que descobrir.

Shamron interrompeu-se por instantes. — Vai compartilhar sem problema, não vai, Gabriel?

— Sem dúvida.

— Para ser honesto, tenho certeza de que eles ficarão aliviados por tratarmos disso. A última coisa que Downing Street quer é outro confronto com os russos... não com a economia britânica ligada à máquina de respiração artificial. Estão mais interessados em garantir que o dinheiro russo continua a entrar nos bancos londrinos.

— Isso deixa-nos com um problema.

— Só um?

— Olga.

— Amanhã, devolvo-a aos ingleses e carrego suas culpas. Trouxe-lhes um presentinho comigo, uns zunzuns que temos ouvido

no Líbano sobre uma possível conspiração terrorista em Londres.

— Pode falar dos zunzuns no Líbano, Ari, mas, lamento, Olga não volta já ao Reino Unido.

— Não pode deixar que fique aqui em Paris.

— Não pretendo. Vou levá-la comigo. Ela é realmente boa, sabe? Alguma coisa me diz que a minha estada em Londres não será agradável.

Shamron deu um gole no café.

— É melhor falar com Uzi. Não mencione a nossa conversa sobre o controle do Escritório. Ele não vai ficar encantado com a perspectiva de trabalhar para você.

— Eu nunca disse que aceitaria o cargo, Ari. Disse que pensaria nisso.

— Eu ouvi da primeira vez. Mas sei que não me enganaria, não em relação a uma coisa tão importante quanto esta.

— Preciso que me faça outro favor enquanto estiver em Londres.

— Qual é?

— Tive de deixar a gata da Olga com Julian Isherwood.

Shamron recomeçou a dar voltas com o isqueiro.

— Detesto gatos. E a única coisa que detesto mais do que os gatos que mentem.

CAPÍTULO 23

LAGO COMO, ITÁLIA

O lago de Como fica no canto nordeste da região da Lombardia, apenas a poucos quilômetros da fronteira com a Suíça. Com a forma de um Y invertido, encontra-se rodeado por gigantescos picos alpinos e polvilhado de cidadezinhas e aldeias pitorescas. Um dos lagos mais profundos da Europa, infelizmente também está entre os mais poluídos. Na verdade, um estudo recente levado a cabo por um grupo ambiental italiano concluiu que os níveis de batérias eram sessenta e oito vezes superiores ao limite máximo permitido para as pessoas poderem tomar banho em segurança. Os culpados seriam os sistemas de esgoto antiquados junto ao lago, que vertiam das quintas e vinhas próximas, e uma redução da pluviosidade e da acumulação de neve nas montanhas, atribuída, correta ou incorretamente, ao aquecimento global. Pressionado pela indústria local de turismo, o governo prometera tomar medidas vigorosas para impedir que o lago se perdesse para todo o sempre. A maioria dos italianos não estava propriamente à espera que acontecesse alguma coisa. O governo assemelhava-se bastante a um velhaco encantador a fazer promessas, mas não tão bom a cumpri-las.

No entanto, estar nos terraços da Vila Teresa era o mesmo que esquecer pura e simplesmente que as magníficas águas do lago de Como se encontravam sequer afetadas. Na verdade, em certas alturas do dia e com a luz e as condições meteorológicas apropriadas, Podia até imaginar-se que não havia nenhuma coisa chamada aquecimento global, que não havia nenhuma guerra no Iraque nem no Afeganistão nenhuma crise financeira mundial, nem qualquer possível ameaça a pairar sobre o círculo de montanhas protetoras. Construída no século XVIII por um rico comerciante milanês, a villa ficava localizada na sua própria pequena península. Tinha três andares, num tom laranja-escuro, e apenas se podia lá chegar de barco um fato que Herr Heinrich Kiever, o chefe de

operações da Matrix Technologies, uma empresa sediada em Zug, na Suíça, considerava altamente apelativo.

Segundo parecia, Herr Kiever andava à procura de um retiro isolado onde seus empregados pudessem terminar o projeto no qual trabalhavam, sem distrações e num cenário que inspirasse a grandeza. Depois de uma pequena visita, declarou que a Vila Teresa era a imagem da perfeição. Os contratos foram assinados durante o café, na pequena cidade de Laglio, local de residência de uma estrela de cinema americana cuja presença, extremamente publicitada, em Como era, na opinião de muitos dos habitués de longa data, a pior coisa que acontecera ao lago desde a invenção do motor a gasolina. Herr Kiever pagou o valor total do arrendamento com um cheque visado, levantado no seu banco em Zurique. A seguir, informou o agente imobiliário de que necessitava de privacidade total, o que significava nada de arrumadeiras, cozinheiros ou telefonemas de acompanhamento da agência. Se houvesse algum problema, explicou, o agente seria o primeiro a saber.

Herr Kiever instalou-se na villa nessa mesma tarde, juntamente com duas mulheres. Uma era uma morena estonteante, com um rosto que parecia um ícone russo; a outra, uma italiana atraente que vinha acompanhada por dois guarda-costas iguais. Sem que tal chegasse ao conhecimento da agência imobiliária, Herr Kiever e os guarda-costas tiveram uma discussão curta mas acalorada antes de efetuarem uma inspeção meticulosa à propriedade, à procura de microfones ocultos ou de outros equipamentos de escuta. Convencidos de que a vila se encontrava segura, ocuparam os respetivos quartos e esperaram pela chegada dos restantes hóspedes. Ao todo, eram seis, quatro homens e duas mulheres, e não vinham de Zug, mas sim de um anônimo prédio do Boulevard King Saul, em Tel Aviv. Tinham viajado para a Europa em separado, usando nomes falsos e munidos de passaportes falsos. Três aterrissaram em Roma e fizeram a viagem de carro para norte;

três aterrissaram em Zurique e seguiram de carro para sul. Por um qualquer milagre, chegaram ao local de desembarque privativo apenas com cinco minutos de intervalo. Herr Kiever, que estava à espera deles para lhes dar as boas-vindas, declarou que isso era um bom presságio. Os seis viajantes coibiram-se de comentar. Já tinham navegado sob o comando de Herr Kiever e sabiam que as águas mais calmas davam muitas vezes lugar a mares fustigados por tempestades, com pouco ou nenhum aviso.

Quem também o sabia era o mais recente elemento a juntar-se a este ilustre bando de agentes: Olga Sukhova. Conheciam-na de nome e reputação, claro, mas nenhum deles se encontrara antes com a afamada jornalista russa. Gabriel encarregou-se das apresentações de uma forma deliberadamente evasiva, como só um veterano do mundo da espionagem seria capaz de fazer. Forneceu nomes próprios a Olga, mas não fez qualquer referência a cargos atuais ou façanhas profissionais anteriores. Para Gabriel, os seis indivíduos eram folhas em branco, ferramentas que lhe tinham sido emprestadas por um poder superior.

Aproximaram-se dela dois a dois e apertaram-lhe a mão cuidadosamente.

As mulheres, Rimona e Dia, foram as primeiras. Rimona tinha trinta e tal anos e cabelo pelos ombros, da cor do arenito de Jerusalém. Major do exército com funções no IDF1, trabalhara como analista no AMAN durante vários anos, tendo sido depois transferida para o Escritório, onde fazia atualmente parte de uma força especial dedicada ao Irã. Dina, elegante e de cabelo escuro, era uma especialista do Escritório em terrorismo que conhecera pessoalmente os seus horrores. Em Outubro de 1994, estava na Praça Dizengoff, em Tel Aviv, quando um terrorista do Hamas detonou o seu cinto suicida a bordo de um ônibus da carreira número 5. Morreram vinte e uma pessoas nesse dia, incluindo a mãe de Dina e duas das suas irmãs. A própria Dina tinha ficado gravemente ferida

na perna e ainda coxeava ligeiramente. Seguiram-se dois homens, dos seus quarenta anos, Yossi e Yakov.

Alto e com pouco cabelo, Yossi trabalhava atualmente no Escritório de Investigação da Rússia, como o Mossad se referia a sua divisão de análise de dados. Tinha lido os clássicos no All Souls College, em Oxford, e falava com um sotaque britânico pronunciado. Yaakov, um homem compacto, com cabelo preto e faces bexigosas, tinha o ar de quem nunca perderia tempo com livros e conhecimento. Ao longo de muitos anos, exercera funções no Escritório de Assuntos Árabes do Shin Bet, os serviços de segurança internos de Israel, recrutando espiões e informantes na Cisjordânia e em Gaza. Tal como Rimona, tinha sido transferido recentemente para o Escritório e estava naquele momento supervisionando agentes no Líbano.

A seguir, veio uma dupla de contrários com um atributo em comum. Falavam ambos fluentemente o russo. O primeiro era Eli Lavon. Uma figura pequena e delicada, com cabelo grisalho fino e olhos castanhos inteligentes, Lavon era considerado o melhor artista de vigilância de rua que o Escritório produzira. Tinha trabalhado lado a lado com Gabriel em inúmeras operações e era o mais próximo que Gabriel tinha de um irmão. Tal como Gabriel, os laços que uniam Lavon ao Escritório eram tênues. Professor de Arqueologia Bíblica na Universidade Hebraica de Jerusalém, podia ser habitualmente encontrado enterrado até a cintura em valas de escavações, vasculhando no meio do pó e dos artefatos do passado antigo de Israel. Duas vezes por ano, dava palestras sobre técnicas de vigilância na Academia, e não parava de ver sua aposentadoria interrompida por Gabriel, que nunca se sentia verdadeiramente confortável no terreno sem o lendário Eli Lavon dando proteção.

A figura ao lado de Lavon tinha olhos da cor das geleiras, o rosto pálido com ossos delicados. Nascido em Moscou, filho de dois cientistas judeus dissidentes, Mikhail Abramov fora para Israel na

adolescência, a poucas semanas do colapso da União Soviética. Descrito uma vez por Shamron como "o Gabriel sem consciência", juntara-se ao Escritório após ter sido membro das forças especiais Sayeret Matkal, a serviço das quais matara vários líderes dos terroristas do Hamas e da Jihad Islâmica palestina. Mas os seus talentos não se limitavam às armas; no Verão anterior, em Saint-Tropez, infiltrara-se no séquito de Ivan Kharkov, juntamente com uma agente da CIA chamada Sarah Bancroft. De todos os que se encontravam reunidos na vila, Mikhail tinha sido o único a ter o distinto desprazer de partilhar efetivamente uma refeição com Ivan. Mais tarde, admitiu que fora a experiência mais aterrorizadora da sua vida profissional e isto vindo de um homem que perseguira terroristas ao longo das terras bravias dos Territórios Ocupados.

Nos corredores e nas salas de reunião do Boulevard King Saul, estas seis pessoas eram conhecidas pelo nome de código de "Barato" a palavra hebraica para relâmpago —, devido à capacidade de se reunirem e atacarem rapidamente. Tinham atuado em conjunto, muitas vezes em condições de estresse insuportável, em campos de batalha secretos que se estendiam de Moscou a Marselha, passando pela ilha particular caribenha de São Bartolomeu. Normalmente, comportavam-se de uma maneira altamente profissional e com poucas irrupções de egotismo ou mesquinhez. De vez em quando, um assunto aparentemente trivial, como a atribuição dos respetivos quartos, podia desencadear explosões de infantilidade e instantes de mau humor. Incapazes de resolverem por si mesmos a disputa, voltavam-se para Gabriel, o soberano sábio, que impunha unilateralmente um acordo e arranjava forma de não satisfazer ninguém, O que, bem vistas as coisas, todos acabavam por considerar justo.

Depois de estabelecerem uma ligação segura com a Avenida Rei Sal, juntaram-se para um jantar de trabalho. Comeram como uma família que voltava a encontrar-se, coisa que em muitos aspetos

eram, embora a sua conversa fosse mais circunspecta do que o habitual, devido à presença de um estranho. Pelos seus olhares inquiridores, Gabriel conseguia perceber que tinham ouvido rumores em Tel Aviv. Rumores de que Amos já pertencia ao passado. Rumores de que Gabriel estaria prestes a ocupar o lugar que lhe pertencia por direito, na suíte do diretor na Boulevard King Saul. Apenas Rimona, sobrinha de Shamron por afinidade, se atreveu a perguntar se era verdade. Fê-lo num sussurro e em hebraico, para que Olga não pudesse compreender. Quando Gabriel fingiu não ouvir, ela deu-lhe um pontapé à socapa no tornozelo, uma admoestação que só alguém da família de Shamron se atreveria a tentar.

Mudaram-se para o salão depois do jantar e foi aí que, em frente de uma lareira a crepitar, Gabriel levou a cabo o primeiro briefing formal da operação. Grigori Bulganov, russo que salvara a vida a Gabriel por duas vezes, tinha sido raptado por Ivan Kharkov e levado para a Rússia, onde estava, com toda a probabilidade, a ser submetido a um interrogatório severo que terminaria com a sua execução. Iriam trazê-lo de volta, disse Gabriel, e dar cabo dos agentes de Ivan. E começariam a sua missão com uma extração e um interrogatório realizados por eles próprios.

Noutro país, noutra agência de serviços secretos, uma proposta desse gênero poderia ter sido recebida com expressões de incredulidade ou até mesmo de gozo. Mas não no Escritório. Aí, havia uma palavra para esse tipo de pensamento fora do convencional: meshuggah, que em hebraico significava louco ou insensato. No Escritório, não havia ideia meshuggah demais. Às vezes, quanto mais meshuggah, melhor. Era um estado de espírito; era o que tornava o Escritório grande.

E havia ainda outra coisa que os distinguia dos outros serviços: a liberdade que os agentes de categoria inferior tinham para fazer sugestões e até para colocar em causa as suposições dos

seus superiores. Gabriel não se sentiu minimamente ofendido quando a sua equipe se lançou numa rigorosa decomposição do plano. Embora fossem uma mistura eclética — na verdade, em relação à maioria deles, a ideia nunca fora serem agentes operacionais —, tinham levado a cabo algumas das operações mais intrépidas e perigosas da história do Escritório. Tinham assassinado e raptado, cometido fraudes, roubos e falsificações. Eram os segundos olhos de Gabriel, a rede de segurança de Gabriel.

A discussão durou outra hora. Quase sempre, foi conduzida em inglês, para benefício de Olga, mas por vezes recorria-se ao hebraico, por razões de segurança ou por não haver mais nenhuma linguagem que servisse. Ocasionalmente, havia instantes em que o mau feitio aflorava ou se ouvia um ou outro insulto, mas, na maior parte do tempo, o tom manteve-se cortês. Quando foi resolvida a última questão, Gabriel finalizou a sessão e dividiu a equipe em vários grupos de trabalho. Yaakov e Yossi ficariam incumbidos de adquirir os veículos e verificar a segurança dos percursos. Dina, Rimona e Chiara prepariam toda a organização em termos dos disfarces que serviriam de cobertura e criariam o necessário conjunto de sites da Internet, brochuras e convites. Os membros que falavam russo, Mikhail e Eli Lavon, encarregar-se-iam do interrogatório propriamente dito, com Olga a servir de consultora. Gabriel não tinha nenhuma tarefa específica, a não ser supervisionar tudo e preocupar-se. Era apropriado, pensou, pois tratava-se de um papel que Shamron já tinha desempenhado muitas vezes.

À meia-noite, depois de a mesa ter sido levantada e a louça lavada, subiram as escadas em direção aos quartos, uns atrás dos outros, para dormirem algumas horas. Gabriel e Chiara, sozinhos na suíte principal, fizeram amor silenciosamente. A seguir, ficaram deitados ao lado um do outro, na escuridão, com Gabriel a olhar fixamente para o teto e Chiara a passar-lhe o dedo suavemente pela face.

Onde estás? — perguntou ela.

Moscou — respondeu ele.

E o que estás a fazer? A observar a Irina.

E o que vês? Ainda não tenho bem certeza.

Chiara ficou em silêncio por um momento.

Ficas mais contente do que nunca quando eles estão por perto, Gabriel. Talvez o Uzi tivesse razão. Talvez o Escritório seja a única família que possuis.

Tu és a minha família, Chiara.

Tem certeza de que queres deixá-los? Tenho certeza.

Ouvi dizer que Shamron tem outros planos.

Costuma ter sempre.

— E quando vai dizer-lhe que não vai aceitar o cargo?

— Assim que tirar Grigori dos russos.

— Prometa uma coisa, Gabriel. Prometa que não vai se aproximar demais de Ivan. Beijou-o. — Ele gosta de quebrar coisas bonitas.

CAPÍTULO 24

BELLAGIO, ITÁLIA

A Northern Italian Travel Association [Associação de Agências de Viagens do Norte da Itália], ou NITA, ocupava um conjunto de pequenos escritórios numa exígua via de pedestre na cidade de Bellagio ou, pelo menos, era isso que alegava. A missão que afirmava ter era a de encorajar o turismo no Norte da Itália, promovendo agressivamente a beleza e o estilo de vida incomparáveis da região, com os seus esforços a direcionarem-se em especial aos agentes de turismo e escritores de viagens de outros

países. Um site da associação apareceu on-line pouco tempo depois de a equipe de Gabriel se ter reunido na margem oposta do lago, na Villa Teresa. Assim como uma bonita brochura, impressa não na Itália mas sim em Tel Aviv, e um convite para o terceiro seminário e mostra anual de Inverno no Grand Hotel Villa Serbelloni algo de estranho, uma vez que ninguém do Serbelloni teria sido capaz de se recordar de um primeiro seminário e mostra anual, ou de um segundo.

Faltando apenas setenta e duas horas para o início da conferência, foi com grande consternação que os organizadores foram informados de um cancelamento de última hora e começaram à procura de um substituto. O nome de Irina Bulganova, da Galaxy Travel, na Rua Tverskaya, em Moscou, surgiu rapidamente. Fosse a NITA uma associação de agências de viagens igual às outras e talvez tivesse havido dúvidas em relação à possibilidade de a Sra. Bulganova conseguir viajar para Itália assim tão de repente, No entanto, a NITA possuía meios e métodos a que nem as organizações mais sofisticadas tinham acesso. Entraram no computador dela e inspecionaram a sua agenda de compromissos. Leram-lhe os e-mails e ouviram os telefonemas dela. Os colegas que se encontravam em Moscou seguiram a Sra. Bulganova para todo o lado e até lhe espreitaram para o passaporte para confirmar que estava tudo em ordem.

As investigações efetuadas revelaram muito sobre o estado confuso das suas relações pessoais. Descobriram, por exemplo, que a Sra. Bulganova tinha deixado o namorado recentemente e pelas razões mais vagas; descobriram que andava com dificuldades em dormir à noite e que preferia a música à televisão; descobriram que tinha feito um telefonema para o quartel-general do FSB não há muito tempo, solicitando informações sobre o paradeiro do ex-marido, e que perante as suas perguntas se tinham livrado dela de uma forma seca. Vendo bem as coisas, acreditavam que uma mulher

na posição da Sra. Bulganova pudesse apreciar com entusiasmo a oportunidade de fazer uma visita a Itália com todas as despesas pagas. E qual o moscovita que não apreciaria? No dia em que foi enviado o convite, a previsão meteorológica alertava para fortes nevascas e temperaturas que podiam atingir os vinte graus negativos. Foi enviado via e-mail e assinado por nada mais, nada menos do que Veronica Ricci, diretora-geral da NITA. O convite começava com um pedido de desculpas pela natureza tardia da proposta e concluía prometendo viagens de avião em primeira classe, alojamento num hotel de luxo e cozinha italiana gourmet. Se a Sra. Bulganova decidisse comparecer — e a NITA mantinha a fervorosa esperança de que o fizesse —, seguir-se-iam um pacote informativo, bilhetes de avião e uma cesta de boas-vindas. O e-mail esquecia-se de referir que os referidos materiais já se encontravam em Moscou e que seriam entregues por uma empresa transportadora que não existia. Tal como não mencionava o fato de que a senhora Bulganova permaneceria sob vigilância para haver a garantia de não estar a ser seguida por agentes de Ivan Kharkov. Restava apenas o pedido: que respondesse o mais depressa possível, de modo a que fossem tomadas outras providências, no caso de ela não poder comparecer.

Felizmente, tal contingência não viria a ser necessária, pois exatamente sete horas e doze minutos após o e-mail ter sido enviado, chegou uma resposta de Moscou. Na Vila Teresa, os festejos foram ruidosos mas curtos. Irina Bulganova viajaria para Itália. E havia muito trabalho para fazer.

Em todas as operações, gostava Shamron de dizer, há um ponto de obstrução. Se for ultrapassado com sucesso, a operação pode navegar facilmente em direção ao mar aberto. Mas basta haver um desvio no rumo, mesmo que seja de poucos graus, e é possível que ela fique encalhada num banco de areia ou, pior ainda, que se desfaça por completo contra as rochas. Para esta operação, o ponto

de obstrução era nada mais, nada menos do que a própria Irina. Naquele preciso momento, continuavam sem saber se ela era uma dádiva dos Céus ou se lhes poderia trazer o Diabo até a porta de casa. Se soubessem lidar bem com ela, a operação poderia ficar na história como uma das melhores da equipe. Se cometessem algum erro, era possível que ela pudesse causar a morte de todos eles. Ensaiaram tudo como se as suas vidas dependessem disso.

O russo de Mikhail era superior ao de Eli Lavon e, por isso, seria Mikhail, apesar da sua juventude, quem iria fazer de interrogador Principal. Lavon, abençoado com uma cara amável e uma aparência nada ameaçadora, desempenharia o papel de protetor e sábio. A única variável, claro, era a própria Irina. Olga ajudou-os a prepararem-se para qualquer contingência. Seguindo as instruções de Gabriel, mostrava-se aterrorizada num minuto e beligerante no outro. Amaldiçoou-os e insultou-os sem parar, desatou a chorar, fez voto de silêncio e, por uma vez, chegou mesmo a atirar-se a eles numa fúria cega. Chegados à última noite, Mikhail e Lavon tinham Plena confiança de que estavam preparados para toda e qualquer versão de Irina que pudessem encontrar. Tudo aquilo de que precisavam agora era da estrela do espetáculo.

Mas seria ela um peão de Ivan ou uma vítima dele? Era a questão que os atormentava desde o início e que, ao longo daquela última e longa noite de espera, ocupou primeiramente seus pensamentos. Gabriel deixou claro que acreditava em Irina, mas era o primeiro a admitir que sua fé tinha de ser analisada segundo o prisma do seu bem conhecido apreço pelas mulheres russas. As mulheres, dizia vezes sem conta, eram a única esperança da Rússia. Havia outros membros da equipe, Yaakov em particular, que adoptavam uma visão bastante menos otimista daquilo que os aguardava. Yaakov tinha visto a raça humana no seu pior e temia que estivessem prestes a acolher um dos agentes de Ivan no seu seio. O fato de ela ainda continuar viva, argumentava, era a prova da sua

perfídia. “Se Irina fosse boa, Ivan já a teria matado”, dizia. “É isso que Ivan faz.” Com a ajuda dos agentes em Moscou e no Boulevard King Saul, mantiveram os preparativos finais de Irina sob vigilância apertada, à procura de sinais de deslealdade. Na véspera da sua viagem, acompanharam um par de telefonemas dela, para uma amiga de infância, o outro para a mãe. Ouviram o despertador tocar a uma hora imprópria, 2h30 da madrugada, e voltaram a ouvi-lo disparar dez minutos mais tarde, enquanto ela tomava banho. E, às três e cinco, vislumbraram uma amostra do seu mau feitio quando ligou para a empresa de limusines para lhes dizer que o carro ainda não tinha chegado. Mikhail, que estava a ouvir a gravação da chamada através da ligação segura, recusou-se a traduzi-la para o resto da equipe. A não ser que Irina fosse uma atriz premia da, disse ele, a fúria dela era verdadeira.

Acabou que o carro se atrasou apenas quinze minutos, coisa espantosa para fim de janeiro, e ela chegou ao Aeroporto Sheremetyevo às 3h45. Shmuel Peled, agente da base de Moscou, viu-a de relance quando saiu do carro em fúria apressada e entrou no terminal. O avião, o voo 606 da Austrian Airlines, partiu na hora prevista e chegou ao Aeroporto Schwechat, em Viena, às 6h47 locais. Dina, que pegara um avião para a capital austríaca no dia anterior, estava à espera quando ela saiu da serpentina. Seguiram para o portão de embarque, separadas por uma distância considerável, e instalaram-se nos seus lugares de primeira classe, na terceira fila — Irina no 3C, junto ao corredor, e Dina no 3A, à janela, que, ao aterrissarem em Milão, enviou uma mensagem a Gabriel. A estrela tinha chegado. O espetáculo estava prestes a começar.

Assim que as portas do avião se abriram, Irina já estava outra vez em movimento, a caminho da área de controle de passaportes, num ritmo rápido e decidido, próprio de uma parada militar, e com o queixo levantado, em jeito de desafio. Como a maior parte dos russos, tinha pavor a encontros com homens de uniforme e

apresentou os seus documentos de viagem como se estivesse preparada para o combate. Após ter sido autorizada a entrar na Itália sem quaisquer demoras, dirigiu-se para o hall das chegadas, onde se encontrava Chiara, segurando um letreiro que dizia:

NITA DÁ AS BOAS-VINDAS A IRINA BULGANOVA, DA GALAXY TRAVEL.

Lior e Motti, os sempre presentes guarda-costas de Chiara, passavam o tempo num quiosque de informações ali perto, mas sem nunca tirarem os olhos de cima da sua presa.

Ninguém pareceu reparar em Dina no momento em que esta avançou para o exterior do aeroporto, para a área de recolha de passageiros, onde Gabriel se encontrava, parado à porta de um luxuoso miniônibus alugado e com um fato preto de motorista e uns óculos de sol muito grandes. Atrás dele, com dois carros a separá-los, Yaakov estava sentado ao volante de um grande Lancia, a fazer de conta que lia as páginas de desporto do Corriere della Sera. Dina sentou-se no banco da frente e ficou a ver Irina a entrar no miniônibus. Depois de as inspecionar rapidamente, à procura de transmissores que permitissem indicar a sua localização, Gabriel colocou as malas dela na bagageira.

A viagem demorou noventa minutos. Tinham-na ensaiado por diversas vezes e, chegados àquela manhã, podiam tê-la feito de olhos fechados. Após saírem do aeroporto, seguiram para nordeste, atravessando uma série de cidadezinhas e aldeias, até a cidade de Como. Se o Hotel Villa Serbelloni fosse o seu verdadeiro destino, teriam evitado o lago e o seu Y invertido e avançado diretamente Para Bellagio. Em vez disso, seguiram pela parte mais ocidental da linha da costa, até Tremezzo, e pararam numa doca privada. Esperava-os um barco, com Lior ao leme e Movi na popa, que transportou Chiara e Irina lentamente, ao longo das águas tranquilas

da enseada e até a grande villa laranja-escura, localizada na ponta da sua própria península. No imponente foyer de entrada havia um homem com olhos da cor das geleiras e um rosto pálido de ossos delicados.

— Bem-vinda à Itália — disse ele a Irina num russo perfeito. — Posso ver seu passaporte, por favor?

CAPÍTULO 25

LAGO COMO, ITÁLIA

Existe uma gravação áudio do que se passou a seguir. Tem um minuto e doze segundos de duração e encontra-se até hoje nos arquivos do Boulevard King Saul, onde é considerado obrigatório ouvi-la, pelas lições em termos das artes do ofício e, igualmente em grande escala, pelo seu puro valor de entretenimento. Gabriel avisara-os em relação ao temperamento de Irina, mas nada os podia ter preparado para a ferocidade da sua reação. Mais tarde, Eli Lavon, o arqueólogo bíblico, descreveria esses acontecimentos como uma das batalhas mais épicas da história do povo judeu.

Gabriel não esteve presente para assistir. Nesse momento, ia a atravessar a enseada de barco e escutando tudo por um minifone. Ao ouvir o que julgou ser uma jarra de cristal se estilhaçando, apressou-se na direção da villa e espiou a sala de jantar. Nessa altura, a escaramuça já terminara e tinha sido declarada uma cessação temporária das hostilidades. Irina estava sentada num dos lados da mesa retangular, respirando com dificuldade devido ao esforço exercido, com Yaakov e Rimona segurando-a pelo braço. Yossi estava em pé, mais afastado, com a camisa rasgada e quatro arranhões paralelos nas costas da mão. Dina estava junto dele, face esquerda ardendo e vermelha, como se tivesse acabado de ser esbofeteada o que acontecera de fato. Mikhail estava bem em frente a Irina, do outro lado da mesa e de rosto inexpressivo. Tinha Lavon a seu lado, um anjo apaziguador, olhos postos nas mãos minúsculas, como se tivesse achado todo aquele lamentável espetáculo profundamente constrangedor.

Gabriel escapuliu discretamente para a biblioteca, onde Olga Sukhova, antiga jornalista socialmente engajada e atual membro de

pleno direito da equipe, estava sentada diante de um monitor de vídeo e fones na cabeça. Gabriel sentou-se ao lado dela e colocou um segundo par de fones, olhando depois para a tela. Mikhail estava agora a folhear as páginas do passaporte de Irina, lentamente, com uma insolência burocrática. Pôs o documento em cima da mesa e olhou fixamente para Irina durante uns momentos, antes de recomeçar por fim a falar em russo. Gabriel destapou um ouvido e pôs-se a escutar a tradução de Olga assim que o interrogatório teve início.

— Seu nome é Irina Iosifovna Bulganova, nascida em Moscou, em dezembro de 1965?

— Correto.

— Irina Iosifovna Bulganova, ex-mulher de Grigori Bulganov, do Serviço Federal de Segurança da Federação Russa?

— Correto.

— Irina Iosifovna Bulganova, traidora e espiã a serviço dos inimigos da Federação Russa?

— Não sei do que está falando.

— Eu acho que sabe. Acho que sabe exatamente do que estou falando.

Olga tirou os olhos do monitor.

—Ele não devia ser tão bruto com ela. A pobre mulher está aterrorizada.

Gabriel não deu resposta. Mais lá para a frente, talvez Mikhail pudesse aliviar um pouco a pressão, mas não naquele momento. Primeiro, precisavam de respostas para umas quantas perguntas. Seria ela um peão de Ivan ou uma vítima dele? Tinha sido enviada pelos céus ou haveria um agente do diabo entre eles?

CAPÍTULO 26

LAGO COMO, ITÁLIA

— Quem é você? — perguntou ela.

— Se quiser me chamar de alguma coisa, pode usar Yevgeny.

— E para quem trabalha?

— Isso não é importante.

— É russo?

— Mais uma vez, isso não é importante. O que é importante é seu passaporte. Enquanto cidadã da Federação Russa, não pode entrar no Reino Unido sem antes obter visto. Por favor, explique como conseguiu entrar no país sem esse visto no passaporte.

— Nunca na vida estive no Reino Unido.

— Está mentindo, Irina Iosifovna.

— Estou dizendo a verdade. Você mesmo disse. Russos precisam de visto para visitar o Reino Unido. Meu passaporte não tem nenhum visto. Portanto, é óbvio que eu nunca estive lá.

— Mas foi a Londres no início deste mês e participou do sequestro de seu ex-marido, o coronel Grigori Nikolaevich Bulganov, do Serviço Federal de Segurança da Federação Russa.

— Isso é completamente ridículo.

— Manteve contato com seu ex-marido depois de ele desertar para o Reino Unido?

Ela hesitou por uns instantes e, a seguir, respondeu com sinceridade: — Mantive.

— Discutiram a possibilidade de reatar o romance. De voltarem a se casar, talvez.

— Você não tem nada a ver com isso.

— Tenho tudo a ver com isso. Agora, responda: Grigori queria que fosse para Londres?

— Eu nunca disse que concordava.

— Mas falaram sobre isso.

— Eu me limitei a ouvir.

— Seu marido é um desertor, Irina Iosifovna. Manter contato com ele é um ato de traição ao Estado.

— Grigori me procurou. Eu não fiz nada de errado.

Ela resistia. Gabriel preparara-se para este cenário. Gabriel preparara-se para tudo. Deem uma chicotada nela, pensou. Façam com que entenda que não estão para brincadeiras.

Mikhail colocou três folhas em cima da mesa.

— Onde estava nos dias dez e onze de janeiro?

— Estava em Moscou.

— Deixe-me perguntar mais uma vez. Pense bem antes de responder. Onde estava nos dias dez e onze de janeiro?

Irina ficou calada. Mikhail apontou para a primeira folha. — O calendário que tem em seu computador não mostra entrada alguma nesses dias. Nenhuma reunião, nenhum almoço de trabalho, nenhum telefonema com clientes. Absolutamente nada.

— Janeiro é sempre um mês de pouco movimento. Este ano, com a recessão...

Mikhail interrompeu-a abruptamente com um gesto seco da mão e bateu de leve na segunda folha com as pontas dos dedos. — Seus registros telefônicos indicam que recebeu mais de trinta chamadas para o celular, e não fez nenhuma.

Tendo apenas silêncio como resposta, pôs o dedo em cima da terceira folha. — O seu endereço de e-mail mostra um padrão semelhante: muitos e-mails recebidos, nenhum enviado. É capaz de explicar isto? Não.

Mikhail tirou uma pasta de arquivo da mala de diplomata que tinha aos pés. Abrindo-a com uma solenidade funérea, tirou dela uma única fotografia: o coronel Grigori Bulganov, a entrar num grande Mercedes em Londres, na Harrow Road, às 18h12 da tarde de onze de Janeiro. Pegou-lhe pelas pontas cuidadosamente, como se fosse uma prova crucial que precisasse de ser preservada, e virou-a para que Irina a pudesse ver. Ela conseguiu manter um silêncio

estoico, mas a sua expressão alterara-se. Gabriel, olhando fixamente para a cara dela no monitor, viu que se tratava de medo. Um medo recordado, pensou, como o medo próprio de um trauma de infância. Mais um empurrãozinho e tê-la-iam na mão. Simultaneamente, Mikhail apresentou uma segunda fotografia, uma ampliação da primeira. Estava cheia de grão e tinha muitas sombras, mas não deixava dúvidas em relação à identidade da mulher sentada no banco de trás, mais perto da janela.

— Isto faz de você cúmplice de um crime muito grave cometido em solo britânico.

Os olhos de Irina percorreram a sala rapidamente, como se procurassem uma saída. Mikhail voltou a guardar as duas fotografias na mala de diplomata com toda a calma.

— Vamos começar de novo, sim? E, desta vez, a senhora vai responder às minhas perguntas dizendo a verdade. Não tem visto de entrada no Reino Unido, válido ou não, no seu passaporte. Como conseguiu entrar no país?

A resposta dela veio de forma tão baixa, que foi quase inaudível. Na verdade, Mikhail e Lavon não tinham certeza do que tinham acabado de ouvir. No entanto, não havia dúvida no posto de escuta na biblioteca, que recebia, sem nenhuma interferência, o sinal de transmissão vindo de um par de microfones ultrassensíveis, escondido na mesa a centímetros do lugar de Irina.

Olga olhou para Gabriel e disse: — Nós a pegamos.

Mikhail olhou para Irina e pediu que falasse mais alto.

— Usei um passaporte diferente — repetiu ela, desta vez mais alto.

— Com isso, quer dizer que estava usando outro nome?

— Correto.

— E quem lhe deu esse passaporte?

— Disseram que eram amigos de Grigori. Disseram que tinha de utilizar um passaporte falso para a minha própria proteção.

— E por que não me contou isso da primeira vez?

— Disseram que eu nunca poderia falar do assunto com ninguém. Disseram que me matariam.

Uma lágrima escorreu por sua face. Limpou-a energicamente, afastando-a como se se sentisse envergonhada com a sua tristeza.

— Ameaçaram matar minha família inteira. Não são humanas, essas pessoas. São animais. Por favor, tem de acreditar em mim. Não foi Mikhail quem respondeu mas sim a figura sentada à sua esquerda, até então em silêncio. A alminha bondosa, com cabelo fino e um fato amarrotado. O anjo apaziguador, que agora segurava uma carta nas mãos minúsculas. A carta deixada por Grigori Bulganov em Oxford, duas semanas antes do seu desaparecimento. Em seguida, entregou a carta a Irina, como se estivesse a oferecer uma bandeira dobrada à mulher de um soldado caído em combate. Ao lê-la, as mãos dela tremiam.

Receio que a minha vontade de estar outra vez junto da minha ex-mulher a possa ter colocado em perigo. Se os seus agentes em Moscou pudessem ver como ela está, de tempos a tempos, ficaria agradecido.

— Não achamos que ele esteja morto — afirmou Lavon.

Ainda não. Mas temos de trabalhar rapidamente para o conseguirmos recuperar.

— Quem são os senhores?

— Somos amigos, Irina. Pode confiar em nós.

— E o que querem de mim?

— Conte-nos como eles fizeram a coisa. Conte-nos como eles levaram seu marido. E não deixe nada de fora. Pode ficar surpresa, mas, às vezes, os detalhes menores são os mais importantes.

CAPÍTULO 27

LAGO COMO, ITÁLIA

Ela pediu chá e autorização para fumar. Yossi e Dina trataram do chá; Lavon, ele próprio um fumador inveterado, acompanhou-a num cigarro. Com a ligação entre ambos cimentada pelo tabaco partilhado, ela rodou o corpo uns centímetros e levou a mão ao lado da cara, como uma pala, excluindo assim Mikhail do seu campo de visão. Para Irina, Mikhail já não existia. E, por isso, Mikhail não precisava de saber que o homem que a tinha enganado e levado a participar no sequestro do marido a contatara pela primeira vez no dia 19 de Dezembro. Lembrava-se da data com precisão por ser o seu aniversário. Um aniversário que tinha em comum com Leonid Brejnev, o que, durante a sua infância, fora uma grande honra na escola.

Era uma segunda-feira, recordou ela, e os seus colegas tinham insistido em levá-la a tomar champanhe e comer sushi na 02 Lounge do Hotel Ritz-Carlton. Tendo em conta o estado da economia russa, tinha achado uma coisa bastante desregrada para se estar a fazer. Mas precisavam todos de uma desculpa para se embebedarem e o dia de anos dela parecia uma razão tão boa como qualquer outra. O estado de embriaguez foi atingido às oito horas e assim continuaram todos até as dez, altura em que chegaram, a cambalear, à Rua Tverskaya e foram à procura dos respetivos carros, ainda que nenhum deles, incluindo Irina Iosifovna Bulganova, ex-mulher de Grigori Nikolaevich Bulganov, estivesse em mínimas condições de guiar.

Tinha deixado o carro a uns quarteirões de distância, numa rua estreita onde a Milícia da Cidade de Moscou1, mediante um suborno razoável, claro, permitia que os moscovitas estacionassem durante o dia inteiro sem medo de uma multa. O agente da milícia de serviço era uma criança borbulhenta de vinte anos, que parecia ter ficado congelado com o frio. Sentindo ainda o efeito do álcool,

Irina tentara oferecer-lhe uma generosa mão-cheia de rublos. Mas o rapaz afastou-se e fez questão de mostrar com clareza que se recusava a aceitar o dinheiro. De início, Irina achou a exibição bastante divertida, mas depois viu um homem parado junto ao carro dela. Reconheceu-lhe o tipo instantaneamente. Era um membro dos siloviki, a irmandade de antigos e atuais agentes dos serviços de segurança russos. Sabia-o porque estivera casada com um desses homens durante doze anos. Tinham sido os piores anos da sua vida. Irina considerou a hipótese de se afastar, mas sabia que não estava em condições de tomar medidas evasivas. E, mesmo que não estivesse bêbeda, não tinha qualquer hipótese de se esconder por muito tempo. Não na Rússia. Por isso, aproximou-se e, com mais coragem do que a que de fato sentia naquele momento, exigiu saber o que raio tinha o carro dela de tão interessante. O homem cumprimentou-a — ao estilo russo, nome próprio e patronímico —, pedindo desculpas pelas circunstâncias pouco ortodoxas do encontro. Disse que tinha uma mensagem importante sobre o marido dela.

— Ex-marido —, respondeu Irina.

— Ex-marido —, repetiu ele, corrigindo-se. Por sinal, ela podia chamá-lo Anatoly.

— Suponho que ele não mostrou nenhuma identificação... — perguntou Lavon, no tom mais dócil de que foi capaz.

— Claro que não.

— Podia fazer o favor de descrevê-lo?

— Alto, bem constituído, queixo robusto, cabelo louro ficando grisalho.

— Idade?

— Acima de cinquenta.

— Barba?

— Não.

— Óculos?

— Naquela hora, não. Mais tarde, sim.

Lavon deixou cair o assunto. Por ora.

— E o que aconteceu depois?

— Ofereceu-se para me levar para jantar. Eu respondi que não tinha o hábito de jantar com desconhecidos. Ele disse que não era um desconhecido; era um amigo de Grigori, de Londres. Sabia que era meu aniversário. Disse que tinha um presente para mim.

— E acreditou nele porque tinha contato com Grigori?

— Correto.

— E, por isso, foi com ele?

— Sim.

— E como se deslocaram?

— No meu carro.

— Quem dirigiu?

— Ele.

— E onde foram?

— Ao Café Pushkin. Conhece o Café Pushkin?

Lavon, acenando com a cabeça de um modo quase imperceptível, indicou que, sim, conhecia de fato o famoso Café Pushkin. Apesar da crise financeira, continuava a ser praticamente impossível conseguir uma reserva. Mas o homem chamado Anatoly tinha sido, de alguma forma, capaz de assegurar uma valiosa mesa para dois, num canto isolado no segundo andar. Pediu champanhe, que era a última coisa de que ela necessitava, e fez um brinde. A seguir, entregou-lhe uma caixa de uma joalheria. Lá dentro, estavam uma pulseira de ouro e um bilhete. Disse-lhe que eram ambos de Grigori.

— A caixa tinha algum nome escrito?

— Bulgari. A pulseira deve ter custado uma fortuna.

— E o bilhete? A letra era a de Grigori?

— Parecia sem dúvida ser a dele.

— E o que dizia?

— Dizia que nunca mais queria que voltássemos a passar um aniversário separados. Dizia que queria que eu viajasse para Londres com o homem chamado Anatoly. Dizia para não me preocupar com dinheiro. Seria tudo tratado e pago por Viktor.

— Sem sobrenome?

— Nenhum.

— Mas a senhora sabia que era do Viktor Orlov?

— Já tinha lido sobre Grigori e Viktor na Internet. Até vi uma foto dos dois lado a lado. E Anatoly descreveu a relação que tinha com o senhor Orlov?

— Disse que trabalhava para ele como segurança.

— Foram essas as palavras exatas dele?

— Sim.

— E a carta? Presumo que tenha ficado emocionada com ela, não? Irina assentiu com a cabeça, envergonhada.

— Parecia tudo real.

Claro que parecia, pensou Gabriel, fitando Irina no monitor. Tinha parecido real porque Anatoly, tal como Gabriel, era um profissional, bem versado nas artes da manipulação e da sedução. E, por isso, não foi surpresa nenhuma para Gabriel quando Irina revelou: que ela e Anatoly tinham passado o resto daquela noite a conversar agradavelmente. Tinham falado de muitas coisas, disse ela, passando de um assunto para o outro com o à-vontade de velhos amigos. Anatoly parecera saber muitas coisas sobre o casamento de Irina, coisas que nunca poderia ter sabido a não ser que Grigori lhe tivesse contado — ou, pelo menos, era isso que Irina pensava na altura. Durante a sobremesa, quase como uma reflexão tardia, ele mencionara que o governo britânico estava preparado para lhe conceder asilo se ela fosse viver para Londres. O dinheiro, tinha dito, não seria um problema. Viktor trataria do dinheiro. Viktor trataria de tudo.

— E a senhora aceitou ir? — perguntou Lavon.

— Eu aceitei fazer uma pequena visita, mas nada mais.

— E a seguir? — Falamos dos preparativos para a viagem. Ele disse que, de-vido às circunstâncias que rodeavam Grigori, teríamos de proceder com grande cuidado. Caso contrário, era possível que as autoridades russas não me autorizassem a sair do país. Disse-me para não falar com ninguém. Que me contataria quando fosse altura de partir. A seguir, levou-me a casa. Não se deu ao trabalho de me perguntar a morada, pois já a sabia.

— E falou disso a alguém? — A vivalma.

— E quando ele a contatou novamente? — No dia nove de Janeiro, quando eu estava de saída do escritório. Um homem apareceu ao meu lado na Rua Tverskaya e disse-me para espreitar para dentro do armário do quarto quando chegasse a casa. Estavam lá malas e uma bolsa. As malas tinham lá dentro roupa muito bem arrumada, tudo do meu tamanho. A bolsa continha o sortido habitual de coisas, mas também um passaporte russo, bilhetes de avião para Londres e uma carteira recheada de cartões de crédito e dinheiro. Havia também um conjunto de instruções, que eu devia destruir depois de ler.

— E tinha de partir no dia seguinte? — Correto.

Fale-me do passaporte.

A fotografia era a minha, mas o nome era falso.

Qual era? Natalia Primakova.

Encantador afirmou Lavon.

Sim respondeu ela. Gostei bastante dele.

CAPÍTULO 28

LAGO COMO, ITÁLIA

Ela não dormiu naquela noite. Nem sequer tentou. Estava nervosa demais, excitada demais. E, sim, talvez um pouquinho

assustada de mais. Andando de um lado para o outro, percorreu as divisões do pequeno apartamento que em tempos partilhara com Grigori e observou demoradamente as lembranças mais triviais, como se pudesse não voltá-las a ver. Violando as instruções rigorosas de Anatoly, telefonou à mãe, uma tradição de família antes de qualquer viagem de alguma magnitude, e enfiou alguns objetos pessoais nas malas de Natalia Primakova. Um molho de canas amarelecidas; um medalhão com uma fotografia da avó lá dentro; uma pequena cruz de ouro que a mãe lhe tinha dado depois da queda do comunismo. E, por último, a aliança de casamento.

— Achou que podia estar deixando a Rússia para sempre?

— Permiti a mim mesma considerar essa hipótese.

— E recorda-se do número do voo?

— Voo 247 da Aeroflot, com partida de Sheremetyevo às 14h35 e chegada a Londres, ao Aeroporto de Heathrow, às 15h40.

— Muito impressionante.

— É assim que ganho a vida.

— E a que horas saiu do apartamento?

— Às dez. O trânsito de Moscou é terrível a essa hora do dia, especialmente na Leningradsky Prospekt.

— Como seguiu para o aeroporto?

— Enviaram um carro.

— Houve algum problema com o seu novo passaporte? De maneira nenhuma.

Viajou em primeira classe ou econômica? Primeira classe.

Reconheceu alguém durante o voo? Ninguém.

E quando chegou a Londres? Algum problema com o passaporte lá? Nenhum. Quando o funcionário das alfândegas me pediu para indicar o propósito da minha visita, respondi turismo. Carimbou-me logo o passaporte e desejou-me uma boa estadia.

E quando entrou no hall das chegadas? Vi Anatoly à minha espera, junto à barreira. — Uma pausa e, a seguir: — Na verdade,

viu-me ele a mim. De início, não o reconheci.

Usava óculos? E um chapéu de feltro.

Importava-se de descrever o estado de espírito dele, por favor? Calmo, muito sério e profissional. Pegou numa das minhas malas e levou-me para o exterior. Havia um carro à espera.

Lembra-se da marca? Era um Mercedes.

E o modelo? Não sou lá muito boa com os modelos. Mas era grande.

E a cor? Preto, claro. Parti do princípio de que fosse do Viktor. Um homem como o Viktor Orlov apenas andaria num carro preto. O que aconteceu a seguir? Ele disse que Grigori estava à espera num lugar seguro. Mas que primeiro, para minha proteção, tínhamos de nos assegurar de que não havia ninguém a seguir-nos.

— E disse quem achava que pudesse estar seguindo vocês?

— Não, mas era evidente que se referia ao serviço secreto.

— Falou com você?

— Passou a maior parte do tempo ao telefone.

— Fez chamadas ou atendeu-as?

— As duas coisas.

— Falava inglês ou russo?

— Só russo. Muito coloquial.

— Fizeram alguma parada?

— Apenas uma.

— Lembra-se de onde foi?

— Foi numa estrada sossegada, não muito longe do aeroporto, ao lado de uma espécie de lago ou represa. O motorista saiu lá para fora e fez qualquer coisa à parte da frente e à parte de trás do carro. Acha que é possível que tenha estado a mudar a matrícula? Não sei dizer. Por essa altura, já estava escuro. Anatoly comportou-se como se não estivesse a acontecer nada.

— Por acaso, lembra a hora?

— Não, mas depois seguimos diretamente para o centro de Londres. Estávamos contornando o Hyde Park quando o telefone de Anatoly tocou. Disse umas palavras em russo e depois olhou para mim e sorriu. Disse que era seguro irmos ver Grigori.

— E depois?

— As coisas aconteceram muito depressa. Pus um pouco de batom e arrumei o cabelo. Depois, vi uma coisa pelo canto do olho. Um movimento. — Interrompeu-se por uns instantes. — Anatoly tinha uma arma na mão, apontada para meu coração. Disse que se eu fizesse um som me mataria.

Calou-se subitamente, como se estivesse relutante em continuar. Depois, com um ligeiro empurrãozinho de Lavon, recomeçou a falar: — O carro parou muito repentinamente e Anatoly abriu a porta com a outra mão. Vi Grigori parado no meio da calçada. Vi meu marido.

— Anatoly disse alguma coisa?

Ela assentiu com a cabeça, pestanejando para afastar as lágrimas. — Nunca me esquecerei das palavras dele. Disse a Grigori para entrar no carro ou eu morreria. Grigori obedeceu, claro. Não tinha escolha.

Lavon deu um momento para ela se recompor.

— E Grigori disse alguma coisa depois de entrar?

— Disse que faria tudo o que eles quisessem. Que não havia necessidade de me fazer mal ou ameaçar de nenhuma maneira. — Mais uma pausa. — Anatoly disse a Grigori para calar a boca. Ou espalharia meus miolos por todo o carro.

— Grigori falou com você alguma vez?

— Só uma. Disse que lamentava muito.

— E depois disso?

— Não disse mais nenhuma palavra. Mal olhou para mim.

— Quanto tempo estiveram juntos?

— Só alguns minutos. Fomos para um estacionamento ali perto. Enfiaram Grigori na parte de trás de uma van com um logotipo nos lados. Algum tipo de serviço de limpeza.

— E para onde a senhora foi?

— Anatoly levou-me para um prédio contíguo, através de uma passagem subterrânea, e subimos para a rua de elevador. Havia um carro à espera ali perto. Estava uma mulher ao volante. Anatoly disse-me para seguir as instruções dela com atenção, e que, se eu alguma vez falasse disto a alguém, seria morta. E, a seguir, a minha mãe seria morta. E, a seguir, os meus dois irmãos seriam mortos, bem como os filhos deles.

Caiu um silêncio pesado na sala de jantar da villa. Irina resolveu fumar mais um cigarro; depois, emocionalmente exausta, relatou os detalhes que faltavam da sua provação, num tom de voz neutro. A longa viagem até a cidade à beira-mar de Harwich. A noite passada sem dormir no Hotel Continental. A atribulada travessia até Hoek van Holland, a bordo do ferry para carros, o Stena Britannica. A viagem para casa no voo 418 da Aeroflot, operado pela KLM Rogai Dutch Airlines, com partida de Amsterdam às 20h40 e chegada a Sheremetyevo às duas da madrugada seguinte.

— Você e a mulher viajaram juntas ou separadas?

— Juntas.

— Ela chegou a dizer o nome dela?

— Não, mas ouvi a comissária chamá-la senhora Gro.

— E quando chegaram a Moscou?

— Um carro e um motorista levaram-me para meu apartamento. Na manhã seguinte, voltei ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

— Houve mais algum contato?

— Nada.

— Ficou com a impressão de estar sendo vigiada?

— Se estava, não consegui ver.

— E quando recebeu o convite para a conferência na Itália, não fizeram nenhuma tentativa para impedir sua presença?

Ela abanou a cabeça.

— E não se sentiu minimamente relutante depois do que tinha acabado de passar?

— O convite pareceu real. Como o de Anatoly. — Silêncio, e a seguir: — Calculo que não haja realmente nenhuma conferência, não?

— Não, não há.

— Quem são os senhores? — perguntou outra vez.

— Somos verdadeiramente amigos do seu marido. E vamos fazer tudo o que pudermos para que consiga tê-lo de volta.

— O que acontece agora?

— O mesmo que antes. Vai voltar para seu trabalho na Galaxy Travel e fazer de conta que isso nunca aconteceu. Depois de estar presente no terceiro seminário e mostra anual da Associação de Agências de Viagens do Norte da Itália, claro.

— Mas o senhor acabou de dizer que não era real. A realidade é um estado de espírito, Irina. A realidade pode ser aquilo que você muito bem quiser que seja.

CAPÍTULO 29

LAGO COMO, ITÁLIA • LONDRES

Durante os três dias seguintes, puseram-na delicadamente à prova. Descreveram as refeições suntuosas que não comeria, os coquetéis em que não marcaria presença e os seminários profundamente enfadonhos de que seria misericordiosamente poupada. Levaram-na num cruzeiro glacial pelo lago e numa longa

viagem de carro através das montanhas. Encheram-lhe as malas com presentes e brochuras para os colegas. E aguardaram com preocupação a hora da sua partida. Não havia um único entre eles que duvidasse da sua autenticidade — e não havia um único que quisesse enviá-la para a Rússia novamente. Quando chegou a altura de partir, ela avançou decidida para o avião, da mesma maneira como tinha saído dele três dias antes, com o queixo levantado e num ritmo rápido, próprio de uma parada militar. Nessa noite, amontoaram-se em redor da ligação segura, à espera do comunicado de Moscou a avisar que ela tinha chegado em segurança. E isso aconteceu, para grande alívio de todos, poucos minutos depois da meia-noite. Shmuel Peled seguiu-a até casa e declarou que não havia absolutamente nenhuma razão para pensar que ela tivesse alguém atrás de si. Na manhã seguinte, sentada a sua mesa na Galaxy Travel, Irina enviou um e-mail a Veronica Ricci, da NITA, agradecendo-lhe a maravilhosa viagem. E a signora Ricci pediu à Sra. Bulganova para se manter em contato. Gabriel não esteve presente em Como para assistir ao final bem-sucedido da operação. Acompanhado por Olga Sukhova, viajou Para Londres de avião na manhã a seguir ao interrogatório e foi imediata e rapidamente transportado para um apartamento seguro em Victoria. Graham Seymour estava à sua espera e, antes de o deixar finalmente: falar, obrigou Gabriel a ouvir uma longa repreensão de dez minutos. Depois de insistir primeiro que os microfones fossem desligados, Gabriel descreveu o notável interrogatório que tinham acabado de levar a cabo nas margens do lago de Como. De imediato, Seymour telefonou para a Thames House por uma linha segura e colocou uma única questão: chegara alguma mulher com um passaporte russo em nome de Natalia Primakova ao Aeroporto de Heathrow, a bordo do voo 247 da Aeroflot, na tarde de 10 de Janeiro? ligaram de volta de Thames House passados minutos. A resposta era afirmativa.

— Gostaria de marcar uma reunião com o primeiro-ministro e o meu diretor-geral imediatamente. Se estiveres disposto a isso, acho que devias ser tu a informá-los. Afinal de contas, provaste que todos nós estávamos enganados, Gabriel, o que te dá o direito de nos esfregar isso no nariz.

— Não tenho intenção de esfregar seu nariz com nada. E a última coisa que quero que faças menciones qualquer parte disto ao teu primeiro-ministro ou diretor-geral.

— Grigori Bulganov é um súbdito britânico e, como tal, são-lhe devidas todas as proteções conferidas pela coroa britânica. Não temos outra escolha a não ser apresentar as nossas provas aos russos e insistir que nos devolvam Grigori de imediato. Ivan Kharkov teve muito trabalho para apanhar Grigori, contando, com toda a probabilidade, com a bênção do FSB e do próprio Kremlin. Achas mesmo que ele o irá entregar porque o primeiro-ministro britânico insiste nisso? Temos de jogar o jogo segundo as mesmas regras que Ivan. Temos de ser nós próprios a ir buscá-lo. — Graham Seymour fez mais um telefonema e, a seguir, vestiu o sobretudo. O Escritório de segurança de Heathrow está a arranjar-nos fotografias. Tu e a Olga ficam aqui. E façam mesmo o possível para limitar ao mínimo os tiroteios. Já tenho problemas de sobra neste momento.

Mas Gabriel não ficou no apartamento seguro durante muito tempo. Na verdade, escapuliu-se poucos minutos depois de Seymour ter partido e seguiu diretamente para Cheyne Walk, em Chelsea. Em tempos uma marginal sossegada à beira-rio, esta histórica rua londrina tinha agora vista para o movimentado Chelsea Embankment. Em algumas das imponentes casas, havia placas em bronze que celebravam ocupantes famosos do passado. Turner vivera secretamente no número 119, Rossetti no 19. Henry James passara os seus últimos dias no número 21; George Eliot fizera o mesmo no número 4. Atualmente, poucos artistas e escritores podiam dar-se ao luxo de viver em Cheyne Walk. Tornara-se o

domínio restrito de estrangeiros ricos, das estrelas pop e dos homens do dinheiro da City. E por acaso também era a morada londrina de um tal Viktor Orlov, oligarca russo e crítico exilado do Kremlin, que residia na mansão de cinco andares do número 43. O mesmo Viktor Orlov que era agora o alvo de uma investigação clandestina conduzida por uma equipe a escarafunchar na Boulevard King Saul. Gabriel entrou no pequeno parque do outro lado da rua e sentou-se num banco. A casa de Orlov era alta e estreita e via-se coberta de glicínias. Tal como as restantes residências ao longo da elegante fila de casas, estava instalada a vários metros de distância da rua, atrás de uma vedação de ferro forjado. Uma limusine Bentley blindada estava parada à porta, com um motorista ao volante. Logo atrás do Bentley, estava um Range Rover preto, ocupado por quatro membros da equipe responsável pela segurança de Orlov, todos eles antigos operacionais dos Serviços Aéreos Especiais britânicos, ou SAS Na Boulevard King Saul, descobrira-se que os guarda-costas tinham sido fornecidos pela Exton Executive Security Services Ltda. na HM Street, Mayfair. A Exton era considerada a melhor empresa de segurança privada de Londres, um feito nada de desprezar numa cidade repleta de gente rica e preocupada com a sua segurança. Gabriel estava prestes a ir-se embora quando viu três guarda-costas a saírem do Range Rover. Um foi colocar-se junto ao portão do número 43, enquanto os outros dois bloqueavam o passeio em ambas as direções. Com o perímetro de segurança instalado, a por da frente da casa abriu-se e Viktor Orlov saiu cá para fora, flanqueado por mais dois guarda-costas. Gabriel pouco conseguiu ver do famoso bilionário russo além de uma cabeça grisalha com cabelo espetado e de um relance de uma gravata cor-de-rosa com um enorme nó duplo. Orlov baixou-se e entrou para o banco de trás do Bentley, enquanto as portas se fechavam rapidamente. Uns segundos mais tarde, o cortejo de carros seguia a toda a velocidade pela Royal

Hospital Road. Gabriel ficou sentado no banco por mais dez minutos e, a seguir, levantou-se e voltou para Victoria.

Demorou menos de uma hora para o Escritório de segurança de Heathrow produzir o primeiro conjunto de fotografias do homem conhecido apenas com Anatoly. Infelizmente, nenhuma ajudou especialmente. Gabriel não ficou surpreendido. Tudo em Anatoly sugeria que era um profissional. E, como qualquer bom profissional, sabia como deslocar-se por um aeroporto sem que conseguissem tirar-lhe uma fotografia. O chapéu de feltro ajudara bastante para lhe esconder a cara, mas ele próprio fizera grande parte do trabalho com mudanças de direção e movimentos subtis. Ainda assim, as câmaras fizeram um esforço meritório: aqui, um vislumbre de um queixo robusto, ali, parte de um perfil, acolá, uma imagem de uma boca fechada e inflexível. Ao passar em revista as cópias das fotografias no apartamento seguro em Victoria, Gabriel sentiu-se preocupado. Anatoly era um verdadeiro profissional. E estava a jogar o jogo com o dinheiro de Ivan.

Os dois serviços secretos britânicos compararam as fotografias com as suas bases de dados de agentes secretos russos conhecidos, mas nenhum deles tinha grandes esperanças de encontrar alguma correspondência. Entre ambos, chegaram a seis possíveis candidatos, tendo sido todos eles descartados por Gabriel mais tarde, ainda durante essa noite. E foi nesse momento que Seymour decidiu que estava provavelmente na altura de envolver os pavorosos americanos na questão. Gabriel ofereceu-se para fazer ele próprio a viagem' Havia uma pessoa na América que estava desejoso de ver. Já não falava com ela há meses. Ela escrevera-lhe uma carta certa vez; e e pintara-lhe um quadro.

CAPÍTULO 30

QUARTEL-GENERAL DA CIA, VIRGINIA

Os serviços secretos referem-se aos seus espiões de diferentes maneiras. O Escritório chama de agentes de coleta e chama sua divisão de Coletas. Os espiões da CIA são agentes responsáveis por casos e estão adstritos ao Serviço Clandestino Nacional. O mandato de Adrian Carter como chefe do NCS teve início quando este ainda era conhecido pelo antigo nome: Diretoria de Operações. Considerado um dos mais brilhantes guerreiros secretos da CIA, Carter tinha deixado marca em todas as principais operações secretas americanas das últimas duas gerações. Manipulara uma ou outra eleição, derrubara um ou outro governo democraticamente eleito e fizera de conta que não sabia de nada em relação a mais execuções e assassinatos do que gostaria de se lembrar. "Fiz o trabalho do Senhor na Polônia e apoiei e sustentei o regime do Diabo em El Salvador num só ano", confessara uma vez a Gabriel, num momento de franqueza entre agências. "E, para terminar, forneci armas aos santos guerreiros muçulmanos no Afeganistão, mesmo sabendo que um dia fariam chover fogo e morte em cima de mim." Desde a manhã de 11 de setembro de 2001 que Adrian Carter cuidava primordialmente de uma coisa: impedir outro ataque em território americano pelas forças do extremismo islâmico global.

Para realizar esse objetivo, tinha utilizado tácticas e métodos qui até mesmo um guerreiro secreto endurecido pelas batalhas, como ele, considerava por vezes repreensíveis. As prisões secretas, as rendições extraordinárias, o uso de técnicas de interrogatório coercitivas: tudo tinha sido tornado público, com grande prejuízo para Carter. Há anos que jornalistas e políticos bem-intencionados

de Capitol Hill caçavam o sangue de Carter. Ele deveria estar na lista dos candidatos a diretor da CIA. Em vez disso, vivia com medo de um dia ser acusado por suas ações no decurso da guerra global contra o terrorismo. Adrian Carter tinha mantido a América protegida dos inimigos e, por disso, penaria no fogo do inferno por toda a eternidade.

Na manhã seguinte, estava à espera de Gabriel numa sala de reuniões do sétimo andar do quartel-general da CIA, o Valhalla do vasto e frequentemente disfuncional aparelho de espionagem americano. Carter era a antítese de Graham Seymour em termos de aspecto: cabelo desgrenhado e ralo, bigode proeminente que já tinha passado de moda com a música disco. Da maneira como se encontrava vestido naquele momento, com calça de flanela e paletó de malha vermelho, tinha o ar de um professor de uma pequena universidade, do tipo que defende causas nobres e é espinha constante na garganta do reitor. Olhou para Gabriel por cima dos óculos de leitura, como se estivesse ligeiramente surpreendido por o ver, e estendeu-lhe a mão. Era fria como o gelo e seca. Gabriel tinha contatado Carter na véspera, antes de partir de Londres, por via de um telegrama seguro enviado da base da CIA na embaixada americana, o qual fornecera a Carter apenas os contornos mais gerais do caso. Agora, Gabriel estava a explicar-lhe os detalhes. Depois da conclusão do relatório, Carter passou em revista as provas físicas, começando pela carta que Grigori tinha deixado em Oxford e terminando nas fotos de vigilância, tiradas no Aeroporto de Heathrow, do homem conhecido apenas como Anatoly.

Com toda a honestidade — disse Carter —, nós nunca acreditamos muito na história de que Grigori tinha mudado de opinião e voltado a desertar para a pátria. Como és capaz de te lembrar, eu até tive a oportunidade de passar algum tempo com ele na noite em que vocês saíram da Rússia.

De fato, Gabriel lembrava-se disso, claro. Num feito de logística de que apenas a CIA seria capaz, Carter fizera aterrissar um esquadrão de jatos executivos Gulfstream em Kiev, apenas umas quantas horas após o carro que transportava Gabriel e o seu trio de desertores russos ter atravessado a fronteira com a Ucrânia. Gabriel regressara a Israel, enquanto Grigori e Olga tinham viajado de avião para o exílio no Reino Unido. Já Carter levara Elena Kharkov para os Estados Unidos, onde lhe foi concedido o estatuto de desertora. O seu paradeiro atual estava tão bem guardado, que nem mesmo Gabriel fazia qualquer ideia do: lugar onde a CIA a escondera. Enviamos uma equipe para interrogar Grigori passadas vinte e quatro horas da chegada dele a Inglaterra — retomou Carter. Nenhum dos envolvidos expressou alguma vez qualquer cepticismo em relação à sua autenticidade. Depois do seu desaparecimento, ordenei que se fizesse uma revisão das gravações e das transcrições para ver se nos tinha escapado alguma coisa.

E? Grigori era um verdadeiro menino de ouro. Escusado será dizer, mas ficamos bastante surpreendidos quando os ingleses acharam o contrário. No que a Langley diz respeito, pareceu-nos uma tentativa bastante transparente para impingir para cima de você alguma da culpa no desaparecimento dele. Só se podem culpar a eles próprios. Nunca o deviam ter deixado envolver-se com a gente da oposição que gravita à volta de Londres. Era apenas uma questão de tempo até que Ivan o pegasse.

E Ivan continua alvo da vigilância da NSA?

— Absolutamente.

— E sabem que ele acabou de vender milhares de mísseis antitanque e lança-granadas RPG ao Hezbollah?

— Ouvimos rumores nesse sentido. Mas, no momento, acompanhar as atividades empresariais de Ivan está no fim da nossa lista de prioridades. Nossa principal preocupação é proteger a ex-mulher e os filhos dele.

— Ele já tentou algum procedimento formal para recuperá-los?

— Há dois meses, o embaixador russo levantou a questão numa reunião de rotina com a secretária de Estado, que mostrou surpresa e respondeu que analisaria o assunto. É uma boa jogadora de pôquer, ela. Teria dado uma excelente agente. Uma semana depois, disse ao embaixador que a Elena Kharkov e os filhos não moram nos Estados Unidos naquele momento, nem nunca mor no passado. O embaixador agradeceu-lhe profusamente pelos seus esforços e nunca mais voltou a levantar a questão.

— Ivan deve saber que eles cá estão, Adrian.

— Claro que sabe. Mas não há nada que ele e os seus amigos no Kremlin possam fazer em relação a isso. A operação que tu executaste em Saint-Tropez no Verão passado foi uma coisa bela. Arrancaste as crianças das mãos de Ivan com toda a limpeza e uma capa de legalidade. Além disso, quando Ivan se divorciou de Elena num tribunal russo, abdicou, para todos os efeitos e em termos legais, dos direitos sobre os filhos. A única forma que de conseguir ficar com eles é roubá-los. E isso não vai acontecer, pois nós cuidamos melhor dos nossos desertores do que os ingleses.

— Ela está num lugar seguro, espero.

— Muito seguro. Mas me permite um pequeno conselho, de um amigo para outro? Leve a sério as palavras de Grigori. Esqueça a promessa daquela noite na Rússia. Além disso, suspeito que Ivan já lhe tenha enfiado uma bala na nuca. E, conhecendo Ivan, imagino que tenha sido ele mesmo a tratar disso. Volte para casa e para sua mulher e deixe os ingleses limparem a porcaria que fizeram.

— Gosto de cumprir minhas promessas. E achava que você também, Adrian.

Carter pôs as mãos no queixo. — Você está sendo injusto. Mas, se é assim que vê a questão, em que Langley pode ajudar?

— Dê essas fotos de Anatoly ao Centro de Contraterrorismo. Veja se eles conseguem juntar um nome e um currículo a esse rosto.

— Vou pedir ao chefe que trate disso pessoalmente. — Carter recolheu as fotos. — Quanto tempo pensa em ficar na cidade?

— O tempo necessário.

— Um dos nossos agentes está prestes a partir para uma missão no estrangeiro. Ela queria saber se você está livre para jantar.

Gabriel não se deu ao trabalho de perguntar o nome do agente.

— Aonde ela vai, Adrian?

— Isso é confidencial.

— Não preciso lembrar que ela estava na operação contra Ivan, não é?

— Não, não precisa.

— Então, por que você deixa que ela saia do país?

— Sua preocupação com a segurança dela é comovente, mas completamente desnecessária. O que respondo sobre o jantar?

Gabriel hesitou um instante. — Fica para a próxima, Adrian. É complicado.

— Por quê? Por ela estar com alguém de sua equipe?

— Do que está falando?

— Ela e Mikhail são namorados. Estou surpreso de que ninguém tenha contado a você.

— Há quanto tempo?

— Começou pouco depois da operação em Saint-Tropez. Como Mikhail trabalha para um serviço secreto estrangeiro, ela foi obrigada a informar à Seção de Pessoal sobre a relação. Seção que não ficou contente com a situação, mas eu intercedi a favor deles.

— Mas que atencioso, Adrian. Pensando melhor, vou jantar com ela.

Carter escreveu hora e local num pedaço de papel. — Tente ser simpático, Gabriel. Acho que ela está feliz. Há muito tempo que

Sarah não era feliz.

CAPÍTULO 31

GEORGETOWN, WASHINGTON, D. C

O Restaurante 1789, um marco de Georgetown, é considerado um dos melhores em Washington e é um dos poucos onde ainda se exige que os cavalheiros tragam um casaco. Com essa advertência, Carter disse a Gabriel para ir à Brooks Brothers, onde este escolheu, em dez minutos, calça de gabardine, camisa clássica branca e o necessário blazer azul. Mas estabeleceu seu limite quando se tratou da gravata. Como a maior parte dos israelenses, usava-as apenas por obrigação ou para efeito de disfarce. Além disso, se usasse gravata, Sarah poderia ficar com a ideia errada. O blazer já iria causar-lhe problemas suficientes.

Chegou uns minutos adiantado e a maître informou-o de que a sua companhia já se encontrava sentada. Não ficou surpreendido; tinha supervisionado o treino de Sarah Bancroft pessoalmente e considerava-a um dos melhores e mais naturais agentes que alguma vez encontrara. Multilíngue, viajada e extremamente culta, tinha estado a trabalhar como curadora assistente na Phillips Collection, em Washington, quando Gabriel a recrutou para encontrar um mestre terrorista que se escondia entre o séquito do bilionário saudita Zizi al-Bakari. Depois da operação, Sarah juntou-se à CIA a temo inteiro e foi colocada no Centro de Contraterrorismo. Gabriel tinha voltado a pedi-la emprestada no último Verão e, com a ajuda de um quadro falsificado, colocara-a junto de Elena Kharkov. Mikhail fizera o papel do namorado russo-americano de Sarah durante a operação e tinham passado várias noites juntos num hotel de cinco estrelas em Saint-Tropez. Gabriel calculou que a atração tivesse começado aí.

Era uma situação que não lhe agradava por uma série de razões, desde logo por violar a proibição imposta por ele relativamente a relações sexuais entre membros da sua equipe. Mas a sua ira tinha limites. Sabia que a combinação singular de estresse e tédio podia levar por vezes a complicações românticas no terreno. Na verdade, podia falar por experiência própria. Vinte anos antes, enquanto se preparava para um importante assassinato em Tunes, tivera um caso amoroso com a sua agente assistente que quase lhe destruíra o casamento com Leah.

A maître levou-o a uma mesa num canto, junto à lareira. Sarah estava sentada no banco corrido, com os ombros voltados de maneira a poder observar toda a sala. Trazia um vestido preto sem mangas e um colar de pérolas de duas voltas. O cabelo claro caía-lhe sobre os ombros e os olhos azuis e muito grandes brilhavam à luz forte das velas. Tinha uma mão pousada no pé de um copo de martini, enquanto a outra estava suavemente encostada ao queixo pequeno e esférico. Quando Gabriel lhe beijou a face, ela cheirava a lilás.

— Posso pedir um para você? — perguntou, batendo de leve na base do copo com uma das suas unhas feitas.

— Preferia beber a acetona que usa para tirar o esmalte das unhas.

— E quer isso com uma rodela de limão ou só com gelo?

Olhou para a maître. — Um copo de champanhe, por favor. Coisa boa. Este senhor teve um dia longo.

A maître retirou-se. Sarah sorriu e levou o martini aos lábios.

— Dizem que faz mal beber na véspera de um voo, Sarah.

— Se consigo sobreviver a suas operações, acho que sobrevivo a um voo transatlântico com um pouquinho de gim no sangue.

— Então, é para a Europa? É para lá que Carter está te enviando?

— Adrian avisou para estar atenta a você. Não vai conseguir tirar nada de mim.

— Acho que tenho o direito de saber.

— Sério? — Largou o copo e inclinou-se sobre a mesa. — Pode ter dificuldade em acreditar nisso, Gabriel, mas a verdade é que eu não trabalho para o Escritório. Faço parte do Serviço Clandestino Nacional da CIA, o que significa que é Adrian Carter, e não você, que estabelece as minhas missões.

— E não quer dizer isso um pouquinho mais alto? Não tenho certeza de que os cozinheiros e o pessoal que lava os pratos tenham conseguido te ouvir.

— Não foi você que me disse que praticamente todas as conversas profissionais importantes que já teve se passaram em lugares públicos?

Era verdade. As salas seguras só eram seguras se não tivessem colocado escutas lá.

— Pelo menos, elimine uns quantos lugares. Dormirei mais descansado se souber que em Langley, no alto de toda aquela sabedoria infinita, não decidiram te enviar para a Arábia Saudita ou Moscou.

— Pode dormir em paz, em Langley ninguém decidiu nada.

— Então, é mesmo para a Europa?

— Gabriel, realmente!...

— E que tipo de trabalho vai fazer?

Ela soltou um suspiro de exasperação.

— Tem a ver com os esforços continuados do meu país no sentido de combater o terrorismo global.

— Mas que nobre isso é. E pensar que ainda há quatro anos estava montando uma exposição intitulada “Impressionistas no Inverno”.

— Espero que isso tenha sido um elogio.

— Foi sim.

— É óbvio que não aprova que eu faça uma operação sem você.

— Já expressei minhas preocupações. Mas Adrian é seu patrão, não eu. E se Adrian acha que é apropriado, quem sou eu para questionar julgamento dele?

— É Gabriel Allon, nem mais nem menos.

O garçom apareceu. Entregou o menus e fez relatório pormenorizado dos pratos especiais da noite. Depois que se foi, Gabriel passou os olhos pela lista das entradas e, com o máximo de indiferença de que foi capaz, perguntou se Mikhail sabia dos planos de viagem de Sarah. Tendo apenas silêncio como resposta, tirou os olhos do menu e viu Sarah olhando para ele embasbacada, as faces coradas.

— Ainda bem que não ficou assim quando Zizi e Ivan estavam por perto — disse Gabriel.

— Mikhail contou?

— Por acaso, foi o chefe do Serviço Clandestino Nacional que deixou escapar isso durante a conversa.

Sarah não deu resposta.

— Então, é verdade, não é? Anda mesmo namorando uma pessoa da minha equipe?

— Está com ciúme ou zangado?

— Por que diabos haveria de estar com ciúme, Sarah?

— Eu não podia ficar caidinha por você para sempre. Tinha de seguir minha vida.

— E não podia arranjar mais ninguém a não ser uma pessoa que trabalha para mim?

— É engraçado como as coisas acabaram por se desenrolar. Suponho que havia qualquer coisa no Mikhail que achei familiar.

— Namorar um homem do serviço secreto de um país estrangeiro não é propriamente uma jogada lá muito inteligente em termos de carreira, Sarah.

— Langley anda com problemas para manter os talentos mais jovens e promissores. Estão dispostos a contornar algumas velhas regras.

— Talvez fosse melhor eu ter uma conversa discreta com a Seção de Pessoal. Pode ser que eles fiquem com umas quantas dúvidas.

— Você não se atreveria, Gabriel. E também não tem direito de interferir em minha vida privada.

A vida privada de Sarah, sabia Gabriel, estava em ruínas desde as 9h03 da manhã de 11 de setembro de 2001, quando o voo 175 da United Airlines mergulhou na Torre Sul do World Trade Center. A bordo do avião condenado ia um jovem formado em Harvard, um advogado chamado Ben Callahan. Ben tinha conseguido dar um telefonema nos momentos finais de vida e a chamada foi para Sarah. Desde então, ela se permitira gostar de apenas um outro homem. Infelizmente, esse homem tinha sido Gabriel.

— Devia pensar muito e bem antes de se envolver com um homem que ganha a vida matando pessoas. Mikhail já fez coisas terríveis pelo bem do país dele. — Gabriel interrompeu-se por uns instantes e, a seguir, acrescentou: — Coisas desse gênero fazem com que, às vezes, seja difícil estar com ele.

— Parece uma pessoa que eu conheço.

— Não é brincadeira, Sarah. É sua vida. Além disso, os israelenses são conhecidos por não serem de confiança. Basta perguntar a qualquer mulher israelense.

— Por acaso, os israelenses que eu conheço são bem maravilhosos.

Silêncio.

— Isso é porque somos os melhores dos melhores.

— Incluindo Mikhail?

— Ele não faria parte da minha equipe se não fosse. Há quanto tempo está com ele?

— Ele já veio aqui algumas vezes e nos encontramos em Paris uma vez.

— Não é seguro você ficar sozinha em Paris.

— Não estou sozinha. Estou com Mikhail. — E depois: — É quase como estar com você.

As palavras dela ficaram pairando entre ambos por um momento.

— É disso que se trata, Sarah?

— Gabriel, por favor.

— Porque eu me sentiria mal se Mikhail acabasse magoado de alguma forma.

— Tenho certeza de que vou ser a única a acabar magoada.

— Não se eu tiver algum voto na matéria.

Ela sorriu pela primeira vez desde que o nome de Mikhail viera à baila.

— Ia contar hoje à noite. Só estávamos esperando até ter certeza de que era...

A voz dela foi sumindo.

— Até ter certeza de que era o quê?

— Verdadeiro.

— E é?

Ela segurou a mão dele.

— Não fique aborrecido, Gabriel. Estava com esperança de que isso pudesse ser uma comemoração.

— Não estou aborrecido.

Ela olhou para o copo de champanhe dele. Não o tinha tocado.

— Quer outra coisa?

— Acetona para tirar esmalte. Com gelo e uma rodela de limão.

Como Gabriel tinha viajado para Washington com o completo conhecimento da CIA, a Divisão de Trabalhos Domésticos atribuíra-lhe um apartamento não muito seguro na Tunlaw Road, ao norte de Georgetown. Por um curioso acaso do destino, o apartamento tinha vista para a entrada dos fundos da embaixada russa. Ao atravessar o vestíbulo, Gabriel sentiu o celular seguro vibrando no bolso. Era Adrian Carter.

— Onde está?

Gabriel disse.

— Tenho uma coisa que você precisa ver imediatamente. Vamos aí te buscar.

A ligação foi interrompida. Quinze minutos depois, Gabriel entrava no banco de trás de um grande carro preto, na New Monco Avenue. Carter passou-lhe uma folha: a transcrição de uma comunicação interceptada pela Agência de Segurança Nacional, com data da noite anterior, hora de Moscou. O alvo era Ivan Kharkov, que falava com alguém no quartel-general do FSB, na Praça Lubyanka. E, embora grande parte da conversa fosse em russo coloquial codificado, era evidente que Ivan dera algo ao FSB e agora queria de volta. E essa coisa era Grigori Bulganov.

— Tinha razão, Gabriel. Ivan entregou Grigori ao FSB para que eles também pudessem acertar contas. Segundo parece, o interrogatório do FSB está indo devagar demais para o gosto de Ivan. Ele gastou muito dinheiro para pôr as mãos em cima de Grigori e está farto de esperar. Mas a boa notícia: Grigori está vivo.

— E há algum modo vocês persuadirem o FSB a mantê-lo vivo?

— Nem por sombra. Nossas relações com o serviço russo pioram a cada dia. Eles nunca tolerariam que nos intrometêssemos em assunto estritamente interno. E, sinceramente, se os papéis fossem invertidos, nós também não. Do ponto de vista deles, Grigori

é desertor e traidor. Pode ter certeza de que querem matá-lo tanto quanto Ivan.

— O CIC [Contra-Terrorismo] já tem alguma coisa para mim?

— Ainda não. Quem sabe? Talvez seu amigo Anatoly seja um fantasma.

— Não acredito em fantasmas, Adrian. Se há alguma coisa que eu sei sobre Ivan é que ele não confiaria o sequestro de Grigori a alguém que não conhecesse. É assim que Ivan funciona. É tudo pessoal. Por isso, é possível que uma pessoa que tenha passado um tempo considerável com Ivan tenha visto esse homem em determinado momento. — Gabriel fez uma pausa. — Quem sabe, Adrian? Talvez até saiba seu nome verdadeiro.

Carter disse ao motorista para voltar para o apartamento seguro e depois olhou para Gabriel.

— Amanhã de manhã, um carro vai buscar você às seis. Lamento informar que vamos fazer isso sem risco desnecessário. Só vai saber seu destino quando já estiver em pleno voo.

— E que roupa devo levar?

Carter sorriu. — Quente. Muito quente.

CAPÍTULO 32

NORTE DO ESTADO DE NOVA YORK

O Parque de Adirondack, um vasto espaço selvagem que se estende ao longo de quase dois milhões e meio de hetares na parte nordeste do estado de Nova York, é a maior área protegida dos Estados: Unidos. Aproximadamente do tamanho do Vermont, é maior do que outros sete estados americanos — tão grande, na verdade, que os parques nacionais de Yellowstone, Yosemite, o

Glacier, o Grand Canyon e as Great Smoky Mountains podiam caber todos à vontade dentro da sua área limítrofe. Gabriel só ficou ao corrente destes fatos passada uma hora da descolagem, quando o piloto do avião, um veterano do programa de rendição extraordinária da CIA, lhe revelara o destino do voo. A previsão meteorológica era bastante desagradável: céu limpo, com temperaturas máximas que talvez chegassem a zero grau. Gabriel partiu do pressuposto de que o piloto tinha convertido a temperatura de graus Fahrenheit para graus centígrados, para benefício do seu passageiro estrangeiro.

Não tinha.

Passavam poucos minutos das dez quando o avião aterrou no Aeroporto Regional de Adirondack, em frente ao lago Saranac Adrian Carter tinha pedido para que um Ford Explorer fosse deixado no estacionamento. Por um qualquer milagre, o motor conseguiu começar a trabalhar logo à primeira tentativa. Gabriel pôs o aquecedor no máximo e passou vários minutos deploráveis a raspar o gelo dos vidros. Quando voltou a sentar-se ao volante, já o conseguia sentir na cara. O manômetro de temperatura do Explorer indicava oito graus negativos. Não era possível, pensou. Com certeza que era mau funcionamento do painel de instrumentos. Carter, uma alma prudente como poucas outras, decretara que ninguém poderia aproximar-se do local determinado com nada que transmitisse ou recebesse um sinal, incluindo sistemas de navegação GPS. Gabriel seguiu um conjunto de instruções datilografadas que lhe tinha sido dado a bordo do avião. Ao sair do aeroporto, virou à direita e seguiu pela Route 186 até Lake Clear. Virou outra vez à direita, para a Route 30, e continuou em direção a Upper St. Regis Lake. Seguiu-se Spitfire Lake, depois Lower St. Regis, e ainda a pequena cidadezinha universitária de Paul Smiths. Poucos metros depois da entrada para a faculdade, ficava a Keese Mills Road, um caminho tortuoso que seguia para leste, em direção a uma das

regiões mais remotos daquela área protegida. Nesta parte dos montes Adirondacks, os Rockefeller tinham mantido um vasto retiro de verão, que incluía a sua própria estação de ferroviária para o trem particular da família. O destino de Gabriel, embora fosse bem mais pequeno do que a herdade dos Rockefeller, era pouco menos isolado. A entrada ficava do lado esquerdo da estrada e, tal como Carter prevenira, era fácil não dar com ela. Da primeira vez, Gabriel passou por ela em grande velocidade e teve de continuar a guiar durante mais meio quilômetro até conseguir descobrir um local adequado para fazer uma inversão de marcha na estrada coberta de gelo.

Durante cerca de cem metros, um trilho estreito foi embrenhando cada vez mais no denso bosque, até surgir um portão de segurança metálico. Não havia mais vedações nem barreiras visíveis, mas Gabriel sabia que o terreno circundante estava repleto de câmaras, sensores de calor e detetores de movimento. E alguma coisa tinha tomado nota da sua chegada, já que o portão começara a abrir-se lentamente ainda antes de ele ter parado a viatura. Do outro lado, viu um jipe Grand Cherokee a aproximar-se dele a toda a velocidade, ao longo de uma clareira. Ao volante, estava um homem dos seus cinquenta e tal anos, com um porte de soldado. Chamava-se Fielding. Ex-agente do Grupo de Operações Especiais da CIA, Fielding era o responsável pela segurança.

— Nós avisamos de que a entrada era difícil de encontrar — disse Fielding, com a janela do carro aberta.

— Estiveram me observando?

Fielding limitou-se a sorrir.

— Lembrou de deixar o celular em casa?

— Lembrei.

— E o BlackBerry? — Não suporto essas coisas.

— Não tem canetas secretas nem óculos de raios X?

— A única coisa eletrônica que tenho comigo é o meu relógio, e terei prazer em jogá-lo em algum lago, se isso o deixar mais confortável.

— Desde que não seja algum dispositivo israelense secreto que transmita e receba sinais, pode ficar com ele. Além disso, os lagos estão todos congelados. — Fielding puxou pelo motor. — Ainda temos uma boa viagenzinha pela frente. Não fique muito para trás. Ou pode conseguir uma bala dos snipers escondidos.

Fielding acelerou a fundo pela clareira. Quando chegaram à fila seguinte de árvores, Gabriel já tinha recuperado a distância. Passado cerca de um quilômetro, a estrada começou a subir por uma colina íngreme. Apesar de ter sido lavrada e limpa de ervas daninhas nessa manhã, a superfície da terra já se encontrava completamente congelada. Fielding escalou-a sem problemas, mas Gabriel sentiu dificuldades em manter a tração. Alterou a definição da tração às quatro rodas de alta para baixa e fez uma segunda tentativa. Dessa vez, os pneus cravaram-se no gelo e a van lá foi avançando, à força e lentamente, em direção ao topo da colina. Nos dez segundos que Gabriel tinha demorado para fazer o ajustamento, Fielding sumira de vista. Encontrou-o passado um momento, parado junto a uma bifurcação na estrada. Seguiram para a esquerda e fizeram mais três quilômetros, até que chegaram a uma clareira no ponto mais alto da propriedade.

No centro havia um casarão tradicional de Adirondack, com o seu telhado alto e varandas monumentais viradas para sudeste, em direção ao tênue calor vindo do sol do meio-dia e aos lagos congelados de St. Regis. Havia um segundo casarão mais próximo da orla da floresta, mais pequeno do que o edifício principal mas ainda assim imponente por si mesmo. Entre as duas estruturas, havia um prado, onde duas crianças fortemente agasalhadas estavam a construir um boneco de neve com grande afinco, vigiadas por uma mulher alta e de cabelos escuros, com um casaco de lã de

carneiro. Ouvindo o som de veículos a aproximarem-se, virou-se com uma agilidade animal e depois, passados uns segundos, levantou a mão bem alto, com grande teatralidade.

Gabriel estacionou atrás de Fielding e desligou o motor. Quando chegou a altura de abrir a porta, a mulher corria para ele desajeitadamente, no meio da neve que lhe dava pelo joelho. Lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o com grande esmero em ambas as faces.

— Bem-vindo ao único lugar do mundo onde Ivan nunca vai me encontrar — disse Elena Kharkov. — Meu Deus, Gabriel, não posso acreditar que esteja mesmo aqui!

CAPÍTULO 33

NORTE DO ESTADO DE NOVA YORK

Almoçaram na grande sala de jantar rústica, por baixo de um lustre com hastes de veado, tradicional em Adirondack. Elena estava sentada de costas para uma janela elevada, enquadrada pelos lagos ao fundo e com Anna à sua esquerda e Nikolai à direita. E embora Gabriel tivesse executado o que resultou num sequestro legal do gémeos Kharkov no Sul da França, no Verão anterior, até então nunca os tinha visto em pessoa. Naquele momento, estava impressionado, tal como acontecera com Sarah Bancroft quando os conheceu, com a sua aparência. Anna, alta e magra e de cabelo preto abençoada com uma elegância natural, era uma versão mais pequena da mãe; Nikolai, louro e compacto, com uma testa larga e sobrance lhas robustas, era a cópia perfeita do pai mal-afamado. Com efeito, ao longo de uma refeição de contrário agradável, Gabriel teve a desconfortável sensação de que, do outro lado da mesa, Ivan

Kharkov, o seu inimigo mais implacável, lhe escrutinava todos os movimentos.

E também ficou impressionado com o som das suas vozes. O inglês deles era perfeito e possuía apenas um ligeiro traço de sotaque russo. Não era surpreendente, pensou. Em muitos aspetos, os filhos dos Kharkov praticamente não eram sequer russos. Tinham passado a maior parte da sua vida numa mansão em Knightsbridge e frequentado um colégio privado londrino. No Inverno, tinham passado as férias em Courchevel; no Verão, moviam-se de armas e bagagens para a Villa Soleil, o palácio de Ivan à beira-mar. em Saint-Tropez. Quanto à Rússia, era um lugar que tinham visitado umas quantas semanas por ano, apenas para manterem contato com as suas raízes. Anna, a mais conversadora dos dois, falou do país natal como se fosse uma coisa sobre a qual tinha lido em livros. Nikolai pouco disse. Limitou-se a olhar fixamente para Gabriel durante muito tempo, como se suspeitasse que o inexplicado convidado para o almoço era de algum modo responsável pelo fato de ele viver agora no cume de uma montanha nos Adirondacks e não em West London ou no Sul da França.

Terminada a refeição, as crianças deram um beijo na mãe e levaram os pratos para a cozinha obedientemente. Demorou um pouquinho até se habituarem à vida sem empregados — disse Elena depois de saírem da sala. — Acho que é melhor que eles vivam como crianças normais durante algum tempo. — Sorriu perante o absurdo da sua afirmação. Bom, quase normais.

— E como eles têm lidado com a adaptação?

— Tão bem quanto se pode esperar, tendo em conta as circunstâncias. A vida deles, tal como a conheciam, acabou num abrir e fechar de olhos, e tudo porque os guarda-costas russos que tinham foram mandados parar pela polícia por conduzirem em excesso de velocidade quando se iam embora da praia de Saint-Tropez. Suspeito que terão sido as únicas pessoas que a polícia

mandou parar por excesso de velocidade no Sul da França durante o Verão inteiro.

— Os gendarmes podem ser bem imprevisíveis na aplicação das normas de trânsito.

— E também podem ser muito amáveis. Cuidaram bem dos meus filhos enquanto os mantiveram detidos. Nikolai ainda hoje fala com grande ternura do tempo que passou na esquadra de Saint-Tropez. E também gostou do mosteiro nos Alpes. Para eles, a fuga Não passou de uma grande aventura. E tenho de lhe agradecer por isso, Gabriel. Tornou-lhes as coisas muito fáceis. O que elas sabem ao certo sobre o que aconteceu ao Pai?

— Sabem que ele teve alguns problemas com os negócios. E sabem que ele se divorciou de mim para casar com a amiga, a Yekate rina. Quanto ao tráfico de armas e os assassinatos... — A sua voz foi sumindo. — Ainda são muito novos para compreenderem. Vou esperar que fiquem um pouquinho mais velhos e só depois lhes contarei a verdade. Então, poderão tirar as suas próprias conclusões.

— Com certeza que devem estar curiosos.

— Claro que estão. Já não veem nem falam com Ivan há seis meses. Tem sido duro para o Nikolai. O pai é como um ídolo para ele. Tenho certeza que me culpa pela sua ausência. ,como a Elena lhes explica o fato de viverem isolados e rodeados de guarda-costas? — Na verdade, essa parte não é assim tão difícil. A Anna e o Nikolai são filhos de um oligarca russo. Passaram a — vida inteira rodeados de homens com armas e rádios, pelo que é algo que lhes parece perfeitamente natural. Quanto ao isolamento, o que lhes digo é apenas temporário. Um dia, dentro de pouco tempo, poderão ter amigos e ir à escola como quaisquer crianças americanas normais. Para já, têm uma tutora da CIA encantadora. Trabalha com eles das nove às três. A seguir, certifico-me de que eles vão lá para fora brincar, independentemente do tempo que faça. Temos várias centenas de hetares, dois lagos e um rio. Há muitas coisas para as

crianças fazerem. É um paraíso. Mas eu nunca poderia ter-me dado ao luxo disto se não fosse graças a si e aos seus ajudantes. Elena estava a referir-se à equipe de ciberespecialistas do Escritório que, nos dias que se seguiram à sua deserção, tinham saqueado as contas bancárias de Ivan em Moscou e Zurique e deitado a mão a mais de vinte milhões de dólares em dinheiro. As "transferências bancárias não autorizadas", como a elas se referiam eufemisticamente na Boulevard King Saul, eram uma das muitas ações relacionadas com o caso que pisavam os limites da legalidade. Depois de tudo se ter processado, Ivan não se encontrara em posição de perder tempo com o problema do dinheiro desaparecido ou de questionar a sequência de acontecimentos que levara à perda de custódia dos filhos. Estava a braços com acusações, vindas do Ocidente, de que tinha vendido alguns dos mísseis antiaéreos mais mortíferos da Rússia aos terroristas da Al-Qaeda, uma venda concluída com a bênção do Kremlin e do próprio presidente russo. O Adrian disse-me que a CIA apenas aceitou fornecer-lhe proteção a si e aos seus filhos durante dois anos — afirmou Gabriel' É óbvio que não acha que isso seja tempo suficiente.

— Não, não acho.

— Os contribuintes americanos não podem pagar a fatura para sempre. Quando os homens da CIA forem embora, contrato meus próprios guarda-costas.

— E o que vai acontecer quando o dinheiro acabar?

— Suponho que possa vender aquele quadro que falsificou para mim. — Sorriu. — Gostaria de vê-lo?

Levou-o para o salão e parou à frente de uma cópia exata de *Duas Crianças Numa Praia*, de Mary Cassatt. Era a segunda versão do quadro que Gabriel produzira. A primeira tinha sido vendida a Ivan Kharkov por dois milhões e meio de dólares e estava agora na posse dos delegados do Ministério Público francês.

— Não tenho certeza de que combine com a decoração de Adirondack.

— Não quero saber. Vou deixá-lo ficar exatamente onde está — encostou a mão ao queixo e inclinou a cabeça para o lado.

— Acho que é melhor do que a primeira, não acha? As suas pinceladas estavam um pouquinho empastadas na primeira versão. Esta está perfeita. — Olhou para ele. — Mas suponho que não tenha feito esta viagem toda para falar dos meus filhos ou para ouvir as minhas críticas ao seu trabalho.

Gabriel ficou em silêncio. Elena contemplou o quadro. Sabe, Gabriel, você devia ter seguido mesmo uma carreira de artista. Podia ter sido grande. E, com um pouquinho de sorte, nunca teria tido o infortúnio de conhecer meu marido. Mais de cem profissionais do serviço secreto de quatro países tinham estado envolvidos no caso Kharkov e a maior parte continuava curiosa com uma coisa: por que Elena Varlamova, a linda e culta filha de um economista de Leningrado a serviço do Partido Comunista tinha resolvido se casar com um bandido como Ivan Kharkov?

Ele já trabalhava há algum tempo para a Quinta Direção Principal do KGB na época do casamento e parecia destinado a ter uma carreira cintilante. Mas, no fim da década de 1980, enquanto a União Soviética respirava ofegante no leito de morte, sua sorte conheceu uma mudança de rumo inesperada. Numa tentativa desesperada para insuflar vida na moribunda economia soviética, Mikhail Gorbachev introduzira reformas econômicas que tinham permitido a formação limitada de capital de investimento. Encorajado pelos superiores, Ivan deixou o KGB e criou um dos primeiros bancos privados da Rússia. Auxiliado pela mão oculta dos seus antigos colegas, o banco depressa se tornou extraordinariamente rentável e, quando a União Soviética soltou por fim o último suspiro, Ivan estava numa posição única para se apoderar de alguns dos seus bens mais valiosos. Entre eles, estava

uma frota de navios e de aviões de carga, que ele converteu numa das maiores companhias de transporte de mercadorias do mundo. Passado pouco tempo, os barcos e os aviões de Ivan partiam para destinos em África, no Médio Oriente e na América Latina, carregados com um dos poucos produtos que os russos faziam bem: armas.

Ivan gostava de se gabar de ser capaz de deitar a mão a qualquer coisa e de a enviar para qualquer lado, em alguns casos de um dia para o outro. Não se importava minimamente com questões morais; apenas com o dinheiro. Estava disposto a vender fosse a quem fosse, desde que conseguissem pagar. E, se não conseguissem, oferecia-se para providenciar financiamento através do seu banco. Vendia as armas a ditadores e vendia-as a rebeldes. Vendia-as a combatentes da liberdade com ressentimentos legítimos e a maníacos dados ao genocídio que chacinavam mulheres e crianças. Especializou-se no fornecimento de armas a regimes tão intoleráveis, que não eram capazes de obter armamento pelas fontes legais. Aperfeiçoou a prática de vender a ambos os lados de um conflito, moderando judiciosa' mente o fluxo de armas, de maneira a prolongar as mortes e a maximizar os lucros. Destruiu países. Destruiu povos. E, pelo caminho, tornou-se extremamente rico. Durante vários anos, tinha conseguido manter a sua rede de mortandade cuidadosamente escondida. Para o resto do mundo,. Ivan Kharkov era o símbolo perfeito da Nova Rússia — um investidor e homem de negócios arguto que se deslocava com facilidade entre o Oriente e o Ocidente, colecionando casas dispendiosas, iates de luxo e amantes lindas. Mais tarde, Elena admitira a Gabriel ter tido parte ativa no grandioso logro perpetrado por Ivan. Tinha fechado os olhos às suas escapadelas românticas, exatamente como se protegera a ela própria numa ignorância voluntária quanto à verdadeira fonte da muita riqueza do marido.

Mas, por vezes, as vidas são viradas do avesso num instante. A de Gabriel alterara-se uma noite, em Viena, no tempo que demorou para que um detonador fizesse disparar uma carga de explosivo plástico colocada debaixo do seu carro. Para Elena Kharkov, tinha sido na noite em que ouvira por acaso uma conversa telefônica entre o marido e o seu chefe de segurança, Arkady Medvedev. Confrontada com a possibilidade de milhares de pessoas inocentes virem a morrer por causa da avidez do marido, preferiu traí-lo a ficar calada. As suas ações levaram-na a uma villa isolada nas colinas por cima de Saint-Tropez, onde se ofereceu para ajudar Gabriel a roubar os segredos de Ivan. A operação que se seguiu tinha quase posto um fim à vida de ambos. Havia uma imagem que iria perdurar para sempre na terrível galeria das recordações de Gabriel: a imagem de Elena Kharkov, amarrada a uma cadeira no armazém do marido, Com a pistola de Arkady Medvedev encostada à cabeça. Arkady queria que Gabriel lhe revelasse o paradeiro de Anna e Nikolai. Elena estava preparada para morrer para não ter de responder.

É melhor carregares no gatilho, Arkady, porque Ivan nunca irá ficar com essas crianças' Agora, sentado diante de uma lareira no salão da mansão de Adirondack, Gabriel estava a dar-lhe a notícia de que Ivan tinha conseguido raptar Grigori Bulganov, o homem que lhes tinha salvo a vida naquela noite. E que Olga Sukhova, a velha amiga de Elena, dos tempos da Universidade Estatal de Leningrado, fora alvo de uma tentativa de assassinato em Oxford. Elena recebeu as notícias de forma calma, como se tivesse sido informada de uma morte há mui, to esperada. A seguir, recebeu uma fotografia: um homem parado no hall das chegadas do Aeroporto de Heathrow. O modo como a expressão dela se ensombrou repentinamente mostrou a Gabriel que a sua viagem não tinha sido em vão.

— Já o tinha visto?

Elena acenou com a cabeça.

— Em Moscou, há muito tempo. Era uma visita habitual na nossa casa, na Zhukovka.

— E costumava ir sozinho?

Ela abanou a cabeça.

— Só com o Arkady.

— Alguma vez lhe disseram o nome dele?

— Nunca me diziam os nomes deles.

— E nunca aconteceu de ouvir um por acaso?

— Receio que não.

Gabriel tentou esconder a desilusão e perguntou se conseguia lembrar-se de mais alguma coisa. Ela olhou para a fotografia, como se estivesse a tentar limpar o pó da memória.

— Lembro-me de que o Arkady se mostrava sempre muito respeitador na presença dele. Eu achava isso bastante estranho, porque o Arkady não se mostrava respeitador à frente de ninguém.

Desviou os olhos da fotografia e fitou Gabriel. É uma pena que o tenha matado. Ele podia ter-lhe dito o nome.

O mundo é um lugar muito melhor sem pessoas como o Arkady Medvedev.

Isso é verdade. Às vezes, até desejava que tivesse sido eu a matá-lo. — Virou a cabeça e olhou fixamente para o outro lado da sala, na direção do quadro. — A questão que se coloca é por que razão terá Ivan contratado este mesmo homem para me tirar os meus filhos? Gabriel pegou na mão de Elena e apertou-a de uma forma reconfortante.

Já tive oportunidade de experimentar a segurança do Adrian em primeira mão. Aqui, Ivan não tem hipótese nenhuma de alguma vez a conseguir encontrar a si e às crianças. Sentir-me-ia melhor sabendo que você estava aqui. Olhou para ele. É capaz de ficar aqui conosco, Gabriel? Só por um dia ou dois? Não sei se Grigori pode dispensar um dia ou dois. Grigori? Olhou desanimada para a lareira.

Eu sei o que o meu marido e os amigos dele do FSB fazem a quem os trai.

Devia esquecer Grigori. É melhor concentrar-se nos vivos.

CAPÍTULO 34

NORTE DO ESTADO DE NOVA YORK

Gabriel concordou em passar lá a noite e voltar a Washington na manhã seguinte. Depois de se instalar num dos quartos de hóspedes no segundo andar, foi à procura de um telefone. Como medida de segurança, Ed Fielding tinha retirado todos os telefones do casarão principal. Com efeito, havia apenas um único telefone em toda a propriedade capaz de comunicar com o mundo exterior. Ficava no segundo edifício, em cima da mesa da sala de Fielding. Um pequeno letreiro advertia que todas as chamadas, independentemente da origem ou destino, eram acompanhadas e gravadas.

— Não é brincadeira nenhuma — avisou Fielding ao passar o fone a Gabriel. — De um profissional para outro. Fielding saiu do gabinete e fechou a porta Não estando disposto a revelar os procedimentos normais de comunicação do Escritório, Gabriel telefonou para o Boulevard King Saul utilizando o número geral e pediu para falar com Uzi Navot. A conversa entre ambos foi curta e levada a cabo numa forma de hebraico que nenhum supercomputador da NSA poderia alguma vez decifrar. Em poucos segundos, Navot conseguiu fazer um ponto da situação completo a Gabriel. Irina Bulganova tinha aterrado em Moscou em segurança, a equipe de Gabriel estava a regressar a Israel e Chiara voltava agora para a Úmbria, acompanhada pelos seus guarda-costas. Na verdade,

acrescentou Navot depois de verificar que horas eram, provavelmente já lá deviam estar.

Gabriel desligou e ponderou se devia ligar ou não a Chiara. Decidiu que não era seguro. Contatar o Escritório através de uma linha da CIA era uma coisa, mas falar com Chiara ligando para casa ou para o celular era outra bem diferente. Iria ter de esperar até se encontrar fora da bolha da CIA para tentar contatá-la. Ao pousar o fone, pensou nas palavras que Elena acabara de proferir. Devia esquecer Grigori. É melhor concentrar-se nos vivos. Talvez ela tivesse razão. Talvez ele tivesse feito uma promessa que não poderia de maneira nenhuma cumprir. Talvez fosse altura de ir para casa e cuidar da mulher. Abriu a porta e avançou para o corredor, onde estava Ed Fielding, encostado à parede.

— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo.

— Quer dar uma volta de carro?

— Até onde?

— Eu sei que está preocupado com Elena. Achei que ficaria mais descansado se mostrasse nossas medidas de segurança.

— Mesmo tendo em conta que eu trabalho para um serviço estrangeiro?

— Adrian diz que és da família. Isso é tudo o que eu preciso de saber.

Gabriel seguiu Fielding, em direção ao frio cortante do final da tarde. Esperara que a viagem fosse feita de jipe. Em vez disso, Fielding levou-o para um anexo, onde duas motos de neve brilhavam sob luzes fluorescentes suspensas. De um armário metálico, o homem da CIA retirou um par de capacetes, duas parcas, duas máscaras para a cara em neoprene e luvas windstopper. Cinco minutos mais tarde, depois de uma aula rudimentar sobre o funcionamento do veículo, Gabriel já ia lançado pelo bosque, atrás

da quase tempestade de neve que Fielding ia produzindo pelo caminho, em direção a um canto longínquo da propriedade.

Examinaram primeiro a ponta mais ocidental da propriedade E, a seguir, o limite a sul, assinalado por um pequeno afluente do rio St. Regis. Duas semanas antes, um urso-preto tinha entrado na propriedade vindo do outro lado do rio e feito disparar detectores de movimento e sensores de calor infravermelhos. Fielding reagiu ao intruso enviando dois guardas, que se defrontaram com o urso trinta segundos depois da chegada do animal. Na perspectiva de ser transformado em tapete, o urso retirou-se sensatamente para o outro lado do rio e nunca mais foi visto.

— E há por aí outros animais selvagens com que devamos nos preocupar? — perguntou Gabriel.

— Só com veados, linces, castores e um ou outro lobo.

— Lobos?

— Apareceu um ainda no outro dia. Bem grande.

— E são perigosos?

— Só se os surpreendermos.

Fielding acelerou a fundo e desapareceu no meio de uma nuvem branca. Gabriel seguiu-o pela tortuosa margem do leito do riacho, até a ponta mais a leste da propriedade, assinalada por uma vedação de metal com arame farpado no topo. Mais ou menos a cada cinquenta metros, havia um letreiro a avisar que se tratava de uma propriedade privada e que quem fosse suficientemente tolo ao ponto de lá entrar seria processado até as últimas consequências da lei. Enquanto percorriam a vedação, em grande velocidade e lado a lado, Gabriel reparou que Fielding estava a falar pelo rádio. Quando chegaram à estrada, era evidente que se passava alguma coisa. Fielding parou e fez sinal a Gabriel para fazer o mesmo.

— Telefone.

Gabriel não precisava de perguntar quem tinha feito o telefonema. Apenas uma pessoa sabia onde ele estava ou como

contatá-lo.

— Do que se trata?

— Ele não disse. Mas quer falar com você imediatamente.

Fielding levou Gabriel de volta às instalações pelo caminho mais curto possível. A noite já estava a cair quando chegaram, e os dois casarões de Adirondack já pouco mais eram do que silhuetas recortadas no horizonte cor de fogo. Elena Kharkov estava parada à en trada do casarão principal, com os braços cruzados por baixo do peito e o longo cabelo escuro soprado pelo vento glacial. Gabriel e Fielding passaram por ela a toda a velocidade, sem dizerem uma palavra, e entraram no segundo edifício. O telefone no gabinete de Fielding estava fora do descanso. Gabriel levantou o fone rapidamente, encostando-o à orelha, e ouviu a voz de Adrian Carter. Se houve de fato uma gravação da conversa que se seguiu, não existiu durante muito tempo. Carter nunca falaria dela, a não ser para dizer que tinha sido uma das mais difíceis da sua longa carreira. A única outra testemunha foi Ed Fielding. O responsável pela segurança não conseguiu ouvir as palavras de Carter, mas pôde aperceber-se do peso terrível que provocavam. Viu uma mão a agarrar o telefone com tanta força, que os nós dos dedos ficaram brancos. E viu os olhos. Os olhos verdes invulgarmente vivos e que naquele momento ardiam com uma raiva aterrorizadora. Quando Fielding saiu discretamente do gabinete, chegou à conclusão de que nunca antes tinha visto uma raiva assim tão grande. Não sabia o que o seu amigo Adrian Carter estava a dizer ao lendário assassino israelense. Mas tinha certeza de uma coisa. Iria jorrar sangue. E homens iriam morrer.

TERCEIRA PARTE

QUITES

CAPÍTULO 35

TIBERÍADES, ISRAEL

Há muito que Ari Shamron tinha perdido a dádiva do sono. Como a maioria dos homens, fora-lhe tirada já tarde na vida, mas por razões que eram unicamente suas. Contara tantas mentiras, urdira tantos logros, que já não era capaz de distinguir entre fato e ficção, verdade e mentira. Condenado pelo seu trabalho a permanecer acordado para sempre, Shamron passava noites inteiras a deambular sem fim pelas salas de arquivo seguras do seu passado, revivendo casos antigos, percorrendo velhos campos de batalha e confrontando inimigos vencidos há muito.

E depois havia o telefone. Durante: a longa e turbulenta carreira de Shamron, tinha tocado às horas mais aterradoras, normalmente com notícias de mortes. Por ele ter dedicado a vida a proteger o estado de Israel e, logo, o povo judeu, os telefonemas tinham sido um autêntico catálogo de horrores. Fora informado de atos de guerra e de atos de terrorismo, de sequestros de aviões e de explosões assassinas causadas por homens-bomba, de embaixadas e sinagogas reduzidas a escombros. E, em tempos, muitos anos atrás, tinha sido acordado com a notícia de que um homem que adorava como um filho acabara de perder a família com a explosão de uma bomba colocada num carro em Viena. Mas a chamada de Uzi Navot que chegou já bem tarde naquela noite foi quase de mais, fazendo com que Shamron soltasse um grito de raiva e se agarrasse ao peito, angustiado. Gilah, deitada ao lado dele na altura, diria mais tarde que tinha temido que o marido estivesse a ter outro ataque cardíaco. Shamron acalmou-se rapidamente e disparou umas quantas ordens vigorosas antes de pousar o fone delicadamente.

Deixou-se ficar sem se mexer durante um longo momento, com a respiração rápida e superficial. Havia um ritual na casa de Shamron. No final desse gênero de telefonemas, Gilah costumava fazer uma única pergunta: "Quantos morreram desta vez?" Mas, pela reação do marido, Gilah pôde perceber que esta chamada tinha sido diferente. Por isso, esticou a mão, no escuro, e tocou na pele seca do rosto cavado dele. Pela segunda vez apenas no casamento de ambos, sentiu lágrimas a escorrerem.

— O que se passa, Ari? Que aconteceu? Ao ouvir a resposta, levou as duas mãos à cara e chorou.

— Onde ele está?

— Na América.

— E já sabe?

— Acabaram de lhe dizer.

— E vem para casa?

— Chega de manhã.

— E já sabemos quem foi?

— Temos as nossas suspeitas.

— O que vais fazer?

— Amos não me quer por perto. Acha que vou ser uma distração.

— E quem é o Amos para te dizer o que deves fazer? O Gabriel é como um filho para ti. Diz ao Amos que ele pode mas é ir-se lixar. Diz-lhe que vai voltar para a Boulevard King Saul.

Shamron ficou em silêncio durante um momento.

— De repente, ele não vai me querer lá...

— Quem?

— Gabriel.

E por que acha isso, Ari?

— Porque se eu não o tivesse...

A voz foi sumindo.

— Porque se não o tivesse recrutado há não sei quanto tempo, nada disso teria acontecido? Era isso que ia dizer?

Shamron não respondeu.

— Gabriel é mais parecido com você do que pensa. Não teve outra escolha a não ser lutar. Nenhum de nós tem.

Gilah limpou as lágrimas do rosto do marido.

— Levante-se da cama, Ari. Vai para Tel Aviv. E não deixes de estar à espera em Ben-Gurion quando ele chegar. Ele precisa ver uma cara conhecida. — Interrompeu-se por uns instantes e depois rematou: — Ele precisa ver o seu abba1.

Shamron sentou-se na cama e desceu os pés lentamente até o chão.

— Posso fazer um café ou qualquer coisa para você comer?

— Não há tempo.

— Vou pegar umas roupas limpas.

Gilah acendeu o candeeiro da sua mesinha-de-cabeceira e saiu da cama. Shamron voltou a pegar no telefone e ligou para o barracão dos guardas ao fundo do caminho de entrada para a sua casa. Quem atendeu foi Rami, o chefe de longa data do seu serviço de segurança permanente.

— Prepare o carro — ordenou Shamron.

— O que houve, chefe?

— É Gabriel. Você logo ficará sabendo.

Shamron desligou o telefone e pôs-se em pé. Nessa altura, Gilah já tinha a roupa dele estendida na cama: calça passada caqui, camisa clássica branca, jaqueta de couro de piloto, com um rasgão no peito do lado direito. Shamron esticou-se na sua direção e deu-lhe um puxãozinho suave. Vamos travar mais uma luta juntos, pensou. Uma última operação.

Acendeu um cigarro e vestiu-se lentamente, como se estivesse colocando uma armadura para a batalha. Colocou o casaco e dirigiu-se para a cozinha, onde Gilah fazia café.

— Eu disse que não havia tempo.

— É para mim, Ari.

— Devia voltar para a cama, Gilah.

— Agora, já não consigo dormir.

Olhou para o cigarro que ardia entre os dedos amarelados do marido, mas sabia que o melhor era não o repreender.

— Tente não fumar demais. O médico...

— Eu sei o que ele diz.

Ela deu-lhe um beijo no rosto.

— Liga quando puder?

— Ligo.

Shamron saiu. A casa estava virada para leste, em direção ao mar da Galileia e à avassaladora massa escura dos montes Golã. Shamron comprara-a há muitos anos porque ela lhe permitia vigiar os inimigos de Israel. Porém, naquela noite, esses inimigos estavam para lá do horizonte. Com as suas ações, tinham acabado de declarar guerra ao Escritório. E agora o Escritório iria retribuir na mesma moeda.

A limusine blindada estava à espera no caminho de entrada. Rami ajudou-o a entrar para o banco de trás e depois instalou-se à frente ao lado do motorista. Quando o carro arrancou, o guarda-costas lançou um olhar rápido por cima do ombro e perguntou para onde iam.

— Boulevard King Saul.

Rami fez um aceno curto com a cabeça. Shamron pegou o telefone seguro e pressionou a tecla de discagem rápida. A voz que respondeu era jovem, masculina e impertinente. Fez com que Shanron ficasse logo rangendo os dentes de fúria. Trucidar vozes dessas era um dos seus passatempos preferidos.

— Preciso falar com ele imediatamente.

— Ele está dormindo.

— Mas não por muito mais tempo.

— Pediu para não ser perturbado a não ser que seja um caso de crise nacional.

— Então, sugiro que o acorde.

— É bom que seja importante.

O assessor pôs Shamron em espera, nunca uma boa ideia. Trinta segundos depois, surgiu na linha uma outra voz. Carregada de sono, pertencia ao primeiro-ministro de Israel.

— O que há, Ari?

— Perdemos dois rapazes na Itália esta noite — respondeu Shamron. — E a mulher de Gabriel está desaparecida.

Foi Margherita, a governanta, quem fez a descoberta. Mais tarde, ao ser interrogada pelas autoridades italianas e quando lhe perguntaram que horas eram na altura, responderia que talvez passassem cinco minutos das dez, embora tivesse admitido que não olhara para o seu relógio. As horas acabaram por corresponder de forma satisfatória aos seus registros de celular, que indicavam que ela tinha feito a primeira chamada às 22h07. E também encaixavam bem com o que ela fizera nessa noite. Várias testemunhas iriam recordar-se de tê-la visto sair de um café em Amelia por volta das 21h50, o que lhe dava mais do que tempo suficiente para regressar à Villa dei Fiori na sua pequenina lambreta.

A primeira indicação de problemas, disse ela, tinha sido a presença de um carro à frente do portão de segurança. Um Fiat grande parecia ter sido estacionado por um motorista bêbado, com a parte da frente encostada a uma árvore e os faróis apagados. Disse à policia que partira do princípio de que tivesse sido abandonado ou tivesse estado envolvido num acidente de pequena importância. Em vez de se aproximar do carro, preferira iluminá-lo primeiro com o feixe de luz do farol da lambreta. Foi então que reparou nas janelas partidas e nos pouquinhos de vidro espalhados pelo chão como cristais. E também se apercebeu de que o carro lhe era familiar. Pertencia aos dois amigos do restaurador, os jovens com nomes

estranhos que não falavam nenhuma língua conhecida. Disse à polícia que nunca tinha acreditado verdadeiramente na história deles, pois o seu pai fora soldado e ela era capaz de reconhecer um par de guarda-costas quando via um. Descendo da moto, apressara-se para junto do carro para ver se havia alguém ferido e o que encontrara, disse, não era de modo algum nenhum acidente. Os dois homens tinham levado uma série de tiros e estavam encharcados em sangue. Apesar de Margherita ter sido a primeira pessoa a ser interrogada pela Polícia, a verdade não fora ela a chamá-la. Tal como os outros membros do pessoal da villa, recebera instruções precisas sobre o que fazer em caso de haver algum incidente que envolvesse o restaurador ou a mulher. Deveria telefonar ao conde Gasparri, o proprietário ausente da villa, e informá-lo em primeiro lugar. Coisa que tinha feito às 22h07. O conde tinha então telefonado apressadamente ao monsenhor Luigi Donati, o secretário pessoal de Sua Santidade, o papa Paulo VII, o qual contatara o Escritório Central dos Serviços de Segurança do Vaticano. Passados vinte minutos, unidades da Polizia di Stato e dos carabiniere tinham chegado à entrada da villa e selado o local com cordões. Sem serem capazes de encontrar as chaves do carro, os agentes abriram a bagageira à força. Lá dentro, tinham encontrado três malas, uma cheia de artigos femininos, e uma carteira de senhora. O agente responsável deduzira rapidamente que a cena do crime representava mais do que apenas um duplo homicídio. Tudo levava a crer que tinha estado uma mulher dentro do carro. E a mulher estava agora desaparecida. Sem que os agentes presentes no local tivessem conhecimento disso, tinha sido feito um telefonema discreto do Vaticano para os empregadores da mulher, em Tel Aviv. O agente que atendera a chamada contatara imediatamente Uzi Navot, que naquele momento se dirigia para casa, no subúrbio de Petah Tikvah, em Tel Aviv, e que fez uma inversão de marcha repentina e imprudente, voltando ao Boulevard King Saul a uma velocidade

perigosa. Pelo caminho, fez três chamadas no telefone seguro: uma para Adrian Carter, em Langley, a seguinte para o diretor do Escritório e uma terceira para o Memuneh, aquele que mandava.

Quanto a Gabriel, desconhecia a maior parte da tempestade em volta. Com efeito, no mesmo momento em que Shamron despertava o primeiro-ministro, ele fazia todo o possível para consolar uma desesperada Elena Kharkov. Seus dois filhos, Anna e Nikolai, brincavam tranquilamente na sala ao lado, sem ideia do que acontecia. O que foi dito ao certo entre Gabriel e Elena nunca seria conhecido. Saíram juntos do casarão pouco depois, Elena lavada em lágrimas, Gabriel com um ar estoico e a mala de fim de semana pendurada no ombro. Quando chegou ao Aeroporto Regional de Adirondack, seu avião tinha o tanque cheio e recebera autorização para decolar. Levou-o diretamente para a Base Andrews da força aérea, onde um segundo avião, um Gulfstream G500, estava À espera para o transportar para casa. Mais tarde, a tripulação relataria que ele não tinha comido nem bebido nada durante o voo de dez horas, tal como não dissera uma única palavra. Limitou-se a ficar sentado no seu lugar como uma estátua, a olhar fixamente pela janela, em direção à escuridão.

CAPÍTULO 36

AEROPORTO BEN-GURION, ISRAEL

Existe uma sala no Aeroporto Ben-Gurion conhecida apenas por uma mão-cheia de pessoas. Fica à esquerda da área de controle de passaportes, atrás de uma porta não assinalada que está sempre fechada à chave. As suas paredes são de falsa pedra calcária de Jeru salém; a mobília corresponde à que se encontra tipicamente em

aeroportos: sofás e cadeiras de vinil preto, mesas modulares, luminárias modernas baratas que lançam uma luz implacável. Há duas janelas, uma com vista para a pista, a outra para o hall das chegadas. Ambas são feitas de vidro fumado de alta qualidade. Reservada aos membros do Escritório, é a primeira parada para os agentes que regressam de campos de batalha secretos no estrangeiro. Há um odor permanente a cigarros velhos, café queimado e tensão masculina. O pessoal dos serviços de limpeza já experimentou todos os produtos imagináveis para o expulsar, mas o cheiro continua. Tal como os inimigos de Israel, não pode ser derrotado através de meios convencionais.

Gabriel já tinha entrado nesta sala, ou em versões dela, várias vezes. Já entrara nela em triunfo e cambaleando com o peso do fracasso. Já lá fora honrado com festas e, uma vez, já tinha dado entrada numa maca, com uma bala ainda alojada no peito. Agora, pela segunda vez na vida, entrou nela depois de homens de indiscriminada violência terem atacado a sua mulher. Só lá estava Shamron para o receber. Shamron poderia ter dito muitas coisas Poderia ter dito que nada daquilo teria acontecido se Gabriel tivesse voltado para casa, para Israel; ou que Gabriel tinha sido tolo em ir à procura de um desertor russo com Grigori. Mas não o fez. Na verdade, durante um longo momento, não disse absolutamente nada. Limitou-se a pôr a mão na cara de Gabriel e a olhar fixamente para os seus olhos verdes. Estavam raiados de vermelho, por dentro e por fora, de raiva e cansaço.

— Suponho que não tenha conseguido dormir, não?

Os olhos responderam por ele.

— E também não comeu. Tem que comer, Gabriel.

— Como quando a tiver de volta.

— O profissional que há em mim quer dizer que devíamos deixar que outra pessoa se encarregasse disso. Mas sei que esta não é uma opção. — Segurou o cotovelo de Gabriel. — Sua equipe está à

espera. Querem começar logo. Temos muito trabalho para fazer e muito pouco tempo.

Ao saírem da sala, foram fustigados por uma forte chuvarada batida pelo vento. Gabriel olhou para o céu: não havia nem lua nem estrelas, apenas nuvens cor de chumbo que se estendiam da Planície Costeira às montanhas da Judeia.

— Está nevando em Jerusalém — disse Shamron. — Aqui embaixo, só chuva. — Fez uma pausa. — E mísseis. Ontem à noite, o Hamas lançou mísseis de longo alcance a partir de Gaza. Cinco pessoas morreram em Ashkelon... uma família inteira dizimada. Uma das crianças era deficiente. Aparentemente, não conseguiram chegar aos abrigos a tempo.

A limusine de Shamron estava estacionada junto ao passeio, na área VIP e segura do estacionamento. Rami estava junto à porta aberta, com as mãos ao lado do corpo e um rosto fechado. Quando Gabriel entrou para a parte de trás, o guarda-costas apertou-lhe o braço de uma forma reconfortante, mas não disse nada. Passado um momento, a viatura já avançava a grande velocidade pela estrada circular de acesso ao aeroporto, no meio da Violenta chuvada. No final da estrada, havia um letreiro azul e branco. Para a. direita, ficava Jerusalém, cidade de crentes; para a esquerda, ficava Tel Aviv, cidade de ação. A limusine seguiu para a esquerda. Shamron acendeu um cigarro e pôs Gabriel ao corrente dos acontecimentos.

— Shimon Pazner instalou-se no quartel-general da Polizia di Stato. Está acompanhando as buscas dos italianos minuto a minuto e mandando informes da situação ao Escritório de Operações.

Pazner era o chefe da base de Roma. Ele e Gabriel tinham tido uma ou outra altercação profissional ao longo dos anos, mas Gabriel confiaria sua vida a ele. E a de Chiara também.

— Shimon teve conversas discretas com os chefes dos serviços italianos. Enviaram condolências e prometeram fazer tudo o que estiver a seu alcance para ajudar.

— Espero que ele não tenha se sentido obrigado a dizer alguma coisa sobre minha visita recente a Como. Nos termos do meu acordo com os italianos, estou proibido de fazer operações em solo italiano.

— Isso não aconteceu. Mas eu não me preocuparia com os italianos. Não voltará lá tão cedo.

— E como ele explicou o fato de Chiara andar com guarda-costas?

— Disse que tínhamos recebido ameaças contra você. Não entrou em detalhes.

— Como os italianos reagiram?

— Como seria de esperar, ficaram algo desapontados por não termos mencionado isso antes. Mas a primeira preocupação deles é localizar sua mulher. Dissemos que acreditamos que os russos estejam envolvidos. O nome de Ivan não veio à baila. Ainda não.

— É importante que os italianos tratem disso discretamente.

— E vão fazê-lo. A última coisa que eles querem é que o mundo descubra que você mora numa quinta. na Úmbria restaurando quadros para o Papa. Os agentes da Polizia di Stato e dos carabiniere que estão no terreno acham que a vítima era uma italiana comum. Um pouco mais acima na cadeia de comando, sabem que há ligação com questões de segurança nacional. Só os chefes e seus principais assessores sabem a verdade.

— Que medidas tomaram?

— Fazem buscas na área circundante à villa e têm agentes em todos os pontos de entrada e postos fronteiriços. Não podem revistar todos os veículos, mas estão fazendo inspeções rápidas e revirando tudo o que pareça remotamente suspeito. Segundo parece, o trânsito de caminhões para os túneis da Suíça está engarrafado há mais de uma hora.

— E já sabem alguma coisa sobre o modo como a operação se desenrolou?

Shamron abanou a cabeça.

— Ninguém viu nada. Eles acham que o Lior e o Motti já estavam mortos há um par de horas quando a governanta os encontrou. Quem quer que tenha feito isto, é bom. O Lior e o Motti nem conseguiram disparar sequer um único tiro.

— Onde estão os corpos?

— Foram levados para Roma... Os italianos os terão a nossa disposição no fim da manhã. Esperam poder fazê-lo discretamente, mas duvido que sejam capazes de manter a coisa em segredo por muito mais tempo. Com certeza que algum jornalista vai saber do que aconteceu não tarda nada.

— Quero que eles sejam enterrados como heróis, Ari. Não mereciam morrer assim. Se eu não tivesse...

— Fez o que achava correto, Gabriel. E não se preocupe. Aqueles rapazes vão ser enterrados com todas as honras no Monte das Oliveiras. — Shamron hesitou e depois acrescentou: — Perto de seu filho.

Gabriel olhou pela janela. Sentia-se grato pelos esforços dos italianos, mas receava que tudo isso não passasse de tempo perdido. Não precisou de expressar esse pensamento em voz alta. Shamron, como a sua própria fisionomia severa indicava, sabia que era assim.

Apagou o cigarro, pisou-o e acendeu outro de imediato.

— Já pensou em como Ivan a descobriu?

— Não tenho pensado em mais nada, Ari... A não ser trazê-la de volta.

— Talvez eles tenham seguido Irina quando conseguiu que ela fosse à Itália.

— É possível...

— Mas?

— Extremamente improvável. A base de Moscou vigiou Irina por vários dias antes de ela sair da Rússia. Não tinha ninguém atrás dela.

— E acha que eles podiam ter uma equipe à espera no aeroporto de Milão que os seguisse até a vila?

— Nós preparamos um percurso que permitia detectar se estávamos sob vigilância. Não havia hipótese de não termos dado por um grupo de russos a nos seguir.

— Talvez o tenham feito eletronicamente.

— Com um sinal emitido por um transmissor? — Gabriel abanou a cabeça. — Revistamos Irina muito antes de sairmos do aeroporto. Não havia nenhum transmissor na bagagem dela. Fizemos tudo segundo as regras, Ari. E suspeito que Ivan e os amigos dele no serviço secreto russo já tivessem conhecimento do meu paradeiro há muito tempo.

— Então, por que ele não te matou simplesmente e despachou o assunto?

— Tenho certeza de que não tardaremos a descobrir.

A limusine avançou em direção a uma rampa de saída e, passado UM momento, já ia a avançar a toda a velocidade para norte, ao longo da Auto-Estrada 20. À esquerda, ficavam Tel Aviv e os seus subúrbios; à direita, havia um imponente muro cinzento a separar Israel da Margem Ocidental. Dentro dos serviços de segurança e defesa israelenses, havia quem se lhe referisse como o Muro de Shamron, já que ele passara anos a defender a sua construção. A barreira de separação tinha ajudado a diminuir os atos de terrorismo drasticamente, mas causara muitos prejuízos à já baixa reputação do país no estrangeiro. Shamron nunca deixava que as decisões importantes fossem influenciadas pela opinião internacional. Agia de acordo com uma simples máxima: "Faz o que é necessário e preocupa-te mais tarde com a trapalhada que tiver de ser limpa." Agora, Gabriel iria agir de acordo com a mesma doutrina.

— E já expressamos formalmente as nossas opiniões aos russos? Convocamos o embaixador para vir ao Foreign Office ontem

à noite e demos um aperto. Dissemos que acreditamos que Ivan Kharkov é responsável pelo desaparecimento da Chiara e frisamos bem que esperamos que ela seja libertada de imediato.

— E como o embaixador reagiu?

— Respondeu que tinha certeza de que estávamos enganados, mas prometeu analisar o assunto. O desmentido formal chegou hoje de manhã. Ivan não teve nada a ver com isso, claro.

— Claro. Mas a coisa ainda se torna mais interessante, porque o FSB ofereceu-se para ajudar a localizar Chiara.

— Oh, sério? E o que eles gostariam de receber em troca?

— Todas as informações referentes ao seu desaparecimento, mais os nomes dos aqueles que participaram na operação contra Ivan em Moscou, no verão.

— Isso quer dizer que Ivan age com a bênção do Kremlin.

— Sem dúvida nenhuma. E também quer dizer que teremos de tratar os serviços russos como adversários. Felizmente, você tem amigos em Londres e Washington. Graham Seymour diz que os britânicos farão tudo o que puderem para ajudar. E Adrian Carter já enviou telegrama sobre o sequestro de Chiara a todas as bases e centros de operações e vai nos transmitir tudo o que a CIA pegar.

— Preciso de cobertura total de todas as comunicações de Ivan.

— E já tem. Todas as interceptações relevantes da NSA serão enviadas para nosso chefe da base em Washington.

Shamron fez uma pausa. — A questão é: o que Ivan quer? E quando teremos ter notícias dele?

A limusine saiu da Autoestrada 20 e disparou em direção a uma avenida encharcada pela chuva na área norte de Tel Aviv.

Shamron pôs a mão no braço de Gabriel.

— Não era desta forma que eu queria que voltasse, meu filho, mas bem-vindo a casa.

Gabriel olhou pela janela, em direção a uma placa que passava agora defronte dele, com o nome de uma rua:

SDEROT SHAUL LECH.

Boulevard King Saul.

CAPÍTULO 37

BOULEVARD KING SAUL, TEL AVIV

O MI5 tinha a imponente solenidade em granito de Thames House. A CIA tinha a grande extensão de vidro e aço de Langley.

O Escritório tinha o Boulevard King Saul.

Era um edifício pardacento, indistinto e, melhor do que tudo, anônimo. Não havia nenhuma insígnia pendurada por cima da porta de entrada, nenhum letreiro em bronze a proclamar quem o ocupava. Na verdade, não havia absolutamente nada que sugerisse que se tratava do quartel-general de um do serviço secreto mais temidos e respeitados do mundo. Um exame mais atento da estrutura teria revelado a existência de um edifício dentro de outro edifício, um dos quais com o seu próprio abastecimento de energia, a sua própria canalização de água e esgotos e o seu próprio sistema de comunicações altamente seguro. Os funcionários traziam com eles duas chaves: uma abria uma porta não assinalada no hall de entrada, a outra fazia funcionar o elevador. Aqueles que cometessem o pecado imperdoável de perderem uma ou ambas as chaves eram desterrados para o deserto da Judeia, sem que ninguém voltasse a vê-los ou a ter notícias deles.

Gabriel atravessara o hall de entrada uma única vez, no dia a seguir ao primeiro encontro com Shamron. Daí em diante, apenas tinha entrado no edifício "negro" pela garagem subterrânea. Agora,

voltava a fazê-lo, com Shamron ao seu lado. Amos Sharret, o diretor, estava à espera no vestíbulo, acompanhado de Uzi Navot. O relacionamento entre Gabriel e Amos era, na melhor das hipóteses, frio, mas nada disso importava naquele momento. A mulher de Gabriel, uma agente do Escritório, estava desaparecida e presumivelmente nas mãos de um assassino comprovado que jurara vingança. Após expressar as suas condolências, Amos tornou bem claro que o arsenal completo do Escritório, tanto humano como técnico, se encontrava agora à disposição de Gabriel. A seguir, conduziu-o para um elevador que os esperava, com Shamron e Navot logo atrás.

— Deixei-te um gabinete livre no andar de cima — disse Amos.

— Pode trabalhar a partir de lá.

— Onde está a minha equipe? — No lugar do costume.

— Então, porque eu haveria de ir trabalhar para o andar de cima? Amos carregou com força num dos botões do painel de controle. O elevador começou a descer.

Durante muitos anos, tinha sido uma lixeira para onde eram atirados os computadores obsoletos e a mobília velha, e era utilizado com frequência pelos agentes do turno da noite como um local para encontros secretos românticos. Mas agora a Sala 456C, uma divisão subterrânea apertada, três níveis abaixo do hall de entrada, era conhecida como o Covil de Gabriel. Afixado à porta, estava um aviso desbotado, escrito em papel: COMITÉ TEMPORÁRIO DE ESTUDO DE AMEAÇAS TERRORISTAS NA EUROPA OCIDENTAL. Gabriel arrancou-o e, a seguir, marcou o código da fechadura de segurança eletrônica. A sala onde entraram estava repleta de escombros de operações passadas e, afirmavam alguns, assombrada pelos seus fantasmas. Sentados às mesas de trabalho, ligadas umas às outras, encontravam-se os membros da equipe de Gabriel: Dina e Rimona, Yaakov e Yossi, Eli Lavon e Mikhail. Com eles, estavam também

outros cinco agentes: um par de versáteis agentes operacionais, Oded e Mordecai, e três jovens gênios da divisão técnica do Escritório, especializados em ciberoperações secretas. Eram os mesmos três homens que tinham saqueado as contas bancárias de Ivan nos dias que se seguiram à deserção da sua mulher. Durante os últimos dias, todos os seus assombrosos conhecimentos tinham estado concentrados nos ativos financeiros de outro oligarca russo: Viktor Orlov.

Gabriel ficou parado à entrada da sala e inspecionou os rostos à sua frente. Viu apenas raiva e determinação. Estes mesmos homens e mulheres tinham levado a cabo algumas das operações mais arrojadas e perigosas da história do Escritório. E, naquele momento, não havia ninguém entre eles que colocasse em dúvida a capacidade da equipe para localizar Chiara e fazê-la regressar a casa. Se por alguma razão falhassem, então derramar-se-iam lágrimas. Mas não agora. E não à frente de Gabriel.

Ficou parado diante deles, em silêncio, com o seu olhar passando lentamente de parede em parede, pelos rostos dos mortos: Khaled al-Khalifa, Ahmed Bin Shafiq, Zizi al-Bakari, Yusuf Ramadan... Havia muitos mais, claro, quase demasiados para recordar. Todos eles tinham sido assassinos e todos eles tinham merecido a sentença de morte que Gabriel lhes administrara. Também devia ter matade Ivan Kharkov. Agora, Ivan tinha capturado a mulher de Gabriel. Independentemente do que viesse a acontecer, Ivan iria passar o resto da vida como um homem perseguido, tal como aconteceria com quem quer que estivesse remotamente envolvido no assunto. Não tinham a mínima hipótese de sobrevivência. Gabriel iria encontrá-los a todos, independentemente do tempo que demorasse. E iria matá-los a todos sem excepção.

No entanto, por agora, a punição dos culpados teria de esperar. Encontrar Chiara era tudo o que importava. Iriam dar início

à investigação localizando o homem que tinha planejado e executado o sequestro. O homem que se apresentara a Irina Bulganova como Anatoly, amigo de Viktor Orlov. O homem que tinha acabado de cometer o maior erro da sua carreira profissional. Naquele preciso momento, Gabriel pendurou a fotografia dele na galeria dos mortos. E depois contou uma história à equipe.

— Há um monumento comemorativo não muito longe do Boulevard King Saul. É dedicado aos que serviram e tombaram em segredo. É feito de arenito polido e tem forma de cérebro, porque os fundadores de Israel acreditavam que só o cérebro manteria o país a salvo dos que o queriam destruir. Os nomes das vítimas e as datas em que morreram estão gravados nas paredes do monumento. Os outros detalhes sobre suas vidas e carreiras estão na Sala de Arquivo. Mais de quinhentos agentes secretos dos vários serviços israelenses estão ali homenageados; setenta e cinco eram do Escritório. Em poucos dias seriam acrescentados mais dois nomes — de dois bons rapazes que tinham morrido porque Gabriel tentou cumprir uma promessa. Chiara Zolli, disse ele, não seria o terceiro nome. A Polícia italiana se dedicava a encontrá-la.

Com voz calma e sem emoção, afirmou que os esforços dos italianos não resultariam em nada. Com toda a probabilidade, Chiara tinha sido retirada de solo italiano antes de as buscas terem iniciado. Naquele momento, podia estar em qualquer lugar. Podia estar a caminho do Leste, atravessando os antigos territórios do império soviético a que os russos se referiam como "o estrangeiro aqui perto".

Ou talvez já estivesse na Rússia.

— Ou talvez nem sequer esteja na Rússia — acrescentou Gabriel. — Ivan controla uma das maiores companhias de transporte marítimo e aéreo de mercadorias do mundo. Tem a capacidade necessária para esconder Chiara em qualquer parte da Terra; tem a capacidade necessária para a deslocar de um lado para o outro e

fazer com que ela continue perpetuamente a deslocar-se. Isso significava que Ivan tinha uma vantagem desleal. Mas eles também possuíam margem de manobra. Ivan não tinha capturado Chiara simplesmente para a matar. Sem dúvida que queria mais alguma coisa. E isso dava-lhes tempo e espaço para preparar as suas ações. Não muito tempo, realçou Gabriel. E muito pouco espaço. Iriam começar por tentar encontrar o homem que Ivan tinha utilizado como o seu instrumento de vingança. Por enquanto, não passava de uns quantos traços desenhados a carvão numa tela que, fora isso, estava em branco. Mas eles iriam completar o desenho. Aquele homem não se materializara a partir do nada. Tinha um no me e um passado. Tinha uma família. Vivia. Existia. Tudo nele sugeria que era um antigo agente do KGB, um homem que se especializara em encontrar pessoas que não queriam ser encontra das. Um homem que conseguia fazer com que as pessoas desaparecessem sem deixar vestígio. Um homem que agora trabalhava para russos abastados com Ivan Kharkov.

Um homem assim não existia num vácuo. As pessoas tinham de ter conhecimento dele para poderem contratar os seus serviços e eles iriam encontrá-lo. E iriam dar início à sua busca na cidade onde tudo tinha começado: na cidade russa por vezes conhecida como Londres.

CAPÍTULO 38

Embora Gabriel não tivesse como saber, tinha razão em relação a, pelo menos, uma coisa. Chiara não permanecera por muito tempo em solo italiano. Na verdade, poucas horas depois de ter sido raptada, fora levada para leste, atravessando o país em direção a uma aldeia de pescadores, na região conhecida como Le Marche. Quando lá chegou, foi colocada a bordo de uma traineira e levada

para alto-mar, para aquilo que parecia ser uma noite de trabalho no Adriático. As 2h15, enquanto os agentes da Polizia di Stato vigiavam os postos fronteiriços da Itália, foi transferida para um iate a motor chamado Anastasia. Ao romper do dia, o iate tinha regressado a um porto sonolento ao longo da costa do Montenegro, a antiga república jugoslava recém-independente que acolhia agora milhares de expatriados russos, além de ser uma importante base de operações para a máfia russa. Todavia, também não iria ficar muito tempo nesse país. A meio da manhã, no momento em que o avião que trazia Gabriel aterrava em Ben-Gurion, era transportada para dentro de um avião de carga, num campo de aviação à saída da capital montenegrina. De acordo com os documentos a bordo, o avião pertencia a uma companhia de transporte de mercadorias sediada nas Bahamas e chamada Luko Tranz. O qui os documentos não diziam era que a Luko Tranz era na verdade uma empresa de fachada controlada por, nem mais nem menos Ivan Kharkov. Não que isso tivesse importado aos agentes das alfândegas montenegrinas. O suborno que tinham recebido para não inspecionarem o avião ou o que ele levava era mais do que o triplo do salário mensal que o governo lhes pagava.

Mas Chiara não tinha conhecimento de nada disso. Com efeito, sua última memória nítida era o pesadelo no portão da Villa dei Flori. Estava escuro quando lá chegaram. Exausta da operação em Como, Chiara tinha passado a longa viagem de carro dormindo e acordando intermitentemente, tendo despertado no momento em que Lior reduzia para parar junto ao portão de segurança. Para abrir, era necessário um código de seis dígitos. Lior estava teclando quando os homens de capuzes pretos surgiram do meio das árvores. Suas armas distribuíram morte com pouco mais do que um sussurro. Motti tinha sido atingido primeiro, Lior depois. Chiara tentava puxar a Beretta quando recebeu uma pancada na cabeça, suficiente para ficar fora de combate. A seguir, sentiu uma picada na coxa direita,

uma injeção de sedativo que deixou sua cabeça girando e transformou seus membros num peso morto. A última coisa de que se recordava era do rosto de uma mulher olhando para ela enquanto estava deitada. "Porte-se bem e talvez deixemos que viva", disse a mulher num inglês com sotaque russo. Então o rosto da mulher se desvaneceu e Chiara perdeu os sentidos.

Agora, estava à deriva num mundo que era parte sonho, parte recordação. Durante horas, vagueou perdida pelas ruas da sua Veneza natal, enquanto as águas das cheias da acqua alta* rodopiavam à sua volta, ao nível dos joelhos. Numa igreja em Cannaregio, encontrou Gabriel sentado numa das plataformas que utilizava no seu trabalho, a conversar em voz baixa com São Cristóvão e São Jerônimo. Levou-o para uma casa no canal, perto do velho gueto judaico, e fizeram amor em lençóis encharcados de sangue, enquanto Leah, a mulher dele, os observava nas sombras, sentada na sua cadeira de rodas. Um desfile de imagens passou-lhe à frente, algumas retratadas de forma aterrorizadora e outras reproduzidas com precisão. Reviveu o dia em que Gabriel lhe disse que nunca poderia casar com ela; e o dia, quando ainda não tinham passado dois anos desde esse momento, em que ele lhe preparou um casamento-surpresa no terraço de Shamron, com vista para o mar da Galileia. Atravessou com Gabriel o campo da morte de Treblinka e ajoelhou-se junto ao seu corpo despedaçado, num pasto inglês encharcado, suplicando-lhe que não morresse.

** Maré alta. (N. do T.)*

Por fim, viu Gabriel num jardim na Úmbria, rodeado por paredes de pedra etrusca. Estava a brincar com uma criança —não a criança que ele tinha perdido em Viena, mas a criança que Chiara lhe tinha dado. A criança que crescia agora dentro dela. Fora tola em mentir a Gabriel. Se ao menos lhe tivesse contado a verdade, ele

nunca teria ido para Londres cumprir a promessa que fizera a Grigori Bulganov. E Chiara não se encontraria prisioneira de uma mulher russa.

Uma mulher que agora se debruçava sobre ela, De seringa na mão.

Tinha uma pele branca como o leite e olhos de um azul translúcido, e parecia estar com dificuldades em manter o equilíbrio. E isto não era nem um sonho nem uma alucinação. Naquele momento, Chiara e a mulher estavam presas numa súbita tempestade, no meio do Adriático. Mas Chiara não o sabia, claro. Apenas sabia que a mulher por pouco não tinha caído por cima dela enquanto lhe dava uma injeção de sedativo, espetando a agulha com bastante mais força do que era necessário. Perdendo de novo os sentidos, Chiara regressou uma vez mais ao jardim na Úmbria. Gabriel estava a despedir-se da criança, que depois se afastou em direção a um campo de girassóis e desapareceu.

Chiara acordou novamente durante a travessia, desta vez com o zumbido de um avião em pleno voo e o fedor do seu próprio vômito. A mulher estava de novo debruçada sobre ela, com mais uma seringa na mão. Chiara prometeu portar-se bem, mas a mulher abanou a cabeça e espetou-lhe a agulha. Quando os efeitos da droga se fizeram sentir, Chiara deu por si a percorrer o campo de girassóis freneticamente, à procura da criança. Foi então que a noite caiu como uma cortina e ela começou a chorar histericamente, sem ninguém para a consolar.

Quando voltou a recuperar a consciência, foi com uma sensação de frio intenso. Por um momento, pensou que fosse mais uma alucinação. Depois, apercebeu-se de que estava em pé e, de alguma maneira, a caminhar no meio da neve. Tinha as mãos algemadas e presas ao corpo com fita de nylon, e os tornozelos agrilhoados. As correntes dos grilhões faziam com que a sua passada se limitasse a pouco mais do que um curto arrastar de pés. Os dois

homens que lhe seguravam os braços pareciam não se importar. Pareciam ter todo o tempo do mundo. Tal como a mulher da pele branca como o leite.

Ela seguia alguns passos à frente, em direção a um chalé rodeado por bétulas. À porta, estavam estacionados dois grandes Mercedes. A avaliar pelo seu aspeto discreto, tinham revestimento de aço e janelas à prova de bala. Encostado ao capô de um deles, estava um homem: casaco de couro preto, cabelo cor de prata, cabeça parecida com o canhão de um tanque. Chiara nunca o conhecera pessoalmente, mas já tinha visto aquela cara muitas vezes em fotografias de vigilância. O seu after-shave intenso pairava pelo ar quebradiço como uma neblina invisível. Sândalo e fumo. O cheiro do poder. O cheiro do diabo.

O diabo sorriu-lhe sedutoramente e tocou-lhe na cara. Chiara recuou, instantaneamente repugnada. A uma ordem do diabo, os dois homens levaram-na para dentro do chalé e fizeram-na descer um estreito lanço de escadas de madeira. Lá em baixo, havia uma Pesada porta de metal, com um ferrolho grosso e horizontal. atrás dela, ficava uma sala pequena com chão de betão e paredes caiadas. Obrigaram-na a entrar e fecharam a porta com toda a força. Chiara ficou ali parada, sem se mexer, a chorar baixinho e a tremer devido ao frio insuportável. Passado um momento, quando os seus olhos já se tinham ajustado à escuridão, apercebeu-se de que não se encontrava sozinha. Apoiado a um canto, com as mãos e os pés amarrados, estava um homem. Apesar da fraca luz, Chiara conseguia ver que ele já não fazia a barba há muitos dias. E também conseguia ver que tinha sido espancado selvagemente.

— Lamento muito vê-la — disse ele em voz baixa. — Deve ser a mulher de Gabriel.

— E quem é você?

— Meu nome é Grigori Bulganov. Não diga nem mais uma palavra. Ivan está ouvindo.

CAPÍTULO 39

BOULEVARD KING SAUL, TEL AVIV

O Escritório orgulhava-se da sua capacidade para responder rapidamente em tempos de crise, mas até os veteranos dos serviços, endurecidos pelas batalhas já travadas, abanariam mais tarde a cabeça de espanto perante a velocidade com que a equipe de Gabriel se lançou em ação. Os seus membros atazanaram os analistas da Divisão de Investigação para que voltassem a dar uma olhada aos arquivos e insistiram com os agentes de recolha da Divisão de Recolhas para que apertassem com as suas fontes, de modo a conseguirem obter qualquer pontinha de informação. Deixaram a Divisão das Finanças duzentos e cinquenta mil euros mais pobre e alertaram a Divisão dos Trabalhos Domésticos para o fato de irem precisar de alojamento seguro com pouco ou sem nenhum aviso prévio. E, por fim, deixaram a postos pela Europa material eletrônico e armamento suficientes para começar uma pequena guerra.

Mas na verdade era essa a sua intenção.

Felizmente para Gabriel, não iria para a guerra sozinho. Possuía dois poderosos aliados, com grande influência e alcance global, um em Washington e o outro em Londres. A Adrian Carter, pediu de empréstimo um ativo, uma agente que tinha sido enviada recentemente à Europa a título temporário. A Graham Seymour, pediu uma incursão noturna. O alvo seria um homem que se gabava de saber mais sobre o que se passava na Rússia do que o próprio presidente russo. Seymour se encarregaria de todo o trabalho de

preparação e da logística. Olga Sukhova seria a espada que daria a estocada final.

Era um trabalho há muito reservado para Shamron. Agora, não tinha outra tarefa a não ser percorrer os pisos de um lado para o outro, preocupado, ou incomodar toda a gente de um modo geral. Punha-se a olhar por cima dos ombros das pessoas, sussurrava-lhes aos ouvidos e, em várias ocasiões, puxava Uzi e Gabriel para o meio do corredor e apontava-lhes repetidamente o seu dedo indicador curto e grosso. E, uma e outra vez, ouvia a mesma resposta. Sim, Ari, nós sabemos. Já tínhamos pensado nisso. E, verdade seja dita, já tinham mesmo pensado nisso. Porque Shamron os tinha treinado. Porque eram os melhores dos melhores. Porque era como se fossem filhos dele. E porque agora eram capazes de fazer aquele trabalho sem precisar da ajuda de um velho.

E, por isso, ele passou grande parte daquele dia terrível a deambular pelos pisos superiores da sua adorado Boulevard King Saul, espreitando à entrada das salas, renovando velhas amizades, fazendo as pazes com antigos rivais. Havia um ambiente depressivo a pairar sobre aquele lugar; era algo que fazia com que Shamron se recordasse de Viena mais do que gostaria. Impaciente, pediu autorização a Amos para ir até o Aeroporto Ben-Gurion e receber os corpos de Lior e Motti. Tinham regressado ao estado de Israel em segredo, exatamente como o tinham servido, e apenas Shamron e os pais de ambos estavam presentes. Shamron ofereceu-lhes um ombro famoso para chorarem, mas não lhes pôde dizer nada sobre a forma como os filhos tinham morrido. A experiência deixou-o profundamente abalado, pelo que voltou para o Boulevard King Saul sentindo-se anormalmente deprimido. O seu estado de espírito melhorou um pouco quando entrou na Sala 456C e viu a equipe de Gabriel a trabalhar arduamente. No entanto, Gabriel não estava lá. Estava a caminho de Jerusalém, cidade de crentes.

Caía uma neve persistente quando Gabriel estacionou no caminho de acesso para o Hospital Psiquiátrico do Monte Herzl. Um letreiro na entrada indicava que a hora das visitas já terminara; Gabriel ignorou-o e entrou. Nos termos de um acordo com a administração do hospital, tinha autorização para aparecer sempre que quisesse. Na verdade, raramente lá ia quando as famílias e os amigos dos outros doentes lá se encontravam. Israel, um país com pouco mais do que cinco milhões de habitantes, era em muitos sentidos uma família alargada. Até mesmo para Gabriel, que tratava dos seus assuntos de uma forma anônima, era difícil ir a algum lado sem dar de caras com um conhecido de Bezalel ou do exército.

O médico de Leah estava à espera no hall. Uma figura rotunda, com uma barba rabínica, pôs Gabriel ao corrente sobre o estado de Leah enquanto percorriam, lado a lado, um corredor sossegado. Gabriel não ficou surpreendido por saber que este pouco se tinha alterado desde a sua última visita. Leah sofria de uma combinação especialmente aguda de depressão psicótica e síndroma de estresse pós-traumático. O atentado à bomba de Viena passava incessantemente na sua mente, como um vídeo de projeção contínua. De tempos a tempos, tinha instantes de lucidez, mas na maior parte do tempo vivia apenas no passado, presa a um corpo que já não funcionava, assolada pela culpa de não ter sido capaz de salvar a vida do filho.

— Ela reconhece alguém?

— Só Gilah Shamron. Ela vem uma vez por semana. Às vezes, mais.

— Onde ela está agora?

— Na sala de atividades recreativas. Nós a fechamos para que possa ver Leah em particular.

Estava sentada numa cadeira de rodas junto à janela, de olhar perdido na direção do jardim, onde a neve se acumulava nos ramos das oliveiras. Tinha o cabelo, que em tempos fora comprido e preto,

Curto e grisalho; e as mãos, contorcidas e cheias de cicatrizes devido ao fogo da explosão, cruzadas no colo. Quando Gabriel se sentou ao seu lado, pareceu não reparar. Depois, a cabeça dela virou-se lentamente e uma faísca de reconhecimento surgiu-lhe nos olhos.

— É você mesmo, Gabriel?

— Sim, Leah. Sou eu.

— Disseram que você podia aparecer. Estava com medo que tivesses esquecido de mim.

— Não, Leah. Nunca a esqueci. Nem por um só minuto.

— Esteve chorando, Gabriel. Consigo ver isso nos seus olhos. Há alguma coisa?

— Não, Leah, está tudo bem.

Ela voltou a contemplar o jardim.

— Olha para a neve, Gabriel. Não é...

Deixou o pensamento por acabar. Uma expressão de horror passou rapidamente por seus olhos; Gabriel sabia que ela tinha voltado a Viena. Pegou suas mãos destroçadas e falou. Do quadro que estava restaurando. Da villa onde tinha vivido na Itália nos últimos tempos. De Gilah e Ari Shamron. De tudo, menos de Viena. De tudo, menos de Chiara. Por fim, ela olhou uma vez mais para ele. Estava de volta.

— És mesmo você, Gabriel?

— Sim, Leah. Sou eu.

— Estava com medo de que...

— Nunca, Leah.

— Está com um ar cansado.

— Tenho trabalhado muito.

— E está magro demais. Quer comer alguma coisa?

— Não é preciso, Leah.

— Quanto tempo pode ficar, meu amor?

— Não muito.

— Como está sua mulher?

— Ela está bem, Leah.

— É bonita?

— É muito bonita.

— Você cuida bem dela?

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Faço todo o possível.

Ela desviou o olhar. — Olha para a neve, Gabriel. Não é linda?

— Sim, Leah, é linda.

— A neve absolve Viena dos seus pecados. A neve cai em Viena enquanto os mísseis chovem em Tel Aviv. — Voltou a olhar para ele. — Não esqueça de ver se o cinto do Dani está bem preso. As ruas estão escorregadias.

— Ele está ótimo, Leah.

— Me dá um beijo.

Gabriel beijou o rosto cheio de cicatrizes.

Leah sussurrou: — Um último beijo.

Em Tel Aviv e seus subúrbios, há uma constelação de apartamentos seguros do Escritório conhecida como locais de salto. São os lugares onde, por doutrina e tradição, os agentes passam a última noite antes de partirem de Israel para missões no estrangeiro. Mas, naquela noite, nem Gabriel nem qualquer membro da sua equipe se deram ao trabalho de ir para o local que lhes tinha sido designado. Não havia tempo. Na verdade, tinham passado a noite inteira a trabalhar e chegado tão tarde a Ben-Gurion, que os funcionários da El Al tiveram de fazê-los passar apressadamente pelo suplício habitual dos procedimentos de segurança. E, no que era outro corte com a tradição, toda a equipe viajou a bordo do mesmo avião: o voo 315 da El Al para Londres. Mas Gabriel era o único que tinha um papel a desempenhar naquela noite; separou-se

dos outros em Heathrow e pôs-se a caminho de Cheyne Walk, em Chelsea. Passavam poucos minutos das seis quando virou a esquina em direção a Cheyne Gardens e bateu com o nó dos dedos, de uma forma seca e por duas vezes, à porta traseira de uma van preta sem matrícula. Graham Seymour abriu-a e fez-lhe sinal para entrar. O alvo estava no seu lugar. A espada estava a postos. A incursão noturna estava prestes a começar.

CAPÍTULO 40

CHELSEA, LONDRES

Dizia-se que Viktor Orlov dividia as pessoas em duas categorias: as que estavam dispostas a ser usadas e as que eram demasiado estúpidas para perceber que estavam a ser usadas. E alguns teriam acrescentado uma terceira: as que estavam dispostas a deixar que Viktor lhes roubasse o dinheiro. Não fazia nenhum segredo do fato de ser um predador e um magnata sem escrúpulos. Na verdade, era com orgulho que vestia esses rótulos, tal como os seus fatos italianos de dez mil dólares e as camisas às riscas que eram a sua imagem de marca, feitas especialmente para si por um homem em Hong Kong. O colapso brutal do comunismo tinha proporcionado a Orlov a oportunidade de ganhar uma grande quantidade de dinheiro num curto espaço de tempo e ele aproveitara-a. Orlov raramente pedia desculpa por alguma coisa, e muito menos pela maneira como tinha enriquecido. "Se eu tivesse nascido inglês, o meu dinheiro talvez me tivesse surgido de uma forma limpa", disse a um entrevistador britânico pouco tempo depois de se ter instalado em Londres. "Mas nasci russo. E fiz uma fortuna russa." Abençoado com uma apetência natural para os números, Orlov trabalhava como físico no programa de armas nucleares soviético quando o império desabou por fim. Enquanto a maior parte dos colegas continuou a trabalhar sem receber o ordenado, Orlov decidiu abrir o seu próprio negócio e, passado pouco tempo, já tinha ganho uma pequena fortuna a importar computadores, eletrodomésticos e outros artigos vindos do Ocidente para o nascente mercado russo' Mas a sua verdadeira riqueza

chegaria mais tarde, após ter adquirido 223 a maior companhia de aço da Rússia e a Ruzoil, o gigante siberiano dos combustíveis. A revista Fortune declarou que Viktor Orlov era o homem mais rico da Rússia e um dos empresários mais influentes do mundo. Nada mau para um antigo físico ao serviço do governo, que em tempos tivera de partilhar um apartamento comum com duas outras famílias soviéticas.

No mundo competitivo do capitalismo russo dos magnatas sem escrúpulos, uma fortuna como a de Orlov podia ser uma coisa perigosa. Conquistada rapidamente, podia desvanecer-se num abrir e fechar de olhos. E podia fazer de quem a detinha e da sua família alvos de inveja e, por vezes, violência. Orlov sobrevivera a três tentativas de assassinato e, segundo os rumores, teria ordenado a morte de vários homens em retaliação. Mas a maior ameaça à sua fortuna viria não daqueles que o queriam matar, mas sim do Kremlin. O atual presidente russo achava que homens como Orlov tinham roubado os ativos mais valiosos do país e a sua intenção era roubá-los de volta. Pouco depois de ter tomado posse, chamou Orlov ao Kremlin e exigiu-lhe duas coisas: a sua companhia de aço e a Ruzoil. "E não meta o nariz na política", acrescentou. "Caso contrário, arranco-lo." Orlov aceitou abrir mão dos seus interesses no setor do aço mas não da sua companhia energética. O presidente não achou graça. Ordenou imediatamente aos delegados do Ministério Público que abrissem uma investigação para apurar a existência de fraudes e subornos e, no intervalo de uma semana, foi emitido um mandado de captura contra Orlov. Sensatamente, Orlov fugiu para Londres. Alvo de um pedido de extradição por parte da Rússia, continuava a manter o controle nominal das suas ações na Ruzoil, que estavam agora avaliadas em doze mil milhões de dólares, embora, em termos legais, permanecessem congeladas, fora do alcance tanto de Orlov, como do homem que as queria de volta, o presidente russo. Durante os primeiros tempos do seu exílio, a

imprensa agarrava-se a tudo o que ele dizia. Na qualidade de fonte segura de informação incendiária sobre as trapaças perpetradas pelo Kremlin, conseguia encher uma sala com jornalistas em apenas uma hora. Porém, a imprensa britânica cansara-se de Viktor, do mesmo modo que se 224 fartara dos russos de uma maneira geral. Já poucos se interessavam pelo que ele tinha a dizer, e menos ainda tinham o tempo ou a paciência para aguentar uma das suas longas diatribes contra o arquirrival, o presidente russo. Por isso, foi sem surpresa que Gabriel e a sua equipe receberam a notícia de que Orlov aceitara prontamente um pedido de entrevista por parte de uma tal Olga Sukhova, antiga jornalista socialmente empenhada da revista Moskovskaya Gazeta, agora também ela uma exilada. Preocupada com a sua própria segurança, pediu para se encontrar com Orlov em casa dele e à noite. Orlov, solteiro e um eterno mulherengo, sugeriu que ela viesse às sete. "E, por favor, venha sozinha", acrescentou, antes de desligar o telefone.

Ela chegou de fato às sete, embora estivesse muito longe de vir sozinha. Uma empregada guardou seu casaco e a acompanhou ao escritório no segundo andar, onde Orlov a cumprimentou em russo, exuberantemente. Gabriel e Graham Seymour, de fones colocados, ouviram a tradução simultânea.

— É um prazer tão grande vê-la outra vez após todos esses anos, Olga. Posso oferecer-lhe um pouco de chá ou qualquer coisa mais forte?

CAPÍTULO 41

CHELSEA, LONDRES

— Um chá seria ótimo, obrigado.

Orlov não pôde esconder a desilusão. Não havia dúvida de que tinha esperado impressionar Olga com uma garrafa ou duas de Château Petrus que bebia como se fosse água da torneira. Pediu à empregada que lhes trouxesse chá e aperitivos e depois pôs-se a observar Olga com óbvia satisfação, enquanto ela fingia que admirava o seu amplo escritório. Segundo os rumores, Orlov tinha ficado tão impressionado com a sua primeira visita ao Palácio de Buckingham, que ordenara ao seu exército de decoradores de interiores que refizesse a atmosfera do palácio em Cheyne Walk. Segundo as informações, a sala, três vezes maior do que o antigo apartamento de Olga em Moscou, fora inspirada no gabinete privado da rainha. Enquanto suportava uma visita entediante à casa, Olga não pôde deixar de refletir sobre as diferenças que existiam entre a sua vida e a de Viktor. Libertos do jugo do comunismo, Viktor tinha ido a procura de dinheiro, ao passo que Olga se decidira a descobrir a verdade. Tinha passado a maior parte da carreira a investigar os movimentos de homens como Viktor Orlov e acreditava que esses homens carregavam grande parte da culpa pela morte da liberdade e da democracia no seu país. A avidez de Orlov tinha ajudado a criar um Conjunto único de circunstâncias que permitira ao Kremlin fazer o País regressar ao autoritarismo do passado. Na verdade, se não fosse por causa de homens como Viktor Orlov, o presidente russo Possivelmente ainda continuaria a ser um funcionário de pouca importância no executivo municipal de São Petersburgo. Em vez disso, governava o país mais vasto do mundo com um punho de ferro, e era considerado um dos homens mais ricos da Europa. Mais rico até, do que o próprio Orlov.

O chá chegou. Sentaram-se cada um na sua ponta de um comprido sofá de brocado, de frente para uma janela com cortinados sumptuosos que iam do chão até o teto. Talvez fosse possível ver o Chelsea Embankment e o Tamisa se as cortinas não estivessem fechadas, como medida de precaução contra atiradores furtivos — o

que era irônico, já que Orlov tinha gasto milhões de libras para adquirir uma das melhores vistas em Londres. Usava terno azul-escuro e camisa listrada azul. Tinha um braço estendido nas costas do sofá, virado para Olga e deixando ver um relógio de pulso em ouro e diamantes, de valor incalculável. O outro estava pousado no braço do sofá. Fazia girar os óculos sem parar. Seus vigias de longa data teriam reconhecido o tique. Orlov estava perpetuamente em movimento, mesmo quando sentado.

— Por favor, Olga, me lembre qual foi a última vez que nos encontramos.

Os vigias de Orlov também reconheciam isso. Viktor não era o tipo de pessoa que soltasse um "Eu nunca me esqueço de uma cara". Na verdade, tinha por hábito fazer de conta que esquecia das pessoas. Era uma tática de negociação que revelava aos adversários que eles não ficavam na memória; que eram insignificantes; que não tinham valor nem importância. Olga pouco se importava com o que Orlov pensava dela e, por isso, respondeu honestamente. Tinham-se encontrado uma vez em Moscou, pouco antes de ele fugir para Londres.

— Ah, sim, agora lembro! Fiquei muito zangado com você por não ter se interessado por algumas informações valiosas que eu tinha.

— Se eu tivesse escrito a história que queria que escrevesse, teria sido morta.

— A destemida Olga Sukhova estava com medo? Isso nunca a travou no passado. Pelo que ouço dizer, tem sorte em estar viva. O Kremlin nunca disse o que aconteceu naquela escadaria no último verão, mas eu sei a verdade. Estava investigando Ivan Kharkov e Ivan tentou silenciá-la. Permanentemente.

Olga não deu resposta.

— Então, não nega que foi isso que aconteceu?

— As suas fontes sempre foram irrepreensíveis, Viktor.

Ele respondeu ao elogio rodopiando os óculos. — É uma pena que só agora tenhamos tido oportunidade de voltar a nos encontrar. Como pode calcular, segui seu caso com grande interesse. Tentei arranjar uma maneira de entrar em contato com você depois de sua deserção se tornar pública, mas você se revelou difícil de localizar. Pedi aos amigos no serviço secreto britânico que lhe passassem uma mensagem, mas eles recusaram.

— E por que não perguntou simplesmente a Grigori onde eu estava?

Os óculos ficaram quietos por alguns segundos. — Perguntei, mas ele não quis me dizer. Sei que os dois são amigos. Suponho que ele não queira partilhar você.

Olga tomou nota do tempo verbal: *Sei que os dois são amigos*... Ele não parecia saber que Grigori estava ausente — a não ser que estivesse mentindo, o que era uma clara possibilidade. Viktor Orlov era geneticamente incapaz de dizer a verdade.

— O velho Viktor não se teria dado ao trabalho de perguntar a Grigori onde eu estava escondida. Teria se limitado a mandar segui-lo.

— Não pense que isso não me passou pela cabeça.

— Mas nunca o fez?

— Seguir Grigori? —Abanou a cabeça. —Os ingleses dão liberdade de ação a meus guarda-costas, mas nunca tolerariam operações de vigilância privada. Não esqueça, continuo cidadão russo. E fui alvo de um pedido formal de extradição. Tento não fazer nada que ponha meus anfitriões ingleses zangados demais.

— Além de criticar o Kremlin sempre que dá vontade.

— Eles não podem esperar que eu permaneça mudo. Quando vejo injustiça, sinto-me compelido a falar. É a minha natureza. É por isso que eu e Grigori nos damos tão bem. – Interrompeu-se e depois perguntou: — Como ele está, por falar nisso?

— Grigori? — Ela deu um gole no chá e disse que já não falava com ele há semanas. — E você?

— Por acaso, pedi a um assistente que telefonasse para ele no outro dia. Nunca tivemos resposta. Presumo que esteja muito ocupado com o livro. — Lançou a Olga um olhar conspiratório. — Alguns de meus homens têm trabalhado com Grigori em segredo. Como pode calcular, desejo que este livro seja um grande êxito.

— Por que não estou surpresa, Viktor?

— É a minha natureza. Gosto de ajudar os outros. E é por isso que fico tão contente que esteja aqui. Fale-me da história em que está trabalhando. Diga em que posso ser útil.

— É uma história sobre um desertor. Um desertor que desapareceu sem deixar rastro.

— E tem nome?

— Grigori Nikolaevich Bulganov.

Dentro da van de vigilância, Seymour tirou os fones e olhou para Gabriel.

— Muito bem jogado.

— Ela é boa, Graham. Muito boa.

— Posso ficar com ela quando acabar?

Gabriel levou um dedo aos lábios. Viktor Orlov estava outra vez falando. Ouviram uma rajada de palavras em russo, seguida pela voz do tradutor.

— Conte o que sabe, Olga. Conte tudo.

CAPÍTULO 42

CHELSEA, LONDRES

De repente, Orlov mexia-se em vários lugares ao mesmo ’tempo. Os óculos rodopiavam, os dedos da mão batucavam nas costas do sofá de brocado e o olho esquerdo tremia-lhe de ansiedade. Nos seus tempos de criança, esse tique nervoso fizera dele um alvo de provocações e intimidações impiedosas. Tinha-o feito ferver de ódio, e esse ódio compelira-o a ser bem-sucedido na vida. Viktor Orlov queria vencer toda a gente. E era tudo por causa do tique nervoso no seu olho esquerdo.

— Tem certeza de que ele está desaparecido?

— Tenho.

— Quando desapareceu?

— No dia dez de janeiro. Às seis e doze da tarde. A caminho do xadrez.

— Como sabe disso?

— Sou Olga Sukhova. Eu sei tudo.

— E os ingleses têm conhecimento?

— Claro.

— E o que eles acham que aconteceu?

— Acham que ele voltou a desertar. Acham que está neste momento outra vez em Lubyanka, contando aos superiores todas as informações que recolheu sobre o funcionamento de sua organização enquanto trabalhou para você.

O olho agora piscava involuntariamente como o obturador de uma máquina fotográfica automática de alta velocidade.

— E por que não me disseram nada?

— Não acho que tenha sido sua primeira preocupação. Mas não se preocupe. O que eles dizem de Grigori não é verdade. Ele não voltou a desertar. Foi sequestrado.

Ela deixou que as palavras produzissem efeito e, a seguir acrescentou: — Por Ivan Kharkov.

— Como sabe disso?

— Sou Olga Sukhova.

— E você sabe de tudo.

— Nem tudo. Mas talvez possa me ajudar a encaixar algumas peças que faltam. Não sei a identidade do homem que Ivan contratou para o sequestro. Tudo o que sei é que esse homem é muito bom. É um profissional. — Fez uma pausa. — O tipo de homem que você costumava contratar em Moscou... nos velhos dias difíceis, quando tinha um problema que se recusava simplesmente a desaparecer.

— Tenha cuidado, senhora Sukhova.

— Eu tenho sempre cuidado. Nunca precisei publicar um só pedido de desculpas nos anos em que trabalhei para a Gazeta. Nem um só.

— Isso porque nunca escreveu matéria sobre mim.

— Se tivesse escrito, teria sido à prova de desmentidos e completamente rigorosa.

— Se assim o diz.

— Sei muita coisa sobre a forma como ganhou seu dinheiro, Viktor. Fiz-lhe um favor ao nunca ter publicado essas informações na Gazeta. E agora você vai fazer um a mim. Vai me ajudar a encontrar o homem que sequestrou meu amigo.

— E se não o fizer?

— Despejo tudo o que tenho nos meus blocos de notas e o transformo no menos lisonjeiro artigo bombástico que já escreveram sobre você.

— E eu a levo aos tribunais.

— Tribunais? Acha mesmo que eu tenho medo de um tribunal britânico?

Enfiou a mão na carteira e tirou uma foto: um homem parado no hall de chegadas do Aeroporto de Heathrow.

Orlov pôs os óculos. O olho tremeu nervosamente. Apertou um botão na mesinha de apoio e a garçonete se materializou.

— Traga-me uma garrafa de Petrus. Já.

Viktor tentou escapar ao laço da forca que o apertava, claro, mas Olga não lhe deu trégua. Disse calmamente uns quantos nomes, uma data e os detalhes de uma certa transação envolvendo uma empresa que ele controlara apenas o suficiente para o deixar perceber que as ameaças dela não eram vãs. Viktor bebeu seu primeiro copo de Petrus rapidamente e serviu-se de outro.

Olga nunca o tinha visto mostrar medo, mas naquele momento ele estava claramente assustado. Sendo uma repórter experimentada, reconheceu as manifestações desse medo no comportamento que se seguiu: as exclamações de descrença, as tentativas de enganá-la, o esforço para atirar as culpas para cima de outros. Viktor tinha tendência para culpar a Rússia de todos os seus problemas. Como tal, não foi nenhuma surpresa para Olga quando ele fez isso naquele momento.

— Tem de se recordar de como eram as coisas nos anos noventa. Tentamos estalar os dedos e transformar a Rússia num país capitalista normal de um dia para o outro. Não era possível. Eram ideias utópicas, tal como o comunismo. Eu recordo-me, Viktor. Também lá estava.

Então, com certeza que se lembra de como eram as coisas Para as pessoas como eu, que conseguiram fazer algum dinheiro. Toda a gente queria uma parte. As nossas vidas estavam sob perigo constante, tal como as vidas das nossas famílias. Havia a máfia, claro, mas às vezes os nossos concorrentes eram tão perigosos quanto ela' Toda a gente contratava exércitos privados para se proteger e Para fazer guerra aos seus rivais. Era o Leste Selvagem.

Orlov levantou o copo de vinho em direção à luz. Espesso e intenso, brilhava como sangue acabado de derramar. — Não havia falta de soldados. Já ninguém queria trabalhar para o governo, não quando há dinheiro alto a ganhar no setor privado. Os agentes dos serviços de segurança estavam a abandonar os seus cargos em catadupa. E alguns nem se davam ao trabalho de se despedirem.

Cumpriam simplesmente uma ou duas horas no escritório e no resto do tempo faziam biscates.

Olga tinha escrito em tempos um artigo bombástico a revelar essa prática — uma história sobre dois agentes do FSB que investigavam a máfia russa durante o dia e matavam ao serviço dela à noite. Os homens do FSB tinham negado o artigo veementemente e, a seguir, ameaçaram matá-la.

— Alguns desses homens não possuíam grandes talentos — continuou Orlov. — Conseguiam dar conta de trabalhos simples, assassinatos de rua e coisas do gênero. Mas havia outros que eram profissionais altamente treinados. — Examinou a fotografia com atenção. — Este homem enquadrava-se na segunda categoria.

— Já esteve com ele?

Ele hesitou por uns instantes e depois acenou afirmativamente com a cabeça.

— Foi em Moscou, numa outra vida. Não vou falar da natureza ou das circunstâncias desse encontro.

— Eu não quero saber do encontro, Viktor. Só quero saber do homem que está nessa fotografia.

Ele bebeu um pouco mais de vinho e cedeu.

— O nome de código dele no KGB era Camarada Zhirlov. Especialista em assassinatos, sequestros e em encontrar homens que não queriam ser encontrados. E também se dizia que era muito bom com venenos e toxinas. Deu bom uso a esses talentos quando passou a trabalhar por conta própria. Fazia o tipo de trabalho que outros eram recusavam por serem perigosos demais. Isso o tornou rico. Trabalhou na Rússia alguns anos e depois alargou os horizontes.

— E para onde ele foi?

— Para a Europa Ocidental. Fala várias línguas e tem muitos passaportes dos tempos de KGB.

— Onde ele mora?

— Quem sabe? E duvido que até mesmo a famosa Olga Sukhova o encontre. Na verdade, recomendo fortemente que esqueça a ideia de sequer tentar. A única coisa que vai conseguir é que a matem.

— É evidente que ele continua a vender seus serviços no mercado livre.

— Foi isso que ouvi dizer. E também ouvi dizer que os preços dele subiram exponencialmente. Agora, só homens como Ivan Kharkov conseguem contratá-lo.

— E como você, Viktor.

— Eu nunca me envolvi nessas coisas.

— Ninguém está fazendo essa acusação. Mas suponhamos que uma pessoa precisasse dos serviços de um homem assim. Como entraria em contato com ele? Aonde iria?

Viktor se calou. Era russo — e, como todos os russos, suspeitava de que sempre houvesse alguém na escuta. E, no caso, tinha razão. Por um momento, os dois homens sentados na parte de trás da van do M15 temeram que a sua fonte não se mostrasse disposta a dar o último passo. E foi então que ouviram uma palavra, que não necessitava de tradução.

— Genebra.

— Havia lá um homem— , disse Orlov. — Um assessor de russos ricos para assuntos relacionados com segurança. Um agente. Um intermediário. Acho que se chama Chernov. Sim, tenho certeza.

— Chernov.

— E tem primeiro nome?

— Pode ser Vladimir.

— Por acaso, sabe onde fica o escritório dele?

— Logo na saída da Rue du Mont-Blanc. Acho que tenho o endereço.

— E não teria também um número de telefone?

— Por acaso, posso até ter o celular dele.

Em circunstâncias normais, Gabriel nunca se teria dado ao trabalho de anotar o nome e o número do celular. Mas naquele momento, com a mulher nas mãos de Ivan, não confiava em sua memória habitualmente irrepreensível. Quando acabou de anotar as informações, Olga atravessava o portão de ferro da casa de Viktor. Um táxi foi apanhá-la e levou-a até a esquina que dava para Cheyne Gardens. Gabriel entrou no táxi, sentando-se ao lado dela, e seguiram para o Aeroporto London City, onde um jato Gulfstream G500 providenciado pelos americanos os esperava. O resto da equipe já estava a bordo, na companhia da sua mais recente aquisição, Sarah Bancroft. Mais tarde, o registro da torre de controle indicaria que a partida do avião se dera às 22h18. Por razões nunca explicadas, o seu destino não ficou registrado.

CAPÍTULO 43

BOULEVARD KING SAUL, TEL AVIV

Podia não parecer muita coisa — um nome, a morada de um escritório, um par de números de telefone —, mas, nas mãos de um serviço de espionagem como o Escritório, era o suficiente para pôr um homem completamente a nu. Shamron passou a informação aos sabujos da Divisão de Investigação e enviou-a também para o outro lado do Atlântico, para Langley. A seguir, com Rami ao seu lado, foi para casa, para Tiberíades.

Já passava da meia-noite quando chegou. Despiu-se na escuridão e enfiou-se na cama sem fazer barulho, de forma a não acordar Gilah. Não se deu ao trabalho de fechar os olhos. O sono era algo que raramente surgia e nunca em circunstâncias como aquelas. Em vez de tentar adormecer, reviveu cada minuto dos dois dias

anteriores e explorou as regiões mais remotos do seu passado. Interrogou-se sobre quando lhe seria dada a oportunidade de fazer alguma coisa de valor, alguma coisa que não fosse incomodar toda a gente ou receber uma mensagem de Londres. E debateu-se com duas questões: onde estaria Ivan? E por que razão não teriam sido ainda contatados por ele? Por mais estranho que pareça, Shamron estava concentrado nesse preciso pensamento quando o telefone da mesa-de-cabeceira tocou, às 4h13. Sabia a hora exata porque, como era seu hábito, olhou de relance para o relógio de pulso antes de atender. Receando estar prestes a ser informado de mais uma morte, deixou o fone encostado ao ouvido durante um momento antes de resmungar o seu nome baixinho. A voz que respondeu foi-lhe instantaneamente familiar. Era a voz de um velho rival. A voz de um aliado ocasional. Queria dar uma palavrinha a Shamron em privado e saber se estaria disponível para uma viagem a Paris. Na verdade, disse a voz, seria sensato da parte de Shamron se arranjasse alguma maneira de apanhar o voo que saía de Ben-Gurion às nove da manhã. Sim, disse a voz, era urgente. Não, não podia esperar. Shamron desligou o telefone e acendeu o abajur da mesa-de-cabeceira. Gilah levantou-se e foi fazer café.

Ivan tinha escolhido o seu emissário com cuidado. Havia poucas pessoas que se encontrassem no ofício há mais tempo do que Ari Shamron, mas Sergei Korovin era uma delas. Depois de passar a década de 1950 na Europa de Leste, o KGB ensinou-o a falar árabe e enviou-o para o Médio Oriente para fazer das suas. Primeiro, foi para Bagdá, depois para Damasco, a seguir para Tripoli e, por fim, para o Cairo. Foi no tenso Verão de 1973 que os caminhos de Korovin e de Shamron se cruzaram pela primeira vez. A Operação Ira de Deus estava em plena execução na Europa, os terroristas do Setembro Negro andavam a matar israelenses onde quer que conseguissem encontrá-los, e apenas Shamron se encontrava convencido de que os egípcios estavam a preparar-se para a guerra.

Tinha um espião no Cairo que o informava disso — um espião que logo a seguir foi preso pelo serviço secreto egípcios. Com a execução deste a apenas algumas horas de distância, Shamron fora ter com Korovin e tinha-lhe pedido para interceder. Após várias semanas de negociações, o espião de Shamron recebeu autorização para cambalear até as linhas israelenses, no Sinai. Tinha sido severamente espancado e torturado, mas estava vivo. Passado um mês, quando Israel se preparava para o Yom Kippur1, os egípcios organizaram um ataque-surpresa.

Em meados dos anos setenta, Sergei Korovin estava de volta a Moscou, subindo a pulso pelas fileiras do KGB. Promovido a general, foi colocado à frente do Escritório 18, que lidava com o mundo árabe, e mais tarde recebeu o comando da Diretoria R, que tratava do planejamento e análise de operações. Em 1984, assumiu o controle de toda a Primeira Direção Principal1, cargo que manteve até o KGB ser dissolvido por Boris Yeltsin. Se lhe tivesse sido dada essa oportunidade, Sergei Korovin teria provavelmente matado o presidente russo com as suas próprias mãos. Em vez disso, destruiu os seus arquivos mais sensíveis e entrou na reforma sossegadamente. Mas Shamron sabia melhor do que ninguém que isso era coisa que não existia, especialmente para os russos. Havia um ditado no seio da irmandade da espada e do escudo2: uma vez agente do KGB, para sempre agente do KGB. Só com a morte se estava verdadeiramente livre. E, por vezes, nem mesmo nessa altura. Shamron e Korovin tinham mantido contato ao longo dos anos. Tinham-se encontrado para trocar histórias, partilhar informações e fazer favores esporádicos um ao outro. Teria sido incorreto descrevê-los como amigos, sendo mais almas gémeas. Conheciam as regras do jogo e ambos professavam um cinismo saudável em relação aos homens que serviam. Korovin era também uma das poucas pessoas do mundo que não fazia objeções ao consumo de tabaco por parte de Shamron. E, tal com Shamron, tinha pouca paciência para assuntos

triviais, como comida, moda ou até mesmo dinheiro. “É uma pena que o Sergei não tenha nascido israelense”, dissera uma vez Shamron a Gabriel. “Teria gostado de tê-lo do nosso lado.” Shamron sabia que a passagem do tempo podia ser dura para os homens russos. Tinham tendência a envelhecer num abrir e fechar de olhos jovens e viris num minuto, papel amarrotado no outro. Mas o homem que naquela tarde entrou no salão do Hôtel de Crillon pouco depois das três horas continuava a ser a figura alta e direita Com quem Shamron se cruzara pela primeira vez tantos anos atrás. Dois guarda-costas seguiam-no lentamente; outros dois tinham chegado uma hora antes e encontravam-se sentados não muito longe de Shamron. Estavam tomando chá; Shamron, água mineral. Tinha sido o próprio Rami a entregar, depois de ter dado instruções ao garçom para que não retirasse a tampa e ter pedido duas vezes copos limpos. Mesmo assim, Shamron ainda não lhe tocara. Trazia o seu fato escuro e a gravata prateada: Shamron, o homem dos negócios suspeitos e que sabia jogar bacará.

Tal como o israelense, Sergei Korovin podia discutir assuntos importantes em várias línguas diferentes. A maior parte dos encontros entre ambos tinha decorrido em alemão, e era em alemão que agora falavam. Korovin, depois de se instalar numa cadeira, abriu de imediato a cigarreira com o polegar. Shamron teve de lembrar que já não era permitido fumar em Paris. Korovin franziu o sobrolho.

— E ainda nos deixam beber vodca?

— Se pedirmos com jeitinho...

— Eu sou como você, Ari. Não peço nada.

Mandou vir vodca e, a seguir, olhou para Shamron.

— Foi reconfortante ouvir sua voz ontem à noite. Estava com medo de que você tivesse morrido. É o que mais custa quando se envelhece, a morte dos amigos.

— Não fazia ideia de que você tinha.

— Amigos? Um ou outro. — Fez um sorriso ligeiro. — Sempre jogou bem o jogo, Ari. Tinha muitos admiradores em Yasenevo. Estudamos suas operações e até aprendemos uma ou outra coisa.

Yasenevo era o antigo quartel-general da Primeira Direção, por vezes chamado Centro de Moscou. Agora, era o quartel-general do SVRY, o serviço secreto externo russo.

— Onde anda meu arquivo? — perguntou Shamron.

— Bem guardado no lugar dele. Por algum tempo, receei que toda a nossa roupa suja fosse tornada pública. Felizmente, o novo regime colocou um ponto final nisso. O nosso presidente compreende que quem controla a história controla o futuro. Ele louva as façanhas da União Soviética, ao mesmo tempo em que minimiza seus supostos crimes e abusos.

— Você aprova?

— Claro. A Rússia não tem nenhuma tradição democrática. Ter democracia na Rússia seria o equivalente a impor o islamismo em Israel. Vê aonde quero chegar, Ari?

— Penso que sim, Sergei.

O garçom trouxe a vodca com grande pompa e circunstância e retirou-se. Korovin bebeu-a sem hesitação.

— Bom, Ari, agora que estamos sozinhos...

— E estamos sozinhos, Sergei?

— Não há mais ninguém comigo a não ser meus seguranças.

Fez uma pausa. — E você, Ari?

Shamron olhou de soslaio para Rami, sentado perto da entrada do requintado salão, fingindo que lia o Herald Tribune.

— Só um?

— Acredite em mim, Sergei, um é tudo que preciso.

— Não é o que tenho ouvido. Contaram que dois rapazes foram mortos numa noite dessas e que os italianos tentam fazer a você o favor de manter tudo em silêncio. Mas não vai dar certo,

aproveito para informar. Minhas fontes dizem que essa notícia vai explodir na sua cara amanhã de manhã, num dos grandes diários italianos.

— Sério? E o que a notícia vai dizer?

— Que dois agentes do Escritório foram mortos numa viagem de carro pelo campo italiano.

— Mas nada sobre um agente ter sido sequestrado?

— Não.

— E os autores?

— Vai especular que seria um trabalhinho dos iranianos.

Interrompeu-se por uns instantes e, a seguir, acrescentou: — Mas nós os dois sabemos que isso não é verdade.

Korovin bebeu um pouco mais de vodca. O assunto tinha sido abordado. Agora, ambos tinham de avançar com cuidado. Shamron sabia que Korovin estava numa posição que não lhe permitia admitir muita coisa. Mas isso não importava. O russopodia dizer mais com uma sobrancelha levantada do que a maioria dos homens numa palestra de uma hora. Shamron deu o passo seguinte.

— Sempre fomos honestos um com o outro, Sergei.

— Tão honestos como dois homens podem ser neste ramo.

— Por isso, deixe-me ser honesto com você. Acreditamos que nosso agente foi capturado pelo Ivan Kharkov e que isso foi feito em retaliação a uma operação que organizamos contra ele no outono passado.

— Eu sei tudo sobre a sua operação, Ari. O mundo inteiro sabe. Mas Ivan Kharkov não teve absolutamente nada a ver com o desaparecimento dessa mulher.

Shamron ignorou tudo na resposta de Korovin excetuando uma única palavra: mulher. Era tudo o que precisava saber. O russo tinha acabado de dar uma demonstração de sua boa-fé. Agora, a negociação podia começar. Seguiria um conjunto de diretrizes cuidadosamente estabelecidas e seria conduzida no essencial por

meio de falsidades e meias-verdades. Nada seria admitido e nenhuma exigência chegaria a ser feita. Não era necessário. Shamron e Korovin falavam ambos a linguagem das mentiras.

— Tem certeza, Sergei? Tem certeza de que Ivan tem as mãos limpas?

— Já falei em pessoa com representantes de Ivan.

Uma nova pausa, e depois: — E já ouviu dizer alguma coisa sobre o estado da mulher?

— Só que está viva e que a tratam bem.

— É bom saber disso, Sergei. Se as coisas pudessem continuar dessa forma, ficaríamos muito agradecidos.

— Vou ver o que posso fazer. Como sabe, Ivan está bem aborrecido com suas condições atuais.

— Só pode culpar a si mesmo.

— Ivan não vê a coisa assim. Acha que os atos de que é imputado e as acusações no Ocidente não passam de mentiras e invenções. Ele nunca seria tão imprudente ao ponto de entrar no negócio de fornecer nossos mísseis à Al-Qaeda. Na verdade, garantiu que nem sequer está envolvido no tráfico de armas.

— Não me esquecerei de passar essa informação aos americanos.

— E há mais uma coisa que devia passar.

— Tudo o que quiser, Sergei.

— Ivan acredita que os filhos lhe foram tirados ilegalmente na França, no verão passado, e quer tê-los de volta.

Shamron encolheu os ombros, fingindo estar surpreso.

— Não fazia ideia de que os americanos os tinham.

— Acreditamos ser o caso, apesar dos desmentidos oficiais.

— Talvez alguém pudesse interceder a favor de Ivan junto dos americanos. — Agora, foi a vez de Korovin encolher os ombros. — Não posso dar certeza, mas acho que poderia ajudar bastante na recuperação de seu agente desaparecido.

Korovin tinha acabado de dar mais um passo no sentido de propor uma troca de favores. Shamron escolheu seguir o caminho do subterfúgio.

— Nós não somos um serviço grande como vocês, Sergei. Somos uma família pequena. Queremos ter o nosso agente de volta e estamos dispostos a fazer tudo o que pudermos. Mas tenho muito pouca influência sobre os americanos. Se eles têm de fato as crianças, é pouco provável que concordem em entregá-las a Ivan, mesmo em circunstâncias como estas.

— Tem muito pouca fé em sua capacidade, Ari. Vá ver os americanos. Faça com que eles vejam a razão. Convença-os a pôr os filhos de Ivan num avião. Mal estejam na Rússia, que é o lugar deles, tenho certeza de que seu agente aparecerá.

Korovin tinha posto um contrato na mesa. Shamron fez o que lhe competia.

— São e salvo?

— São e salvo.

— Mas há outra questão, Sergei. Também queremos Grigori Bulganov de volta.

— Grigori Bulganov não é da sua conta.

Shamron cedeu nesse ponto.

— E se eu convencer os americanos a entregarem as crianças? Quanto tempo teríamos para tratar de tudo?

— Não tenho certeza, mas não muito.

— Preciso saber, Sergei.

— A minha resposta teria apenas uma natureza hipotética.

— Muito bem, hipoteticamente falando, quanto tempo temos?

Korovin bebeu um pouco de vodca e respondeu: — Setenta e duas horas.

— Isso não é muito, Sergei.

— É o que há.

— E como eu te contato?

— Não contata. Voltamos a nos encontrar na terça-feira, às quatro da tarde. E, de um amigo para outro, aconselho fortemente que tenha uma resposta até lá.

— Onde nos encontramos?

— Ainda é permitido fumar no jardim das Tulherias?

— Por enquanto.

— Então, nos encontramos lá. Nos bancos junto ao Jeu de Paume. Quatro da tarde?

Korovin acenou com a cabeça. — Quatro da tarde.

CAPÍTULO 44

HOTEL BRISTOL, GENEBRA

As notícias de Paris foram rapidamente enviadas para vários pontos à volta do globo: para o Escritório de Operações, na Boulevard King Saul, para Thames House, em Londres, e para o quartel-general da CIA, em Langley. E para o majestoso Hotel Bristol, em Genebra, a casa temporária de Gabriel e da sua equipe. Embora todos tivessem ficado profundamente aliviados por saber que Chiara estava de fato viva, não ocorreu nada que se assemelhasse a uma celebração. As condições de Ivan eram, claro, inaceitáveis. Eram inaceitáveis para Shamron. Inaceitáveis para os americanos. E, em especial, inaceitáveis para Gabriel. Ninguém estava preparado para pedir a Elena Kharkov para sacrificar os filhos, muito menos um homem que em tempos perdera o seu. No entanto, a proposta de Ivan acabou por cumprir um propósito valioso. Dava-lhes um pouco de tempo e algum espaço de manobra. Não muito tempo, apenas setenta e duas horas, e muito pouco espaço. Procurariam recuperar Chiara e Grigori seguindo dois

caminhos paralelos. Um era o caminho da negociação; o outro, o caminho da violência. Gabriel teria de agir rapidamente e seria forçado a assumir riscos. Por enquanto, tinha apenas um homem em mira: Vladimir Chernov.

— Tudo sobre Viktor Orlov bate — disse Navot a Gabriel, no fim da tarde, enquanto tomavam café no bar do hotel, que contava com um pianista profissional. — Estamos acompanhando seus telefonemas e vigiando escritório e apartamento. E no Boulevard King Saul estão fazendo progressos com os computadores dele. Tem um bom software de segurança, mas isso não vai barrar nossos geeks por muito tempo.

— O que sabemos do passado dele?

— Está comprovado que era mesmo do KGB. Trabalhava para a Nona Direção Principal, a divisão que protegia os lideres soviéticos e o Kremlin. Segundo parece, o Chernov foi designado para fazer parte da equipe de segurança do Gorbachev nos anos finais.

— E quando o KGB se dissolveu?

— Não perdeu tempo nenhum em passar a trabalhar por conta própria. Formou uma empresa de segurança em Moscou e começou a aconselhar os novos-ricos sobre a forma de se manterem a si e aos seus pertences a salvo. Teve sucesso.

— Quando se instalou aqui?

— Há cinco anos. Em Langley, já há muito tempo que andam preocupados com ele. Os americanos não ficarão propriamente tristes se lhe acontecer algum azar.

— Idade?

— Quarenta e seis.

— Em boa forma, presumo?

— É forte e mantém-se em forma.

Navot passou seu PDA a Gabriel. Na tela, estava uma fotografia de vigilância tirada no início daquela tarde. Mostrava

Chernov a entrar no prédio do seu escritório. Era um homem grande, com mais de um metro e oitenta de altura, já com muito pouco cabelo e com olhos pequenos dispostos numa cara redonda e carnuda.

— E ele tem a sua própria equipe de segurança?

— Anda pela cidade num grande Audi. Os vidros são claramente à prova de bala. Tal como o tipo que se senta ao lado dele. Eu diria que tanto o guarda-costas quanto o motorista estão extremamente bem armados.

— Família?

— A ex-mulher e os filhos ficaram em Moscou. Tem uma namorada aqui em Genebra.

— Suíça?

— Russa. Uma garota da província. Vende luvas depois da esquina do escritório dele.

— E a garota tem nome?

— Ludmila Akulova. Vão jantar fora hoje à noite. A um restaurante chamado Les Armures.

Gabriel sabia qual era. Ficava na Cidade Antiga, perto do Hôtel de Ville.

— A que horas?

— Oito e meia.

— A que distância fica o apartamento do Vladimir do Les Armures?.

— Não muito longe. Ele vive perto da catedral.

— E como é o prédio?

— Pequeno e tradicional. Tem um intercomunicador com um teclado logo à entrada. Os inquilinos podem utilizar as chaves ou premir os dígitos do código de acesso. Fomos dar uma olhada lá dentro ao início da tarde. Há um elevador, mas o apartamento do Vladimir fica logo no primeiro andar.

— E a rua?

— Mesmo de dia é sossegada. À noite... completamente parada.

A voz de Navot foi sumindo.

— Já comeu no Les Armures?

— Não posso dizer que tenha tido o prazer.

— Se eles se sentarem à mesa às oito e meia, já será tarde quando voltarem para o apartamento. Pegamos o cara nessa hora...

— Parte da premissa de que Ludmila vai estar com ele?

— Sim, Uzi.

— E o que vamos fazer com ela?

— Dar-lhe um susto de morte e deixá-la para trás.

— E em relação ao motorista e ao guarda-costas?

— Vou precisar deles para deixar uma coisa bem clara.

— Necessitamos de uma manobra diversionista de algum tipo.

— Sua manobra diversionista está lá em cima no quarto 702. Fez o check-in com o nome de Irene Moore. O nome verdadeiro é Sarah Bancroft.

— Para onde os queres levar?

— Para algum lugar no outro lado da fronteira. Um lugar isolado. Diz ao pessoal de Trabalhos Domésticos que precisaremos dos serviços de uma empregada. Diz-lhes que vai haver muita desarrumação Há muitas pessoas sofisticadas que não dão valor a Genebra por ser entediante e provinciana, uma criada calvinista demasiado frígida para desabotoar a blusa. Mas não ouviram os sinos das suas igrejas a tocar numa noite fria de Inverno, nem observaram os flocos de neve a caírem suavemente sobre as suas ruas de pedras arredondadas. E não jantaram numa mesa sossegada a um canto do restaurante Les Armures, na companhia de uma bela russa. As saladas estavam frescas, a vitela soberba, e o vinho, um Bâtard-Montrachet de Joseph Drouhin, de 2006, foi servido à temperatura perfeita por um atencioso sommelier. Demoraram-se a

beber o seu conhaque, um costume em Genebra numa noite de neve de Fevereiro, e às onze da noite estavam a entrar de mãos dadas para o banco de trás do grande Mercedes estacionado à porta do antigo arsenal. Todos os indícios apontavam para uma noite de paixão no apartamento perto da catedral. E esse poderia ter sido realmente o caso se não fosse pela moça que se encontrava à espera na entrada, no meio da neve.

Tinha pele de alabastro e trazia um casaco de couro e meias de rede. Se não tivesse a maquilhagem esborratada por ter passado a noite a chorar, até se poderia dizer que era muito bonita. De início, o casal que saiu do banco de trás do Mercedes não lhe prestou grande atenção. Uma jovem sem-abrigo, devem ter pensado. Uma moça da noite. De repente, uma toxicodependente. Mas, sem dúvida alguma, nenhuma ameaça para um homem como Vladimir Chernov. Afinal de contas, Chernov tinha sido em tempos guarda-costas do último líder da União Soviética. Chernov era capaz de lidar com qualquer coisa. Ou, pelo menos, era isso que pensava. Primeiro, a voz dela soou queixosa, infantil. Referiu-se a Chernov pelo nome próprio, o que causou claramente um choque, e acusou-o de vários crimes amorosos. Tinha-lhe feito declarações de amor, disse ela. Tinha-lhe feito promessas sobre o futuro. Tinha-lhe prometido apoio financeiro para a criança de quem ela agora cuidava sozinha. Com Ludmila já a ferver de irritação, Chernov tentou explicar à mulher que era óbvio que ela o confundia com outra pessoa. Isso valeu-lhe uma valente bofetada na cara, o que fez com que os guarda-costas saíssem do carro.

A confusão que se seguiu durou precisamente vinte e sete segundos. Existe uma gravação em vídeo do que se passou e até hoje é utilizada para efeitos de treino. Deve dizer-se que, no início, os guarda-costas russos de Chernov agiram com admirável comedimento. Confrontados com uma moça que se mostrava claramente perturbada e delirante, tentaram acalmá-la gentilmente e

tirá-la dali. A reação dela, dois violentos pontapés nas suas canelas, serviu apenas para exaltar ainda mais os ânimos. A situação intensificou-se com a chegada de quatro cavalheiros que apenas por acaso se encontravam a passar naquela rua sossegada. O maior dos quatro, um homem de ombros largos com cabelo louro-avermelhado, foi o primeiro a intrometer-se, seguido por um homem de cabelo escuro e cara bexigosa. Foram trocadas palavras, feitas ameaças e, por fim, dados alguns socos. Mas estes não foram os socos precipitados e descontrolados dados por amadores. Foram certeiros e brutais, do gênero dos que eram capazes de infligir danos permanentes. E, nas circunstâncias certas, até podiam provocar uma morte instantânea. Mas uma morte instantânea não era o objetivo deles, e os quatro cavalheiros moderaram o ataque para se certificarem de que apenas deixariam as suas vítimas sem sentidos. Mal os homens ficaram incapacitados, dois automóveis que se encontravam estacionados ganharam subitamente vida. Vladimir Chernov foi atirado para dentro de um e os guarda-costas para dentro do outro. Quanto a Ludmila Akulova, escapou apenas com uma admoestação verbal, dada em russo fluente por um homem com uma cara pálida e olhos da Cor de um glaciar: Se disser uma palavra a alguém sobre isto, matamo-la. E a seguir matamos os seus pais. E depois matamos todas as pessoas da sua família.

Quando os carros partiram a toda a velocidade, Gabriel não conseguiu desviar o olhar do rosto arrasado de Ludmila. Ele acreditava nas mulheres. As mulheres, dizia, eram a única esperança da Rússia.

CAPÍTULO 45

HAUTE-SAVOIE, FRANÇA

A casa ficava na região francesa de Haute-Savoie, num vale isolado acima das margens do lago Annecy. Limpa e arrumada, com um telhado pontiagudo e íngreme, ficava a mais de um quilômetro de distância da habitação vizinha mais próxima. Yossi mudara-se para lá na noite anterior, fazendo-se passar por um autor britânico de livros de mistério, e tinha preparado o local cuidadosamente para o interrogatório que se seguiria. Estava no exterior quando os dois automóveis começaram a aproximar-se ao longo da estrada sinuosa, enquanto a neve caía através dos feixes de luz dos seus faróis. Gabriel foi o único a aparecer, saindo do lugar do passageiro do primeiro automóvel, uma van Renault, e seguiu Yossi até a sala de estar da casa. A mobília estava toda amontoada a um canto e o chão de azulejo inteiramente tapado com um plástico protetor. Na lareira aberta, o fogo estava ao rubro, exatamente como Gabriel ordenara. Acrescentou-lhe mais dois troncos e depois voltou a sair da casa. Um terceiro automóvel tinha estacionado à entrada. Eli Lavon estava encostado ao capô.

— Seguiram-nos? — perguntou Gabriel.

Lavon abanou a cabeça.

— Tem certeza, Eli?

— Tenho.

— Leve Yossi e volte a Genebra. Fiquea lá à espera com os outros. Não vamos demorar muito.

— Eu fico aqui com você.

— Você é vigia, Eli. O melhor do mundo. Isso não é para você.

— De repente também não é para você.

Gabriel ignorou o comentário e olhou de relance para Navot, que se encontrava ao volante da van Renault. Um momento depois, três russos, sedados e amarrados, cambaleavam como bêbados em direção à entrada da casa. Lavon pôs a mão no ombro de Gabriel. Tem cuidado ali dentro, Gabriel. Se não tiveres, és capaz de perder mais do que outra mulher.

Lavon sentou-se ao volante do carro sem dizer mais uma palavra e começou a descer o vale. Gabriel ficou a ver as luzes traseiras a desaparecerem atrás de um véu de neve e, a seguir, virou-se e entrou na casa.

Despiram-nos, deixando-os apenas em roupa interior, e prenderam-nos a um trio de cadeiras exteriores de metal. Gabriel deu uma injeção de estimulante a cada um dos três homens, doses pequenas para o guarda-costas e o motorista, e uma maior para Vladimir Chernov. A cabeça deste último ergueu-se lentamente do peito e piscando os olhos depressa, inspecionou o que o rodeava. Os seus dois homens estavam sentados mesmo em frente a si, com os olhos esbugalhados de terror. Em fila e parados atrás deles, estavam Yaakov, Mikhail, Navot e Gabriel. A mão esquerda de Gabriel empunhava uma pistola Glock de calibre 45, com um silenciador atarraxado à ponta do cano. Na direita, estava uma fotografia: um homem parado no hall das chegadas do Aeroporto de Heathrow. Gabriel olhou de relance para Yaakov, que arrancou a fita adesiva colada na nuca de Chernov. Ficando ainda com menos cabelo, Chernov gritou de dor. Gabriel acertou-lhe violentamente com a Glock na testa e mandou-o calar a boca. Chernov, com sangue a escorrer no olho esquerdo, obedeceu.

— Sabes quem eu sou, Vladimir?

— Nunca o vi na minha vida. Por favor, quem quer que seja, isto é tudo algum...

— Não é nenhum engano, Vladimir. Olha bem para a minha cara. Com certeza já me viu.

— Não, nunca.

— Estamos começando mal. Está mentindo. E se continuar a mentir, nunca sairá deste lugar. Diga a verdade, Vladimir, e deixamos você e seus homens vivos;

— Estou dizendo a verdade! Nunca vi sua cara!

— Nem sequer em foto? Com certeza que eles devem ter dado uma foto minha.

— Quem?

— Os homens que foram ver você quando quiseram contratar o Camarada Zhirlov para me encontrar.

— Nunca ouvi falar desse homem. Sou um consultor de segurança honesto. Exijo que me libertem e aos meus homens imediatamente. Caso contrário...

— Caso contrário, o que, Vladimir?

Chernov calou-se de repente.

— Tem uma janela de oportunidade estreita, Vladimir. Uma janela muito estreita. Vou fazer uma pergunta e vai dizer-me a verdade.

Gabriel pôs a fotografia diante de Chernov.

Diga onde posso encontrar este homem.

— Nunca o vi na minha vida.

— Tem certeza de que essa é a resposta que quer dar, Vladimir?

— É a verdade!

Gabriel abanou a cabeça com tristeza e pôs-se atrás do motorista de Chernov. Tinham-lhe dito o nome dele, mas Gabriel já se esquecera. Porém, o nome dele não importava. Não ia precisar de um nome para onde ia. Chernov, a julgar pela expressão insolente,

pensava claramente que Gabriel estava a fazer blefe. Era óbvio que o russo nunca tinha ouvido falar do décimo segundo mandamento de Ari Shamron: Nós não agitamos as nossas armas por aí como se fôssemos gangsteres, nem fazemos ameaças vãs. Sacamos das nossas armas no terreno apenas e só por uma única razão. Gabriel encostou a pistola à nuca do homem e inclinou o ângulo ligeiramente para baixo. E a seguir, com os olhos a perfurarem a cara de Chernov, carregou no gatilho.

CAPÍTULO 46

HAUTE-SAVOIE, FRANÇA

Existe uma ideia errada sobre os silenciosos e que é bastante comum. A verdade não silenciam realmente uma arma, em especial quando se trata de uma Glock de calibre 45. A bala de ponta oca entrou no crânio do motorista com um baque bastante sonoro e saiu pela boca, levando grande parte do maxilar e do queixo. Se a pistola estivesse na horizontal na altura do disparo, o projétil poderia ter continuado e perfurado Vladimir Chernov. Em vez disso, foi bater com força mas inofensivamente no chão. No entanto, Chernov não escapou completamente incólume. O seu torso musculoso estava agora todo salpicado de sangue, tecido cerebral e fragmentos ósseos. Passados poucos segundos, veio cá para fora o que tinha dentro do estômago: a requintada refeição que comera ao lado de Ludmila Akulova algumas horas antes, no Les Armures. Era um bom sinal. Chernov podia fazer da morte e da violência o seu negócio, mas a visão de um pouquinho de sangue punha-o doente. Com sorte, era capaz de não demorar muito tempo a quebrar. Gabriel pôs outra vez a fotografia à frente da cara dele e fez a mesma pergunta: Quem é este homem e onde o posso encontrar? Infelizmente, a resposta de Chernov foi a mesma. Tenho certeza de que já ouviste falar no

afogamento simulado, Vladimir. Nós temos uma outra técnica que utilizamos quando precisamos de informações rapidamente.

Gabriel fixou os olhos no fogo da lareira por um momento.

— Chamamos incêndio simulado.

Voltou a olhar para Chernov.

— Já viu um homem passar por isso, Vladimir?

Quando Chernov não deu resposta, Gabriel olhou de relance para os outros. Navot e Yaakov agarraram o segundo guarda-costas e, com ele ainda preso à cadeira, enfiaram-lhe a cara na lareira. Deixaram-no lá ficar não mais do que dez segundos. Ainda assim, quando saiu, tinha o cabelo a fumegar e a cara toda preta e cheia de bolhas. E também estava a gritar com dores terríveis. Puseram-no mesmo à frente de Chernov, para que o russo pudesse ver o resultado horrível da sua intransigência. A seguir, Gabriel encostou a Glock à cabeça do guarda-costas e acabou-lhe com o sofrimento. Chernov, agora encharcado em sangue, ficou a olhar com horror para os dois homens mortos diante dele. Mikhail tapou sua boca com fita adesiva e deu-lhe uma violenta bofetada na cara com as costas da mão. Gabriel pôs a fotografia no colo e disse que voltaria em cinco minutos.

Regressou ao quinquagésimo nono segundo do quarto minuto e arrancou a fita adesiva da boca de Chernov. E depois colocou-o perante uma escolha simples. Podiam ter uma conversa cordial, de um profissional para outro, ou Chernov podia ir para dentro da lareira como o seu agora falecido guarda-costas. E não seria uma queimadura rápida, avisou Gabriel. Seria um assado lento. Um membro de cada vez. E não haveria nenhuma bala na nuca para acabar com as dores.

Gabriel não teve de esperar muito tempo pela resposta. Dez segundos, não mais do que isso. Chernov disse que queria falar. Chernov disse que estava arrependido. Chernov disse que queria ajudar.

CAPÍTULO 47

HAUTE-SAVOIE, FRANÇA

Arranjaram-lhe algumas roupas e uma dose de Alprazolam para reduzir um pouco a sua ansiedade. Permitiram-lhe que se sentasse numa cadeira propriamente dita, com as mãos livres, embora a cadeira estivesse voltada de maneira a que ele não pudesse deixar de ver os dois empregados mortos, lembranças sinistras do destino que o aguardava se se refugiasse mais uma vez em afirmações de ignorância. Dentro de poucas horas, os corpos iriam desaparecer da face da terra. Vladimir Chernov desapareceria com eles. Se iria morrer de forma indolor ou com violência extrema, dependia apenas de uma coisa: responder a todas as perguntas de Gabriel com sinceridade. O Alprasolam tinha a vantagem adicional de soltar a língua de Chernov e apenas foi necessário um mínimo de incitamento por parte de Gabriel para pô-lo a falar. Começou por elogiar Gabriel pela operação que tinham orquestrado à porta da casa dele. O KGB não teria feito melhor — afirmou, sem um pingo De ironia na voz.

— Terás de me desculpar, mas não me sinto lisonjeado. Acabou de matar dois homens a sangue-frio, Allon. Não tem o direito de se sentir incomodado com comparações em relação aos meus antigos serviços.

— Sabes o meu nome.

Chernov conseguiu esboçar um sorriso fraco.

— Seria possível arranjarem-me um cigarro? — Os cigarros fazem-te mal à saúde.

— E não é uma tradição dar aos condenados um cigarro? — Continua a falar, Vladimir, e deixo-te viver.

— Depois do que eu vi hoje? Toma-me por parvo, Allon? — Não por parvo, Vladimir... apenas por um ex-bandido do KGB que

acabou por conseguir escapar para fora da sarjeta. Mas vamos manter isto num nível cortês, sim? Estavas mesmo a ponto de me contar quando conheceste o homem daquela fotografia. — Fez uma pausa e, depois: — O homem conhecido como Camarada Zhirlov.

O cocktail de narcóticos que fluía pela corrente sanguínea de Chernov deixou-o incapaz de empreender outra campanha de desmentidos. Nem conseguiu esconder a surpresa perante o fato de Gabriel saber o nome de um dos agentes clandestinos mais secretos do KGB.

— Foi em noventa e cinco ou noventa e seis. Eu tinha uma pequena empresa de segurança. Não me tornei num Ivan Kharkov ou num Viktor Orlov, mas a vida estava a correr-me bastante bem. O Camarada Zhirlov apresentou-me uma proposta lucrativa. Já tinha adquirido uma reputação em Moscou e começava a ficar muitíssimo perigoso para ele contatar diretamente com os clientes. Precisava de alguém que funcionasse como intermediário... um agente, se preferir. Caso contrário, não viveria o suficiente para apreciar os frutos do seu trabalho.

— E se ofereceu para ser essa pessoa... por uma comissão, claro.

— Dez por cento. Quando alguém precisava que um trabalho fosse feito, me procurava e eu levava a proposta. Se aceitasse, estabelecia um preço. Eu voltava ao cliente e negociava o acordo final. O dinheiro passava todo por mim. Lavava-o na minha empresa de consultoria e cobrava ao Camarada Zhirlov uma comissão pelos serviços prestados. Pode não acreditar, mas ele tinha que pagar impostos sobre os rendimentos que auferia matando e sequestrando pessoas.

— Só na Rússia.

— Eram tempos loucos, Allon. É fácil nos julgar, mas viu o seu país e o seu dinheiro desaparecerem num abrir e fechar de olhos.

As pessoas faziam o que tinham de fazer para sobreviver. Era a lei da selva. Verdadeiramente.

— Poupe-me da historieta triste, Vladimir. Não teria sido uma selva se não fossem você e seus companheiros da máfia russa. Mas estou divagando. Você falava do Camarada Zhirlov. Na verdade, estava a ponto de dizer o nome verdadeiro dele.

— Queria um cigarro.

— Não está em posição de fazer exigências.

— Por favor, Allon. Eu tinha um maço no bolso do sobretudo ontem à noite. Se não fosse um incômodo muito grande, gostaria de fumar um agora. Juro que não vou tentar nada.

Gabriel olhou de relance para Yaakov. Quando apareceu, o cigarro já vinha aceso. Chernov deu uma grande aspirada e, a seguir, disse a Gabriel o nome que ele queria ouvir. Era Petrov. Anton Dmitrievich Petrov.

Não que isso importasse, acrescentou Chernov rapidamente. Petrov já não usava esse nome há vários anos. Filho de um coronel do KGB destacado para a Rezidentura de Berlim Oriental, tinha nascido na República Democrática Alemã, durante os dias mais negros da guerra fria. Sendo filho único, tinham-lhe permitido que brincasse com crianças alemãs e bem cedo se tornou completamente bilingue. Com efeito, o alemão de Petrov era tão bom, que conseguia fazer passar-se por um natural do país nas ruas de Berlim Oriental. O KGB encorajou discretamente os dotes linguísticos de Petrov autorizando-o a completar os estudos na RDA, em vez de regressar à União Soviética. Depois de terminar o liceu com distinção em Berlim Oriental, estudou na prestigiada Universidade de Leipzig, onde se licenciou em Química. Durante pouco tempo, Petrov ponderou avançar para uma pós-graduação ou mesmo uma carreira em medicina. A base de Moscou, no entanto, tinha outros planos. Passados poucos dias da licenciatura, foi chamado a Moscou e foi-lhe oferecido um emprego no KGB. Poucos jovens seriam tolos ao

ponto de recusar uma proposta dessas e Petrov, membro da família alargada do KGB, não teve quaisquer pensamentos desse gênero. Depois de cumprir dois anos de treino na Academia Bandeira Vermelha, em Yasenevo, foi-lhe atribuído o nome de código de Camarada Zhirlov e fizeram-no regressar a Berlim Oriental. Passado um mês, com a ajuda de um espião soviético infiltrado no serviço secreto da República Federal Alemã, atravessou a Cortina de Ferro discretamente e estabeleceu-se como um agente "ilegal" na cidade de Hamburgo, na Alemanha Ocidental.

A própria existência de Petrov apenas era conhecida por um grupo restrito de importantes generais da Primeira Direção Principal. A sua missão não consistia em fazer espionagem contra a América e os seus aliados da NATO, mas sim em combater os dissidentes, desertores e outros agitadores do gênero que ousavam desafiar a autoridade do Estado soviético. Armado com meia dúzia de passaportes falsos e fundos monetários ilimitados, foi caçando as suas presas e planejando a sua destruição meticulosamente. Especializou-se na utilização de venenos e de outras toxinas mortais, algumas produzindo uma morte praticamente instantânea, outras demorando semanas ou meses para se mostrarem letais. Por ser químico, Petrov pôde participar na concepção dos seus venenos e das armas que os aplicavam. O seu dispositivo preferido era um anel, que usava na mão direita e que injetava na vítima uma pequena dose de uma toxina que afetava o sistema nervoso mortalmente. Um aperto de mão, uma palmada nas costas, era tudo o que era preciso para matar.

Como seria de esperar, o Petrov não aceitou muito bem o colapso da União Soviética. Nunca teve qualquer escrúpulo em matar dissidentes e traidores. Era um crente.

E o que aconteceu aos seus passaportes todos que o KGB emitiu? Ficou com eles. Deram-lhe muito jeito quando se mudou para o Ocidente. E tu vieste com ele? Na verdade, até vim primeiro.

Petrov veio um mês ou dois depois e retomamos a parceria. Os negócios iam bem animados. Os russos chegavam à Europa Ocidental aos montes e trouxeram os velhos costumes com eles. Em poucos meses, já tínhamos muitos clientes.

— E um desses clientes era Ivan Kharkov? O russo hesitou e, a seguir, assentiu com a cabeça. Ivan confiava nele. Os pais deles eram ambos do KGB e eles eram ambos do KGB.

— E lidava com Ivan diretamente?

— Nunca. Só com Arkady Medvedev.

— E depois de Arkady ter sido morto?

— Ivan enviou outra pessoa. O nome era Malenski.

— Lembra da data?

— Foi em outubro.

— Depois de o negócio dos mísseis de Ivan ter vindo a público.

— Sim, depois, sem dúvida.

— E encontraram-se em Genebra?

— Ele receava que eu estivesse sendo vigiado em Genebra. Insistiu que eu fosse a Viena.

— E tinha uma proposta de trabalho?

— Duas propostas, na verdade. Proposta a sério. Dinheiro a sério.

— Sendo a primeira Grigori Bulganov?

— Correto.

— E a segunda era eu?

— Não, você não, Allon. A segunda era a sua mulher.

CAPÍTULO 48

HAUTE-SAVOIE, FRANÇA

Gabriel sentiu uma onda de fúria a apoderar-se de si. Queria enfiar o punho pela cara do russo adentro. Queria atingi-lo com tanta força, que ele nunca mais voltaria a levantar-se. Em vez disso, ficou sentado calmamente, com a Glock na mão e os dois mortos atrás de si, e mandou Chernov descrever a gênese da operação com vista ao sequestro de Grigori.

— Era o desafio de uma vida..., pelo menos, era assim que o Petrov via a coisa. Ivan queria que o Bulganov fosse levado de Londres e trazido outra vez para a Rússia. E mais ainda: era preciso que parecesse que o Bulganov tinha regressado a casa voluntariamente. Caso contrário, os aliados de Ivan no Kremlin não lhe dariam luz verde. Não queriam outro conflito com os ingleses como aquele que se seguiu ao envenenamento do Litvinenko.

Quanto? Vinte milhões mais despesas, que iriam ser consideráveis. Petrov tinha feito trabalhos destes quando estava no KGB. Reuniu uma equipe de agentes experientes e montou um plano. Tudo dependia de se conseguir que o Bulganov entrasse no carro sem alarido. Não podia ser feito à força, não com as câmaras da CCTV a espreita por cima do ombro. Por isso, enganou a ex-mulher do Bulganov, de maneira a que ela o ajudasse.

Fala-me das pessoas que trabalham para ele. São todos ex-KGB. E, como Petrov, são todos muito Bons.

— Quem lhes paga?

— Petrov toma conta deles com uma parte do que recebe. Ouvi dizer que é muito generoso. Nunca teve nenhum problema com os empregados.

Chernov tinha fumado o cigarro até o filtro. Encheu os pulmões uma última vez e procurou um lugar onde deitar a beata. Yaakov tirou-a dos dedos e jogou na lareira. Gabriel recusou o pedido de outro cigarro e retomou o interrogatório. Alguém fez uma

tentativa desastrada para matar uma jornalista russa há umas noites, em Oxford.

— Está se referindo a Olga Sukhova?

— Estou. Calculo que Petrov não tenha estado lá nessa noite. Se tivesse estado, Olga não teria sobrevivido. Foi um trabalho que teve de ser feito às pressas. Enviou dois associados para tratar do assunto.

— E onde estava Petrov?

— Estava na Itália, preparando o sequestro de sua mulher.

Gabriel sentiu uma nova onda de fúria. Reprimiu-a e fez a sua pergunta seguinte: — Como ele nos descobriu?

— Não descobriu. Foi o SVR. Ouviram rumores de que você estava escondido na Itália e começaram a apertar as fontes deles no serviço italiano. Uma delas acabou por traí-lo.

— Sabe quem foi?

— De maneira nenhuma.

Gabriel não voltou a insistir. Acreditava que o russo estivesse dizendo a verdade.

— Que tipo de informações deram sobre mim?

— Nome e localização da quinta.

— E por que demoraram tanto tempo para agir?

— Instruções do cliente. A operação contra a sua mulher só avançaria se o sequestro de Bulganov ocorresse sem problemas... e só se o cliente desse a ordem final para prosseguir.

— Quando receberam essa ordem?

— Uma semana depois de Bulganov ter sido sequestrado.

— E quem a deu foi Malensky?

— Não, foi o próprio chefão. Ivan ligou para meu escritório em Genebra. Deixou claro que Petrov devia avançar para o segundo alvo. — Chernov interrompeu-se por uns segundos. — Vi a foto de sua mulher, Allon. É uma mulher extraordinariamente bonita. Lamento termos tido de sequestrá-la, mas negócio é...

Gabriel bateu com força com a Glock na cara de Chernov, reabrindo o golpe fundo que tinha acima do olho.

— Onde está Petrov agora?

— Não sei.

Gabriel contemplou a lareira.

— Lembra do nosso acordo, Vladimir?

— Pode até me arrancar a carne dos ossos, Allon, que eu não conseguiria dizer onde ele está. Não sei onde ele mora e nunca sei onde ele está.

— Como entra em contato com ele?

— Não o faço. Ele me contata.

— Como?

— Por telefone. Mas nem pense em tentar localizá-lo. Ele troca de telefone constantemente e nunca fica com nenhum por muito tempo.

— E como se processa a questão financeira?

— Como nos velhos tempos em Moscou. O cliente paga a mim e eu pago a ele.

— E lava o dinheiro pela Regency Security?

— Os europeus são sofisticados demais para isso. Aqui, ele é pago em dinheiro vivo.

— Onde deixam o dinheiro?

— Temos várias contas numeradas na Suíça. Eu deixo o dinheiro em cofres e ele vai buscá-lo quando quer.

— Quando foi a última vez que encheu um cofre?

Chernov calou-se de repente. Gabriel contemplou a lareira e repetiu a pergunta.

— Deixei cinco milhões de euros em Zurique anteontem.

— A que horas?

— Logo antes da hora de fechar. Gosto de lá ir quando o banco está vazio.

— E qual é o nome do banco?

— Becker & Puhl.

Gabriel sabia qual era. E por acaso também sabia o endereço. Perguntou naquele momento, só para ter certeza de que Chernov não mentia. O russo respondeu corretamente. O banco Becker & Puhl ficava no número 26 de Talstrasse.

— Número da conta?

— Nove-sete-três-oito-três-seis-dois-quatro.

— Repita.

Chernov repetiu. Sem enganos.

— Senha?

— Balzac.

— Que poético.

— Foi Petrov que escolheu. Ele gosta de ler, mas eu nunca tive tempo para isso.

O russo olhou para a pistola que Gabriel empunhava.

— Suponho que nunca vá ter.

Houve um último tiro na villa acima do lago Annecy. Gabriel não o ouviu. No momento em que foi disparado, estava sentado ao lado de Uzi Navot na van Renault, seguindo em alta velocidade pelo vale, na luz cinzenta da manhã. Pararam em Genebra o tempo suficiente para buscar Sarah Bancroft no Hotel Bristol e partiram para Zurique.

CAPÍTULO 49

A sala no porão da pequena dacha não estava inteiramente isolada do mundo exterior. Bem alto, num canto, havia uma janela minúscula, coberta por um século de sujeira e, do lado de fora, por

um banco de neve. Todos os dias, durante breves momentos, quando o ângulo do sol se encontrava exatamente na posição certa, a neve ganhava tons escarlates e enchia a sala com uma luz fraca. Partiram do princípio de que era o nascer do Sol, mas não podiam ter certeza. Juntamente com a liberdade, Ivan roubara-lhes o tempo.

Chiara aproveitava cada segundo da luz, mesmo que isso significasse que não tinha outra escolha a não ser olhar diretamente para a cara espancada de Grigori. Os cortes, as feridas, os inchaços que o desfiguravam: havia momentos em que ele mal parecia sequer humano. Ela cuidou dele o melhor que podia e, uma vez, de forma corajosa, pediu aos guardas de Ivan ligaduras e qualquer coisa para as dores. Os guardas acharam o pedido divertido. Tinham-se dado a um grande trabalho para pôr Grigori no seu estado atual e não estavam dispostos a permitir que a nova prisioneira destruísse todos Os seus esforços com gazes e unguentos.

Tinham ambos sempre as mãos algemadas e as pernas acorrentadas; não lhes davam travesseiros nem cobertores e, mesmo com o frio cortante da noite, não havia aquecimento. Duas vezes por dia, davam-lhes um pouco de comida — pão de má qualidade, algumas fatias de chouriço gorduroso, chá fraco em copos de papel — e, duas vezes por dia, levavam os dois a um banheiro escuro e fétido. Passavam as noites lado a lado, no chão frio. Na primeira noite, Chiara sonhou que estava à procura de uma criança numa floresta interminável de bétulas coberta de neve. Obrigando-se a acordar, deu com Grigori a tentar confortá-la gentilmente. Na noite seguinte, acordou com um esguicho de fluido quente entre as pernas. Dessa vez, nada que ele fizesse poderia consolá-la. Tinha acabado de perder o bebê de Gabriel. Atentos aos microfones de Ivan, não falavam de nada que fosse importante. Por fim, durante o curto período de luz no terceiro dia que passaram juntos, Grigori perguntou em que circunstâncias ela tinha sido capturada. Chiara pensou um momento antes de responder e, a seguir, relatou-lhe uma

versão cuidadosamente calibrada da verdade. Disse-lhe que fora capturada numa estrada na Itália e que dois jovens, bons rapazes e com um futuro risonho, tinham sido mortos ao tentarem protegê-la. No entanto, não mencionou que, durante os três dias que tinham antecedido a sua captura, estivera no lago de Como a participar no interrogatório da ex-mulher de Grigori, Irina. Ou que sabia como os agentes de Ivan tinham enganado Irina de modo a que ela desempenhasse um papel na captura de Grigori. Ou que a equipe de Gabriel gostara tanto de Irina, que enviá-la outra vez para a Rússia lhes tinha partido o coração. Chiara queria contar essas coisas a Grigori, mas não podia. Ivan estava a ouvir.

Quando chegou a altura de Grigori descrever a sua provação, não fez quaisquer omissões. A história que contou foi a mesma que Chiara tinha ouvido no lago de Como dias antes, só que desta vez contada do outro lado do espelho. Ele ia a caminho de uma partida de xadrez com um homem chamado Simon Finch, um marxista devoto que queria infligir o sofrimento da Rússia ao Ocidente. Durante uma curta parada no Waterside Café, reparou que estava a ser seguido por um homem e uma mulher. Partiu do princípio de que eram vigias do M15 e de que era seguro continuar. Mudou de opinião passados uns momentos, quando reparou noutro homem, russo, que o seguia ao longo da Harrow Road. A seguir, viu uma mulher a andar na sua direção — uma mulher que não trazia chapéu-de-chuva e não tinha nada na cabeça para a proteger da chuva e apercebeu-se de que a vira apenas há alguns minutos. Receou que estivesse prestes a ser morto e por breves instantes pensou em lançar-se numa corrida desenfreada pela Harrow Road. Foi então que apareceu um grande Mercedes. E que a porta se abriu rapidamente... Reconheci o homem que tinha a pistola encostada à cabeça da minha ex-mulher. Chama-se Petrov. A maior parte das pessoas que se cruza com este homem não sobrevive. Disseram-me que a Irina seria uma exceção se eu colaborasse. Fiz tudo o que eles

pediram. Depois de alguns dias de cativeiro, enquanto estava a ser interrogado nas caves de Lubyanka, um homem que em tempos tinha sido meu amigo disse-me que a Irina estava morta. Disse-me que Ivan a tinha matado e enterrado numa sepultura não identificada, e disse-me que a seguir seria eu.

Foi nesse preciso momento que a cor se retirou do banco de neve que tapava a janela, fazendo a sala mergulhar mais uma vez na escuridão. Chiara chorou silenciosamente. Queria desesperadamente dizer a Grigori que a mulher dele continuava viva. Mas não podia.

Ivan estava ouvindo.

CAPÍTULO 50

ZURIQUE

Mais tarde, Shamron iria referir-se a Konrad Becker como o único pedaço de sorte de Gabriel. Tudo o resto, Gabriel conquistou da maneira mais difícil, ou com sangue. Mas não Becker. Becker foi-lhe entregue de mão beijada, embrulhado e com um laço. Seu banco não era uma das catedrais da atividade financeira suíça que avultam sobre a Paradeplatz ou se encontram dispostas em fila ao longo da curva graciosa da Bahnhofstrasse. Era uma capela particular, um local onde os clientes eram livres para prestar culto ou confessar os seus pecados em segredo. A lei suíça proíbe que os bancos desse tipo solicitem depósitos. Têm toda a liberdade para se referirem a si mesmos como bancos se o quiserem, mas não é necessário que o façam. Alguns empregam várias dezenas de agentes e especialistas em investimento; outros, apenas um punhado. Becker & Puhl inseria-se na segunda categoria. Ficava no rés-do-chão de um prédio de escritórios antigo e soturno, num quarteirão sossegado da Talstrasse. A entrada era assinalada por uma pequena placa de bronze que passava facilmente despercebida, como era intenção de Konrad Becker. Às sete horas, ele esperava no vestíbulo sombrio, uma pequena figura careca com a palidez de quem passava os dias debaixo do chão. Como de costume, trazia um sóbrio fato escuro e uma gravata cinzenta, própria de um carregador de caixão. Tinha os olhos, sensíveis à luz, escondidos atrás de uns óculos escuros. A brevidade do aperto de mão foi um insulto calculado.

— Que surpresa tão desagradável. O que o traz a Zurique, Herr Allon?

— Negócios.

— Bom, então, veio ao lugar certo.

Virou-se sem mais uma palavra e conduziu Gabriel por um corredor com espesso carpete. O escritório onde entraram tinha um tamanho modesto e estava mal iluminado. Becker contornou a mesa lentamente e, com cautela, instalou-se na cadeira de executivo em couro, como se estivesse a experimentá-la pela primeira vez. Olhou para Gabriel nervosamente por um momento e depois começou a folhear os papéis que tinha em cima da mesa. Herr Shamron garantiu que não haveria mais contatos entre nós. Cumpri minha parte do acordo e espero que honre a sua palavra.

— Preciso de sua ajuda, Konrad.

— E que tipo de ajuda, Herr Allon? Quer que o auxilie num ataque ao Hamas na Faixa de Gaza? Ou talvez queira que o ajude a destruir as instalações nucleares do Irã?

— Não seja melodramático.

— Quem está sendo melodramático? Tenho sorte em estar vivo — respondeu Becker, entrelaçando as mãos minúsculas e pousando-as em cima da mesa cuidadosamente. — Sou um homem de fraca constituição física e emocional, Herr Allon. Não tenho vergonha de o admitir. Nem tenho vergonha em dizer que ainda tenho pesadelos sobre a nossa última aventurazinha em Viena.

Pela primeira vez desde que Chiara fora raptada, Gabriel sentiu-se tentado a sorrir. Até ele tinha dificuldade em acreditar que o pequeno banqueiro suíço desempenhara papel ativo num dos maiores golpes que o Escritório já engendrara: a captura do criminoso de guerra nazista Erich Radek. Tecnicamente, as ações de Becker tinham sido uma violação das sacrossantas leis do segredo bancário suíço. Com efeito, se o seu papel na captura de Radek viesse alguma vez a público, enfrentaria a distinta possibilidade de ser acusado ou, pior ainda, entrar em ruína financeira. E tudo isso explicava por que razão Gabriel estava confiante de que Becker, após

previsível protesto, concordaria em ajudá-lo. Não tinha outra escolha. Chegou-nos ao conhecimento que o senhor tem na sua posse uma conta numerada que nos interessa. Um cofre associado a esta conta está ligado a uma questão de extrema urgência. Não será exagero dizer que se trata de uma questão de vida ou morte. Como sabe, de acordo com as leis bancárias suíças, seria crime estar a revelar-lhe essas informações.

Gabriel soltou um suspiro profundo.

— Seria uma pena, Konrad.

— O quê, Herr Allon?

— Se os trabalhos que realizamos juntos no passado viessem a público.

— O senhor é um reles chantagista, Herr Allon.

— Um chantagista, mas não reles.

— E o problema em pagar a um chantagista ele volte sempre para exigir mais.

— Posso dizer-lhe qual é a conta numerada, Konrad?

— Se tem mesmo de o fazer.

Gabriel disse o número rapidamente. Becker não se deu ao trabalho de anotar.

— Senha? — perguntou.

— Balzac.

— E o nome associado à conta?

— Vladimir Chernov, da Regency Security Services, em Genebra. Não temos certeza se ele é o primeiro titular da conta ou apenas um signatário.

O banqueiro não fez qualquer movimento.

— Não precisa verificar seus registros, Konrad? Não precisava.

— Vladimir Chernov é o primeiro titular da conta. Outra pessoa que tem acesso ao cofre.

Gabriel estendeu-lhe a foto de Anton Petrov.

— Este homem? — Becker assentiu. — Se tem acesso, presumo que tenha o nome dele registrado. Eu tenho um nome. Se é ou não o correto...

— Pode me dar, por favor?

— Ele usa o nome de Wolfe. Otto Wolfe.

— Fala alemão?

— Fluentemente.

— Sotaque?

— Não fala muito, mas eu diria que é do Leste. E tem uma morada e um número de telefone nos seus registros: — Tenho. Mas também não me parece que sejam os corretos.

— E, mesmo assim, deu-lhe acesso a um cofre? Becker não deu qualquer resposta. Gabriel guardou a foto. Pelo que sei, o Vladimir Chernov deixou qualquer coisa no cofre há dois dias.

— Para sermos precisos, o Herr Chernov acedeu ao cofre há dois dias. Se acrescentou qualquer coisa ou se retirou qualquer coisa, não lhe sei dizer. Os clientes têm privacidade total quando se encontram na caixa-forte.

— Exceto quando os observam com as suas câmaras ocultas. Ele deixou dinheiro vivo no cofre, não deixou? — Uma grande quantidade de dinheiro, para dizer a verdade.

— E Wolfe já veio buscá-lo?

— Ainda não.

O coração de Gabriel deu um súbito solavanco para o lado. E quanto tempo ele costuma esperar depois de o Chernov encher o cofre? Conto que venha hoje. Amanhã, no máximo. Não é o tipo de homem que deixe dinheiro a apodrecer.

— Gostaria de ver a caixa-forte.

— Lamento, mas isso não é possível.

— Konrad, por favor. Não temos muito tempo.

A porta exterior era de aço inoxidável e tinha um ferrolho circular do tamanho de um leme de barco. Lá dentro, havia uma

segunda porta, também de aço inoxidável, com uma pequena janela de vidro reforçado. A porta exterior apenas ficava fechada à noite, explicou Becker, ao passo que a porta interior era utilizada durante o horário de expediente.

— Explique quais são os procedimentos quando um cliente quer aceder a um cofre.

— Depois de ser autorizado a entrar pela porta da frente, que dá para a Talstrasse, o cliente se registra na recepção. Esta o encaminha a minha secretária. Sou a única pessoa que lida com contas numeradas. O cliente tem de fornecer duas informações.

— O número e a senha?

Becker assentiu.

— Na maior parte dos casos, trata-se de uma formalidade, já que eu conheço praticamente todos os nossos clientes. Dou entrada no livro de registros e depois acompanho o cliente até a caixa-forte. São precisas duas chaves para abrir o cofre, a minha e a do cliente.

Geralmente, sou eu que tiro o cofre e o coloco em cima da mesa.

— E é nessa altura que saio.

— Fechando a porta quando vai embora?

— Claro.

— E trancando-a?

— Com certeza.

— E o senhor e o cliente entram os dois sozinhos na caixa-forte?

— Nunca. Sou sempre acompanhado pelo nosso segurança.

— E o guarda também se vai embora da caixa-forte?

— Sim.

— E o que acontece quando o cliente está pronto para sair?

— Chama o guarda pressionando o botão.

— Há mais alguma maneira de sair do banco sem ser pela Talstrasse?

— Há uma porta de serviço que dá para uma ruela nos fundos e lugares de estacionamento. Partilhamo-los com os outros inquilinos do prédio. Estão todos atribuídos.

Gabriel olhou em redor, para as caixas de aço inoxidável que cintilavam e depois para Becker. As lentes escuras dos seus óculos brilhavam com o reflexo das intensas luzes fluorescentes, tornando' os seus pequenos olhos negros invisíveis.

— Vou precisar de um favor seu, Konrad. Um grande favor.

— Uma vez que gostaria de não perder o meu banco, Herr Allon, em que posso ajudá-lo?

— Mande chamar seu segurança e sua secretária. Diga-lhes para tirarem folga nos próximos dias.

— Presumo que os vá substituir?

— Não quero deixá-lo em apuros, Konrad.

— Alguém que eu conheça?

— A secretária será uma desconhecida. Mas pode se lembrar do segurança de outros tempos.

— Herr Lange, suponho eu?

— Tem mesmo uma boa memória, Konrad.

— Isso é verdade. Mas um homem como Oskar Lange também não é assim tão fácil de esquecer.

CAPÍTULO 51

ZURIQUE

Gabriel saiu do banco pouco depois das oito e encaminhou-se para um café movimentado na Bahnhofstrasse. Sentados numa mesa exígua ao fundo, rodeados por homens de negócios suíços de ar deprimido, estavam Sarah e Uzi Navot. Sarah tomava café; Navot

atacava um prato de ovos mexidos e torrada. O cheiro da comida fez o estômago de Gabriel dar voltas quando ele se abaixou para se sentar numa cadeira livre. Ainda demoraria até que sentisse outra vez vontade de comer.

— As faxineiras chegaram uma hora depois de termos partido — murmurou Navot em hebraico. — Os corpos foram tirados de lá e estão a dar uma boa arrumada na casa inteira.

— Diga para garantirem que esses corpos nunca reapareçam. Não quero que Ivan saiba que tiramos Chernov de circulação.

— Ivan não saberá de nada. E Petrov também não.

Navot deixou cair uma garfada de ovo e passou de hebraico para alemão, que falava com um ligeiro sotaque vienense: — E como está o meu velho amigo Herr Becker?

— Envia cumprimentos.

— Está disposto a ajudar?

— Disposto pode ser uma palavra muito forte, mas estamos lá.

Num alemão rápido, Gabriel descreveu os procedimentos para o cliente aceder aos cofres no Becker & Puhl. Terminado o relatório, fez sinal ao garçom e pediu um café. A seguir, pediu que levantassem o prato de Navot. Este ainda teve tempo para tirar um último bocado de tosta no momento em que o prato flutuou para longe.

— Quem fica como secretária? Tem que falar inglês, alemão e francês, o que faz com que sobre uma candidata.

Navot olhou por breves instantes para Sarah.

— Eu me sentiria melhor se obtivéssemos aprovação de Langley antes de metê-la lá dentro.

— Carter me deu autoridade para usá-la da forma que precisasse. Além disso, dei-lhe um papel ativo na operação da noite passada em Genebra.

— E tudo o que ela teve de fazer foi desempenhar o papel da amante abandonada uns poucos segundos. Agora, estás a falar em colocá-la muito perto de um antigo assassino do KGB.

Sarah falou pela primeira vez: — Posso dar conta do recado, Uzi.

— Esquece que Ivan tem fotos suas tiradas na casa dele de Saint-Tropez, no Verão passado. E é possível que ele tenha mostrado essas fotografias ao amigo Petrov. Eu levei uma peruca morena e óculos falsos. Quando os ponho, mal me reconheço a mim mesma. E, da mesma maneira, mais ninguém será capaz de me reconhecer, especialmente se nunca me tiverem visto em pessoa.

Navot continuava cético.

— Ainda há outra coisa que é preciso ter em conta, Gabriel.

— O quê?

— O treino dela com armas. Mais precisamente, a falta de treino dela com armas.

— Eu a treinei. E a CIA também.

— Não, foi um treino muito básico. E a CIA preparou-a para um trabalho de secretária no Centro de Contraterrorismo. Não se disparam muitos tiros num dia normal em Langley.

Sarah disse em sua própria defesa: — Posso lidar com uma arma, Uzi. Mas não como Dina e Rimona. As duas eram do exército. E se alguma coisa der errado lá dentro... Não hesitariam, não é?

Navot não respondeu.

— Eu também não hesitarei, Uzi.

— Tem certeza disso?

— Tenho.

O garçom trouxe o café de Gabriel. Navot passou-lhe um pacote de açúcar.

— Suponho que o posto de secretária esteja neste momento preenchido.

— Está.

— E quem tem em mente para o segurança? Os requisitos em termos de línguas são os mesmos: inglês, francês e alemão. E também precisa ter um pouquinho de músculo.

— Isso limita consideravelmente o grupo de potenciais candidatos: tu e eu. E como não restam quaisquer dúvidas de que Petrov conhece a seu rosto, isso significa que não pode se aproximar daquele banco de maneira nenhuma.

— Se não...

— Eu faço isso — respondeu Navot rapidamente. — Eu trato disso.

— É a pessoa mais forte que conheço, Uzi.

— Mas não suficientemente forte para travar veneno russo. Haja o que houver, não aperte a mão dele. E não esqueça: não vai estar sozinho. Mal Petrov entre na caixa-forte, Sarah vai sinalizar para entrarmos no banco. Quando voltar a abrir a porta para deixá-lo sair, Petrov vai deparar-se com vários homens.

— E para onde o levamos?

— Para dentro da van, pela porta dos fundos. Aplicamos uma dose de qualquer coisinha para o manter confortável durante a viagem.

Navot fez questão de mostrar que estava a examinar as suas — roupas. Tal como Gabriel, trazia uma camisola e um casaco de couro.

— Preciso de algo um pouquinho mais apresentável — disse, passando a mão pelo queixo. — E também de fazer a barba.

— Pode comprar aqui na Bahnhofstrasse. Mas rápido, Uzi. Não quero que chegue atrasado ao teu primeiro dia de trabalho.

Os veteranos gostam de dizer que a vida de um agente operacional do Escritório se faz de viagens constantes e de um tédio embrutecedor, interrompido por interlúdios de puro terror. E depois há a espera. Esperar por um avião ou trem. Esperar por uma fonte. Esperar que o Sol nasça depois de uma noite de matança. E esperar

que um assassino russo vá buscar cinco milhões de euros a um cofre em Zurique. Para Gabriel, a espera tornou-se ainda pior devido às imagens que lhe irrompiam pelos pensamentos como quadros numa galeria. As imagens roubaram-lhe a sua paciência natural. Puseram-no agitado, aterrorizado. E privaram-no da frieza emocional que Shamron achara tão atraente quando Gabriel era um rapaz de vinte e dois anos. Não os odeies, dissera-lhe Shamron a propósito dos terroristas do Setembro Negro. Limita-te a matá-los, para que eles não possam matar outra vez. Gabriel tinha obedecido. Agora, tentava obedecer, mas não era capaz. Odiava Ivan. Odiava Ivan como nunca tinha odiado antes.

O interminável dia de vigilância não deixou de ter os seus momentos mais leves, providenciados quase exclusivamente pelo par de transmissores que Navot instalou no interior do Becker & Puhl poucos minutos depois de lá ter chegado. A equipe ficou à escuta quando Miss Irene Moore, uma jovem e atraente americana enviada por uma agência de trabalho temporário de Zurique, foi buscar café a Herr Becker. E anotou o que Herr Becker lhe ditou. E atendeu o telefone de Herr Becker. Aceitou os vários elogios de Herr Becker a sua beleza. E declinou habilmente um convite para jantar num restaurante com vista para o lago Zürichsee. Também ficaram à escuta quando Herr Becker e Oskar Lange passaram vários momentos desconfortáveis reaprendendo a se habituar um ao outro. E quando Herr Becker explicou a Herr Lange os detalhes relacionados à abertura e ao fechamento da caixa forte. E, no fim da tarde, ouviram Herr Becker repreender Herr Lange por não ter podido abrir a caixa-forte com a rapidez necessária quando Mr. Al-Hamdali, de Jidá, quis acesso a seu cofre. Nada dispostos a deixar passar uma boa oportunidade, ordenaram a Miss Moore que copiasse a ficha de Mr. Al-Hamdali. A seguir, apostando no seguro, tiraram várias foto de Mr. Al-Hamdali quando ele saiu do banco.

Trinta minutos mais tarde, as persianas do Becker & Puhl foram fechadas e as luzes desligadas. O segurança e a secretária deram boa-noite a Herr Becker e seguiram cada um seu caminho: Herr Lange virando à esquerda, em direção a Barengasse, Miss Moore à direita, para Bleicherweg. Gabriel, com Lavon num carro estacionado, não se deu ao trabalho de esconder a desilusão.

— Voltamos amanhã — disse Lavon, fazendo o possível para consolá-lo. — E depois de amanhã, se tiver que ser.

Mas Lavon, tal como Gabriel, sabia que o tempo de que dispunham era limitado. Ivan apenas lhes tinha dado setenta e duas horas. E isso deixava-lhes apenas tempo para mais um dia em Zurique Gabriel disse aos membros da equipe para voltarem para os quartos de hotel e descansarem. E, embora precisasse ele próprio desesperadamente de dormir, esqueceu-se de seguir o seu próprio conselho e, em vez disso, entrou discretamente para a parte de trás de uma van de vigilância estacionada na Talstrasse. Foi aí que passou a noite sozinho, sem tirar os olhos da entrada do Becker Puhl, à espera do assassino a soldo de Ivan. O irmão de Ivan no KGB. O velho amigo de Ivan em Moscou, durante os anos noventa, nos velhos e maus tempos em que não havia lei nem qualquer outra coisa que impedisse Ivan de ir matando gente até chegar ao topo. Um homem desses talvez soubesse onde Ivan gostava de tratar dos seus assuntos sanguinários. Quem sabe? Um homem desses talvez já lá tivesse ele próprio matado.

Na manhã seguinte, poucos minutos antes das nove, Sarah e Navot chegaram ao posto de trabalho. Yossi substituiu Gabriel na van e tudo começou novamente. A vigilância. A espera.

Pouco depois das quatro da tarde Gabriel estava ao lado de Mikhail num café com vista para a Paradeplatz. Pediu algo para Gabriel comer.

— E não tente dizer que não. Está com um aspecto horroroso. Além disso, vais precisar de todas as tuas forças quando cairmos em

cima do Petrov.

— Já começo a pensar que ele não vai aparecer.

— E deixar cinco milhões de euros em cima da mesa? Ele vai aparecer, Gabriel. Acabará por aparecer.

— O que te faz ter tanta certeza?

— Chernov apareceu no fim do dia e Petrov vai aparecer no fim do dia. Esses bandidos russos não fazem nada quando há luz. Preferem a noite. Acredite em mim, Gabriel, conheço-os melhor do que você. Cresci com estes sacanas.

Estavam sentados lado a lado, num balcão alto, à janela. Lá fora, os postes começavam a se iluminar na movimentada praça e os bondes serpenteavam pela Bahnhofstrasse. Mikhail batia nervosamente com os dedos no balcão.

— Está me dando dor de cabeça, Mikhail.

— Desculpe, chefe.

Os dedos ficaram quietos.

— Há alguma coisa preocupando você?

— Tirando o fato de estarmos à espera que um assassino russo venha buscar o lucro do sequestro de sua mulher? Não, Gabriel, não há absolutamente nada.

— Não concorda com a minha decisão de colocar Sarah naquele banco?

— Claro que concordo. Ela é perfeita para o trabalho.

— Se não concordasse com minhas decisões você diria, não é, Mikhail? Tem sido sempre assim que esta equipe funciona. Nós falamos de tudo.

— Eu teria dito se não concordasse.

— Ótimo, Mikhail, porque não gostaria nada de pensar que alguma coisa mudou por estar envolvido com a Sarah.

Mikhail deu um gole no café, tentando ganhar tempo.

— Ouça, Gabriel, eu ia dizer, mas...

— Mas o quê?

— Achei que ficaria zangado.

— Por quê?

— Vamos, Gabriel, não me faça dizer isso agora. Não é a hora.

— É a hora perfeita.

Mikhail pôs o café em cima do balcão.

— Era óbvio para todos nós, desde o momento em que recrutamos Sarah para a operação do Al-Bakari, que ela sentia alguma coisa por você. E, francamente...

— Francamente o quê?

— Pensamos que você também sentisse.

— Isso não é verdade. Isso nunca foi verdade.

— Tudo bem, Gabriel, como queira.

Uma garçonete colocou um sanduíche na frente de Gabriel. Ele empurrou para o lado.

— Coma, Gabriel. Precisa comer.

Gabriel arrancou um canto do sanduíche.

— Está apaixonado por ela, Mikhail?

— Que resposta quer ouvir?

— Seria simpático se fosse a verdade.

— Sim, Gabriel. Amo-a muito. Demais.

— Isso é coisa que não existe. Faça-me só um favor, Mikhail. Tome bem conta dela. Vá morar na América. Saia deste mundo o mais depressa que puder. Saia antes que...

Não terminou de dizer o em que estava pensando. Mikhail recomeçou a bater com os dedos no balcão.

— Acha que ele vai aparecer?

— Vai aparecer.

— Dois dias à espera. Já não aguento mais essa espera.

— Já não terá que esperar muito, Mikhail.

— Como tem tanta certeza?

— Porque Anton Petrov acabou de passar por nós.

CAPÍTULO 52

ZURIQUE

Usava japona, cachecol cinzento, grandes óculos com armações de metal e uma boina bem enfiada na cabeça. Por mais estranho que isso pudesse parecer, o disfarce tosco chamou a atenção de Gabriel. Tinha passado inúmeras horas a olhar fixamente para as fotos de vigilância tiradas no Aeroporto de Heathrow, os vislumbres fragmentados de um homem de queixo robusto, com óculos e um chapéu de feltro. Foi esse homem que passou à frente do café com vista para a Paradeplatz, levando duas pastas de diplomata desirmanadas. E era esse homem que virava naquele momento a esquina para a Talstrasse. Gabriel levou cautelosamente aos lábios o microfone que tinha ao pulso e informou Sarah e Navot de que Petrov estava a caminho. Quando a comunicação terminou, Mikhail já tinha se levantado e dirigia-se para a porta. Gabriel deixou um maço de dinheiro em cima do balcão e foi atrás dele.

— Esqueceu de pagar a conta — disse. — Os suíços ficam muito zangados quando fugimos sem pagar a conta.

Petrov passou duas vezes em frente ao banco antes de acabar por se apresentar à entrada quando faltavam apenas três minutos para a hora de fecho. Carregando na campainha, identificou-se como Otto Wolfe e deixaram-no entrar sem demora. A recepcionista telefonou imediatamente para Miss Irene Moore, secretária temporária de Herr Becker, e lhe foi dito que mandasse logo o cliente. Lá fora, na Talstrasse, duas duplas se posicionaram discretamente em seus lugares: de um lado, Yaakov e Oded, e, do outro, Gabriel e Mikhail. Este último cantarolava. Gabriel não o ouvia. Estava apenas concentrado na voz que tinha ao ouvido, a voz

de Sarah Bancroft, dizendo boa-tarde a um dos homens mais perigosos do mundo.

Faça o favor de se sentar, Herr Wolfe, disse ela num alemão perfeito.

O Herr Becker irá atendê-lo dentro de poucos momentos. Ele pôs as pastas de diplomata no chão, ao lado da cadeira, desabotoou a canadiana e tirou as luvas de couro. Não havia qualquer anel nos dedos da mão esquerda. Mas no terceiro dedo da mão direita, aquele em que um russo comum traria uma aliança de casamento, tinha um anel pesado com uma pedra escura. Na América, teria passado por um anel de curso, ou pelo anel de uma unidade militar. Sentada à mesa, Sarah obrigou-se a não olhar para ele.

— Posso guardar seu casaco?

— Não.

— Deseja tomar alguma coisa? Café ou chá?

Ele abanou a cabeça e sentou-se sem tirar a japona ou a boina.

— A senhora não é a secretária de Herr Becker.

— Ela está doente.

— Nada grave, espero.

— Só um vírus.

— Anda por aí muito disso. Nunca a tinha visto aqui.

— Só estou aqui temporariamente.

— Não é suíça.

— Americana, para dizer a verdade.

— Seu alemão é muito bom. Até tem um pouco de sotaque suíço.

— Estudei aqui alguns anos quando era nova.

— Em que escola?

A resposta de Sarah foi interrompida pelo aparecimento de Becker à porta do seu gabinete. Petrov levantou-se.

— A sua secretária ia agora mesmo dizer o nome da escola em que estudou na Suíça.

— Foi na Escola Internacional de Genebra.

— Tem uma reputação excelente — respondeu ele, estendendo a mão direita. — Foi um prazer conhecê-la, Miss...

A voz foi sumindo.

— Moore — completou ela, apertando a mão dele com força. Irene Moore.

Petrov largou a mão de Sarah e entrou na sala de Becker. Passados trinta segundos, e terminadas as formalidades, os dois homens saíram de lá e foram para a caixa-forte. Sarah passou a informação a Gabriel pelo microfone escondido na mesa e, a seguir, esticou a mão por baixo desta e abriu o fecho da mala de mão. A arma estava lá, o cano virado para baixo e a coronha à vista. Olhou de relance para o relógio e aguardou o som da campainha da porta de entrada. Começou a sentir coceira no lugar da mão em que o anel de Petrov a tinha tocado. Não era nada, disse a si mesma. Só sua cabeça pregando peça.

Uzi Navot esperava na entrada da caixa-forte quando Becker surgiu, seguido por Anton Petrov. As fotos de vigilância tiradas em Heathrow não tinham feito justiça ao tamanho do russo. Tinha bem mais do que um metro e oitenta, ombros largos e era forte. A preocupação que sentia era claramente visível. Olhando diretamente para Navot, perguntou a Becker: Onde está o segurança habitual? O banqueiro respondeu sem hesitação: — Tivemos de despedi-lo. Lamento, não posso entrar em detalhes. Mas pode ficar descansado, já que o assunto não envolveu ativos de clientes, incluindo os seus.

— Fico aliviado — atirou ele, ainda de olhos postos em Navot. — Mas é uma bela coincidência. Uma nova secretária e um novo segurança.

Uma vez mais, Becker conseguiu dar uma resposta pronta: — Temo que a mudança seja a única constante, até na Suíça.

Navot abriu a segunda porta que dava para a caixa-forte e afastou-se. O russo manteve-se imóvel no lugar, o olhar passando

rapidamente do banqueiro para o segurança e vice-versa. Era evidente que Petrov suspeitava de alguma coisa e se sentia relutante em entrar. Navot interrogou-se se cinco milhões de euros seriam suficientes para tentá-lo. Não teve de esperar muito tempo pela resposta.

— Peço desculpas por incomodá-lo, Herr Becker, mas mudei de ideia. Trato dos meus assuntos em outra hora.

Becker pareceu ser apanhado de surpresa. Por um instante, Navot temeu que ele pudesse improvisar e pedir ao russo que reconsiderasse a decisão. Em vez disso, afastou-se com a brusquidão de um maître e apontou para a saída.

— Como queira.

Petrov fitou Navot com um olhar reprovador, voltou-se e começou a avançar pelo corredor. Navot ponderou suas opções rapidamente. Se o russo conseguisse sair do banco, restariam apenas duas saída para a equipe: apanhá-lo numa rua movimentada de Zurique — dificilmente uma solução ideal — ou segui-lo até seu próximo destino. O melhor seria atacá-lo ali mesmo, nas instalações do Becker & Puhl, mesmo que isso significasse fazê-lo sozinho.

Navot tinha uma curta vantagem — o fato de Petrov estar de costas — e aproveitou-a. Afastando Becker com um movimento da mão esquerda, aplicou um golpe com a direita semelhante a uma facada no pescoço do russo. A pancada poderia ter matado um homem normal, mas Petrov limitou-se a cambalear. Recuperando o equilíbrio, largou as pastas diplomáticas rapidamente e enfiou a mão esquerda sob o casaco. Ao virar-se para enfrentar Navot, a pistola já era perceptível. Navot agarrou o pulso esquerdo do russo e bateu com força contra a parede. Virou a cabeça e procurou desesperadamente a direita. Não foi difícil encontrar. Com os dedos esticados e o anel da morte à vista, tentava alcançar seu pescoço. Navot agarrou o outro pulso e segurou-o com força.

Não vai estar sozinho, tinha dito Gabriel. Engraçado como as coisas nunca corriam como planejado.

Sarah ouviu dois sons, numa sucessão rápida: um homem gemendo de dor, seguido por um pesado baque surdo. Segundos depois, ouviu um terceiro som: o botão do intercomunicador. Gabriel e os outros estavam à espera lá fora, na entrada do banco. Demorariam pelo menos trinta segundos para entrar e chegar à caixa-forte. Trinta segundos em que Uzi lutaria pela vida, sozinho, com um assassino profissional russo.

— Eu também não hesitarei, Uzi.

— Tem certeza disso?

— Tenho.

Sarah esticou a mão por baixo da mesa e tirou a pistola da mala. Enfiando a primeira bala na câmara, levantou-se e dirigiu-se ao corredor.

Ao terceiro toque da campainha, a recepcionista respondeu enfim.

— Posso ajudá-los?

— Meu nome é Heinrich Kiever. Herr Becker está à minha espera.

— Um momento, por favor.

O momento pareceu durar uma eternidade.

— Herr Kiever?

— Sim?

— Lamento informá-lo, mas ninguém atende o telefone de Herr Becker. Podem esperar mais um momento, por favor?

— Seria possível esperarmos aí dentro? Está muito frio aqui fora.

— Lamento, mas isso vai contra a política do banco. Tenho certeza de que Herr Becker atenderá num momento.

— Obrigado.

Gabriel olhou de relance para Mikhail.

— Acho que podemos ter um problema lá dentro.

— O que fazemos?

— A não ser que consiga pensar em alguma maneira de entrar à força num banco de Zurique, esperamos.

Não havia suficiente treino com armas que pudesse preparar Sarah para o cenário que encontrou ao entrar no corredor que dava para a caixa-forte: um banqueiro suíço encolhido de medo e dois homens corpulentos se esforçando para se matar um ao outro. Navot tinha conseguido prender Petrov contra a parede e debatia-se na tentativa de controlar os braços do russo. Na mão esquerda de Petrov, havia uma pistola. A direita estava vazia, mas ele tinha os dedos esticados e parecia tentar alcançar o pescoço de Navot.

O anel! Um toque do estilete era tudo o que era preciso. Um toque e Navot estaria morto passados alguns minutos.

Com as mãos bem esticadas agarrando a arma, Sarah evitou Becker e avançou para os homens que lutavam. Petrov percebeu de imediato a aproximação e tentou apontar sua arma na direção dela. Navot reagiu com rapidez, torcendo o braço do russo e batendo com ele com força na parede, de modo que o cano da pistola ficasse apontado para o teto.

— Atire, Sarah! Atire, diabos!

Sarah deu dois passos para a frente e encostou a pistola no quadril esquerdo de Petrov.

Eu também não hesitarei, Uzi... E não hesitou, nem por um instante. A bala despedaçou a articulação do quadril do russo e fez com que a perna dele se torcesse. Sem perceber bem como, a mão esquerda se manteve com a pistola. E a direita continuava a se aproximar pouco a pouco do pescoço de Navot.

— Outra vez, Sarah! Atire outra vez!

Desta vez ela encostou a pistola no ombro esquerdo de Petrov e apertou o gatilho. No momento em que o braço do russo

perdeu a força, ela arrancou rapidamente a pistola da mão dele.

Podendo agora usar a mão direita, Navot fechou-a num punho maciço e deuu três socos brutais no rosto de Petrov. Os dois últimos já não eram necessários. O russo tinha perdido os sentidos no primeiro.

CAPÍTULO 53

BARGEN, SUÍÇA

A cinco quilômetros e meio da fronteira com a Alemanha, no fim de um estreito vale arborizado, fica a pequena Bargen, famosa na Suíça por ser a cidade mais a norte do país. Tem pouco para oferecer além de uma estação de serviço e de um mercadinho frequentado por viajantes de passagem. Ninguém pareceu reparar nos dois homens que esperavam no estacionamento, dentro de um grande Audi. Um tinha cabelo fino, que esvoaçava ao vento e estava a beber café por um copo de papel. O outro tinha olhos cor de esmeralda e observava o movimento veloz do trânsito na auto-estrada: luzes brancas a dirigirem-se para Zurique, luzes verme lhas a deixarem um rastro a caminho da fronteira com a Alemanha. A espera... Sempre a espera... Esperar por um avião ou trem. Esperar por uma fonte. Esperar que o Sol nasça depois de uma noite de matança. E esperar que uma van transportando um assassino russo ferido chegue.

— Vai ser um barulho dos diabos lá naquele banco. — disse Eli Lavon.

— Becker vai abafar tudo. Não tem outra escolha.

— E se não conseguir?

— Então, limpamos a trapalhada depois.

— Ainda bem que os suíços se juntaram ao mundo moderno e acabaram com seus postos fronteiriços. Lembra dos velhos tempos, Gabriel? Chateavam sempre que entrávamos ou saíamos.

— Nem consigo dizer quantas vezes esperei enquanto os arrogantes rapazinhos suíços vasculhavam minha bagagem. Agora, mal olham para uma pessoa. Este é nosso quarto russo em três dias e, mais uma vez, ninguém terá conhecimento de nada.

— Estamos fazendo um favor.

— Se continuamos neste ritmo, não vai sobrar nenhum russo na Suíça.

— É exatamente o que eu quero dizer.

Foi precisamente nessa hora que uma van fez a curva e entrou no estacionamento. Gabriel saiu do Audi e aproximou-se. Ao abrir a porta traseira, viu Sarah e Navot sentados no chão do compartimento de carga. Petrov estava estendido entre ambos.

— Como ele está?

— Ainda inconsciente.

— Pulsação?

— Boa.

— Como estamos com a perda de sangue?

— Não muito mal. Acho que as balas cauterizaram os vasos sanguíneos.

— O Boulevard vai enviar um médico ao local do interrogatório. Ele se aguenta?

— Vai ficar ótimo — respondeu Navot, entregando a Gabriel um pequeno saco plástico com ziper. — Pegue aí uma lembrança.

Era o anel de Petrov. Gabriel enfiou o saco no bolso do casaco com cuidado e fez sinal a Sarah para sair da van. Ajudou-a a entrar no banco de trás do Audi e depois pôs-se ao volante. Cinco minutos mais tarde, os dois veículos já estavam do outro lado da fronteira

invisível, a salvo, seguindo para norte, em direção à Alemanha. Sarah conseguiu manter as emoções controladas por mais alguns minutos. Depois, encostou a cabeça na janela e começou a chorar.

— Agiu bem, Sarah. Salvou a vida de Uzi.

— Nunca tinha dado um tiro em ninguém.

— Sério?

— Não brinque, Gabriel. Não me sinto lá muito bem.

— Mas logo vai se sentir melhor.

— Quando?

— Mais cedo ou mais tarde.

— Acho que vou vomitar.

— Quer que pare?

— Não, continue.

— Tem certeza?

— Não sei.

— Acho melhor parar só por garantia.

— É.

Gabriel encostou à beira da estrada e agachou-se ao lado de Sarah enquanto o corpo dela se contorcia para vomitar.

— Fiz por você, Gabriel.

— Eu sei, Sarah.

— Fiz pela Chiara.

— Eu sei.

— Quanto tempo vou me sentir assim? — Não muito.

— Quanto tempo, Gabriel? Ele esfregou as costas de Sarah enquanto o corpo dela se contorcia todo outra vez.

Não muito, pensou. Só para sempre.

QUARTA PARTE

PORTA DE RESSURREIÇÃO

CAPÍTULO 54

NORTE DA ALEMANHA

Para cada casa segura, há uma história. Um vendedor que anda sempre com a mala de viagem atrás e raramente vai a casa. Um casal com demasiado dinheiro para ficar muito tempo no mesmo lugar. Uma alma aventurosa que viaja para terras longínquas para tirar fotografias e escalar montanhas. Essas são as histórias que se contam aos vizinhos e aos senhorios. Essas são as mentiras que explicam os inquilinos de curta duração e os hóspedes que chegam a meio da noite com as chaves nos bolsos.

A casa de campo perto da fronteira com a Dinamarca também tinha uma história, ainda que uma parte fosse por acaso verdade. Antes da Segunda Guerra Mundial, tinha sido propriedade de uma família chamada Rosenthal. Todos os seus membros tinham morrido durante o Holocausto, com a excepção de uma moça que, após emigrar para Israel a meio da década de 1950, deixara a casa de família ao Escritório. Conhecida como Local 22XB, a propriedade era a menina dos olhos da Divisão dos Trabalhos Domésticos, reservada apenas para as operações mais sensíveis e importantes. Gabriel considerava que um assassino russo atingido por dois tiros e carregado de segredos vitais na cabeça se inseria claramente nessa categoria. A Divisão dos Trabalhos Domésticos concordara. Deram-lhe as chaves da casa e providenciaram para que a despensa estivesse bem abastecida.

A casa ficava a cerca de cem metros de uma estrada rural sossegada, um solitário posto avançado na planície triste e uniforme da Jutland Ocidental. O tempo tinha deixado as suas marcas. O

estuque precisava de uma boa esfregada, as persianas estavam quebradas e a pelar devido à falta de tinta, e o telhado deixava entrar água sempre que chegavam as grandes tempestades vindas do mar do Norte. Lá dentro, a história era semelhante: pó e teias de aranha, salas que não se encontravam propriamente mobiladas, objetos e aparelhos de uma era passada.

Com efeito, andar pelos corredores era recuar no tempo, especialmente para Gabriel e Eli Lavon. Conhecida pelos veteranos do Escritório como Château Shamron, a casa servira de base para o planejamento da Operação Ira de Deus. Aqui, tinham sido condenados à morte homens, tinham sido selados destinos. No segundo andar, ficava o quarto que Lavon e Gabriel haviam partilhado. Atualmente, tal como então, apenas duas camas estreitas, separadas por uma mesinha-de-cabeceira lascada. Quando Gabriel parou à porta, surgiu-lhe uma imagem na cabeça: o vigia e o executor deitados na escuridão, sem conseguir adormecer, um por causa do estresse, o outro por causa das visões sangrentas. O velhinho transístor que lhes tinha preenchido as horas vagas continuava em cima da mesa. Tinha sido a ligação deles ao mundo exterior. Falara-lhes de guerras ganhas e perdidas, de um presidente americano que se demitira em desgraça; e, por vezes, nas noites de Verão, dava-lhes música. A música que os rapazes normais andavam a ouvir. Rapazes que não andavam a matar terroristas para Ari Shamron. Gabriel atirou a mala para cima da sua antiga cama — a que se situava mais perto da janela — e desceu as escadas, em direção ao porão. Anton Petrov estava deitado de costas no chão de pedra, com Navot, Yaakov e Mikhail em pé junto dele. Tinha mãos e pés presos, embora a essa altura provavelmente já não fosse necessário. Sua pele estava branca como a de um fantasma, a testa úmida de transpiração, o maxilar inchado onde Navot batera. O russo necessitava desesperadamente de cuidados médicos, mas só os receberia se falasse. Ou Gabriel deixaria que as balas alojadas na

pélvis e no ombro envenenassem se corpo com septicemia. A morte seria lenta, febril e agonizante. A morte que merecia, e Gabriel estava mais do que preparado para concedê-la. Pôs-se de cócoras ao lado do russo, e falou com ele em alemão: — Acho que isso é seu.

Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou de lá o saco plástico que Navot tinha dado na fronteira. O anel de Petrov continuava lá dentro. Gabriel tirou-o e o apertou com força na pedra. Da base, saiu um pequeno estilete, não muito maior do que uma agulha de vitrola. Gabriel fez questão de mostrar que o examinava bem e aproximou-o subitamente do rosto de Petrov. O russo encolheu-se de medo, virando a cabeça para a direita com violência.

— O que há, Anton? É só um anel.

Gabriel aproximou-o um pouquinho mais da pele macia do pescoço de Petrov. O russo se contorcia todo, aterrorizado. Gabriel apertou-o outra vez na pedra e a agulha se recolheu sem perigo à base do anel. Voltou a colocá-lo no saco plástico e entregou-o a Navot com cuidado.

— Para que tudo se fique a saber, nós trabalhamos num dispositivo semelhante. Mas, para ser franco, nunca achei grande graça a venenos. São para bandidos reles como tu, Anton. Prefiro matar com uma destas.

Gabriel tirou a Glock 45 da cintura e apontou para o rosto de Petrov. O silenciador já não estava atarraxado à extremidade do cano. Ali, não era necessário.

A um metro, Anton. É assim que eu prefiro matar, a um metro de distância. Dessa maneira, consigo ver os olhos do meu inimigo antes de ele morrer. Virshqya mera: a mais grave forma de punição continuou Gabriel, encostando o cano da pistola à base do queixo do russo. Uma sepultura não identificada. Um cadáver sem rosto.

Gabriel utilizou o cano da pistola para abrir o peito da camisa de Petrov. O ferimento no ombro não tinha bom aspeto: fragmentos

de ossos, pedaços de roupa. Não havia dúvida de que o quadril estaria no mesmo estado. Gabriel fechou a camisa e fitou Petrov diretamente nos olhos.

— Está aqui porque seu amigo Vladimir Chernov o traiu. Nem tivemos de fazer-lhe mal. Na verdade, nem sequer tivemos de ameaçar. Demos só algum dinheiro e ele contou tudo o que queríamos saber. Agora, é sua vez, Anton. Se colaborar, vai receber cuidados médicos e será tratado de forma humana. Caso contrário...

Gabriel encostou o cano da arma no ombro de Petrov e pressionou com força o ferimento. Os gritos de Petrov ecoaram além das paredes do porão. Gabriel parou antes que o russo desmaiasse.

— Compreende, Anton?

O russo acenou com a cabeça.

— Se eu continuar aqui com você por muito tempo, espanco-o até a morte com as minhas próprias mãos — prosseguiu, olhando de relance para Navot. — Vou deixar que o meu amigo se encarregue do interrogatório. Uma vez que tentou matá-lo com seu anel em Zurique, parece perfeitamente justo. Não concorda, Anton?

O russo ficou em silêncio.

Gabriel pôs-se de pé e subiu as escadas sem mais uma palavra O resto da equipe estava espalhado pela sala de estar, em di versos estados de exaustão. O olhar de Gabriel recaiu de imediato sobre o mais novo membro do grupo, um médico que tinha sido enviado pelo Boulevard King Saul para tratar dos ferimentos de Petrov. No léxico do Escritório, tratava-se de um sayan, um ajudante voluntário. Gabriel reconheceu-o. Era um judeu de Paris que em tempos lhe tinha tratado um golpe fundo e grave na mão. Como está o paciente? — perguntou o médico em francês.

— Não é um paciente — respondeu Gabriel na mesma língua.

É um bandido do KGB.

— Continua a ser um ser humano.

— Se fosse a si, não opinaria até ter oportunidade de estar com Ele.

E quando isso vai acontecer? Não sei ao certo.

Fale-me dos ferimentos.

Gabriel fê-lo.

Quando ele os sofreu? 295 Gabriel olhou de relance para o relógio.

— Há praticamente oito horas.

— Essas balas precisam de sair cá para fora. Caso contrário...

— Elas saem cá para fora quando eu disser que saem. Eu fiz um juramento, monsieur. E não irei renunciar a esse juramento por estar a desempenhar um serviço a si. Eu também fiz um juramento. E, esta noite, o meu juramento prevalece sobre o seu.

Gabriel virou-se e subiu as escadas em direção ao seu quarto. Estendeu-se na cama, mas, de cada vez que fechava os olhos, via apenas sangue. Incapaz de expulsar a imagem dos pensamentos, esticou o braço e rodou o botão familiar do rádio. Uma alemã de voz sensual deu-lhe as boas-noites e começou a ler as notícias. A chanceler propunha uma nova era de diálogo e cooperação entre a Europa e a Rússia. Tencionava revelar a sua proposta na cúpula de emergência do G8 que se realizaria em Moscou dentro de pouco tempo.

Como uma febre noturna, Petrov soçobrou ao amanhecer. Não seguiu uma linha reta durante a sua viagem em direção à verdade, mas Gabriel também não esperava que o fizesse. Petrov era um profissional. Conduziu-os para becos de ilusão e levou-os por caminhos sem saída repletos de enganos. E, apesar de ter trabalhado apenas por dinheiro, tentou ser leal à Rússia e ao seu santo padroeiro, Ivan Kharkov, de forma admirável. Navot tinha sido paciente Mas firme. Não era necessário infligir mais dor ou sequer ameaçar fazê-lo, pois Petrov já sofria o suficiente. Tudo aquilo que tinham de fazer era mantê-lo consciente. Os dois ferimentos

provocados Pelas balas e o maxilar partido fizeram o resto. Por fim, exausto e a tremer devido ao começo da infeção, o russo capitulou. Disse que havia uma datcha a nordeste de Moscou, na província de Vladimirskaya. Era um lugar isolado, escondido, Protegido. Havia quatro riachos que convergiam para um grande Pântano e uma extensa floresta de bétulas. Era o lugar onde Ivan tratava dos seus assuntos sanguinários. Era a prisão de Ivan. O Inferno de Ivan na Terra. Navot localizou o lote de terra utilizando um software normal de nível comercial. A imagem na tela correspondia perfeitamente à descrição de Petrov. Mandou chamar o médico e subiu para informar Gabriel.

Ele estava deitado na escuridão, com os dedos entrelaçados na nuca e os tornozelos cruzados. Ao ouvir as notícias, sentou-se direito e girou os pés para o chão. A seguir, utilizou o PDA seguro para enviar uma mensagem curta e segura para três pontos do globo: Boulevard King Saul, Thames House e Langley. Uma hora após o nascer do Sol, partiu sozinho para Hamburgo. Às duas da tarde, embarcou no voo 969 da British Airways e, pelas 15h15, já se encontrava sentado no banco de trás de um carro do MI5, a caminho do centro de Londres.

CAPÍTULO 55

MAYFAIR, LONDRES

Nos dias negros que se seguiram aos ataques do 11 de Setembro, a embaixada americana em Grosvenor Square foi transformada numa monstruosidade de máxima segurança. Quase do dia para a noite, brotaram barricadas e muros antiexplosões à volta do perímetro, e, para grande ira dos londrinos, uma rua movimentada junto à embaixada ficou permanentemente encerrada ao trânsito. Mas houve outras alterações que as pessoas não

puderam ver, incluindo a construção de um anexo secreto da CIA bem abaixo da praça propriamente dita. Ligado ao Centro de Operações Globais, em Langley, o anexo funcionava como um posto avançado de comando para operações na Europa e no Médio Oriente e era tão secreto, que apenas um punhado de ministros britânicos e agentes sabiam de sua existência. Durante uma visita no Verão anterior, Graham Seymour ficara deprimido ao ver que o anexo fazia com que os principais centros de operações do MI5 e do MI6 Parecessem minúsculos. Era típico dos americanos, pensou. Confrontados com a ameaça do terrorismo islâmico, tinham escavado um buraco bem fundo para si próprios, enchendo-o de brinquedos de alta tecnologia. E ainda se perguntavam por que estavam perdendo.

Seymour chegou pouco depois das oito da noite e foi levado ao aquário, uma sala de conferências segura com paredes de vidro à prova de som. Gabriel e Ari Shamron estavam sentados de um lado da mesa; Adrian Carter estava de pé, parado no centro da sala, varinha a laser na mão. Na tela, surgia uma imagem, captada por um satélite espião americano, cobrindo a Rússia Ocidental. Mostrava uma pequena datcha, localizada precisamente a duzentos e seis quilômetros a nordeste da Torre da Trindade, no Kremlin. O pontinho vermelho do ponteiro de Carter estava focado em dois Range Rover estacionados à porta da casa. Havia dois homens parados ao lado deles.

— Os nossos analistas fotográficos acham que há mais seguranças posicionados nas traseiras da datcha — o pontinho vermelho mexeu-se três vezes —, aqui, aqui e aqui. E também dizem que é evidente que estes Range Rover têm andado para lá e para cá. Há dois dias, houve um nevão de vários centímetros nessa zona. Mas esta imagem mostra marcas de pneu recentes.

— Quando foi captada?

— Ao meio-dia. Os analistas conseguem ver marcas em ambas as direções.

— Mudanças de turno?

— Suponho que sim. Ou reforços.

— E em relação a comunicações?

— A datcha tem eletricidade, mas a NSA tem dificuldades em localizar um telefone fixo. Estão seguros de que alguém ali dentro usa um telefone-satélite. E também pegaram comunicações entre celulares.

— Conseguem acessá-las?

— Estão nisso.

— E o que sabemos da propriedade propriamente dita?

— É controlada por uma holding com base em Moscou.

— Quem controla essa holding?

— Quem você acha?

— Ivan Kharkov?

— Claro — respondeu Carter.

— Quando ele comprou o terreno?

— No início dos anos noventa, não muito tempo depois da queda da União Soviética.

— Mas por que diabos Ivan comprou um terreno com bétulas e pantanal, a mais de duzentos quilômetros de Moscou?

— Provavelmente, pôde comprá-lo por alguns copeques, ao preço da chuva.

— Ele já era rico nessa época. Por que este lugar?

— A CIA e a NSA têm várias aptidões, mas ler a mente de Ivan não é uma delas.

— Qual é o tamanho da propriedade?

— Várias centenas de hectares.

— E o que ele faz com tanta terra?

— Aparentemente, nada.

Gabriel levantou-se da cadeira e aproximou-se da tela. Ficou olhando em silêncio, a mão no queixo e a cabeça inclinada, como se examinasse uma tela. Tinha o olhar focado numa parte da floresta, a duzentos metros da datcha. Apesar de a floresta ser coberta de neve, as imagens aéreas mostravam três depressões paralelas na topografia, cada uma precisamente do mesmo tamanho da outra. Eram uniformes demais para serem um fenômeno natural. Carter antecipou a pergunta seguinte de Gabriel: — Os analistas ainda não conseguiram entender o que são essas coisas. Algum projeto de construção. Descobriram outra série delas a pouca distância dessas.

— E há alguma foto?

Carter pressionou um botão do painel. A fotografia seguinte mostrava um padrão semelhante: três depressões paralelas, tapadas por bétulas. Gabriel lançou um olhar longo a Shamron e regressou a seu lugar. Carter desligou a varinha a laser e pôs na mesa.

— Pelos carros e pela presença de tantos guardas, é evidente que alguém importante está naquela datcha. Se se trata da Chiara e Grigori ... — a voz de Carter foi sumindo. — Suponho que a única maneira de ter certeza seja in loco. A questão que se coloca é: estão dispostos a ir lá com base na palavra de um assassino russo mestre em sequestros? — Os olhos de Carter foram saltando de um rosto para o outro. — Calculo que nenhum de vocês gostaria de explicar com um pouquinho mais de detalhe como encontraram Petrov tão depressa, não?

A pergunta recebeu como resposta um silêncio pesado. Carter virou-se para Gabriel.

— Devo assumir que Sarah participou de algum crime?

— De vários.

— E onde ela está agora?

— Não posso revelar.

— Com Petrov, presumo? — Gabriel assentiu com a cabeça. — Gostaria de tê-la de volta. E Petrov, também gostaria de tê-lo...

quando já não precisarem dele, claro. Ele pode ajudar a encerrar alguns casos em aberto. — Voltou a virar-se para a foto de satélite. — Parece que vocês têm duas opções. Opção número um: ir ao Kremlin, apresentar aos russos as provas do envolvimento de Ivan e pedir que intervenham.

Foi Shamron quem respondeu: — Os russos já tornaram mais do que claro que não têm intenção de ajudar. Além disso, ir até o Kremlin é a mesma coisa do que ir ver Ivan. Se levantarmos esta questão com o presidente russo...

— ... o presidente russo informará Ivan — interrompeu Gabriel, completando a frase. — E Ivan responderá matando Grigori e minha mulher.

Carter acenou com a cabeça, em sinal de concordância. — Então, suponho que isso deixe apenas a opção número dois: entrar na Rússia e trazê-los de lá pelas próprias mãos. Sinceramente, o presidente e eu previmos que seria essa sua escolha. E ele está preparado para oferecer uma ajuda considerável.

Shamron disse duas palavras: — Kachol v'lavan.

Carter esboçou um ligeiro sorriso.

— Peço desculpas, Ari. Falo quase tantas línguas quanto você, mas hebraico não é uma delas.

— Kachol v'lavan — repetiu Gabriel. — Quer dizer "azul e branco", as cores da bandeira israelense. Contudo, para dinossauros como Ari, quer dizer muito mais. Quer dizer que tratamos das coisas com nossas próprias mãos e não contamos com os outros para nos ajudar a resolver os problemas que nós próprios criamos.

— Mas na verdade não foram vocês que criaram este problema. Foram atrás de Ivan porque nós pedimos. O presidente considera que temos alguma responsabilidade no que aconteceu e acha que devemos cuidar dos amigos.

— E que tipo de ajuda o presidente oferece?

— Por razões compreensíveis, não podemos executar o resgate propriamente dito. Tendo em vista que os Estados Unidos e a Rússia continuam com milhares de mísseis apontados um para o outro, pode não ser muito prudente trocar tiros em solo russo. Mas podemos ajudar de outras maneiras. Para começar, podemos fazer com que entre no país de forma a não acabar logo logo de cara em Lubyanka.

— E?

— Podemos fazer com que volte a sair de lá. Com os reféns, claro.

— Como?

Carter jogou um passaporte americano na mesa. Era vermelho-borgonha em vez de azul e tinha carimbada a palavra OFICIAL.

— Apenas um nível abaixo do passaporte diplomático. Não terá imunidade total, mas com certeza fará com que os russos pensem duas vezes antes de te tocar.

Gabriel abriu o passaporte. Por enquanto, a página com os dados pessoais não incluía foto, apenas um nome: AARON DAVIS.

— E o que o Mr. Davis faz? Trabalha no apoio logístico ao presidente, na Casa Branca. Como provavelmente sabem, o presidente estará em Moscou na quinta e na sexta-feira para a cúpula de emergência do G8. A maior parte da equipe de apoio logístico da Casa Branca já está no terreno. Já tratei de tudo para que a equipe receba uma aquisição de última hora.

— Aaron Davis?

Carter confirmou com um movimento da cabeça.

— E como ele vai entrar?

— No carplane.

— Desculpe?

— É o nome não oficial do C-17 Globemaster que transporta a limusine presidencial. E também leva uma grande equipe de agentes

do serviço secreto americano. Aaron Davis embarcará no avião numa parada de reabastecimento em Shannon, na Irlanda. Seis horas depois, aterrissa no Aeroporto Sheremetyevo. A seguir, um carro da embaixada americana o levará ao Hotel Metropol.

— E a volta?

— Mesmo percurso, direção contrária. Na sexta-feira no fim da tarde, após a última sessão da cúpula, o presidente russo dará um jantar de gala. Nosso presidente tem a volta a Washington agendada para depois do jantar, bem como o resto da delegação e o corpo de imprensa acreditado na Casa Branca. Os ônibus partem do Metropol às dez da noite em ponto. A comitiva segue diretamente para a pista de Sheremetyevo e embarca nos aviões. Vamos ter passaportes falsos a postos para Chiara e Grigori, para o caso de ser necessário. Mas, na realidade, o mais certo é que os russos não verifiquem passaportes.

— Quando chego a Moscou?

— Está previsto que o carplane aterrisse em Sheremetyevo poucos minutos das quatro da madrugada de quinta feira Pelos meus cálculos, isso te dará quarenta e oito horas na Rússia depois de aterrissar. Tudo o que tem a fazer é arranjar uma maneira de tirar Chiara e Grigori daquela datcha e estar outra vez no Metropol até dez da noite de sexta-feira.

— Sem ser preso ou morto pelo exército de capangas de Ivan.

— Lamento, mas aí não posso ajudar. E também tem um problema mais imediato. O emissário de Ivan está à espera de resposta às suas exigências amanhã à tarde, em Paris. A não ser que o convença a atrasar o prazo por vários dias... — Carter não teve coragem para terminar de dizer o pensava.

Gabriel fez isso por ele: — Toda esta conversa é puramente acadêmica.

— Receio que isso seja verdade.

Gabriel olhou fixamente para a fotografia de satélite da datcha no meio das árvores; a seguir, para os relógios pendurados na parede, com os diferentes fusos horários. Depois fechou os olhos. E viu tudo.

Surgiu em sua mente como um ciclo de vastos quadros, tinta a óleo em tela, executados pela mão de Tintoretto. Os quadros revestiam a nave de uma pequena igreja em Veneza e estavam escuros pelo verniz amarelado. Gabriel, nos seus pensamentos, como que flutuava por eles, Chiara a seu lado, o seio dela encostado a seu cotovelo e os longos cabelos roçando seu pescoço. Mesmo com a ajuda de Carter, tirar Chiara e Grigori vivos da datcha seria um pesadelo operacional e logístico. Ivan estaria jogando em seu território. Todas as vantagens seriam dele. A não ser que Gabriel, de alguma maneira, conseguisse virar a situação. Por meio do engano...

Gabriel tinha de fazer com que Ivan baixasse a guarda. Tinha de mantê-lo ocupado na hora do assalto. E, mais premente ainda, tinha de convencê-lo a não matar Chiara e Grigori por mais quatro dias. Para conseguir isso, precisava de mais uma coisa de Adrian Carter. Não de uma, na verdade, mas de duas. Piscou os olhos, afastando a visão de Veneza, e contemplou uma vez mais a foto da datcha nas árvores. Sim, pensou outra vez, precisava de mais duas coisas de Adrian Carter, mas não estavam na mão do americano. Apenas uma mãe podia fazê-lo. E assim, com a bênção de Carter, entrou numa sala desocupada no canto mais afastado do anexo e fechou a porta silenciosamente. Teclou o número de telefone da propriedade isolada nas montanhas de Adirondack. E perguntou a Elena Kharkov se podia emprestar as duas únicas coisas que ela ainda tinha no mundo.

CAPÍTULO 56

PARIS

No rescaldo de toda aquela situação, durante o inevitável período de análise e desconstrução que se segue a um caso desta magnitude, houve um animado debate em relação a quem, entre o extenso elenco de personagens, detinha a maior responsabilidade pelo resultado final. Um dos participantes não recebeu qualquer pedido de opinião e certamente que não teria arriscado dar nenhuma se tal tivesse sido feito. Era um homem de poucas palavras, um homem que ocupava um posto solitário. O seu nome era Rami e a sua missão era velar por um tesouro nacional, o Memuneh. Rami já estava ao lado do Velho há quase vinte anos. Era o outro filho de Shamron, aquele que ficava em casa enquanto Gabriel e Navot andavam pelo mundo fora a fazerem de heróis. Era aquele que entregava cigarros ao Velho sorrateiramente e lhe mantinha o zippo cheio de gasolina. Aquele que passava noites sentado no terraço em Tiberíades, a ouvir as histórias do Velho pela milionésima vez e a fingir que era a primeira. E era aquele que caminhava exatamente vinte passos atrás do Velho, às quatro horas da tarde seguinte, quando este entrou no Jardim das Tulherias, em Paris.

Shamron encontrou Sergei Korovin onde ele disse que estaria, sentado completamente direito e hirto num banco de madeira junto ao Jeu de Paume. Trazia um cachecol de lã grosso debaixo do sobretudo e estava a fumar a ponta de um cigarro que não deixava dúvida alguma sobre a sua nacionalidade. No momento em Que Shamron se sentou, Korovin levantou o braço esquerdo e olhou demoradamente para o relógio de pulso. Estás dois minutos atrasado, Ari. Nem parece teu.

— A caminhada levou-me mais tempo do que estava à espera. Tretas — atirou Korovin, baixando o braço. — Devias saber

que a paciência não é um dos pontos fortes de Ivan. É por isso que ele nunca foi escolhido para trabalhar na Primeira Direção Principal. Foi considerado demasiado impetuoso para a espionagem pura. Tivemos de o enviar para a Quinta, onde podíamos tirar bom proveito do seu temperamento.

— A partir cabeças, queres tu dizer? Korovin encolheu os ombros descomprometidamente.

— Alguém tinha de o fazer.

— Ele deve ter sido uma grande desilusão para o pai.

— Ivan? Era filho único. Fizeram-lhe... as vontades.

— Nota-se.

Shamron tirou uma cigarreira de prata do bolso do sobretudo e levou o seu tempo a acender um cigarro. Korovin, irritado, lançou um novo olhar furibundo para o relógio.

— De repente, devia ter-te deixado uma coisa bem clara, Ari. Este prazo limite era mais do que hipotético. Ivan está a contar com notícias minhas. Se isso não acontecer, o mais provável a tua agente apareça com uma bala na nuca. Isso seria bastante estúpido, Sergei. É que, se Ivan matar a minha agente, vai perder a única hipótese que tem de recuperar os filhos.

A cabeça de Korovin virou-se bruscamente na direção de Shamron.

— O que está dizendo, Ari? Os americanos aceitaram devolver os filhos de Ivan à Rússia?

— Não, Sergei; os americanos, não. A decisão foi da Elena. Como pode calcular, ficou completamente desfeita, mas não quer que seja derramado mais sangue por causa do marido. — Shamron interrompeu-se por uns instantes. — E também conhece os filhos suficientemente bem para perceber que eles deixarão a Rússia mal tenham idade para isso e que voltarão para ela.

A idade parecia ter cobrado seu preço na capacidade de dissimulação de Korovin. Soprou uma nuvem de fumo para o

crepúsculo parisiense e fez cara feia para tentar esconder a surpresa.

— O que há, Sergei? Disse que Ivan queria os filhos — testou Shamron, observando o russo cuidadosamente. — Faz-me pensar que sua proposta não era séria.

— Não seja ridículo, Ari. Só estou estupefato por ter sido realmente capaz de fazer com que isso acontecesse.

— Achei que soubesse há muito tempo que nunca deve me subestimar.

Os jardins começavam a ser envolvidos pela escuridão que se ia acumulando. Shamron olhou rapidamente em redor e depois fixou os olhos em Korovin.

— Estamos sozinhos, Sergei?

— Estamos sozinhos.

— Alguém ouvindo?

— Ninguém.

— Tem certeza?

— Ninguém se atreveria. Posso estar velho, mas ainda sou o Korovin.

— E eu ainda sou Shamron. Por isso, ouça com atenção, porque não vou dizer isto duas vezes. Na quinta-feira, às duas da tarde, hora de Washington, o embaixador russo nos Estados Unidos deve apresentar-se no portão principal da Base Andrews da força aérea. Será recebido pelas forças de segurança da base e por um grupo de agentes da CIA e do Departamento de Estado, que o levarão para uma área VIP, onde ele será autorizado a passar alguns minutos com a Anna e o Nikolai Kharkov. Shamron fez uma pausa.

Estás a acompanhar-me, Sergei? Duas da tarde, quinta-feira, Base Andrews da força aérea. Quando o encontro tiver terminado, as crianças serão colocadas a bordo de um C-32, a versão do exército de um Boeing 757, que aterrissará na Rússia às nove da manhã em ponto de sexta-feira. Os americanos querem usar para isso o aeródromo à saída de Konakovo. Sabes de qual estou a falar, Sergei?

É a antiga base a que foi convertida para uso civil quando a sua força aérea deixou de saber pilotar aviões.

Korovin acendeu mais um dos seus cigarros russos e, lentamente, apagou o fósforo com a mão.

— Nove horas. No aeródromo à saída de Konakovo. A Elena não quer que as crianças saiam do avião e passem para os braços de um desconhecido qualquer. Ela insiste que Ivan vá ao aeroporto recebê-las. Se ele não estiver lá, as crianças não saem desse avião. Estamos entendidos quanto a isso, Sergei? — Sem Ivan, não há crianças.

— Às nove e cinco, o avião irá estar estacionado com as portas abertas. Se a minha agente estiver à entrada da embaixada israelense em Moscou, as crianças saem desse avião. Se ela não estiver lá, a tripulação põe os motores a trabalhar e parte outra vez. E nem se ponham com ideias de se armarem em duros com esse avião. Trata-se de solo americano. E às nove da manhã de sexta-feira, o presidente americano estará sentado com o presidente russo e os outros líderes do G8 para um pequeno-almoço de trabalho no Kremlin. Não iríamos querer estragar o ambiente, pois não, Sergei? Diz o que quiseres do nosso presidente, Ari, mas ele é um homem que respeita o direito internacional...

— Se isso é verdade, então porque ele deixa Ivan inundar os cantos mais voláteis do mundo com armas russas? E porque o deixou raptar um dos meus agentes como moeda de troca para recuperar os filhos? — Ao receber apenas silêncio como resposta, Shamron atirou: — Suponho que seja tudo uma questão de dinheiro, não é, Sergei? Quanto dinheiro o teu presidente exigiu aIvan? Quanto Ivan teve de pagar pelo privilégio de sequestrar Grigori e a minha agente? O nosso presidente está ao serviço do povo. Essas histórias Da sua riqueza são mentiras e propaganda ocidental concebidas para desacreditar a Rússia e mantê-la fraca.

— Está indicando sua idade, Sergei.

Korovin ignorou o comentário.

— Quanto à agente desaparecida, Ivan não teve absolutamente nada a ver com o desaparecimento dela. Achei que tinha deixado isso bem claro no nosso primeiro encontro.

— Oh, sim, eu me lembro. Mas agora deixe-me deixar a coisa bem clara. Se a minha agente não tiver reaparecido, sã e salva, às nove da manhã de sexta-feira, partirei do princípio de que você e o seu cliente agiram de má-fé. E isso vai fazer com que eu fique muito zangado.

— Ivan não é meu cliente. Sou apenas um mensageiro.

— Não é não. É Korovin — respondeu Shamron, observando o trânsito veloz em volta da Place de la Concorde. — Sabe a identidade da agente que Ivan deteve?

— Sei muito pouco.

Shamron soltou um sorriso de desilusão.

— Você era um jogador de pôquer melhor, Sergei. Sabe exatamente quem ela é. E sabe exatamente quem é o marido dela. E isso quer dizer que sabe o que vai acontecer se ela não for libertada. — Shamron deixou cair a ponta do cigarro no caminho de cascalho. — Mas, para que não haja nenhum desentendimento, vou deixar tudo bem claro. Se Ivan matar a agente, considerarei o Kremlin responsável e, a seguir, solto meu serviço em cima do seu. Nenhum agente russo, em nenhuma parte do mundo, vai andar pelas ruas sem sentir nossa respiração na nuca. — Shamron pôs a mão no antebraço de Korovin. — Estamos entendidos, Sergei?

— Estamos entendidos, Ari.

— Ótimo. E há mais outra coisa. Quero Grigori Bulganov. E não me diga que ele não é da minha conta.

Korovin hesitou e depois respondeu: — Vamos ver.

— Duas da tarde de quinta-feira, Base Andrews da força aérea. Nove da manhã de sexta-feira, no aeródromo em Konakovo. Nove da manhã de sexta-feira, a minha agente à porta da nossa

embaixada em Moscou. Não me desapontes, Sergei. Vão perder-se muitas vidas se o fizeres.

Shamron levantou-se sem mais uma palavra e dirigiu-se para o Louvre, com Rami a caminhar agora vigilantemente ao seu lado.

O guarda-costas não tinha conseguido ouvir, mas tinha certeza de uma coisa: o Velho continuava mandando; e deixara Sergei Korovin completamente aterrorizado.

CAPÍTULO 57

AEROPORTO SHANNON, IRLANDA

O nome Aaron Davis, do Escritório de Apoio Logístico ao Presidente, na Casa Branca, não lhes era familiar. As ordens que tinham, no entanto, não eram em nada ambíguas. Tinham de o ir buscar aquando da parada para reabastecimento no Aeroporto Shannon e levá-lo para Moscou sem qualquer empecilho. E não tentemfalar com ele durante o voo. Não é do tipo falador. Não perguntaram porquê. Eram do serviço secreto americanos.

Nunca lhes disseram o nome verdadeiro dele nem o país de origem. Nunca souberam que o misterioso passageiro era uma lenda, nem que tinha passado as quarenta e oito horas anteriores em Londres, embrenhado num trabalho logístico de um gênero bem diferente, em constante vaivém entre Grosvenor Square e a embaixada israelense em Kensington. E, embora estivesse visivelmente fatigado e tenso, todos aqueles que se cruzaram com Gabriel durante esse Período se recordam da sua extraordinária compostura. Não perdeu a calma uma única vez, disseram. Não mostrou a sua inquietação uma única vez. A sua equipe, fisicamente desgastada após duas semanas no terreno respondeu com

velocidade-relâmpago à pressão, calma mas contínua, exercida por ele. Apenas doze horas depois do telefonema para Elena Kharkov, metade estava já em plena Moscou com as credenciais à volta do pescoço e os disfarces intatos. O resto juntou-se-lhes mais tarde, durante essa noite, incluindo o chefe das Operações Especiais, Uzi Navot. Mais nenhum serviço secreto do mundo teria colocado no terreno um homem com uma posição tão importante, num território tão hostil. Mas a verdade nenhum outro serviço secreto se equiparava de fato ao Escritório.

Shamron esteve sempre ao lado de Gabriel, salvo por umas quantas horas, quando regressou a Paris para apertar a mão de Sergei Korovin. Ivan estava a ficar nervoso. Ivan tinha dúvidas em relação a tudo aquilo. Ivan não compreendia por que razão tinha de esperar até sexta-feira para ter os filhos de volta. "Ele quer fazer isso já", disse Korovin. "Quer despachar a questão de uma vez por todas." Shamron não disse ao seu velho amigo que já sabia tudo isso nem que a NSA tinha tido a gentileza de lhes facultar a gravação original, bem como uma transcrição. Em vez disso, assegurou ao russo que não havia qualquer motivo para preocupação. Elena necessitava apenas de algum tempo para preparar os filhos, e a si própria, para a separação que se aproximava. "Com certeza que até um monstro como Ivan consegue compreender como isto vai ser difícil para ela." No que dizia respeito aos horários, Shamron deixou bem claro que não haveria nenhuma alteração: duas da tarde na Base Andrews, nove da manhã em Konakovo, nove da manhã na embaixada israelense de Moscou. Sem Ivan, não haveria crianças. Sem Chiara, não haveria nenhum lugar seguro para nenhum agente do serviço secreto russos à face da terra. "E não te esqueças, Sergei... também queremos Grigori de volta." Apesar de ter tentado não o demonstrar, o encontro de Paris deixou Shamron profundamente perturbado. A jogada de Gabriel tinha desorientado Ivan claramente, mas também o tinha posto a suspeitar de uma armadilha. A janela

de oportunidade de Gabriel seria curta, apenas uns quantos minutos, não mais. Teriam de agir rápida e decididamente. Foram essas as palavras de Shamron a Gabriel, ao final da noite de quarta-feira, enquanto iam sentados no banco de trás de um carro da CIA, na pista do Aeroporto Shannon fustigada pela chuva.

A mala de Gabriel estava entre ambos e ele tinha os olhos fixos no gigantesco C-17 Globemaster que dentro de pouco tempo o deixaria em Moscou. Shamron fumava — embora agente da CIA lhe tivesse dito repetidas vezes para não o fazer e passar em revista toda a missão uma vez mais. Gabriel, ainda que exausto, ouviu-o pacientemente. A recapitulação era mais para proveito de Shamron do que para seu. O Memuneh iria passar as quarenta e oito horas seguintes como um espetador impotente, no anexo da CIA. Aquela era a última hipótese que tinha de sussurrar diretamente para o ouvido de Gabriel e aproveitou-a sem hesitar. E Gabriel fez-lhe a vontade, porque precisava de ouvir a voz do Velho uma última vez antes de entrar naquele avião. A voz deu-lhe coragem, fé. Fê-lo acreditar que a operação até poderia resultar, ainda que tudo o resto lhe dissesse que estava condenada ao fracasso. Mal consigas enfiá-los no carro, não pares. Mata toda a gente que precisares de matar. E quero mesmo dizer toda agente. Nós depois limpamos o que houver para limpar. É o que fazemos sempre. Foi então que bateram à janela. Era a escolta fornecida pela CIA, a dizer que o avião estava pronto. Gabriel deu um beijo na cara de Shamron e disse-lhe para não fumar muito. A seguir, saiu do carro e encaminhou-se para o C-17 , no meio da chuva. Por enquanto, era um americano, mesmo que não fosse capaz de falar realmente como um. Levava uma mala americana cheia de roupa americana. Um celular americano cheio de números americanos. Um BlackBerry americano cheio de e-mails americanos. E também tinha um segundo PDA, com caraterísticas não disponíveis nos modelos normais, mas que pertencia a outra pessoa. Um rapaz do vale de Jezreel. Um rapaz que se teria tornado

um artista se não fosse por um grupo de terroristas palestinos conhecido como Setembro Negro. Nesta noite, esse rapaz não existia. Era um quadro que se tinha perdido nas brumas do tempo. Agora, era Aaron Davis, do Escritório de Apoio Logístico ao Presidente, na Casa Branca, e levava uma mão-cheia de credenciais para o provar. Pensava pensamentos americanos, sonhava sonhos americanos. Era um americano, mesmo que não fosse capaz de falar realmente como um; mesmo que também não fosse capaz de andar realmente como um. Afinal de contas, não havia uma limusine presidencial a bordo do avião mas sim duas, bem como um trio de vans blindadas.

O chefe da equipe do serviço secreto americanos era uma mulher; levou Gabriel até um lugar no centro do avião e deu-lhe uma parca para se proteger do frio cortante. Para sua grande surpresa, conseguiu dormir um pouco, algo de que precisava desesperadamente, apesar de um agente ter observado mais tarde que ele pareceu começar a agitar-se no preciso instante em que o avião entrou no espaço aéreo russo. Acordou, sobressaltado, quinze minutos antes da aterragem e, enquanto o avião ia descendo em direção a Sheremetyevo, pensou em Chiara. Como teria ela viajado para a Rússia? Teria sido amarrada e amordaçada? Teria estado consciente? Teria sido drogada? Assim que o avião aterrou, forçou-se a afastar essas perguntas da cabeça. Não havia Chiara, disse a si mesmo. Não havia Ivan. Havia apenas Aaron Davis, um homem ao serviço do presidente americano, um sonhador de sonhos americanos, que agora se encontrava apenas a alguns minutos do seu primeiro encontro com as autoridades russas.

Estavam à espera na pista escura, batendo com força com os pés no chão para afastar o frio penetrante, no momento em que Gabriel e a equipe do serviço secreto americanos desceram em fila pela rampa traseira destinada à carga. Ao lado da delegação russa, estavam dois funcionários da embaixada americana, um dos quais era agente não declarado da CIA sob disfarce diplomático. Os russos

receberam Gabriel com apertos de mão e sorrisos calorosos e, a seguir, deram uma mera e rápida olhada ao seu passaporte antes de o carimbar. Em troca, Gabriel ofereceu a cada um uma pequena prova da boa vontade americana: botões de punho da Casa Branca. Passados cinco minutos, já se encontrava sentado no banco de trás de um carro da embaixada, seguindo a grande velocidade Pela Leningradsky Prospekt, em direção ao centro da cidade.

O tamanho sempre foi importante para os russos, e passar algum tempo na Rússia significa descobrir que quase todas as Coisas são as maiores: o maior país, o maior sino, a maior piscina. E se a Leningradsky não era a maior rua do mundo, com certeza que se encontrava entre as mais feias uma salgalhada de prédios de apartamentos em ruínas e de monstruosidades stalinistas, iluminadas por inúmeros letreiros de néon e postes de luz amarela. O capitalismo e o comunismo tinham colidido violentamente naquela avenida e o resultado era um pesadelo urbano. As bandeiras relativas à cúpula do G8, que os russos tinham pendurado com tanto cuidado, mais pareciam sinais de aviso quanto ao futuro que os aguardava a todos se não pusessem as suas finanças em ordem. Gabriel sentiu o estômago a contrair-se pouco a pouco, à medida que o carro se ia aproximando do Kremlin. Ao passarem pelo Dinamo Stadion, o homem da CIA entregou-lhe uma fotografia de satélite da datcha na floresta de bétulas. Havia três Range Rover, em vez de dois, e eram claramente visíveis quatro homens no exterior. Mais uma vez, o olhar de Gabriel foi atraído para as depressões paralelas na área da floresta mais próxima da casa. Parecia ter havido uma mudança desde a última passagem do satélite. No final de uma das depressões, havia uma pequena área mais escura, como se a cobertura de neve tivesse sofrido alguma alteração. Quando Gabriel devolveu a foto ao homem da CIA, já o carro seguia pela Rua Tverskaya. Diretamente à frente deles, erguia-se a Torre do Arsenal do Canto, no Kremlin, com a sua estrela vermelha a assemelhar-se

estranhamente ao símbolo de uma certa cerveja holandesa que agora corria livremente pelos bares de Moscou. As instalações da Galaxy Travel, às escuras, passaram rapidamente pela janela do lado de Gabriel, seguidas pela pequena rua secundária onde Anatoly, amigo de Viktor Orlov, tinha esperado para levar Irina para jantar.

Cem metros depois do escritório de Irina, a Rua Tverskaya desembocava nas doze faixas da Rua Okhotny Ryad. Viraram à esquerda e passaram a toda a velocidade pela Duma, a Casa dos Sindicatos e o Teatro Bolshoi. O marco seguinte que Gabriel viu foi uma fortaleza de pedra amarela, iluminada por holofotes, erguendo-se mesmo à sua frente, sobre a Praça Lubyanka — o antigo quartel-general do KGB, que agora albergava o seu sucessor doméstico, o FSB. Em qualquer outro país, o edifício teria sido desfeito em pedacinhos e os seus horrores expostos aos poderes curativos da luz do dia. Mas não na Rússia. Tinham simplesmente pendurado um novo letreiro e enterrado os seus terríveis segredos onde não pudessem ser descobertos.

Logo a seguir à colina, depois de Lubyanka, na Teatralnyy Prospekt, ficava o famoso Hotel Metropol. De mala na mão, Gabriel atravessou a entrada em estilo art déco como se fosse o dono do lugar, que era a forma como os americanos pareciam entrar sempre nos hotéis. A decoração original do hall, vazio e silencioso, tinha sido restaurada fielmente — com efeito, Gabriel quase conseguia imaginar Lênin e os seus discípulos a planejarem o Terror Vermelho enquanto bebiam chá e comiam bolos. O balcão da recepção não apresentava qualquer cliente; ainda assim, Gabriel teve de esperar uma eternidade antes de um duplo de Krutchev lhe fazer sinal para avançar. Depois de preencher uma longa ficha de inscrição, Gabriel recusou uma oferta de ajuda feita com indiferença por um paquete e subiu sozinho para o seu quarto. Eram quase cinco da manhã. Pôs-se à janela, com a mão no queixo e a cabeça inclinada para o lado, e esperou que o Sol nascesse sobre a Praça Vermelha.

CAPÍTULO 58

MOSCOU

Embora a crise financeira global tivesse causado sofrimento econômico por todo o mundo industrializado, poucos países tinham caído tanto ou mais depressa do que a Rússia. Alimentada pela subida em flecha do preço do petróleo, a economia russa tinha crescido a uma velocidade estonteante durante os primeiros anos do novo milênio, apenas para em seguida regressar estrondosamente à terra aquando do declínio acentuado do petróleo. O seu mercado de valores estava em escombros, o sistema bancário em ruínas, e a população, em tempos dócil, reclamava agora ajuda. No seio dos ministérios dos negócios estrangeiros e do serviço secreto ocidentais, havia o receio de que a enfraquecida economia russa pudesse levar a que o Kremlin retrocedesse ainda mais para uma postura típica de guerra fria um medo partilhado por vários dos principais líderes europeus, que começavam a ficar cada vez mais dependentes da Rússia em termos do fornecimento de gás natural. Tinha sido essa Preocupação que os levara a realizar a cúpula de emergência do G8 em Moscou, em pleno Inverno. Se mostrassem respeito ao rufia, Pensavam, talvez ele se sentisse encorajado a mudar de comportamento. Pelo menos, era essa a esperança.

Se a cúpula se tivesse efetuado em qualquer outro país do G8, achegada dos líderes e das respetivas delegações dificilmente teria causado grande impacto nos meios de comunicação locais. Mas a cúpula iria realizar-se na Rússia, e a Rússia, apesar dos protestos em contrário, ainda não era um país normal. Os media ou eram propriedade do Estado. ou controlados por este, e as estações de

televisão fizeram ligações em direto sempre que cada avião dos presidentes ou primeiros-ministros furava o céu cinzento como ferro, em direção a Sheremetyevo. Segundo explicavam os jornalistas russos, os líderes ocidentais dirigiam-se para Moscou porque tinham sido pessoalmente convocados pelo presidente russo. O mundo estava em tumulto, avisavam eles, e só a Rússia o podia salvar. Inevitavelmente, o presidente americano, por seu turno, saiu maltratado. No momento em que o seu avião surgiu no horizonte, vários representantes oficiais e comentadores russos desfilaram perante as câmaras para o condenar e tudo aquilo que representava. A crise econômica global era culpa da América, gritaram. A América tinha entrado em colapso devido à sua ganância e arrogância, ameaçando levar o resto do mundo com ela. O Sol estava a pôr-se para a América. Adeus e boa viagem.

Gabriel deparou-se com poucas opiniões diferentes nos salões e restaurantes do Hotel Metropol que, a meio da manhã, já se encontrava repleto de repórteres e burocratas, todos eles ostentando com orgulho as suas credenciais oficiais para a cúpula do G8, como se um bocado de plástico preso a um fio de nylon lhes desse entrada nos santuários internos do poder e do prestígio. As credenciais de Gabriel eram azuis, o que significava que tinha acesso onde os meros mortais não tinham. Levava-as penduradas ao pescoço enquanto comia um pequeno-almoço ligeiro sob o teto em forma de abóbada e coberto de vitrais do célebre restaurante do Metropol, empunhando o seu BlackBerry como um escudo ao longo da refeição. Ao sair do restaurante, foi encurralado por um grupo de jornalistas franceses que exigiam saber a sua opinião em relação ao novo plano de estímulo americano. E, embora Gabriel se tivesse esquivado às perguntas, os franceses ficaram visivelmente impressionados com o fato de ele se lhes ter dirigido fluentemente na sua própria língua’ No hall, Gabriel reparou em vários jornalistas americanos aglomerados à volta da entrada para a Teatralnyy Prospekt e

escapuliu-se rapidamente pela porta dos fundos, em direção à Praça da Revolução. No Verão, a marginal estava apinhada de bancas de mercado onde era possível comprar de tudo, desde gorros a bonecas russas, passando por bustos dos assassinos Lênin e Stalin . Agora, em pleno Inverno, só os mais corajosos se atreviam a aventurar-se até lá. Extraordinariamente, não tinha neve nem gelo. Quando o vento acalmou por breves instantes, Gabriel conseguiu sentir o cheiro do líquido que os russos utilizavam para atingir esse resultado. Lembrou-se das histórias que Mikhail lhe tinha contado sobre os poderosos produtos químicos que os russos despejavam para as ruas e passeios. Eram coisas capazes de destruir um par de sapatos numa questão de dias. Até os cães se recusavam a andar em cima delas. Na Primavera, os eléctricos costumavam incendiar-se violentamente por os seus cabos terem sido corroídos depois de passarem meses expostos a elas. Era assim que Mikhail celebrava a chegada da Primavera quando era pequeno e vivia na Rússia com os eléctricos a pegarem fogo.

Gabriel vislumbrou-o passado um momento, sentado ao lado de Eli Lavon, logo à saída da Porta da Ressurreição. Lavon segurava uma pasta na mão direita, o que significava que Gabriel não tinha sido seguido ao sair do Metropol. As Regras de Moscou... Gabriel virou à esquerda, atravessando a escura passagem debaixo da arcada da porta, e entrou na extensa vastidão da Praça Vermelha. Parado à frente da Torre do Salvador, com um sobretudo grosso e um gorro de pele, estava Uzi Navot. O mostruário do relógio dourado e preto da torre indicava 11h23. Navot fingiu estar a acertar o seu relógio por ele.

— Como foi a entrada no Sheremetyevo?

— Sem problemas.

— E o hotel?

— Sem problemas.

— Ótimo — disse Navot, enfiando as mãos nos bolsos do sobretudo. — Vamos dar uma volta, Mr. Davis. Temos de falar. Seguiram na direção da Catedral de São Basílio, de cabeça baixa e ombros curvados face ao frio cortante: o andar arrastado de Moscou. Navot queria passar o mínimo de tempo possível na presença de Gabriel. Não perdeu tempo nenhum em ir direto ao assunto.

— Nós fomos até a propriedade ontem à noite para dar uma olhada.

— Nós, quem?

— Mikhail e Shmuel Peled, da base de Moscou.

Interrompeu-se por uns instantes. — Gabriel olhou para ele de soslaio. — E eu.

— Está aqui para supervisionar, Uzi. Shamron deixou bem claro que não queria ver você envolvido diretamente com a operação. Sua posição é importante demais para acabar preso.

— Deixe ver se entendo como deve ser. Está tudo bem se eu andar embrulhado com um assassino russo num banco suíço, mas é proibido dar uma volta num bosque?

— Foi isso que fez, Uzi? Uma volta num bosque?

— Não exatamente. A datcha fica um quilômetro atrás da estrada. O caminho que vai dar lá tem uma floresta de bétulas a confiná-lo de ambos os lados. É apertado. Só pode passar um carro de cada vez.

— Há algum portão?

— Nenhum, mas o caminho está sempre bloqueado por seguranças num Range Rover.

— E até que ponto conseguiram aproximar-se da datcha

— Suficientemente perto para ver que Ivan faz dois pobres desgraçados ficarem de guarda no exterior o tempo todo. E suficientemente perto para colocar uma câmara portátil.

— E como está a transmissão?

— Não é má. Desde que não apanhemos com dois metros de neve hoje à noite, não iremos ter problemas. Conseguimos ver a porta da frente, o que quer dizer que conseguimos ver se há alguém a entrar ou a sair.

— Quem controla a transmissão?

— Shmuel e uma moça da base de Moscou.

— E onde eles estão?

— Enfiados num hotelzinho jeitoso, na cidadezinha mais próxima. Fingem que são amantes. Segundo parece, o marido da moça gosta de lhe dar umas chineladas. Shmuel quer ficar com ela e começar uma vida nova. Sabe como é a história, Gabriel.

— As fotos de satélite mostram guardas atrás da casa.

— Também os vimos. Têm pelo menos três homens lá atrás o tempo todo. Estão parados, a cerca de cem metros de distância uns dos outros. Com óculos de visão noturna, não tivemos problema nenhum em vê-los. À luz do dia — continuou Navot, encolhendo os ombros corpulentos, — vão cair que nem alvos numa pista de tiro. Teremos simplesmente de avançar enquanto ainda estiver escuro e tentar não morrer de frio, congelados, até as nove da manhã.

Já tinham passado a Catedral de São Basílio e estavam a aproximar-se da esquina mais a sudeste do Kremlin. Mesmo à frente deles, estava o rio Moscóvia, congelado e coberto de neve branca e acinzentada. Navot empurrou ligeiramente Gabriel para a direita com o cotovelo e conduziu-o pelo cais. Agora, tinham o vento pelas costas. Depois de passarem por um par de agentes da Milícia da Cidade de Moscou, com ar aborrecido, Gabriel perguntou a Navot se tinha visto alguma coisa na datcha que justificasse qualquer mudança no plano. Navot abanou a cabeça.

E quanto às armas? A sala de armamento da embaixada tem tudo. Diz-me só que queres.

Uma Beretta de calibre 92 e uma mim-Uri, ambas com silenciador.

Tem certeza de que a mim vai dar conta do recado? Aquilo vai ser complicado dentro da datcha.

Passaram por mais dois agentes da milícia. À direita, a pairar sobre as muralhas vermelhas da cidadela antiga, estava a requintada fachada amarela e branca do Grande Palácio do Kremlin, onde a cúpula do G8 se encontrava agora em pleno curso.

E qual é o ponto de situação quanto ao Range Rover? Foi-nos entregue ontem à noite.

Preto? Claro. Os rapazes de Ivan só conduzem Range Rover pretos Onde o arranjaram? Num concessionário na área norte de Moscou. Shamron vai explodir de raiva quando vir o preço.

Matrícula? Já está tudo tratado Quanto tempo dura a viagem de carro desde o Metropol? Num país normal, seriam no máximo duas horas e meia.

Aqui... Mikhail quer apanhar-te às duas da manhã, só para garantir que não há problemas.

Tinham chegado à esquina mais a sudoeste do Kremlin. Do outro lado do rio, havia um colossal prédio de apartamentos cinzento, com uma estrela da Mercedes-Benz girando no alto do telhado. Conhecido como a Casa no Cais, tinha sido construído por Stalin em 1931 como um palácio de privilégios soviéticos para os membros mais importantes da nomenklatura. Durante o Grande Terror, transformara-o numa casa de horrores. Quase oitocentas pessoas, um terço dos residentes do edifício, tinham sido arrancadas da cama e assassinadas num dos locais de extermínio que circundavam Moscou. A punição que sofriam era praticamente sempre a mesma: uma noite de espancamentos, uma bala na nuca, um funeral apressado numa vala comum. Apesar da sua história encharcada em sangue, a Casa no Cais era agora considerada uma das moradas mais exclusivas de Moscou. Ivan Kharkov era o proprietário de um apartamento de luxo no nono andar. Estava entre as suas posses mais estimadas.

Gabriel olhou para Navot e reparou que ele tinha os olhos fixados no pequeno e triste parque que ficava do outro lado da rua, em frente ao prédio de apartamentos: a Praça Bolotnaya, cenário daquela que era talvez a discussão mais famosa da história do Escritório.

— Devia ter-te partido o braço naquela noite. Nada disto teria acontecido se eu te tivesse arrastado para dentro do carro e te tivesse tirado de Moscou com o resto da equipe.

— Isso é verdade, Uzi. Nada disto teria acontecido. Nós não teríamos encontrado os mísseis de Ivan e a Elena Kharkov estaria morta.

Navot ignorou o comentário.

— Não posso acreditar que estamos outra vez aqui. Jurei a mim mesmo que nunca mais voltaria a pôr os pés nesta cidade — disse, olhando de relance para Gabriel. — Porque raio Ivan iria querer ter um apartamento num lugar daqueles? Está assombrado, aquele prédio. Quase que se conseguem ouvir os gritos. A Elena disse-me uma vez que o marido era um estalinista devoto. A casa de Ivan, na Zhukovka, foi construída num lote de terreno que pertencera em tempos à filha do Stalin . E quando andava à procura de um pied-à-terre perto do Kremlin, comprou o apartamento na Casa no Cais. O primeiro proprietário era um homem com uma posição importante no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Os capangas do Stalin suspeitavam que ele fosse um espião ao serviço dos alemães. Levaram-no para Butovo e enfiaram-lhe uma bala na nuca. Segundo parece, Ivan adora contar essa história.

Navot abanou a cabeça devagar.

— Há pessoas que vão pelas cozinhas simpáticas e pelas vistas agradáveis. Mas, quando se trata de Ivan, o que ele exige o lugar tenha um passado sangrento.

— É único, o nosso Ivan.

— De repente, isso explica porque ele comprou várias centenas de hetares de florestas de bétulas e pantanais sem valor nenhum, à saída de Moscou.

Sim, pensou Gabriel. De repente, explicava. Olhou para trás, ao longo do Cais do Kremlin, e viu Eli Lavon a aproximar-se, ainda com a pasta na mão direita. Quando Lavon passou por eles, deu uma pequena cotovelada nos rins de Gabriel. Significava que o encontro já tinha durado tempo suficiente. Navot tirou a luva e estendeu a mão.

Volta para o Metropol. Não faças ondas. E tenta não te preocupares. Nós vamos recuperá-la.

Gabriel apertou a mão a Navot e, a seguir, deu meia-volta e começou a dirigir-se novamente para a Porta da Ressurreição. Embora Navot não o soubesse, Gabriel desobedeceu à ordem Para regressar ao quarto no Hotel Metropol e, em vez disso, seguiu 322 para a Rua Tverskaya. Parando à porta do prédio de escritórios que ficava no nº 6, pôs-se a olhar para os cartazes na montra da Galaxy Travel. Um mostrava um casal russo a saborear um almoço regado a champanhe nas pistas de esqui de Courchevel; no outro, duas ninfas russas se bronzeavam nas praias da Côte d'Azur. A ironia da situação parecia passar despercebida a Irina Bulganova, ex-mulher de Grigori Bulganov, que naquele momento estava sentada decorosamente em sua mesa, telefone encostado ao ouvido. Havia várias coisas que Gabriel lhe queria dizer mas não podia. Ainda não. E, por isso, ficou ali parado, sozinho, a observá-la através do vidro fosco. A realidade é um estado de espírito, pensou.

A realidade pode ser muito bem o que se quiser que seja.

CAPÍTULO 59

GROSVENOR SQUARE, LONDRES

Se Gabriel mereceu os maiores elogios pela sua compostura sob pressão durante as últimas horas antes da operação, o mesmo, infelizmente, não podia ser dito de Ari Shamron. Ao regressar a Londres, montou um centro de operações para si próprio no interior da embaixada israelense, em Kensington, e serviu-se dele para lançar ataques a alvos que iam desde Tel Aviv até Langley. Os agentes do Escritório de Operações no Boulevard King Saul acabaram por ficar tão cansados das explosões de Shamron, que começaram a tirar à sorte para ver quem teria o azar de atender os seus telefonemas. Adrian Carter foi o único que conseguiu não perder a paciência com ele. Por também já ter sido um agente operacional obrigado a ficar de fora, conhecia a sensação de completa impotência pela qual Shamron estava a passar. O plano de extração era de Gabriel; Shamron apenas podia carregar nas alavancas e puxar os cordéis. E, mesmo assim, continuava a depender grandemente de Carter e da CIA, o que violava a essência da fé de Shamron nos princípios do kachol v'lavan. Se tivesse sido deixado à solta, o Velho teria entrado pela datcha de Ivan na floresta e tratado ele próprio do serviço. E só um Palerma teria apostado contra ele. "Já fez coisas que nenhum de nós Pode imaginar", afirmou Carter, em defesa de Shamron. "E tem as Cicatrizes para o provar." Nesse fim de tarde, às seis horas, Shamron dirigiu-se para a embaixada americana, em Mayfair, para o primeiro ato. Uma jovem agente da CIA, uma moça de rosto inexperiente que parecia ter acabado de completar um ano de faculdade no estrangeiro, recebeu-o na Upper Brook Street. Fê-lo passar pela Guarda Marinha e depois conduziu-o até a um elevador seguro, que o fez descer às entranhas do anexo. Adrian Carter e Graham Seymour já lá estavam, sentados no andar de cima do

Centro de Operações, em forma de anfiteatro. Shamron sentou-se à direita de Carter e olhou para um das telas gigantes na parte da frente da sala. Mostrava dois aviões parados na pista à saída de Washington, D. C. Pertenciam ambos à 89ª Esquadrilha de Transporte, estacionada na Base Andrews da força aérea. Tinham sido ambos abastecidos de combustível e encontravam-se preparados para partir.

Às sete horas, o telefone de Carter tocou. Levou o fone rapidamente ao ouvido, escutou em silêncio durante alguns segundos e depois desligou.

Ele está a chegar ao portão. Parece que vai começar, senhores.

Houve uma época em Washington em que toda a gente que trabalhava para o governo ou em jornalismo sabia dizer o nome do embaixador soviético nos Estados Unidos. Porém, nos dias que corriam, além do Departamento de Estado e da sala de imprensa, pouca gente já tinha ouvido falar em Konstantin Tretyakov. Embora falasse inglês fluentemente, o embaixador da Federação Russa raramente aparecia na televisão e nunca organizava festas a que alguém se desse ao trabalho de ir. Era um homem esquecido numa cidade onde, em tempos, o enviado de Moscou tinha sido tratado, quase como um chefe de Estado. Tretyakov era a pior coisa que uma pessoa podia ser em Washington. Era irrelevante. O curriculum vitae oficial do embaixador descrevia-o como um "perito da América" e um diplomata de carreira que tivera muitos postos importantes no Ocidente. Mas deixava de fora o fato de a sua carreira quase ter ido por água abaixo, em Oslo, quando foi apanhado com a mão enfiada na gaveta do fundo de maneio da Embaixada. E também não mencionava que, de vez em quando, bebia demasiado. Nem que tinha um irmão que trabalhava como espião para o SVR e outro que fazia parte do círculo dos siloviki próximo do presidente russo, no Kremlin. No entanto, todo este material pouco lisonjeiro estava incluído no dossiê da CIA, do qual tinha sido entregue uma cópia a

Ed Fielding para o auxiliar na preparação da parte da operação relacionada com a Base Andrews. O agente de segurança da CIA achara o dossiê muitíssimo divertido. Tinha ingressado na CIA nos tempos mais negros da guerra fria e passara várias décadas a combater os soviéticos e os seus agentes por procuração em campos de batalha secretos à volta do mundo. Uma olhada ao dossiê do embaixador bastou-lhe para o reassegurar que a sua carreira não tinha sido em vão.

Fielding estava parado por baixo da insígnia da 89ª Esquadrilha de Transporte quando a comitiva que transportava Tretyakov parou junto ao terminal de passageiros. Apesar de o embaixador se encontrar agora no interior de uma das instalações mais seguras da capital nacional, estava protegido por três camadas de segurança: os seus próprios guarda-costas russos, uma equipe de agentes de segurança do corpo diplomático americano e vários membros da equipe de segurança da Base Andrews. Fielding não teve qualquer problema em localizar o embaixador quando este saiu do banco de trás da sua limusine — o dossiê incluía uma fotocópia do retrato oficial de Tretyakov, bem como várias fotografias de vigilância —, mas escondeu a sua preparação prévia dirigindo-se antes ao factótum do embaixador. O assessor corrigiu Fielding, apontando-lhe Tretyakov, que exibia agora um sorriso de superioridade, como se a incompetência americana o divertisse. Fielding apertou a mão ao embaixador com força e apresentou-se como sendo Tom Harris. Aparentemente, Mr. Harris não possuía qualquer cargo ou razão para estar na Base Andrews que não fosse o de apertar a mão ao embaixador. Como pode provavelmente calcular, senhor embaixador, as crianças estão um pouquinho nervosas. A senhora Kharkov gostaria que fosse ter com elas sozinho, sem assessores nem seguranças.

— E porque as crianças haviam de estar nervosas, Mr. Harris? Vão voltar para a Rússia, que é o lugar delas.

— Está a dizer-me que se recusa a encontrar-se com a Anna e o Nikolai sem assessores nem guarda-costas, senhor embaixador? Porque se for esse o caso, o acordo fica sem efeito.

O embaixador ergueu um pouco o queixo.

— Não, Mr. Harris, não é esse o caso.

— Uma decisão sensata. Não gostaria nada de pensar no que aconteceria se Ivan Kharkov descobrisse alguma vez que o senhor tinha dado cabo sozinho do acordo que lhe possibilitava recuperar os filhos por causa de uma questão de protocolo trivial.

— Cuidado com o tom, Mr. Harris.

Fielding não fazia qualquer tenção de ter cuidado com o tom.

Na verdade, estava apenas a aquecer.

— Presumo que tenha visto fotografias das crianças, não? O embaixador assentiu com a cabeça. — E está seguro de que é capaz de identificá-las se as vir?

— Completamente.

— Ótimo. Porque não poderá aproximar-se ou tocar nas crianças em nenhuma circunstância. Pode fazer-lhes duas perguntas, não mais. Considera estas condições aceitáveis, senhor embaixador?

— Que alternativa eu tenho?

— Absolutamente nenhuma.

— Bem me parecia.

— Por favor, estique os braços e afaste-os do corpo e abra as pernas E por que razão eu haveria de fazer isso? Porque tenho de o revistar antes de deixá-lo aproximar-se um metro sequer daquelas crianças.

Mas isto é escandaloso! O embaixador esticou os braços e abriu as pernas. Fielding revistou-o com toda a calma do mundo e certificou-se de que toda aquela situação fosse o mais invasiva e humilhante possível. Quando terminou a revista, esguichou líquido desinfetante nas mãos.

Duas perguntas e nada de tocar. Estamos entendidos, senhor embaixador?

— Estamos entendidos, Mr. Harris.

— Venha comigo, por favor.

Era uma sala pequena, com as paredes repletas de fotografias que narravam o passado daquelas instalações: presidentes de partida para viagens históricas, prisioneiros de guerra a regressarem após vários anos de cativeiro, caixões embrulhados com a bandeira do país a regressarem a casa para serem enterrados em solo americano. Se naquela tarde tivessem estado presentes fotógrafos, teriam captado uma imagem de grande tristeza: uma mãe a abraçar os seus filhos, possivelmente pela última vez. Mas não havia fotógrafos, claro, porque a mãe e os filhos não estavam lá — pelo menos, não oficialmente. E quanto aos dois voos que em breve separariam aquela família, também não existiam, e nenhum registro deles iria alguma vez parar ao diário de bordo da torre de controle. Estavam sentados num sofá de vinil preto, bem chegados uns aos outros. Elena, com calças jeans azuis e um casaco de lã de carneiro, estava sentada ao meio, com um braço à volta de cada um dos filhos. As crianças tinham a cara enfiada na gola do casaco dela e assim permaneceram muito tempo depois de o embaixador russo ter entrado na sala. Elena recusou-se a olhar para ele. Tinha os lábios encostados à testa de Anna e os olhos fixos no carpete cinza.

— Boa tarde, Mrs. Kharkov — disse o embaixador em russo.

Elena não deu resposta. O embaixador olhou para Fielding e, em inglês, disse: — Preciso ver o rosto deles. Caso contrário, não posso confirmar que sejam os filhos de Ivan Kharkov.

— Tem direito a duas perguntas, senhor embaixador.

— Peça-lhes para levantar o rosto. Mas não esqueça de pedir com jeitinho. Caso contrário, eu posso ficar chateado.

O embaixador olhou para a desesperada família sentada a sua frente. Em russo, pediu: — Por favor, crianças, levantem o rosto

para que eu possa ver.

As crianças mantiveram-se imóveis.

— Experimente falar com eles em inglês — propôs Fielding.

Tretyakov fez o que Fielding sugeriu. E, dessa vez, as crianças levantaram o rosto e olharam fixamente para o embaixador, com uma hostilidade não dissimulada. Tretyakov pareceu convencido de que as crianças eram de fato Anna e Nikolai Kharkov.

— Seu pai está ansioso por vê-los. Estão entusiasmados por voltarem para casa?

— Não — respondeu Anna.

— Não — repetiu Nikolai. — Queremos ficar aqui com nossa mãe.

— Sua mãe também devia voltar para casa.

Elena olhou para Tretyakov pela primeira vez. A seguir, o seu olhar deslocou-se para Fielding.

— Por favor, leve-o daqui, Mr. Harris. A presença dele começa a me deixar doente.

Fielding conduziu o embaixador até a porta do lado, o edifício das Operações da Base. Estavam os dois parados na plataforma de observação quando Elena e os filhos saíram do terminal de passageiros, acompanhados por vários agentes de segurança. O grupo avançou lentamente pela pista e subiu as escadas de embarque até a porta de um C-32. Elena Kharkov saiu do avião dez minutos mais tarde, sem os filhos e visivelmente abalada. Agarrada ao braço de um agente da força aérea, dirigiu-se para um Gulfstream e desapareceu no interior da cabina.

— Deve estar muito orgulhoso, senhor embaixador — disse Fielding.

— Vocês não tinham direito de tirá-las do pai, logo para começar.

A porta da cabina do C-32 estava agora fechada. As escadas de embarque afastaram-se, seguidas pelos camiões de combustível e de fornecimento de comida e serviços. Passados cinco minutos, o avião levantava voo sobre os subúrbios de Maryland, em Washington. Fielding ficou a vê-lo desaparecer por entre as nuvens e, a seguir, olhou para o embaixador com desprezo. Nove da manhã, no aeródromo de Konakovo. E não se esqueça, sem Ivan, não há crianças. Estamos entendidos, senhor embaixador? 329 — Ele vai lá estar.

— Pode ir-se embora quando quiser. Peço desculpa, mas não vou apertar-lhe a mão. Também estou a sentir-me um pouquinho doente.

Ed Fielding permaneceu na plataforma de observação até o embaixador e a sua comitiva se encontrarem no exterior da base, sem percalço, subindo em seguida a bordo do Gulfstream que o aguardava. Elena Kharkov já estava sentada com o cinto posto e os olhos fixos na pista deserta.

Quanto tempo temos de esperar? Não muito, Elena. Acha que vai ficar bem? Sim, Ed. Vamos para casa.

CAPÍTULO 60

HOTEL METROPOL, MOSCOU

Gabriel foi avisado da partida do avião às 22h45, hora de Moscou, enquanto estava à janela do seu quarto no Metropol. Já ali se encontrava, com algumas interrupções pelo meio, desde a sua incursão até a Rua Tverskaya. Dez horas sem nada para fazer a não ser andar de um lado para o outro do quarto e pôr-se doente com tanta preocupação. Dez horas sem nada para fazer a não ser visualizar a operação do início ao fim um milhar de vezes. Dez horas sem nada para fazer a não ser pensar em Ivan. Interrogou-se sobre como o seu inimigo iria passar a noite. Será que a passaria tranquilamente com a sua jovem noiva? Ou, De repente, exigia-se uma celebração: uma festança. Era essa a palavra que Ivan e os seus comparsas utilizavam para descrever as festas que faziam a seguir à conclusão de um importante negócio de armas. Quanto maior fosse o negócio, maior era a festança.

Com o avião e as crianças a caminho da Rússia naquele momento, Gabriel sentiu os nervos retesarem-se como cordas de violino. Tentou abrandar o coração acelerado, mas o seu corpo recusou-se a cumprir as ordens. Tentou fechar os olhos, mas via apenas fotos de satélite da pequena datcha na floresta de bétulas. E a sala onde Chiara e Grigori se encontravam Com certeza acorrentados e amarra' dos. E os quatro riachos que convergiam para um grande pântano.

E as depressões paralelas na floresta.

O meu marido é um estalinista devoto... O amor dele pelo Stalin influenciou as suas compras de imobiliário.

O seu PDA seguro ajudou-o a passar o tempo. Informou-o de que Navot, Yaakov e Oded estavam a avançar para o alvo. Informou-

o de que as câmaras ocultas não tinham detetado qualquer alteração na datcha ou no posicionamento das forças de Ivan. Informou-o de que Deus lhes tinha concedido um nevoeiro denso ao nível do solo, junto aos pantanais, ajudando-os a esconder a sua aproximação. E, por fim, à 1h48, informou-o de que já eram quase horas de partir.

Gabriel já se encontrava vestido há muito tempo e estava a suar por baixo de camada atrás de camada de roupa protetora. Obrigou-se a permanecer no quarto por mais alguns minutos e, a seguir, apagou as luzes e escapuliu-se discretamente para o corredor. No momento em que o relógio do hall indicava que eram duas da manhã, saiu do elevador e passou pelo duplo de Krutchev, cumprimentando-o com a cabeça secamente. O Range Rover estava à espera na Teatralnyy Prospekt, com o motor a trabalhar. Mikhail batia nervosamente com os dedos no volante ao avançarem pela colina acima, em direção ao quartel-general do FSB.

— Você está bem, Mikhail?

— Ótimo, chefe.

— Não está nervoso, não é?

— E por que estaria? Adoro andar pela área da Lubyanka. A KGB manteve o meu pai lá seis meses quando eu era garoto. Já tinha dito isso, Gabriel?

Já tinha.

— Está com as armas?

— Todas.

— Rádios?

— Claro.

— Telefone, satélite?

— Gabriel, por favor.

— Café.

Dois termos. Um para nós, outro para eles.

E os corta-cavilhas? Um par para cada um. Só para o caso de acontecer alguma coisa? Que gênero de coisa? Um de nós ser

abatido.

— Ninguém vai ser abatido a não ser os guardas de Ivan.

— Como queiras, chefe.

Mikhail recomeçou a bater com os dedos no volante.

— Não te vais pôr a fazer isso o caminho todo? — Vou tentar não o fazer.

— Ótimo. Porque estás a pôr-me com uma dor de cabeça. Moscou recusou-se a largar mão deles sem dar luta. Demoraram trinta minutos só para ir de Lubyanka até a circular exterior MKAD: trinta minutos de engarrafamentos, semáforos que não funcionavam, esgotos, palcos de crimes e estradas barricadas pela milícia sem qualquer explicação.

— E são duas da manhã — soltou Mikhail, exasperado. — Imagina como será ao final da tarde, durante a hora de ponta, quando metade de Moscou está a tentar voltar para casa ao mesmo tempo.

— Se isto continuar assim, não teremos de imaginar.

A partir do momento em que deixaram a cidade, os gigantescos prédios de apartamentos começaram a desaparecer a pouco e pouco, mas acabando apenas por serem substituídos por quilômetro atrás de quilômetro de estaleiros dos caminhos-de-ferro e fábricas a libertarem fumo. Eram, claro, as maiores fábricas que Gabriel alguma vez tinha visto — monstros com chaminés imponentes e praticamente sem uma única luz a brilhar no seu interior. Um trem de mercadorias passou por eles a chocalhar, deslocando-se na direção oposta. Pareceu demorar uma eternidade a passar. Tinha mais de oito quilômetros de comprimento, pensou Gabriel. Ou talvez tivesse mais de cento e cinquenta. Com certeza que era o maior do mundo.

Deslocavam-se agora pela M7. Seguia para leste, em direção: à vasta região central da Rússia, atravessando a República do Tartaristão inteira. E se uma pessoa se sentisse com um espírito

verdadeiramente aventureiro, explicou Mikhail, podia apanhar a Autoestrada Transiberiana em Ufa e guiar até a Mongólia e à China — Até a China, Gabriel! Consegues imaginar guiar até a China? Na verdade, Gabriel conseguia. Só a amplitude daquele lugar tornava qualquer coisa possível: o interminável céu negro repleto de estrelas extremamente brancas, as vastas planícies congeladas, polvilhadas de cidadezinhas e aldeias a dormitar, o frio insuportável. Em algumas aldeias, conseguia ver cúpulas em forma de cebola brilhando ao luar. O herói de Ivan tinha sido duro com as igrejas da Rússia. Em 1931, tinha ordenado que Kaganovich dinamitasse a Catedral de Cristo Salvador, em Moscou — supostamente, porque impedia a vista das janelas do seu apartamento no Kremlin e, no campo, tinha transformado as igrejas em celeiros e silos para cereais. Algumas estavam sendo agora restauradas. Outras, como as aldeias que tinham servido, estavam em ruínas. Era o segredinho sujo da Rússia. O brilho e o esplendor de Moscou encontravam apenas correspondência na pobreza e privação do campo. Moscou ficava com o dinheiro, as aldeias ficavam com os governadores ausentes e a visita ocasional de um lacaio qualquer do Kremlin. Eram os lugares que se abandonavam para se fazer fortuna na grande cidade. Eram para os falhados. Nas aldeias, não se fazia mais nada a não ser beber e dizer mal dos sacanas ricos de Moscou.

Passaram num ápice por uma série de pequenas cidades, cada uma mais desoladora do que a anterior: Lakinsk, Demidovo, Vorsha. Em frente, ficava Vladimir, a capital daquela província. A Catedral da Assunção, com as suas cinco cúpulas, servira de modelo para todas as catedrais da Rússia — as catedrais que Stalin tinha destruído ou transformado em pocilgas. Mikhail explicou que já havia pessoas a viver em Vladimir e nos seus arredores desde há vinte e cinco mil anos, uma estatística impressionante mesmo para um rapaz do vale de Jezreel. Vinte e cinco mil anos, pensou Gabriel, contemplando as fábricas destruídas no subúrbio da parte ocidental

da cidade. Por que razão teriam elas vindo? Por que razão teriam elas ficado lá? Reclinando o banco, viu uma imagem da sua última viagem de carro pelo campo russo, a altas horas da noite: Olga e Elena a dormirem no banco de trás, Grigori ao volante. Prometa-me uma coisa, 334 Gabriel... Pelo menos, nessa altura, estavam a sair da Rússia, não a seguir diretamente para o ventre da fera. Mikhail descobriu um noticiário na rádio e providenciou uma tradução simultânea ao mesmo tempo que guiava. O primeiro dia da cúpula do G8 tinha corrido bem, pelo menos do ponto de vista do presidente russo, que era o único que importava. A seguir, graças a algum milagre de condições atmosféricas, Mikhail descobriu um noticiário da BBC em inglês. Tinha ocorrido um desenvolvimento importante na situação política do Zimbabwe. Um desastre mortal de avião na Coreia do Sul. E, no Afeganistão, as forças talibãs tinham efetuado um ataque de peso em Cabul. Com as armas de Ivan, sem dúvida.

— É possível ir de carro daqui até o Afeganistão? — Claro respondeu Mikhail.

A seguir, começou a enumerar as estradas e as distâncias entre elas, à medida que Vladimir, centro de habitação humana desde há vinte e cinco milênios, se retraía uma vez mais na escuridão. Ficaram a ouvir a BBC ato sinal da transmissão se tornou demasiado fraco para poderem escutar alguma coisa. Depois, Mikhail desligou o rádio e recomeçou, uma vez mais, a bater com os dedos no volante.

— Há alguma coisa que te esteja a preocupar, Mikhail? Talvez devêssemos falar da operação. Sentir-me-ia melhor se a revíssemos umas centenas de vezes.

— Isso nem parece teu. Preciso que estejas confiante. É a tua mulher que está lá dentro, Gabriel. Não suportaria pensar que alguma coisa que eu tivesse feito...

— Vais portar-te lindamente. Mas se a quiseres rever umas centenas de vezes... disse Gabriel, com a voz a sumir-lhe enquanto contemplava a ilimitada paisagem gelada. — Não tenhamos' alguma coisa melhor para fazer.

O tom de voz de Mikhail baixou ligeiramente quando ele começou a falar da operação. A chave de tudo aquilo, disse, seria a velocidade. Tinham de os subjugar rapidamente. Uma sentinela hesita sempre por um instante, mesmo quando é confrontada com alguém que não conhece. Esse instante corresponderia à abertura que eles teriam. Iriam aproveitá-la veloz e decididamente.

E nada de tiroteios — acrescentou Mikhail. — Os tiroteios são para os cowboys e gângsteres.

Mikhail não era nem uma coisa nem outra. Era um antigo membro das forças especiais Sayeret Matkal, a unidade mais prestigiada à face da terra e que executara operações com as quais as outras unidades apenas podiam sonhar, participando em missões como as de Entebbe e Sabena, e outras bem mais duras sobre as quais nunca se iria ler nada. Mikhail matara alguns dos principais líderes terroristas do Hamas, da Jihad Islâmica e da Brigada dos Mártires de Al-Agra, tendo até atravessado a fronteira com o Líbano e assassinado membros do Hezbollah. Tinham sido operações infernais em cidades e campos de refugiados apinhados. E nenhuma tinha fracassado. Nem um só terrorista marcado para morrer por Mikhail continuava vivo. Uma datcha numa floresta de bétulas não era nada para um homem como ele. Os guardas de Ivan eram também antigos membros das forças especiais. Grupo Alfa e OMON. Mesmo assim, Mikhail referiu-se a eles apenas no passado. No que lhe dizia respeito, já estavam mortos. Silêncio, velocidade e timing seriam a chave.

Silêncio, velocidade e timing... A Santíssima Trindade de Shamron.

Ao contrário de Mikhail, Gabriel nunca executara assassinos na Faixa Ocidental ou em Gaza e, durante grande parte da sua carreira, tinha conseguido evitar as operações em países árabes. Uma excepção notável era Abu Jihad, o nome de guerra de Khalil al-Wazir, a segunda figura de maior importância no seio da OLP, a seguir a Yasser Arafat. Como todos os recrutas da Sayeret, Mikhail estudara todos os aspetos da operação durante o seu período de treino, mas nunca tinha perguntado nada a Gabriel sobre essa noite. Fê-lo agora, enquanto seguiam a toda a velocidade pela auto-estrada deserta. E Gabriel fez-lhe a vontade, embora viesse a arrepender-se mais tarde.

Abu Jihad... Mesmo agora, o som de seu nome fazia correr calafrios pelo pescoço de Gabriel. Em abril de 1988, esse símbolo do sofrimento palestino vivia em Túnis, em esplêndido exílio, numa grande villa junto à praia. Gabriel tinha vigiado ele próprio a casa e o bairro em redor e supervisionara a construção de uma réplica no deserto do Negev, onde tinham treinado durante várias semanas antes da operação. Na noite do ataque, desembarcara num barco de borracha e entrara numa van que o aguardava. Em questão de minutos, estava tudo terminado. Havia um guarda à porta da casa, a dormitar ao volante de um Mercedes. Gabriel enfiara-lhe uma bala no ouvido com uma Beretta munida de silenciador. A seguir, com a ajuda da sua escolta da Sayeret, tinha rebentado as dobradiças da porta da frente com um explosivo especial que emitia um som pouco maior do que um bater de palmas. Depois de matar um segundo guarda no hall de entrada, subira sorrateiramente as escadas até o escritório de Abu Jihad. A aproximação de Gabriel foi tão silenciosa que o líder da OLP nada ouviu. Morreu sentado à mesa enquanto via um vídeo da intifada.

Silêncio, velocidade e timing... A Santíssima Trindade de Shamron.

E a seguir? — perguntou Mikhail baixinho.

A seguir... Uma cena saída dos pesadelos de Gabriel.

Ao sair do escritório, tinha dado de caras com a mulher de Abu Jihad. Estava a apertar um rapazinho com toda a força contra o peito, aterrorizada, e agarrada ao braço da sua filha adolescente. Gabriel olhou para a mulher e gritou-lhe em árabe: — Volte para o quarto! — Depois, disse à moça calmamente: — Vai ter com a tua mãe e toma conta dela.

Vai ter com a tua mãe e toma conta dela...

Poucas eram as noites em que ele não via a cara dessa criança. E viu-a agora, no momento em que saíram da auto-estrada e seguiram para as regiões mais a norte da província. Por vezes, Gabriel interrogava-se se teria carregado no gatilho se soubesse que a moça estava atrás dele. E, por vezes, nos seus momentos mais negros, interrogava-se se tudo aquilo que lhe tinha acontecido desde então não teria sido castigo de Deus por ter matado um homem à frente da própria família. Agora, tal como fizera inúmeras vezes, estava a afastar a criança dos seus pensamentos suavemente e a ver Mikhail a virar de novo, desta vez para um denso arvoredo de pinheiros e abetos. Os faróis do carro apagaram-se e o motor calou-se.

— A que distância fica a propriedade?

— A cerca de três quilômetros.

— E quanto tempo demoramos a chegar lá?

— Cinco minutos. Vamos com calma e devagarinho.

— Tem certeza, Mikhail? O timing é tudo.

— Já fiz isto duas vezes. Tenho certeza.

Mikhail começou a bater os dedos no painel. Gabriel ignorou-o e olhou para o relógio: 6h25. A espera... Esperar que o Sol nasça antes de uma manhã de matança. Esperar para abraçar Chiara. Esperar que a filha de Abu Jihad lhe perdoasse. Serviu-se de uma xícara de café e carregou as armas. 6h26... 6h27... 6h28...

O sol iluminou o banco de neve. Chiara não sabia se era o nascer ou o pôr do Sol, mas, quando a luz incidiu sobre a cara de Grigori, que dormia, sentiu uma premonição de morte, tão nítida, que parecia que lhe tinham pousado uma pedra em cima do coração. Ouviu o som do ferrolho a abrir-se e ficou a ver a mulher da pele branca como leite e dos olhos translúcidos a entrar na cela. A mulher trazia comida: pão seco, salsichas frias, chá em copos de papel. Se era o pequeno-almoço ou o jantar, Chiara não conseguia saber ao certo. A mulher retirou-se, trancando a porta ao sair. Chiara segurou no chá com as mãos acorrentadas e olhou para o banco de neve, que parecia pegar fogo. Como de costume, a luz apenas se manteve ali por alguns minutos. Logo depois, o fogo extinguiu-se e a sala mergulhou uma vez mais na escuridão total.

CAPÍTULO 61

KONAKOVO, RÚSSIA

Como a própria Rússia, o aeródromo em Konakovo fracassara duplamente. Abandonado pela força aérea pouco depois da queda da União Soviética, tinham deixado que se fosse desmoronando até atingir um estado de ruína e só então acabou por ser adquirido por um consórcio de empresários e lideres cívicos. Durante um breve período de tempo, tinha conhecido um êxito modesto enquanto estrutura para voos comerciais de carga, mas apenas para logo em seguida ver a sua sorte desabar por uma segunda vez, juntamente com o preço do crude russo. Agora, o aeródromo ocupava-se de menos de uma dúzia de voos por semana e era utilizado maioritariamente como uma casa de repouso para aviões Antonov, Ilyushin e Tupolev a caírem aos bocados. Mas a sua pista, com mais de três mil e quinhentos metros, continuava a ser uma das mais extensas da região, e as suas luzes de aterragem e

sistemas de radar funcionavam bem, tendo em conta os padrões russos, o que era o mesmo que dizer que funcionavam na maior parte do tempo.

Todos os sistemas se encontravam a funcionar corretamente naquela sexta-feira de manhã e haviam sido feitos grandes esforços para alisar e alcatroar a pista. E com boas razões. A torre de controle tinha sido informada pelo Kremlin de que um C-32 da força aérea americana iria aterrissar em Konakovo às nove horas da manhã em ponto. E, mais ainda, uma delegação de figuras importantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros e das alfândegas estaria a postos para receber o avião e acelerar os procedimentos de chegada. As autoridades do aeroporto não tinham sido informadas da identidade dos passageiros que iriam chegar e sabiam muitíssimo bem que não deviam insistir no assunto. Não se deviam fazer perguntas quando o Kremlin estava envolvido. A não ser que se quisesse ter o FSB na porta.

A delegação moscovita chegou pouco depois das oito e estava à espera, à beira da pista varrida pelo vento, quando uma série de luzes surgiu a sul, no céu nublado. De início, alguns dos representantes russos julgaram que as luzes eram as do avião americano, o que não era possível, visto que o C-32 ainda se encontrava a cerca de cento e sessenta quilômetros de distância e aterrissaria vindo de oeste, não de sudeste. À medida que as luzes iam se aproximando, o ar se encheu do som de hélices girando. Eram três helicópteros e, mesmo a uma distância grande, era evidente que não eram russos. Alguém na torre de controle os identificou como Bell 427, feitas de encomenda. Alguém na delegação afirmou que isso faria sentido. Ivan Kharkov podia muito bem ser capaz de enfiar um carregamento de armas num monte de sucata russo, mas quando era a sua família que estava em questão apenas viajava em material americano.

Os helicópteros pousaram na pista e, um por um, desligaram os motores. Das duas máquinas que se encontravam nos flancos, emergiu uma equipe de segurança digna de um presidente russo: homens grandes, bem arranjados, fortemente armados e duros como o aço. Após estabelecer um perímetro de segurança em redor do terceiro helicóptero, um dos guardas avançou e abriu a porta da cabina. Durante um longo momento, não apareceu ninguém. Foi então que surgiu um vislumbre de cabelo louro lustroso, que emoldurava um rosto de juventude e perfeição eslavas. As feições foram imediatamente reconhecidas pela torre de controle, bem como pelos membros da delegação moscovita. A mulher tinha aparecido em inúmeras capas de revistas e cartazes publicitários, normalmente com bem menos roupa do que naquele preciso momento. O nome dela tinha sido Yekaterina Mazurov. Agora, era conhecida como Yekaterina Kharkov. Embora estivesse meticulosamente penteada e maquilada, tinha os nervos claramente à flor da pele. Mal pôs uma bota elegante na pista, deu uma reprimenda severa a um guarda-costa, que não pôde ser ouvida. Alguém na delegação moscovita lembrou que a ansiedade de Yekaterina devia ser desculpada, pois estava prestes a transformar-se na mãe de dois filhos quando ela própria era pouco mais que uma criança.

A segunda pessoa a sair do helicóptero foi um homem elegante, de sobretudo escuro e um rosto que indicava a existência de antepassados do interior profundo da Rússia. Segurava um celular ao ouvido e parecia estar a meio de uma conversa de grande importância. Ninguém na torre de controle ou na delegação moscovita o reconheceu, o que dificilmente era surpreendente. Ao contrário da deslumbrante Yekaterina, a foto desse homem nunca tinha aparecido nos jornais e poucas pessoas fora do mundo fechado dos siloviki e dos oligarcas sabiam o nome dele. Era Oleg Rudenko, um antigo coronel do KGB que agora exercia as funções de chefe do serviço de segurança privada de Ivan Kharkov. E até mesmo

Rudenko era o primeiro a admitir que o título era meramente honorífico. Ivan era quem decidia tudo; Rudenko limitava-se a garantir que os trens funcionassem nos horários. Daí, o celular encostado ao ouvido com força e a expressão severa do seu rosto. O intervalo entre Rudenko e a saída do terceiro passageiro foi de oitenta e quatro longos segundos, tal como cronometrado pelos funcionários da torre de controle... Era uma figura de aspecto muito poderoso, um homem para o baixo, com maçãs do rosto angulosas, a testa larga de um pugilista e o cabelo áspero e da cor da palha de aço. Por breves instantes, um dos funcionários confundiu-o com um guarda-costas, um engano comum que ele secretamente apreciava. Mas qualquer inclinação para pensar isso foi afastada pelo corte do seu magnífico sobretudo inglês. E pela maneira como as calças lhe caíam sobre os sapatos ingleses feitos à mão. E pelo modo como os seus próprios guarda-costas pareciam recear a sua simples presença. E pelo enorme relógio de ouro que tinha no pulso esquerdo. Olhem para ele, murmurou alguém na delegação moscovita. Olhem para Ivan Borisovich! A controvérsia, os mandados de captura, as acusações no Ocidente: qualquer um deles teria aceitado tudo isso de bom grado, só para viver como Ivan Borisovich por um dia.

Só para andar nos seus helicópteros e limusines. E só para ir para a cama uma única vez com Yekaterina. Mas porquê esse olhar carrancudo, Ivan Borisovich? Hoje é um dia de alegria. Hoje é o dia em que os teus filhos deixam a América e voltam para casa.

Avançou a passos largos pela pista, com Yekaterina de um lado, Rudenko do outro e os guarda-costas a rodearem-nos. O chefe da delegação, o ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros fulano de tal, do Escritório tal foi foi ao encontro dele no meio do caminho. A conversa entre ambos foi curta e, tudo o levava a crer, desagradável. A seguir, cada um deles retirou-se para o respetivo canto. Quando lhe pediram para relatar o que Ivan dissera, o

ministro-adjunto recusou-se. Não podia ser repetido ao pé de pessoas educadas.

Olhem para ele! Olhem para Ivan Borisovich! O helicóptero americano janota, a mulher linda e nova, a montanha de dinheiro. E, por baixo de tudo isso, continuava a ser um bandido do KGB. Um bandido do KGB com um fato inglês janota.

Tal como Oleg Rudenko, Adrian Carter estava nesse momento com um telefone encostado ao ouvido, uma linha fixa segura com ligação direta ao Centro de Operações Globais da CIA, em Langley. Shamron também tinha um telefone encostado ao ouvido, apesar de o dele se encontrar ligado ao Escritório de Operações na Boulevard King Saul. Estava a olhar fixamente para o relógio enquanto lutava, ao mesmo tempo, contra um anseio incapacitante por nicotina. Era estritamente proibido fumar no anexo. E, aparentemente, falar também, pois Carter já não dizia uma palavra há vários minutos.

Então, Adrian? Ele está lá ou não? Carter acenou com a cabeça vigorosamente.

O observador acaba de confirmar. Os helicópteros de Ivan já aterrissaram.

Quanto tempo falta ato avião chegue? Sete minutos.

Shamron olhou para o relógio de Moscou: 8h53.

Vai ser tudo um pouquinho apertado, não vai? Não vai haver problema, Ari.

— Vê lá mas é se te certificas de que eles ligam esses transmissores de bloqueio de comunicações às nove e cinco, Adrian. Nem um segundo antes, nem um segundo depois.

— Não te preocupes, Ari. Nada de telefonemas para Ivan.

E nada de telefonemas para ninguém.

Shamron olhou para o relógio: 8h54.

Silêncio, velocidade, timing...

Tudo o que precisavam agora era de um pouquinho de sorte. Se Uzi Navot tivesse tido acesso aos pensamentos de Shamron, teria citado com certeza a máxima do Escritório que dizia que a sorte é sempre conquistada, nunca concedida. E teria feito isso por se encontrar naquele momento deitado de barriga para baixo na neve, cem metros atrás da datcha, segurando nos braços uma arma que possuía o mesmo nome que ele. Cinquenta metros à sua direita, precisamente na mesma posição, estava Yaakov; cinquenta metros à sua esquerda estava Oded. E mesmo à frente de cada um deles estava um russo. Já tinham passado cinco horas desde que Navot e os outros se tinham infiltrado sorrateiramente pela floresta de bétulas e ocupado as suas posições. Durante esse tempo, dois turnos de guardas tinham chegado e partido. Mas, claro, para a equipe visitante não houvera descanso. Navot, apesar de adequadamente equipado para uma operação daquele gênero, tremia de frio. Partiu do princípio de que Yaakov e Oded também estivessem a sofrer, embora já não falasse com qualquer um dos homens há várias horas. O silêncio nas comunicações por rádio era a palavra de ordem daquela manhã. Navot sentiu-se tentado a ter pena de si mesmo, mas a sua cabeça recusava-se a deixá-lo. Sempre que o frio começava a corroer-lhe os ossos, pensava nos campos de concentração e nos guetos e nos terríveis Invernos que o seu povo tivera de suportar durante a Ta1 como Gabriel, Navot devia a sua própria existência a alguém que tinha apelado à coragem, à força de vontade, de maneira a sobreviver a esses Invernos — uma figura paternal, um avô, que passara cinco anos a labutar nos campos de trabalho nazis. Cinco anos a viver de rações de miséria. Cinco anos a dormir ao frio. Tinha sido por causa desse avô que Navot entrara para o Escritório. E era por causa desse avô que se encontrava deitado na neve, cem metros atrás de uma datcha, rodeado por bétulas. O russo parado à sua frente não tardaria muito a estar morto. Ainda que Navot não fosse um especialista como Gabriel e Mikhail, cumprira o serviço militar

obrigatório e passara por um extenso treino com armas na Academia. Tal como Yaakov e Oded. Para eles, cinquenta metros não eram nada, mesmo com as mãos congeladas, mesmo com silenciadores. E nada de fazer pontaria para a área do torso, a mais fácil. Só tiros na cabeça. Nada de pedidos de socorro moribundos pelo rádio.

Navot rodou o pulso esquerdo uns centímetros e deu uma olhadela ao relógio digital: 8h59. Mais seis minutos a terem de suportar o frio. Fletiu os dedos e pôs-se à espera de ouvir o som da voz de Gabriel no seu minifone.

A segunda e última sessão da cúpula de emergência do G8 iniciou-se ao bater das nove, no requintado Salão de São Jorge do Grande Palácio do Kremlin. Como sempre, o presidente americano chegou pontualmente e instalou-se no seu lugar à mesa do pequeno-almoço. Quis a sorte que o primeiro-ministro britânico tivesse sido colocado à sua direita. O presidente russo estava sentado do lado Oposto, entre a chanceler alemã e o primeiro-ministro italiano, os seus aliados mais próximos na Europa Ocidental. A sua atenção, no entanto, estava claramente concentrada no lado anglo-americano da mesa. Com efeito, fitava os dois lideres de língua inglesa com o seu caraterístico olhar fixo, aquele que adoptava sempre quando tentava parecer duro e decidido perante o povo russo.

— Acha que ele sabe? — perguntou o primeiro-ministro britânico.

Está brincando? Ele sabe tudo.

— Será que vai funcionar?

— Já saberemos.

— Só espero que não aconteça nada de ruim à mulher.

O presidente americano deu um gole no café.

— Qual mulher?

Stalin nunca tinha conseguido realmente pôr as mãos em Zamoskvorechye. As ruas do seu antigo e agradável bairro, ao sul do Kremlin, tinham sido poupadas em grande parte ao horror do replanejamento soviético e ainda estão repletas de majestosas casas imperiais e igrejas com cúpulas em forma de cebola. O bairro também alberga a embaixada do estado de Israel, localiza da no número 56 da Rua Bolshoya Ordynka. Rimona estava à espera logo à entrada, a seguir ao portão de segurança, com um guarda do Shin Bet de cada lado. Tal como Uzi Navot, observava um único objeto: um grande Mercedes classe S, que tinha estacionado junto ao passeio, à porta da embaixada, ao bater das nove.

O carro estava muito rente ao chão, com o peso do revestimento blindado e dos vidros à prova de bala. Os vidros também eram fumados, o que impossibilitava Rimona de ver os passageiros. Tudo o que conseguia distinguir era o queixo do motorista e duas mãos pousadas calmamente no volante. Rimona levantou o seu celular seguro, encostando-o ao ouvi do, e escutou a cacofonia do Escritório de Operações na Boulevard King Saul. A seguir, ouviu a voz de um dos agentes de serviço a implorar por informações.

"O avião já aterrou. Diz-nos se ela aí está.

Diz-nos o que vês." Rimona obedeceu à ordem. Via um Mercedes com vidros fumados. E via duas mãos pousadas ao volante. E seguir, na sua cabeça, viu dois anjos sentados dentro de um Rover. Dois anjos que iriam transformar a Terra num Inferno a menos que Chiara saísse daquele carro.

CAPÍTULO 62

GROSVENOR SQUARE, LONDRES

Não havia fotos, apenas vozes longínquas em telefones seguros e palavras que surgiam e piscavam rapidamente nas telas de comunicações do tamanho de cartazes publicitários. Às nove da manhã, hora de Moscou, as telas anunciaram a Shamron que o avião das crianças tinha aterrado sem problemas. Às 9h01, que se encontrava a caminho da torre de controle, reduzindo progressivamente a velocidade. Às 9h03, que o pessoal de terra e as escadas motorizadas de desembarque se aproximavam do avião. Uns segundos depois, uma comunicação telefônica do Boulevard King Saul informou-o de que "Joshua" estava a caminho do alvo — sendo Joshua o nome de código do Escritório para Gabriel e Mikhail. E, por fim, às 9h04, foi avisado por Adrian Carter de que a porta dianteira da cabina se encontrava naquele momento aberta.

Onde está Ivan? A aproximar-se do avião.

E vai sozinho? Com o séquito todo. A mulher, os seguranças e o bandido.

Estás a referir-te ao Oleg Rudenko? Carter assentiu com a cabeça.

Vai a falar ao celular.

É melhor que não continue assim por muito tempo.

Não te preocupes, Ari.

Shamron olhou para o relógio: 9h04m17s. Apertando o telefone com toda a força contra o ouvido, pediu à Boulevard King Saul que lhe dessem uma informação atualizada sobre o carro estacionado junto ao portão da embaixada. O agente de serviço revelou que não tinha havido qualquer alteração.

— Talvez devêssemos exercer um pouco de pressão — disse Shamron.

— Como, chefe? — É a minha sobrinha que está aí fora. Digam-lhe para improvisar.

Shamron ouviu o agente de serviço a transmitir a ordem. A seguir, olhou para a mensagem que surgiu na tela: PORTA DO

AVIÃO ABERTA... AGUARDO INSTRUÇÕES...

Tem cuidado, Rimona. Tem muito cuidado. O Memuneh quer que exerças um pouco de pressão E ele tem alguma sugestão? Sugere que improvises.

A sério? Obrigada, tio Ali.

Rimona fixou os olhos no Mercedes. O mesmo queixo. As mesmas duas mãos no volante. Mas os dedos estavam agora a mexer-se, Batendo de leve, num ritmo nervoso.

Sugere que improvises...

Mas como? Durante as reuniões de instruções anteriores à operação, Uzi Navot tinha-se mostrado inflexível num ponto-chave: não iriam dar de forma alguma oportunidade a Ivan para raptar outro agente do Escritório, especialmente outra mulher. Rimona devia manter-se o tempo todo dentro do recinto da embaixada, porque, tecnicamente, era solo israelense. Infelizmente, não havia maneira de exercer um pouco de pressão em quinze segundos permanecendo atrás do portão e da segurança por ele fornecida. Só poderia fazê-lo se se aproximasse do carro. E para se aproximar do carro tinha de deixar Israel e entrar na Rússia. Olhou de relance para o relógio e depois virou-se para um dos seguranças do Shin Bet.

— Abre o portão.

— Mandaram-nos mantê-lo fechado.

— Sabes quem é o meu tio? 347 Toda a gente sabe quem é o seu tio, Rimona.

Então, do que estás à espera? O segurança obedeceu à ordem e saiu com Rimona para a Rua Bolshoya Ordynka, de arma na mão, em violação de todos os protocolos diplomáticos, escritos e não escritos. Rimona dirigiu-se sem hesitação para a porta de trás do carro e bateu com os dedos no vidro espesso e à prova de bala. Ao não receber qualquer resposta, deu mais duas pancadas firmes na janela. Dessa vez, o vidro desceu. E nada de Chiara, apenas um russo de vinte e muitos anos, bem vestido e de óculos de sol, apesar

do tempo nublado. Segurava duas coisas: uma pistola Makarov e um envelope. Utilizou a pistola para manter o segurança do Shin Bet à distância. O envelope, entregou-o a Rimona. Quando o vidro subiu, o russo estava a sorrir. A seguir, o carro avançou, com os pneus a derraparem no pavimento gelado, e desapareceu ao virar da esquina.

O primeiro instinto de Rimona foi deixar cair o envelope no chão. Em vez disso, depois de o examinar rapidamente, arrancou a dobra. Lá dentro, havia um anel de ouro. Rimona reconheceu-o. Estava ao lado de Gabriel quando ele o comprou de um joalheiro em Tel Aviv. E estava no terraço do tio, com vista para o mar da Galileia, quando Gabriel o colocou no dedo de Chiara. Levou o celular seguro ao ouvido e informou o Escritório de Operações do que tinha acabado de se passar. A seguir, depois de recuar novamente para o lado israelense do portão de segurança, leu a inscrição na aliança de casamento, com as lágrimas a correrem pelo rosto.

PARA SEMPRE, GABRIEL

As notícias da embaixada confirmaram o que eles sempre suspeitaram: que Ivan nunca pretendera libertar Chiara. De imediato, Shamron disse calmamente quatro palavras em hebraico: Enviem o Joshua para Canaã. — A seguir, voltou-se para Adrian Carter e disse: — Está na hora.

Carter sacou o telefone.

Liguem os transmissores de bloqueio de comunicações e deem a Ivan o bilhete.

Shamron olhou fixamente para a mensagem que continuava a piscar nos monitores. A sua ordem tinha provocado uma torrente de barulho e atividade na Boulevard King Saul. Mas naquele momento, por entre o pandemônio, ouviu duas vozes familiares, ambas calmas e sem revelar qualquer emoção. A primeira foi a de Uzi Navot, a informar que as sentinelas nas traseiras da datcha pareciam agitadas. A voz seguinte foi a de Gabriel. Joshua estava a trinta segundos do

alvo, disse ele. Joshua estava prestes a bater à porta do diabo. Embora nem Gabriel nem Shamron o pudessem ver, o diabo estava a perder a paciência rapidamente. Encontrava-se parado à frente das escadas de desembarque, com as mãos, parecidas com marretas, apoiadas nas ancas e o peso do corpo a deslocar-se para trás e para a frente. Os agentes habituados a vigiar Kharkov teriam reconhecido a pose curiosa, identificando-a como uma das muitas que ele tinha adoptado do seu herói, Stalin . E também teriam sugerido que esta seria uma boa altura para uma pessoa se proteger, já que, quando Ivan começava a balançar daquela maneira, isso normalmente queria dizer que vinha uma erupção.

A origem da sua fúria crescente era a porta do C32 americano. Há já mais de um minuto que não havia ali qualquer movimentação exceptuando o aparecimento de dois homens vestidos de preto e fortemente armados. A sua fúria atingiu novos níveis pouco depois das 9h05, quando Oleg Rudenko, que se encontrava à direita de Ivan, o informou de que o celular dele parecia não estar a funcionar. Atribuiu a responsabilidade pelo sucedido às interferências causadas pelo sistema de comunicação do avião, o que em parte estava correto. Ivan, no entanto, tinha claramente as suas dúvidas. Foi nessa altura que tentou, por breves momentos, tratar ele próprio do assunto. Afastando da sua frente um dos guarda-costas' subiu para as escadas e começou a avançar em direção à porta da cabina. Ao terceiro degrau, parou repentinamente, quando um paramilitar da CIA lhe apontou uma submetralhadora compacta e num russo excelente, lhe ordenou que não desse mais um passo.

Na pista, começaram a enfiar-se mãos debaixo dos sobretudos e, mais 349 tarde, o pessoal da torre de controle afirmou ter vislumbrado o cintilar de uma arma ou duas. Ivan, furioso e humilhado, fez o que lhe mandaram e recuou até o início das escadas.

E aí se manteve durante mais dois tensos minutos, com as mãos nas ancas e os olhos fixos nos homens das metralhadoras que se encontravam parados, lado a lado, junto à porta do C-32. Quando os homens da CIA se afastaram por fim, não foram os filhos que Ivan viu, mas sim o piloto. Tinha um bilhete na mão. Utilizando apenas linguagem gestual, chamou um dos membros da equipe russa de pessoal de terra e mandou-o entregar o bilhete ao homem de ar enfurecido e sobretudo inglês. Quando o bilhete chegou às mãos de Ivan, já a porta do avião estava fechada e os motores ligados. E, quando o avião começou a ganhar velocidade para decolar, quem se encontrava a bordo foi regalado com uma extraordinária visão: Ivan Kharkov — oligarca, traficante de armas, assassino e pai de duas crianças — amassando o papel numa bola e jogando no chão, enraivecido.

Outro homem qualquer poderia ter admitido a derrota naquele momento. Mas não Ivan. Com efeito, a última coisa que a tripulação viu foi Ivan pegando o celular de Oleg Rudenko e o lançando no avião. Bateu inofensivamente na parte de baixo da fuselagem e caiu na pista, despedaçando-se em centenas de pedacinhos. A tripulação riu. Os que sabiam o que viria não o fizeram. Jorraria sangue. E homens morreriam.

O que aconteceu foi que a esteira deixada pelos motores do C32 empurraram o bilhete pela pista em direção à delegação moscovita e, por fim, até os pés do ministro-adjunto em pessoa. Por um momento, este colocou a hipótese de deixá-lo continuar viagem a caminho do esquecimento, mas a sua formação burocrática não o permitiu. Afinal de contas, o bilhete era uma espécie de documento oficial.

O punho poderoso de Ivan tinha comprimido a folha de papel numa bola e o ministro-adjunto demorou segundos para conseguir abri-la e alisá-la novamente. No alto estava o timbre oficial da 89ª Esquadrilha de Transporte. Embaixo, algumas linhas escritas

a mão e em inglês, claramente da autoria de uma criança sob grande tensão emocional. Ao olhar a primeira linha, o ministro-adjunto pensou em não ler mais nada. Uma vez mais, o dever exigiu outra coisa.

Nós não queremos viver na Rússia.
Nós não queremos estar com Yekaterina.
Nós queremos voltar para casa, para a América.
Nós queremos estar com a nossa mãe.
Nós te odiamos.
Adeus.

O ministro-adjunto levantou os olhos do papel a tempo de ver Ivan subir a bordo do seu helicóptero. Olhem para ele! Olhem para Ivan Borisovich! Tinha tudo no mundo: uma montanha de dinheiro, uma supermodelo como mulher. Tudo, menos o amor dos seus filhos. Olhem para ele! Tu não és nada, Ivan Borisovich! Nada!

CAPÍTULO 63

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA. RÚSSIA

O sinal de aviso na entrada pertencia à época soviética. As bétulas que surgiam de ambos os lados já se encontravam ali desde o tempo dos czares. Percorridos pouco mais de trinta e cinco metros do caminho estreito, estava um Range Rover parado, com dois guardas russos sentados à frente. Mikhail piscou os faróis. O Range Rover não se mexeu.

Mikhail abriu a porta e saiu do carro. Trazia uma parca grossa e cinzenta, com o fecho corrido até o queixo, e um gorro de lã

bem enfiado na cabeça. Por enquanto, era apenas mais outro russo. Mais outro dos rapazes de Ivan. Um veterano do Grupo Alfa que não era para brincadeiras. Do tipo de não gostar de ter de sair do carro quando estavam dez graus negativos.

Com as mãos enfiadas nos bolsos e a cabeça para baixo, avançou para o Range Rover, direito ao lado do motorista. A janela desceu.

A pistola de Mikhail surgiu.

Seis clarões repentinos. Praticamente sem um único som. Gabriel murmurou algumas palavras para o microfone que tinha. junto à boca. Mikhail esticou o braço por cima do motorista morto, virou o volante com força para a direita e passou a caixa de mudanças automáticas da posição de ESTACIONAMENTO para a de CONDUÇÃO. O Range Rover foi afastando do caminho lentamente e acabou por ir chocar contra uma bétula. Mikhail desligou o motor e atirou as chaves para a floresta. Passados alguns segundos, estava outra vez ao lado de Gabriel, a acelerar em direção à parte da frente da datcha.

Nesse mesmo instante, nas traseiras da datcha, três homens colocaram três alvos sob a sua mira. A seguir, ao sinal de Navot, três homens dispararam três tiros.

Três clarões repentinos. Praticamente sem um único som.

Avançaram sorrateiramente pelo meio das bétulas e ajoelharam-se junto aos homens mortos. Armas adquiridas. Rádios silenciados. Navot falou baixinho para o microfone que tinha junto à boca. Alvos neutralizados. Perímetro traseiro assegurado.

Precisamente a duzentos e seis quilômetros a leste dali, na Rua Tverskaya, em Moscou, Irina Bulganova, ex-mulher de Grigori Bulganov, abriu a porta dos escritórios da Galaxy Travel com a sua chave e passou o letreiro de FECHADO para ABERTO. Sete minutos atrasada, pensou ela. Não que isso importasse. A agência estava a ir por água abaixo — ou, nas palavras do por vezes poético diretor-

geral da Galaxy, estava mais bloqueada do que o rio Moscóvia. As férias de Natal tinham sido um autêntico fracasso financeiro. As reservas para a época de esqui da Primavera simplesmente não existiam. Nos dias que corriam, até os oligarcas andavam a armazenar o dinheiro. O pouco que ainda lhes restava. Irina instalou-se em sua mesa perto da janela, e fez todo o possível para parecer ocupada. Falava-se em cortes nas despesas da Galaxy; redução de comissões; até demissões. Obrigada, capitalismo! Talvez Lênin tivesse tido razão, afinal de contas. Pelo menos, conseguira acabar com a incerteza. Sob o comando dos comunistas, os russos tinham sido pobres e tinham-se mantido pobres. Havia algo de meritório na consistência.

A sineta da entrada interrompeu os pensamentos de Irina. Ao olhar para cima, viu uma pequena figura masculina a entrar pela porta discretamente: sobretudo grosso, cachecol de lã, chapéu de feltro, protetores de ouvido e pasta na mão direita. Havia mil pessoas iguaizinhas a ele na Rua Tverskaya, ambulantes de lã e peles, cada uma delas impossível de distinguir outra. O próprio Stalin poderia passear-se pela rua todo atafulhado nos seus agasalhos que ninguém iria olhar duas vezes para ele. O homem soltou o cachecol e tirou o chapéu, deixando a descoberto uma cabeça com cabelo fino e escasso. Irina reconheceu-o de imediato. Era o anjo apaziguador que a tinha convencido a falar sobre a pior noite da vida dela. E agora estava se aproximando de sua mesa, com o chapéu numa mão e a pasta na outra. Sem saber bem como, Irina estava agora em pé. Sorrindo. Apertando sua mão minúscula e fria. Convidando-o a sentar. Perguntando no que poderia ajudar.

— Preciso de ajuda para planejar uma viagem — disse ele em russo.

— E para onde vai?

— Para o Ocidente.

— Pode especificar melhor?

— Receio que não.

— Quanto tempo pensa ficar?

— Indefinidamente.

— Quantas pessoas no seu grupo?

— Isso também ainda está por determinar. Com sorte, vamos ser um grupo grande.

— E quando pensam em partir?

— Lá para o fim da tarde.

— Então, o que eu posso fazer ao certo?

— Pode dizer ao seu supervisor que só vai ali fora tomar um café. Não esqueça de trazer seus objetos de valor. Porque nunca mais voltará. Nunca.

CAPÍTULO 64

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

Uma datcha russa pode ser muitas coisas. Um palácio em madeira; um barracão rodeado de rabanetes e cebolas. A que ficava no final do caminho estreito estava entre esses dois extremos Era baixa e robusta, sólida como um navio e tinha sido claramente construída com força de braços bolcheviques. Não havia varanda nem degraus à frente, apenas uma pequena porta ao centro, à que se acedia por um sulco bem marcado na neve. De cada um dos la dos da porta, havia uma janela com vidraças. Em tempos que já lá iam, os caixilhos tinham sido verde-escuros; agora, estavam mais próximos do cinzento. As janelas tinham cortinas finas. A da direita mexeu-se ao mesmo tempo em que Mikhail estacionava o Range Rover e desligava o motor.

— Tire a chave.

— Tem certeza?

— Tire.

Mikhail tirou a chave e guardou-a no bolso do peito. Gabriel olhou de soslaio para as duas sentinelas. Estavam paradas a pouco mais de três metros da datcha, com as armas bem seguras à frente do peito. O seu posicionamento apresentava um certo desafio a Gabriel. Iria ter de disparar numa trajetória ligeiramente ascendente, para que as balas não estilhaçassem as janelas quando saíssem pelo crânio dos russos. Fez esse cálculo no tempo que Mikhail levou a pegar num termo cilíndrico. já andava a fazer cálculos nesse gênero desde que era um rapaz de 355 vinte e dois anos. Só havia que decidir mais uma coisa: qual das mãos? A direita ou a esquerda? Era capaz de dar aquele tiro com qualquer uma delas. Uma vez que sairia do Rover pelo lado do passageiro, decidiu disparar com a direita. Dessa maneira, não bateria com o silenciador no para-choque quando erguesse a arma.

— Tem certeza de que quer ficar com os dois, Gabriel?

— Os dois.

— Porque eu posso ficar com o da esquerda.

— Saia do carro.

Uma vez mais, Mikhail abriu a porta e saiu do carro. E, desta vez, Gabriel fez a mesma coisa, com a parca aberta e a Beretta enfiada na bainha das calças. Mikhail aproximou-se das sentinelas, que tagarelavam em russo. Qualquer coisa relacionada com café quente; qualquer coisa relacionada com o trânsito de Moscou e a merda que era; qualquer coisa relacionada com Ivan e o estado de fúria em que ele se encontrava. Gabriel não percebeu ao certo. E também pouco lhe interessava. Estava a olhar para o lugar, mesmo a seguir ao pneu direito da frente do Rover, onde iria pousar um joelho e acabar com mais duas vidas russas. Os guardas já não estavam a olhar para Mikhail mas um para o outro. Encolheram os ombros... abanaram as cabeças.

E Gabriel ajoelhou-se no seu lugar.

Mais dois clarões. Mais dois russos caídos por terra.

Nenhum som. Nenhuma janela partida.

Mikhail encostou o termos à frente da porta e recuou vários passos rapidamente.

A floresta de bétulas tremeu.

O silêncio tinha terminado.

Nas traseiras da datcha, três homens ergueram-se em simultâneo e avançaram lentamente pelo meio das árvores. Navot disse que não levantassem a cabeça. Haveria muito chumbo. Chiara endireitou-se subitamente, sobressaltada, com as mãos algemadas, os pés acorrentados, poeira e escombros chovendo na escuridão mais do que completa. Vindo lá de cima, ouviu o som de passos nas tábuas do assoalho. Disparos abafados. E, depois, gritos.

— Vem alguém aí, Grigori!

Mais disparos. Mais gritos.

— Levante-se, Grigori! Consegue levantar-se?

— Não sei bem.

— Tem de tentar.

Chiara ouviu um gemido.

— Ossos quebrados demais, Chiara, e muito pouca força.

Ela esticou as mãos algemadas para o meio da escuridão.

— Agarre minhas mãos, Grigori. Podemos fazer isso.

Passaram-se alguns segundos até conseguirem encontrar um ao outro na escuridão.

— Puxe, Grigori! Puxe-me para cima.

Ele voltou a gemer de dor ao puxar pelas mãos de Chiara. No instante em que o peso dela se centrou nas plantas dos pés, Chiara conseguiu endireitar as pernas e levantar-se. Foi então que, no meio dos disparos, ouviu outro som: a mulher da pele branca como leite e dos olhos translúcidos a descer as escadas apressadamente. Chiara foi aproximando da porta pouco a pouco, tendo cuidado para não tropeçar nas correntes, e apertou-se toda para se enfiar no canto. Não

sabia o que iria fazer, mas tinha certeza de uma coisa. Não iria morrer. Não sem dar luta.

Veio a descobrir-se que, afinal, nenhum dos telefones estava a funcionar. O de Yekaterina não funcionava; o que tinha sido incorporado a bordo do Bell também não funcionava; e, em toda a equipe de segurança, não havia um só telefone que funcionasse' Nem um único telefone. Isto, até o avião com as crianças se virar já em pleno voo. Nessa altura, os telefones passaram a funcionar às mil maravilhas. Ivan ligou para o Kremlin e não tardou muito até estar a falar com um assessor bastante próximo do presidente. Oleg Rudenko fez várias chamadas para os homens que tinha na datcha, mas nenhuma delas foi atendida. Deu uma olhadela ao relógio: 9h08. Estava prestes a verificar-se mais uma mudança de turno dos guardas a qualquer momento. Rudenko marcou o número do segurança que comandava a equipe e levou o telefone ao ouvido.

A combinação da onda de choque provocada pela explosão e do estampido ensurdecedor fez a maior parte do trabalho pesado por eles. Tudo o que Mikhail e Gabriel tinham de fazer era ocuparem-se de umas tantas pontas soltas.

A ponta solta número um foi o guarda que olhou pela janela por breves instantes. Gabriel tratou dele com uma rápida rajada de uma mini-Uzzi, poucos segundos depois de entrarem. Antes da explosão, outros dois estavam saboreando um café sossegados. Agora, jaziam estatelados no chão, afastados das armas. Gabriel varreu-os com uma descarga da Uzzi e entrou na cozinha, onde um quarto guarda fazia chá. Ele conseguiu disparar um tiro antes de receber várias balas no peito. O lado direito da datcha estava agora seguro.

A poucos metros de distância, Mikhail estava a ter o mesmo gênero de sucesso. Depois de seguir Gabriel pela porta rebentada, tinha localizado imediatamente dois guardas atarantados no hall central da datcha. Gabriel agachara-se instintivamente antes de

disparar os seus primeiros tiros, abrindo assim uma linha de fogo para Mikhail. E Mikhail aproveitara-a, disparando uma rajada prolongada de tiros por todo o hall, poucos centímetros acima da cabeça de Gabriel. A seguir, tinha rodado de imediato na direção da sala de estar. Um dos homens de Ivan estivera a ver na televisão o resumo de um importante jogo de futebol quando a carga explodiu. Agora, estava repleto de estuque e poeira e a procurar às cegas pela sua arma. Mikhail deitou-o ao chão com um tiro no peito.

— Onde está a moça? — perguntou em russo ao moribundo.

— No porão.

— Bom menino.

Mikhail deu-lhe um tiro na cara. Lado esquerdo da datcha assegurado.

Avançaram para a escada.

Enfiada no canto da cela às escuras, Chiara ouviu três sons numa rápida sucessão: um cadeado se abrindo, um ferrolho recuando e um trinco girando. A porta de metal deslocou-se, a raspar pelo chão, permitindo que um trapezoide de luz fraca entrasse na cela e iluminasse Grigori. A seguir, surgiu a Makarov nove milímetros, segurada por duas mãos. As mãos da mulher que tinha matado o bebê de Chiara com sedativos. A pistola afastou-se uns centímetros de Chiara e fez pontaria em Grigori. O rosto ferido dele não registrou medo algum. Sentia dor demais ter medo, exausto demais para resistir à morte. Chiara resistiu por ele. Lançando-se para a frente e saindo da escuridão, agarrou a mulher pelos pulsos e dobrou-os para trás. A arma disparou; naquela minúscula sala de concreto, pareceu um tiro de canhão. E depois disparou outra vez. E ainda uma terceira vez. Chiara não largou os pulsos da mulher. Por Grigori. Pelo bebê dela. Por Gabriel.

Ivan Kharkov era um homem de muitos segredos, muitas vidas. Ninguém sabia isso melhor do que Yekaterina, a sua antiga

amante convertida em esposa devota. Tal como Elena antes de si, tinha celebrado um pato insensato: em troca de ter todos os seus desejos materiais concedidos, não faria nenhuma pergunta. Nenhuma pergunta sobre os negócios de Ivan. Nenhuma pergunta sobre os amigos e os parceiros de negócios de Ivan. Nenhuma pergunta sobre o que teria levado Elena a decidir abrir mão das crianças. E, agora, nenhuma pergunta sobre o que teria levado as crianças a recusarem sair do avião. Em vez disso, tentou desempenhar o papel que 359 lhe atribuíra. Tentou pegar-lhe na mão, mas Ivan não queria que lhe tocassem. Tentou apaziguá-lo com algumas palavras, mas Ivan não queria ouvir, pois, por enquanto, apenas tinha olhos para Oleg Rudenko. O responsável pela segurança estava a gritar ao celular, sobrepondo-se ao barulho das hélices. Yekaterina ouviu palavras que desejava não ter ouvido. Quantos homens tens? Quantos minutos demoram a chegar lá? Nada de sangue! Estás a ouvir-me? Nada de sangue até nós lá chegarmos! Reuniu a coragem necessária para perguntar para onde estavam a ir. Ivan respondeu-lhe que não tardaria muito e ficaria a saber. Ela disse-lhe que queria ir para casa. Ivan mandou-a estar calada. Ela pôs-se a olhar pela janela do helicóptero. Algures lá em baixo, estava a sua antiga aldeia. A aldeia onde tinha vivido antes de ser descoberta pela mulher da agência de modelos. A aldeia cheia de bêbados e falhados. Fechou os olhos. Leva-me para casa, monstro. Por favor, leva-me para casa.

O jovem assessor abordou o presidente russo com considerável cautela, coisa que os assessores costumavam fazer, independentemente da idade que tivessem. O presidente inclinou-se para trás, afastando-se um pouco da mesa, e deixou que o assessor lhe sussurrasse ao ouvido, um privilégio raro. E depois o mesmo olhar outra vez, com o queixo colado ao peito e os olhos como punhais. Ele não parece muito contente — disse o primeiro-ministro britânico.

— Oh, sério? Como consegue ver isso?

— Imagino que as coisas não tenham corrido bem no aeroporto.

— Então, espere só até ele ouvir o encore.

Tinham-se lançado pela escada abaixo, em grande correria, e já iam a meio caminho quando soou o primeiro tiro. Mikhail ia à frente, Gabriel um passo atrás com a visão parcialmente obstruída. Já perto do fim da escada, foram recebidos por um cheiro horrível: o fedor de seres humanos encerrados há num lugar pequeno. O fedor da morte. A seguir, ecoou outro tiro. E depois outro. E outro...

Gabriel ouviu um grito, seguido por duas vozes completamente diferentes de mulheres gritando furiosamente. Eram completamente diferentes, porque uma das vozes gritava em russo, a outra em italiano.

Ao chegarem ao fim da escada, Gabriel correu atrás de Mikhail, escutando o som da voz de Chiara e rezando para não ouvir mais nenhum tiro. Mikhail abriu a porta da cela com força e entrou primeiro. Um homem estava encostado a um canto, mãos e os pés acorrentados e o rosto grotescamente distorcido. Chiara estava deitada de costas, com a russa em cima dela. Lutavam por uma pistola, agora muito perto do rosto de Chiara.

Mikhail pegou a arma e apontou-a para a parede e descarregou-a. Gabriel agarrou os cabelos da russa e meteu-lhe um único tiro na testa. Agora, havia apenas uma mulher chorando. Gabriel atirou a morta para longe e deixou-se cair de joelhos. Chiara, na sua agitação, julgou por instantes que ele era um dos homens de Ivan e recuou. Ele segurou seu rosto com as mãos e falou com ela baixinho, em italiano.

— Sou eu — disse. — Gabriel. Por favor, tente ficar calma. Temos de nos apressar.

CAPÍTULO 65

GROSVENOR SQUARE, LONDRES

Mais tarde, discutir-se-ia exatamente quanto tempo Gabriel e Mikhail tinham demorado a realizar a sua missão. A duração total foi de três minutos e doze segundos — uma proeza impressionante, ainda para mais tendo em conta o fato de ser preciso bem mais do que um minuto só para fazer de carro os cerca de oitocentos metros que separavam o primeiro posto de segurança da datcha propriamente dita. Desde a entrada até o resgate tinham passado uns assombrosos vinte e dois segundos. Silêncio, velocidade, timing... E coragem, claro. Se Chiara não tivesse decidido oferecer resistência e lutar pela sua vida, tanto ela com Grigori já estariam com certeza mortos na altura em que Gabriel e Mikhail chegaram à cave.

Graças ao milagre das comunicações avançadas e seguras via satélite, no Boulevard King Saul foi possível ouvir Gabriel sussurrar a Chiara suavemente e em italiano. Ninguém no Escritório de Operações percebeu o que estava a ser dito. Não era necessário. Só o próprio fato de Gabriel estar a falar em italiano com uma mulher histérica já lhes dizia tudo aquilo que precisavam de saber. A primeira fase da operação tinha sido um sucesso. Mikhail confirmou-lhes isso mesmo às 9h09m12s, hora de Moscou. E também confirmou que Grigori Bulganov, embora ferido com gravidade, se encontrava igualmente vivo.

Em Tel Aviv, soltou-se um grande rugido de alegria, com a pressão de vários dias de stresse e tristeza a ser libertada como vapor a sair de uma válvula. Os gritos de entusiasmo foram tão ruidosos,

que passaram dez longos segundos até Shamron conseguir perceber precisamente o que tinha acontecido. Quando deu a notícia a Adrian Carter e a Graham Seymour, um segundo urro de regozijo rebentou no anexo de Londres, seguido por um terceiro no Centro de Operações Globais, em Langley. Apenas Shamron se recusou a participar nos festejos. E com boas razões. Os números diziam tudo o que precisava de saber.

Cinco agentes.

Dois reféns enfraquecidos.

Quase um quilômetro da datcha até a estrada.

Duzentos e seis quilômetros até Moscou.

E Ivan no ar.

Shamron girou o seu velho zippo entre os dedos e olhou para o relógio: 9h09m52s.

Os números...

Ao contrário das pessoas, os números nunca mentiam. E os números não tinham grande aspeto.

Gabriel retirou as algemas e as correntes e levantou Chiara.

— Consegue andar?

— Não me deixe, Gabriel!

— Nunca te deixarei. Fica comigo! Consegue andar?

— Acho que sim.

Ele pôs o braço em volta da cintura dela e ajudou-a a subir as escadas.

— Tem que se apressar, Chiara.

— Não me deixe, Gabriel.

— Nunca te deixarei.

— Não me deixe aqui com eles.

— Todos já se foram, meu amor. Mas nós temos de nos apressar.

Chegaram ao alto da escada. Navot estava parado no meio do hall central, os corpos a seus pés; havia sangue nas paredes.

— Grigori está todo quebrado — disparou Gabriel em hebraico. — Tragam-no cá para cima.

Gabriel ajudou Chiara a passar por entre os corpos e avançou em direção ao buraco onde a porta estivera.

Chiara viu mais corpos. Corpos por todo lado. Corpos e sangue.

— Oh, meu Deus.

— Não olhe, meu amor. Continue só a andar.

— Oh, meu Deus.

— Anda, Chiara. Anda.

— Foi você que os matou, Gabriel? Você fez isto?

— Continua só a andar, meu amor.

Navot entrou na cela e viu de Grigori.

— Sacanas!

Olhou para Mikhail.

— Vamos colocá-lo em pé.

— Ele está em mau estado.

— Não quero saber. Vamos levantá-lo.

Grigori gritou de dor quando Mikhail e Navot puxaram por ele e o puseram em pé.

— Acho que não consigo andar.

— Não precisa.

Navot pegou o russo e o pôs no ombro, fazendo sinal com a cabeça para Mikhail.

— Vamos.

As portas de trás do Range Rover estavam agora abertas. Yaakov estava parado de um lado e Oded do outro. A poucos metros de distância, estavam dois cadáveres de russos, de braços abertos e as cabeças circundadas por auréolas de sangue. Gabriel fez Chiara passar pelos corpos e ajudou-a a entrar para o banco de trás. A seguir, virou-se e viu Navot a sair da datcha, com Grigori sobre o ombro.

— Põe-no no banco de trás com Chiara e mexe-se daqui.

Navot colocou Grigori dentro do carro com cuidado, ao mesmo tempo que Gabriel se instalou à frente, no lugar do passageiro. Mikhail tirou as chaves do bolso da parca e pôs o motor a trabalhar. Quando o Rover avançou disparado, Gabriel olhou rapidamente para trás, uma última vez.

Três homens. Correndo para as árvores.

Carregou a mini-Uzzi com um cartucho de munições novo e olhou para o relógio: 9h11m07s.

— Mais depressa, Mikhail. Vai mais depressa.

Seguiam pela estrada deserta a pouco menos de cento e sessenta quilômetros por hora: dois Range Rover pretos, cheios de antigos agentes das forças especiais russas e que agora faziam parte do serviço de segurança privada de Ivan Kharkov. No banco da frente do primeiro carro, um celular vibrou. Era Oleg Rudenko ligando do helicóptero.

— Onde estão?

— Perto.

Perto quanto?

— Muito...

Por razões que depressa se tornariam evidentes para Gabriel, o caminho que ia da datcha para a estrada não seguia a direito. Visto de um satélite espião americano, parecia-se bastante com um S invertido, desenhado pela mão de uma criança pequena. Visto do lugar do passageiro de um Range Rover a deslocar-se a grande velocidade, no final do Inverno, era um mar de branco. Neve branca, Bétulas brancas. E, logo ao virar da segunda curva, um par de faróis brancos a aproximar-se a um ritmo alarmantemente rápido. Instintivamente, Mikhail travou a fundo — um erro, em retrospetiva, já que isso acabou por dar uma ligeira vantagem ao outro carro, em termos de impacto. Os air bags evitaram-lhes ferimentos graves, mas deixaram Gabriel e Mikhail demasiado atordoados para 365 resistir

quando o Rover foi assaltado por vários homens. Gabriel ainda teve tempo de vislumbrar a coronha de uma pistola russa a fazer um arco em direção à sua cabeça. A seguir, houve apenas branco. Neve branca. Bétulas brancas. E Chiara a flutuar para longe dele, toda vestida de branco.

CAPÍTULO 66

GROSVENOR SQUARE, LONDRES

Para Shamron, o primeiro indício de que havia problemas foi o súbito silêncio na Boulevard King Saul. Por três vezes, pediu uma explicação. Por três vezes, não recebeu resposta.

Finalmente, uma voz: — Perdemos.

— O que quer dizer com isso, perdemos?

Tinham ouvido um barulho. Parecia ter sido uma colisão. Um choque. E depois vozes. Vozes russas.

— Tem certeza de que eram russas?

— Estamos ouvindo de novo as gravações. Mas temos certeza.

— E eles já tinham saído da propriedade de Ivan quando isso aconteceu?

— Achamos que não.

— E em relação aos rádios?

— Desligados.

— E onde está o resto da equipe?

— Saindo de lá, como planejado. — Uma pausa. — A não ser que queira mandá-los voltar.

Shamron hesitou. Claro que queria mandá-los voltar. Mas não podia. Era melhor perder três do que seis. Os números...

— Digam a Uzi para continuar. E nada de heroísmo. Digam para saírem dali o mais depressa possível.

— Certo.

— E mantenham a linha aberta. Avisem se ouvirem alguma coisa.

Shamron fechou os olhos durante uns segundos e, a seguir, olhou para Adrian Carter e Graham Seymour. Os dois homens só tinham ouvido a conversa do lado de Shamron, mas isso fora suficiente.

— A que horas Ivan saiu de Konakovo? — perguntou Shamron.

— Os helicópteros já estavam todos no ar às nove e dez.

— Qual é a duração do voo entre Konakovo e a datcha?

— Uma hora. Talvez um pouquinho mais, se o tempo estiver ruim.

Shamron olhou para o relógio: 9h14m56s.

Isso significava que Ivan aterrissar em Vladimirskaya por volta das 10h10. E era possível que já tivesse ordenado aos seus homens que matassem Gabriel e os outros. Possível, pensou Shamron, mas não provável. Conhecendo Ivan, ele reservaria esse privilégio para si mesmo.

Uma hora. Talvez um pouquinho mais, se o tempo estiver ruim.

Uma hora...

O Escritório não tinha capacidade para intervir nesse tempo. E os americanos e os britânicos também não. Nesta altura, apenas uma entidade a tinha: o Kremlin... O mesmo Kremlin que tinha permitido, para começar, que Ivan vendesse armas à Al-Qaeda. O mesmo Kremlin que tinha permitido que Ivan se vingasse da perda da mulher e dos filhos. Sergei Korovin admitira praticamente que Ivan pagara ao presidente russo pelo direito de sequestrar Grigori e Chiara. Talvez Shamron conseguisse arranjar uma maneira de cobrir

a proposta de Ivan. Mas quanto valeriam quatro vidas para o presidente russo, um homem que se dizia ser um dos mais ricos da Europa? E quanto valeriam para Ivan? Shamron teria de fazer uma jogada que Ivan não conseguisse acompanhar. E teria de fazê-la depressa.

Lançou uma olhada ao relógio, o Zippo girando entre os dedos.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda...

— Vou precisar de uma companhia petrolífera russa, senhores. Uma companhia petrolífera russa bem grande. E preciso dela em uma hora.

— E importa-se de me dizer onde vamos desencantar uma companhia petrolífera russa? — perguntou Carter.

Shamron olhou para Seymour.

— No número 43 de Cheyne Walk.

O celular de Rudenko tocou outra vez. Ficou ouvindo por vários segundos o que lhe diziam, sem qualquer expressão no rosto, e depois perguntou: — Quantos mortos?

— Ainda estamos contando.

— Contando?

— Foi ruim.

— Mas tem certeza de que é ele?

— Sem dúvida.

— Nada de sangue. Está ouvindo? Nada de sangue.

— Sim, estou.

Rudenko deixou cair a chamada. Estava prestes a fazer de Ivan um homem muito feliz. Tinha a única coisa no mundo que ele queria ainda mais do que os filhos.

Tinha Gabriel Allon.

Desta vez, foi o presidente americano que foi abordado por um assessor. E não apenas por um assessor qualquer, mas pelo seu chefe de gabinete. A troca de palavras desenrolou-se em sussurros e

foi curta. O rosto do presidente manteve-se sem expressão ao longo dela.

— Alguma coisa? — perguntou o primeiro-ministro britânico quando o chefe de gabinete se afastou.

— Parece que temos um problema.

— Que tipo de problema?

O presidente olhou para o lado oposto da mesa, na direção do seu colega russo.

— Complicações na floresta perto de Moscou.

— E há alguma coisa que possamos fazer?

— Rezar.

A limusine Jaguar de Graham Seymour estava estacionada na Upper Brook Street. Eram 6h20 em Londres quando ele entrou para o banco de trás. Com duas motos da Polícia Metropolitana de Londres a ladearem-no, dirigiu-se para sul, a caminho de Hyde Park Corner, virando para oeste, na Knightsbridge, e depois novamente para sul, na Sloane Street, seguindo até a Royal Hospital Road. Às 6h27, o carro encostava à frente da mansão de Viktor Orlov, em Cheyne Walk, e, às 6h30, Seymour entrava no majestoso escritório de Orlov, acompanhado pela badalada de um relógio de parede de bronze dourado. Orlov, que afirmava necessitar apenas de três horas de sono por noite, estava sentado à mesa, impecavelmente vestido e arranjado, com números dos mercados asiáticos correndo nas telas de computador. Na gigantesca televisão com ecrã de plasma, um jornalista da BBC, parado à porta do Kremlin, perorava em tom solene sobre uma economia global à beira do colapso. Orlov silenciou-o com um piparote no comando da televisão.

— O que estes idiotas sabem realmente, Mr. Seymour?

— Na verdade, posso dizer com grande certeza que sabem muito pouco.

— Está com ar de quem teve uma noite longa. Sente-se, por favor. Diga-me, Graham, em que posso ajudá-lo?

Foi uma pergunta que Viktor Orlov se arrependeria mais tarde de ter feito. A conversa que se seguiu não foi gravada; pelo menos, não pelo M15 nem por qualquer outro serviço secreto britânico. Durou oito minutos, bem mais longa do que Seymour teria preferido, mas isso era de esperar, pois Seymour estava pedindo a Orlov para abdicar para sempre de algo extremamente valioso. Na realidade, para Orlov, esse objeto já estava perdido. Mesmo assim, ainda se agarrou a ele com unhas e dentes nesta manhã, tal como o sobrevivente de uma bomba que acaba de explodir se agarra muitas vezes, em desespero, ao cadáver de alguém menos afortunado.

Não foi uma troca de palavras agradável, mas também isso era de esperar. Viktor Orlov dificilmente podia ser considerada uma pessoa agradável, mesmo nas melhores circunstâncias. Levantaram-se vozes e lançaram-se ameaças. Os empregados de Orlov, apesar de darem mostras de muita discrição, não puderam deixar de ouvir. Ouviram palavras como dever e honra. Ouviram com clareza a palavra extradição e, a seguir, passados poucos segundos, mandado de captura. Ouviram dois nomes, Sukhova e Chernov, e ficaram com a impressão de ter ouvido a visita inglesa dizer qualquer coisa sobre uma inspeção das atividades políticas e empresariais de Mr. Orlov em solo britânico. E, por fim, ouviram a visita dizer com toda a clareza: "Pode fazer o que é decente uma vez que seja na vida? Meu Deus, Viktor! Há quatro vidas em jogo! E uma delas é a de Grigori!"

E foi nessa hora que caiu um silêncio pesado. Passado um momento, a visita inglesa saiu do escritório, com expressão fechada e os olhos no relógio do pulso. Desceu as escadas de dois em dois degraus e entrou no banco de trás do Jaguar que o esperava. Quando a limusine se afastou em disparada, fez uma chamada para uma linha de emergência em Downing Street. Dois minutos mais tarde, falava diretamente com o primeiro-ministro, que tinha pedido licença para se ausentar momentaneamente do café da manhã da cúpula para atender o telefonema. Eram 6h42 em Londres e 9h42 na

datcha isolada, no meio da floresta de bétulas a leste de Moscou. O primeiro-ministro britânico voltou para a mesa.

— Acho que está na hora de termos uma conversa a três com o nosso amigo ali na frente.

— Espero que tenha alguma coisa boa para lhe propor.

— Tenho. A única questão é saber se ele será capaz de cumprir a parte do acordo que lhe cabe.

A visão dos dois líderes levantando-se ao mesmo tempo fez correr um murmúrio de ansiedade entre funcionários do Kremlin espalhados pelo salão, ao verem o café que tinham cuidadosamente planejado aproximar-se, inesperada e perigosamente, de algo fora do roteiro. A única pessoa que pareceu não ficar surpresa foi o presidente russo, já em pé quando os líderes britânico e americano chegaram a seu lado.

— Precisamos falar — disse-lhe o primeiro-ministro. — Em particular.

Saíram discretamente do Salão de São Jorge e entraram numa antecâmara, apenas com a presença dos seus assessores mais próximos. Tal como o encontro que acabara de ter lugar no escritório de Viktor Orlov, não foi uma situação agradável. Uma vez mais, levantaram-se vozes, mas ninguém fora da sala as ouviu. Quando os líderes de lá saíram, o presidente russo sorria visivelmente, um acontecimento raro. E também trazia um celular encostado ao ouvido. Mais tarde, ao serem questionados pela imprensa, os porta-vozes de cada um dos três líderes utilizaram todos precisamente a mesma linguagem para descrever o que se tinha passado. Tratara-se de uma questão de planejamento rotineira, nada mais. De planejamento, talvez, mas dificilmente rotineira.

CAPÍTULO 67

PRAÇA LUBYANKA, MOSCOU

No quarto andar do quartel-general do FSB, uma série de salas encontra-se ocupada pela unidade mais pequena e secreta da organização. Conhecida como o Escritório de Coordenação, o seu quadro de agentes experimentados lida apenas com casos de extrema sensibilidade política. Nessa manhã, pouco antes das dez, o seu chefe, o coronel Leonid Milchenko, estava rigidamente parado ao lado da sua mesa feita na Finlândia, com um telefone encostado ao ouvido. Embora Milchenko trabalhasse de fato para o presidente russo, as conversas diretas entre ambos eram raras. Esta foi curta e tensa. "Trate disso, Milchenko. E sem argoladas. Estamos entendidos?" O coronel disse "Da" várias vezes e desligou o telefone.

— Vadim!

Vadim Strelkin, o seu número dois, espetou a careca para dentro da sala.

— Qual é o problema?

— Ivan Kharkov.

— O que foi agora? — Milchenko explicou.

— Merda!

— Eu não o poderia ter dito melhor.

— Onde fica a datcha?

— Na província de Vladimirskaya.

— E qual é a distância exata?

— A suficiente para precisarmos de um helicóptero. Diz para pousar na praça.

— Não posso. Hoje, não.

— Por que não?

Strelkin apontou com a cabeça para o Kremlin.

— Todo o espaço aéreo dentro da circular exterior está fechado por causa da cúpula.

— Pois agora já não está.

Strelkin levantou o fone do telefone que se encontrava em cima da mesa de Milchenko e mandou vir o helicóptero.

— Já sei que há um encerramento, idiota! Faz isso e mais nada!

Desligou o telefone, batendo com toda a força. Milchenko estava parado junto ao mapa.

— Quanto tempo para chegar?

— Cinco minutos.

Milchenko calculou o tempo de viagem.

— Não temos chance de lá primeiro que Ivan.

— Deixa-me ligar diretamente ao Rudenko.

— Quem? — O Oleg Rudenko. O chefe de segurança de Ivan. Já foi um dos nossos. Talvez ele seja capaz de fazer com que Ivan tenha um pouco de bom senso.

— Fazer com que Ivan Kharkov tenha bom senso? Vadim, De repente, é melhor explicar-te uma coisa. Se ligares ao Rudenko, a primeira coisa que Ivan faz é matar aqueles reféns.

— Não se lhe dissermos que a ordem vem mesmo do topo.

Milchenko refletiu um pouco e, a seguir, abanou a cabeça. Não se pode confiar em Ivan. Vai dizer que eles já estão mortos. Mesmo que não estejam.

— E quem são essas pessoas?

— É complicado, Vadim. E é por isso que o presidente me concedeu esta grande honra. Escusado será dizer que há uma grande quantidade de dinheiro em jogo... para a Rússia e para o presidente.

— Como assim?

— Se os reféns acabarem vivos, dinheiro. Caso contrário...

— Nada de dinheiro?

— Tem um futuro risonho à tua frente, Vadim.

Strelkin juntou-se a Milchenko junto ao mapa.

— Pode haver outra maneira de conseguirmos fazer chegar lá algum poder de fogo rapidamente.

— Sou todo ouvidos.

— As forças do Grupo Alfa estão dispostas por toda a Moscou por causa da cúpula. Se não me engano, ocupam as suas posições em todas as principais autoestradas que vão dar na cidade.

— Para fazer o quê? Dirigir o trânsito?

— Procurar terroristas chechenos.

É claro, pensou Milchenko. Estavam sempre à procura de chechenos, mesmo quando não havia nenhum checheno por perto. Faz a chamada, Vadim. Vê se há alguns Alfas que estejam pela M7.

Strelkin assim fez. E havia. Um par de helicópteros poderia recolhê-los em menos de dez minutos.

— Envia-os, Vadim.

— Por ordem de quem?

— Do presidente, claro.

Strelkin deu a ordem.

— Tem um futuro risonho a sua frente, Vadim.

Strelkin olhou pela janela.

— E você tem um helicóptero.

— Não, Vadim, nós temos um helicóptero. Não vou lá sozinho.

Milchenko pegou o sobretudo e encaminhou-se para a porta, seguido de perto por Strelkin. Cinco graus negativos e neve a cair e ele ia para a província de Vladimirskaya salvar três judeus e um traidor russo das garras de Ivan Kharkov. Não era exatamente a maneira como tinha contado passar o dia.

Embora o coronel não soubesse, as quatro pessoas cujas vidas estavam agora em suas mãos encontravam-se naquele momento sentadas ao longo das quatro paredes da cela, cada uma encostada à sua, com os pulsos bem amarrados atrás das costas, as pernas

esticadas e os pés a tocarem uns nos outros. A porta da cela estava entreaberta; dois homens, de armas prontas para disparar, estavam de guarda logo à saída. O murro que derrubara Mikhail tinha-lhe aberto uma ferida profunda por cima do olho esquerdo. Gabriel fora atingido por trás da orelha direita e o seu pescoço era agora um rio de sangue. Vítima de demasiadas pancadas, estava a sentir dificuldades em silenciar os sinos que lhe ecoavam nos ouvidos. Mikhail inspecionava o interior da cela, olhando em redor como se procurasse uma saída. Chiara estava a observá-lo, tal com Grigori. Em que está a pensar? — murmurou ele em russo. — Com certeza que não está a pensar em tentar escapar, não? Mikhail olhou de soslaio para os guardas.

— E dar àqueles macacos uma desculpa para me matarem? Isso nem me passaria pela cabeça.

— Então, o que a cela tem de tão interessante?

— O simples fato de existir.

— O que significa que...?

— Você teve uma datcha, Grigori?

— Tivemos uma quando era garoto.

— O seu pai era do partido?

Grigori hesitou e, a seguir, assentiu com a cabeça.

— Por uns tempos.

— O que aconteceu?

— Meu pai e o partido foram cada um para o seu lado.

— O seu pai era um dissidente?

— Dissidente, refusenik ... é uma questão de escolher a palavra, Grigori. Acabou por odiar o partido e tudo aquilo que ele representava. Foi por isso que foi parar em sua lojinha dos horrores.

— E ele tinha uma datcha?

— Até o KGB tomá-la. E digo uma coisa, Grigori. Não havia uma sala no porão como esta. Na verdade, nem sequer havia um porão.

— Na nossa também não.

— Tinham um chão?

— Um muito tosco — respondeu Grigori, conseguindo soltar um sorriso. — O meu pai não era um funcionário muito importante do partido.

— Lembra-se de todas as regras malucas?

— Como podíamos esquecer delas? Não era permitido ter aquecimento. As datchas não podiam ter mais de vinte e cinco metros quadrados.

— O meu pai contornou as restrições acrescentando uma varanda. Nós costumávamos dizer na brincadeira que era a maior varanda da Rússia.

— A nossa era maior, tenho certeza.

— Mas nada de cave, não era, Grigori? Nada de cave.

— Então, porque permitiram que este tipo construísse uma cave? — Ele devia ser do partido.

— Isso nem é preciso dizer.

— De repente, guardava o vinho cá em baixo.

— Vá lá, Grigori. É capaz de fazer melhor do que isso.

— Carne? De repente, gostava de carne.

— Devia ser um funcionário muito importante do partido para precisar de um frigorífico deste tamanho para carne.

— Tem alguma outra teoria? — Utilizei mais ou menos um quilo de explosivos para rebentar com a porta da frente. Se tivesse colocado uma carga assim tão grande à frente da nossa antiga datcha, isso teria feito com que todo o lugar viesse abaixo.

— Não me parece que esteja a compreender.

— Este lugar foi bem construído. Feito sob medida. Olhe para o concreto, Grigori. Isto é material do bom. Não é aquela trampa que davam a nós e ao resto das pessoas. Daquela trampa que costumava cair aos pedaços e desfazer-se em pó passado um Inverno. É velho,

este lugar. O caruncho ainda não se tinha instalado no sistema quando o construíram.

— Velho a que ponto?

— Anos trinta, diria eu.

— Do tempo de Stalin ? Que descanse em paz.

Gabriel levantou o queixo do peito. Em hebraico, perguntou: — Mas do que raio vocês estão aí falando?

— De arquitetura — respondeu Mikhail. — Da arquitetura das datchas, para ser mais preciso.

— E há alguma coisa que queira dizer, Mikhail?

— Há algo neste lugar que não combina — afirmou Mikhail, mexendo o pé. — Por que há um cano de esgoto no meio deste assoalho, Gabriel? E o que são aquelas depressões lá fora?

— Diga você, Mikhail.

Mikhail ficou em silêncio por um momento. E depois mudou de assunto: — Como está a tua cabeça? Ainda continuo a ouvir coisas.

— Os sinos continuam?

Gabriel fechou os olhos e deixou-se ficar sem mexer um músculo.

— Não, os sinos, não.

— Helicópteros.

CAPÍTULO 68

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

Em sua ascensão rumo à riqueza e ao poder, Ivan Kharkov aprendeu a fazer uma entrada. Sabia entrar num restaurante ou no hall de um hotel de luxo. Sabia entrar numa sala de reuniões repleta

de rivais ou na cama de uma amante. E sem dúvida que sabia entrar numa cela úmida com quatro pessoas que mataria com as próprias mãos. O que era intrigante era o fato de o seu desempenho variar tão pouco de um local para o outro. Com efeito, observar Ivan agora era o mesmo que imaginá-lo parado à entrada do Le Grand Joseph ou da Vila Romana, os seus antigos redutos em Saint-Tropez. E, embora fosse um homem com muitos inimigos, Ivan nunca gostava de apressar as coisas. Preferia inspecionar uma sala e deixar que, por seu turno, a sala o inspecionasse também a ele. Gostava de exibir a sua roupa. E o relógio de pulso, com um mostrador do tamanho de um relógio de sol, para o qual, por razões que apenas ele conhecia, se encontrava agora a olhar, como se estivesse irritado com um maître por este o fazer esperar cinco minutos por uma mesa que lhe estava prometida.

Ivan baixou o braço e enfiou a mão no bolso do sobretudo, que se encontrava desabotoado; como se ele estivesse a antecipar um esforço físico. O seu olhar deslizou pela cela lentamente, fixando-se primeiro em Grigori, depois em Chiara a seguir em Gabriel e, por fim, em Mikhail. A presença deste último pareceu animá-lo: era um bónus, um ganho trazido por um golpe de sorte. Mikhail e Ivan tinham uma história conjunta. Mikhail tinha jantado com Ivan' Mikhail tinha sido convidado para um almoço na villa de Ivan. E Mikhail tinha tido um caso com a mulher de Ivan. Pelo menos, era isso que Ivan pensava. Pouco antes da queda de Ivan, dois dos seus capangas tinham dado uma grande tareia a Mikhail, num café no Velho Porto de Saint-Tropez. Fora apenas um mero aperitivo. A julgar pela expressão de Ivan, estava a ser preparado um banquete de dor. E ele e Mikhail iriam saboreá-lo em conjunto. O seu olhar foi deslocando vagarosamente, para trás e para a frente, como um holofote a percorrer um campo aberto, e acabou por se deter uma vez mais em Gabriel. A seguir, falou pela primeira vez. Gabriel tinha passado horas a ouvir gravações da voz de Ivan, mas nunca a ouvira

em pessoa. O inglês de Ivan, embora perfeito, possuía o sotaque de um propagandista da velha Rádio Moscou, nos tempos da guerra fria. O seu tom de voz cheio e de barítono fez as paredes da cela vibrarem.

— Fico tão satisfeito por poder ter proporcionado o seu reencontro com a sua mulher, Allon. Pelo menos, um de nós cumpriu a parte do acordo que lhe competia.

— E que acordo foi esse?

— Eu libertaria sua mulher e você devolvia meus filhos.

— Anna e Nikolai aterrissaram hoje em Konakovo às nove da manhã.

— Não sabia que tratava meus filhos pelo nome.

Gabriel olhou para Chiara e depois fitou Ivan, correspondendo a seu olhar de ferro.

— Se minha mulher estivesse na porta da embaixada às nove horas, seus filhos estariam agora com você. Mas minha mulher não estava lá. E, por isso, seus filhos estão neste momento de volta à América.

— Acha que sou imbecil, Allon? Você nunca pensou em deixar meus filhos saírem daquele avião.

— A decisão foi deles, Ivan. Ouvi dizer que até lhe mandaram um bilhete.

— Era uma falsificação evidente, como aquele quadro que vendeu a minha mulher. O que me lembra: você me deve dois milhões e meio de dólares, sem falar nos vinte milhões que seu serviço secreto roubou de minhas contas bancárias.

— Se me emprestar o telefone, Ivan, trato de providenciar uma transferência bancária.

— Meus telefones parecem não funcionar muito bem hoje — respondeu Ivan, encostando o ombro na porta e passando a mão pelo cabelo grisalho e espesso. — É uma pena, realmente.

— O que, Ivan?

— Meus homens acham que vocês só estavam a dez segundos da entrada da propriedade na altura do choque. Se tivessem conseguido chegar à estrada, talvez tivessem podido voltar a Moscou. Suspeito que provavelmente teriam conseguido se não tivessem tentado levar Bulganov junto. Teria sido bem mais inteligente deixá-lo para trás.

— Era isso que você teria feito, Ivan?

— Sem dúvida. Deve se sentir muito estúpido neste preciso momento.

— E por quê? — Você e a sua adorável mulher vão morrer por você ter sido demasiado decente para deixar para trás um traidor e desertor ferido. Mas essa sempre foi a sua fraqueza, não foi, Allon? A sua decência.

— Prefiro as minhas fraquezas às suas, Ivan.

— Algo me diz que pode não ter a mesma opinião daqui a uns minutos — respondeu Ivan, exibindo um sorriso de desprezo. Só por curiosidade, como conseguiu descobrir onde eu tinha prendido a sua mulher e Bulganov?

— Você foi traído.

Uma palavra que Ivan compreendia. Franziu o sobrolho carregado.

— Por quem?

— Por pessoas em quem achava que podia confiar.

— Como pode calcular, Allon, eu não confio em ninguém... especialmente no que diz respeito às pessoas que supostamente me são mais próximas. Mas iremos discutir esse assunto de uma forma mais pormenorizada daqui a pouco. Deu uma olhadela à sala com alguma perplexidade estampada no rosto, como se estivesse a debater-se com um teorema matemático. — Diga-me uma coisa, Allon: onde está o resto da sua equipe?

— Está olhando para ela.

— Sabe quantas pessoas morreram aqui hoje de manhã?

— Se me der um minuto, tenho certeza...

— Quinze, na maioria antigos membros do Grupo Alfa e da OMON — interrompeu ele, olhando para Mikhail.

— Nada mau para um especialista de informática que trabalhava para uma organização de direitos humanos sem fins lucrativos. Por favor, Mikhail, pode me lembrar o nome do grupo?

— Centro Dillard para a Democracia.

— Ah, sim, é isso mesmo. Suponho que o Centro Dillard acredita no recurso à força bruta quando necessário — disse ele, voltando a sua atenção de novo para Gabriel e repetindo a pergunta inicial.

— Não brinque comigo, Allon. Eu sei que você e o seu amigo Mikhail são muito bons, mas não há hipótese de conseguirem fazer isso tudo sozinhos. Onde está o resto dos seus homens? Gabriel ignorou a pergunta e fez ele uma: — O que provocou aquelas depressões na floresta, Ivan? Ivan pareceu surpreso. No entanto, recuperou rapidamente, como um pugilista que se restabelece dos efeitos de um soco. Já vai ficar a saber. Mas primeiro precisamos conversar mais. Vamos fazê-lo lá em cima, sim? Este lugar cheira a merda.

Ivan foi embora. Apenas seu cheiro ficou. Sândalo e fumo.

O cheiro do poder. O cheiro do diabo.

CAPÍTULO 69

GROSVENOR SQUARE, LONDRES

A mensagem vinda do PDA seguro de Uzi Navot surgiu no anexo de Londres e no Boulevard King Saul em simultâneo, às 10h17, hora de Moscou.

HELICÓPTEROS DE IVAN ATERRISSARAM NA DATCHA... AGUARDO INSTRUÇÕES...

Shamron pegou rapidamente o telefone com ligação para Tel Aviv.

— O que ele quer dizer com instruções?

— Uzi pergunta se o senhor quer que eles voltem para a datcha.

— Achei que tinha deixado minha vontade bem clara, sem ambiguidades.

— Continuar a seguir para Moscou?

— Correto.

— Mas...

— Isto não é uma discussão.

— Certo, chefe.

Shamron desligou o telefone, batendo com o fone com toda a força. Adrian Carter fez o mesmo.

— O conselheiro de segurança nacional do presidente acabou de falar com seu equivalente russo no Kremlin.

— E?

— O FSB está perto. Tropas do Grupo Alfa, mais dois homens importantes de Lubyanka.

— Tempo de chegada previsto?

— Esperam aterrissar às dez e quarenta e cinco, hora de Moscou.

Shamron olhou para o relógio: 10h 19m49s.

Enfiou um cigarro na boca. O seu isqueiro soltou uma chama. Não havia mais nada a fazer agora a não ser esperar. E rezar para que Gabriel conseguisse lembrar-se de alguma maneira de se manter vivo durante mais vinte e cinco minutos. Nesse mesmo momento, um velho Lada, transportando Yaakov, Oded e Navot, estava encostado à beira de uma estrada congelada de duas faixas. Atrás

deles, havia uma sucessão de aldeias. À frente, a M7 e Moscou. Oded estava ao volante, Yaakov ia no banco de trás, apertado, e Navot à frente, no lugar do passageiro. Os pequeninos limpa-pára-brisas do Lada iam raspando na neve que se acumulava no pára-brisas. O descongelador, um eufemismo como mais nenhum outro, estava a fazer mais mal do que bem. Navot ia completamente absorto. Não tirava os olhos da tela do PDA seguro e ia vendo os segundos a passarem no seu relógio digital. Por fim, às 10h20, uma mensagem. Ao lê-la, praguejou baixinho para si próprio e voltou-se para Oded.

— O Velho quer que voltemos para Moscou.

— E o que fazemos?

Navot cruzou os braços à frente do peito.

— Não nos mexemos.

O helicóptero era um M-8 reconfigurado, com velocidade máxima de duzentos e sessenta quilômetros por hora, um pouco mais devagar quando o vento uivava da Sibéria e a visibilidade não ultrapassava os oitocentos metros, na melhor das hipóteses. Lá dentro, viajava uma tripulação de três pessoas e um complemento de dois Passageiros apenas: o coronel Leonid Milchenko e o major Vadim Strelkin, ambos do Escritório de Coordenação do FSB. Strelkin, que não gostava nada de voar, estava a fazer um grande esforço Para não vomitar. Milchenko, de fones com microfone nos ouvidos ia ouvindo a conversa que decorria no cockpit e espreitava Pela janela.

Tinham transposto a circular exterior cinco minutos após deixarem Lubyanka e encontravam-se agora a deslocar-se para leste a toda a velocidade, utilizando a M7 como um guia. rudimentar. Milchenko conhecia bem as cidades — Bezmenkovo, Chudinka, Obukhovo — e o seu estado de espírito ia pesando mais a cada quilômetro que se afastavam de Moscou. A Rússia vista do ar não era muito melhor do que a Rússia ao nível do chão. Olhem para ela, pensou Milchenko. Foi uma coisa que não aconteceu da noite para o

dia. Foram precisos séculos de czares, secretários-gerais e presidentes para produzir semelhantes destroços, e agora Milchenko tinha como missão esconder os seus segredos sujos. Carregou numa tecla para ligar o microfone e pediu uma estimativa do tempo de chegada. Quinze minutos, foi o que responderam. Vinte, no máximo.

Vinte, no máximo... Mas o que ele encontraria quando chegasse? E o que levaria de lá? O presidente tinha deixado sua vontade bem clara.

"É imperativo que os israelenses saiam de lá vivos. Mas se Ivan precisar derramar um pouquinho de sangue, dê-lhe seu amigo, Bulganov. É um cão. Deixe-o morrer como um cão." Mas e se Ivan não quisesse abrir mão dos judeus? O que fazer então, senhor presidente? O que fazer então, de fato. Milchenko ficou a olhar fixamente pela janela, com uma expressão taciturna. As cidades iam ficando agora cada vez mais espaçadas. Mais campos de neve. Mais bétulas. Mais lugares para morrer... Milchenko estava prestes a encontrar-se numa posição nada invejável, preso entre Ivan Kharkov e o presidente russo. Aquela era uma missão que só poderia revelar-se infrutífera. E, se não tivesse cuidado, também ele era capaz de morrer como um cão.

CAPÍTULO 70

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

Os mortos estavam amontoados como pilhas de madeira, à beira das árvores, vários deles com buracos de bala perfeitos nas testas e os restantes eram uma salgalhada sangrenta. Ivan não lhes prestou nenhuma atenção ao passar pela entrada em ruínas e avançar para a parte lateral da datcha. Gabriel, Chiara, Grigori e Mikhail seguiram-no, com as mãos ainda amarradas atrás das costas e guarda-costas a segurá-los pelo braço. Obrigaram-nos a ficar encostados à parede exterior, com Gabriel numa ponta e Mikhail na outra. A neve dava-lhes pelos joelhos e continuava a cair. Ivan foi deslocando no meio dela lentamente, empunhando uma grande pistola Makarov. O fato de as suas calças e sapatos dispendiosos estarem a estragar-se pareceu ser o único ponto negro no que era, fora isso, uma ocasião festiva.

O herói de Ivan, Stalin, gostava de brincar com as suas vítimas. Os condenados eram inundados de privilégios especiais, confortados com promoções e promessas de novas oportunidades para servirem o seu senhor e a pátria. Ivan não fingia ter essa compaixão; não havia qualquer tentativa de enganar quem estava prestes a morrer. Ivan era da Quinta Direção Principal. Alguém que partia ossos, que esmagava cabeças. Depois de passar uma última vez à frente dos seus prisioneiros, escolheu a primeira vítima. Gostou do tempo que passou com a minha mulher? — perguntou a Mikhail em russo.

— Ex-mulher — disse Mikhail na mesma língua. — E, sim, gostei muitíssimo do tempo que passei com ela. É uma mulher formidável. Você devia tê-la tratado melhor.

— Foi por isso que ma levou? — Não tive de a levar. Ela veio a cambalear para os nossos braços.

Mikhail nem viu a pancada a chegar. Uma bofetada com as costas da mão, de baixo para cima. Sem saber bem como, conseguiu manter-se de pé. Os guardas de Ivan, que formavam um semicírculo na neve, acharam aquilo divertido. Chiara fechou os olhos e começou a tremer de medo. Gabriel encostou o ombro ao dela suavemente. E, em hebraico, murmurou: — Tente manter-se calma. O Mikhail está a fazer o que deve.

— Só o está deixando mais furioso.

— Exatamente, meu amor. Exatamente.

Ivan estava agora a esfregar as costas da mão, como que para provar que também tinha sentimentos.

— Eu confiei em você, Mikhail. Abri as portas da minha casa a você. E você me traiu.

— Foi tudo apenas negócios, Ivan.

— Sério? Apenas negócios? Elena falou daquela pequena villa de merda, nas colinas de Saint-Tropez. Falou-me do almoço que você lá tinha à espera. E do vinho. O rosé de Bandol. O preferido dela. Bem gelado. Como ela gosta.

Outra bofetada com as costas da mão e com tanta força, que fez Mikhail ir de encontro à parede. Com as mãos ainda amarradas, era incapaz de se manter em pé sozinho. Ivan agarrou seu casaco e levantou-o sem nenhuma dificuldade.

— Ela me contou sobre o quartinho de merda onde fizeram amor.

— E até me falou das reproduções de Monet penduradas na parede. Curioso, não acha? Elena tinha dois Monets verdadeiros em

casa. E, no entanto, você a levou para um quarto com dois pôsteres de Monet na parede. Lembra deles, Mikhail?

— Nem tanto.

— Por que não?

— Estava ocupado olhando para sua mulher.

Desta vez, foi um murro que mais parecia uma marretada. Abriu outro golpe profundo no rosto de Mikhail, a centímetros do olho esquerdo. Ao mesmo tempo que os guardas o punham de pé, puxando-o para cima, Chiara implorou a Ivan que parasse. Ivan a ignorou. Estava apenas começando.

— Elena disse que você foi um perfeito cavalheiro. Que fizeram amor duas vezes. Que você queria fazer amor uma terceira vez, mas que ela se recusou. Tinha de se ir embora. Tinha de ir para casa ter com os filhos. Agora já se lembra, Mikhail?

— Lembro, Ivan.

— Todas estas coisas eram mentiras, não eram? Você engendrou esta história de um encontro romântico para me enganar. Nunca fez amor com minha mulher naquela villa. Ela contou da minha operação. E, a seguir, planejaram a deserção dela e o roubo dos meus filhos.

— Não, Ivan.

— Não, o quê?

— O almoço estava à nossa espera. E o rosé também. De Bandol. O preferido da Elena. Fizemos amor duas vezes. Ao contrário de você, eu fui um perfeito cavalheiro.

O joelho subiu. Mikhail foi ao chão. E ficou no chão.

Agora, era a vez de Gabriel.

Os homens de Ivan não se tinham dado ao trabalho de tirar o relógio a Gabriel. Estava preso ao pulso esquerdo e o pulso estava bem encostado ao rim. Ainda assim, na sua mente, Gabriel conseguia imaginar os números digitais a avançarem. Da última vez que tinha confirmado, eram 9h11m07s. O tempo tinha parado com o

choque entre os carros e recomeçara com a chegada de Ivan, de Konakovo. Gabriel e Shamron tinham escolhido o velho aeródromo por uma razão: criar espaço entre Ivan e a datcha. Criar tempo, Para o caso de alguma coisa correr mal. Gabriel chegou à conclusão de que passara pelo menos uma hora desde o momento em que tinham sido capturados e o momento da chegada de Ivan. E sabia que Shamron não passara essa hora a tratar dos preparativos para um funeral. Agora, Gabriel e Mikhail tinham de ajudar a sua própria causa dando a Shamron uma coisa: tempo. E, por mais estranho que parecesse, teriam de conseguir que Ivan funcionasse como seu aliado. Tinham de manter Ivan furioso. Tinham de manter Ivan a falar. Quando Ivan se calava, aconteciam coisas más. Países desfaziam-se aos pouquinhos. Pessoas morriam.

— Foi idiota da sua parte regressar à Rússia, Allon. Eu sabia que você o faria, mas foi à mesma idiota.

— E porque não me matou simplesmente na Itália e despachou logo tudo? — Porque há certas coisas que um homem tem de fazer ele próprio. E, graças a você, não posso ir à Itália. Não posso ir a lado nenhum.

— Não gosta da Rússia, Ivan?

— Adoro a Rússia — respondeu ele, com um breve sorriso. — Especialmente a distância.

— Então, suponho que exigir seus filhos de volta era uma mentira... como concordar em devolver minha mulher sã e salva.

— Acho que sã e salva foram palavras que Korovin e Shamron usaram em Paris. E, não, Allon, não era mentira. Eu quero mesmo recuperar meus filhos — disse, olhando de relance para Chiara. — Calculei que, se raptasse a sua mulher, teria pelo menos uma hipótese remota de os recuperar.

— Sabia que Elena e as crianças moravam na América.

— Digamos que tinha fortes suspeitas de que fosse esse o caso.

— Então, por que não sequestrou um alvo americano?

— Duas razões. Antes de mais nada, o nosso presidente não o teria permitido, uma vez que isso causaria com certeza a ruptura completa nas nossas relações com Washington.

— E a segunda razão?

— Não teria sido um investimento inteligente, em tempo e recursos.

— Importa-se de explicar?

— Com certeza — lançou Ivan, num tom repentinamente jovial.. — Como todo mundo sabe, os americanos têm política contrária às negociações com sequestradores e terroristas. Mas vocês, israelenses, operam de maneira diferente. Por serem um país pequeno, a vida para vocês é muito preciosa. E isso significa que entrarão de imediato em negociações quando há vidas inocentes em jogo. Meu Deus, até são capazes de trocar dezenas de assassinos comprovados para recuperar os corpos dos seus soldados mortos. O seu amor à vida torna-os um povo fraco, Allon. Foi sempre assim.

— Portanto, calculou que fôssemos exercer pressão sobre os americanos para eles devolverem as crianças?

— Não sobre os americanos — retorquiu Ivan. — Sobre Elena. A minha ex-mulher é bem parecida com os judeus: trapaceira e fraca.

— E porquê o intervalo entre o sequestro de Grigori e o da Chiara? Ordenado pelo czar. Grigori serviu mais ou menos como uma experiência. O nosso presidente queria ver como os britânicos iriam reagir a uma clara provocação no seu próprio solo. Quando viu que havia apenas fraqueza, deu-me autorização para enterrar um pouquinho mais a faca.

— Raptando a minha mulher e tentando abertamente apoderar-se dos seus filhos? — Correto — soltou Ivan. — E, para o nosso presidente, a sua mulher era um alvo legítimo. Afinal de contas, você e os seus amigos americanos executaram uma operação

ilegal em solo russo no Verão passado... uma operação que resultou na morte de vários dos meus homens, já para não falar no roubo da minha família.

— E se a Elena se tivesse recusado a devolver o Nikolai e a Anna? Ivan sorriu.

Nesse caso, tinha certeza de que o apanharia a si.

Pronto, agora já me apanhou, Ivan. Solte os outros.

O Mikhail e Grigori? — Ivan abanou a cabeça.

— Eles traíram a minha confiança. E você sabe o que nós fazemos aos traidores, Allon.

Virshqya mera.

Ivan levantou o queixo, numa demonstração de admiração fingida.

— Bastante impressionante, Allon. Estou a ver que já apanhou um pouquinho de russo nas suas viagens pelo nosso país.

— Solte-os, Ivan. Solte Chiara.

— Chiara? Oh, não, Allon, isso também não é possível. É que, você sabe, você levou minha mulher. E agora vou levar a sua. É assim a justiça. Exatamente como no seu livro judeu. Vida por vida, olho por olho, dente por dente, queimadura por queimadura, ferida por ferida.

— Chama-se Livro do Êxodo, Ivan.

— Sim, eu sei. Capítulo vinte e um, se a memória não me falha. E as suas leis declaram muito claramente que me é permitido levar a sua mulher por me ter levado a minha. É pena que não tenha tido um filho, porque também o levaria. Mas a OLP já fez isso, não foi? Em Viena. Chamava-se Daniel, não era? Gabriel atirou-se a ele. Ivan desviou-se com destreza e deixou que Gabriel caísse de cabeça na neve. Os guardas deixaram-no ficar ali deitado por um momento — um momento precioso, pensou Gabriel —, antes de voltarem a pô-lo em pé. Ivan sacudiu-lhe a neve da cara.

— Eu também sei coisas, Allon. Sei que você estava lá naquela noite em Viena. Sei que viu o carro a explodir. Sei que tentou tirar a sua mulher e o seu filho do meio das chamas. Lembra-se do aspeto do seu filho quando finalmente o conseguiu tirar para fora das chamas? Pelo que ouvi dizer, não era lá muito bonito. Outra investida fútil. Outra queda na neve. Uma vez mais, os guardas deixaram-no ficar ali deitado, com a cara a arder de frio.

E de raiva.

Tempo... Tempo precioso...

Voltaram a levantá-lo. Desta vez, Ivan não se deu ao trabalho de afastar a neve.

— Mas voltemos ao tema da traição, Allon. Como você conseguiu descobrir onde eu tinha prendido Grigori e a sua mulher? — Disse-me o Anton Petrov.

O rosto de Ivan ficou vermelho.

E como chegou até o Petrov? Vladimir Chernov.

Os olhos dele estreitaram-se.

E ao Chernov? Você foi traído outra vez, Ivan... traído por alguém que você pensava ser um amigo.

O soco foi aterrissar no abdômen de Gabriel. Apanhado desprevenido, dobrou-se, expondo-se assim ao joelho de Ivan, que o fez cair novamente na neve, desta vez aos pés de Chiara. Ela olhou para ele demoradamente; a sua cara era uma máscara de terror e sofrimento.

Ivan cuspiu e agachou-se ao lado de Gabriel. Não desmaie já, Allon, porque ainda tenho mais uma pergunta. Gostava de ver a sua mulher a morrer? Ou prefere morrer à frente dela? Solte-a, Ivan.

— Olho por olho, dente por dente, mulher por mulher.

Olhou para os guarda-costas. Levantem-me este monte de lixo.

CAPÍTULO 71

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

Navot foi o primeiro a reparar no helicóptero. Vinha de Moscou, deslocando-se perigosamente depressa, a uns sessenta metros do chão. Noventa segundos depois, passaram num ápice mais dois exatamente iguais por cima deles.

— Volte, Oded.

— E nossas ordens?

— Que se danem nossas ordens! Volte!

Tempo...

O tempo fugia. Ia-se movendo furtivamente pelo meio da floresta, de bétula a bétula. O tempo era agora inimigo deles. Gabriel sabia que tinha de apoderar-se dele. E, para isso, precisava da ajuda de Ivan. Mantém-no a falar, pensou. Acontecem coisas más quando Ivan pára de falar.

Por enquanto, Ivan ia liderando silenciosamente a procissão de morte ao longo de uma trilha da floresta coberta de neve, agarrando o braço de Chiara com mão gigantesca. Ladeados por guarda-costas, Gabriel, Mikhail e Grigori seguiam mais atrás.

Mantenha-o falando...

— O que provocou as depressões na floresta, Ivan?

— Por que está assim tão interessado nas depressões?

— Me lembram de uma coisa.

— Não me surpreende. Como descobriram?

— Satélites. São vistas direitinho do espaço. Muito retinhas. Muito regulares.

— Já são antigas, mas os homens que as escavaram fizeram um belo trabalho. Com escavadeira. Ainda está aqui, se quiser vê-la. Deixou de funcionar há anos.

— Então, como agora escavam, Ivan?

— Com o mesmo método, mas com uma máquina nova. É americana. Digam o que disserem dos americanos, eles continuam fabricando escavadeiras danadas de boas.

— O que está nas fossas, Ivan?

— Você é um rapazinho esperto, Allon. Parece conhecer um pouquinho da nossa história. Diga você.

— Presumo que sejam valas comuns da época do Grande Terror.

— Grande Terror? Isso é uma calúnia ocidental inventada pelos inimigos do Koba.

Koba era o nome de Stalin no partido. Koba era o herói de Ivan.

— E como chamaria a tortura e o assassinato sistemáticos de 750 mil pessoas, Ivan?

Ivan pareceu ponderar seriamente a questão.

— Penso que chamaria de limpeza já muito atrasada da floresta. O partido já estava no poder há praticamente vinte anos. Havia uma grande quantidade de madeira morta que precisava ser desbastada. E você sabe o que acontece quando a madeira é cortada, Allon.

— Caem lascas, forçosamente.

— Exato. Caem lascas, forçosamente.

Ivan traduziu uma parte da troca de palavras para os seus guarda-costas, que apenas falavam russo. Riram-se. E Ivan riu-se também.

Mantenha-o falando...

— Como este lugar funcionava, Ivan?

— Vai descobrir em um minuto ou dois.

— Quando esteve em funcionamento? Trinta e seis? Trinta e sete?

Ivan parou. Como todos.

— Foi em trinta e sete... no verão de trinta e sete, para ser mais preciso. Era a época das troicas. Sabe o que foram as troicas, Allon?

Gabriel sabia. Foi desbobinando as informações, lenta e ponderadamente.

— Stalin estava irritado com o ritmo lento das matanças. Queria apressar as coisas e, por isso, criou uma nova maneira de levar os acusados ao tribunal: as troicas. Um membro do partido, um agente do NKVD e um delegado do Ministério Público. Não era necessário que o acusado estivesse presente durante o seu julgamento. A maior parte era sentenciada sem saber sequer que se encontrava sob investigação. A maioria dos tribunais demorava dez minutos. Alguns menos.

— E os recursos não eram permitidos — acrescentou Ivan, com um sorriso. — E agora também não serão permitidos. Fez sinal com a cabeça para os dois guarda-costas que mantinham Grigori em pé. A procissão recomeçou a sua marcha. Mantém-no a falar. Acontecem coisas más quando Ivan pára de falar. Suponho que as matanças tenham ocorrido no interior da datcha. É por isso que ela tem uma cave com uma sala especial... uma sala com um cano de esgoto no meio do assoalho. E é por isso que o caminho é tortuoso em vez de a direito. Os capangas do Stalin não queriam que os vizinhos soubessem o que se tramava aqui.

— E nunca souberam. Os condenados eram sempre presos depois da meia-noite e trazidos para aqui em carros pretos. Eram levados diretamente para a datcha e aplicavam-lhes um belo espancamento para ser fácil lidar com eles. E depois seguiam lá para baixo, para a cave. Sete gramas de chumbo na nuca.

— E a seguir?

— Eram atirados para dentro de carroças e trazidos para aqui, para as valas.

— Quem está enterrado aqui, Ivan? Por altura do Verão de trinta e sete, a maior parte do trabalho de desbaste mais pesado já tinha sido feita. O Koba apenas tinha de limpar o mato.

— O mato?

— Os mencheviques. Os anarquistas. Os velhos bolcheviques que tinham estado ao lado do Lênin. Alguns padres, kulaks1 e aristocratas, só para compor o ramalhete. Qualquer pessoa que o Koba achasse que poderia constituir minimamente uma ameaça era liquidada. E, a seguir, as suas famílias também eram liquidadas. Há um verdadeiro cozinhado revolucionário enterrado debaixo desta floresta, Allon. Dormem todos juntos. Em algumas noites, quase que conseguimos ouvi-los a discutirem sobre política. E a melhor parte ninguém sabe que eles aqui estão.

— Por que você comprou o terreno depois da queda da União Soviética para garantir que os mortos continuassem enterrados? Ivan parou.

Na verdade, pediram-me para comprar o terreno.

Quem? O meu pai, claro.

Ivan respondera sem hesitação. De início, parecera irritado com as perguntas de Gabriel, mas agora até parecia estar a gostar da troca de palavras. Gabriel calculou que deveria ser fácil uma pessoa despejar os seus segredos a um homem que em breve estaria morto. Tentou engendrar outra questão que mantivesse Ivan a falar, mas não foi necessário. Ivan retomou a sua preleção sem precisar de mais incitamento.

Quando a União Soviética desabou, foi um tempo perigoso para o KGB. Falava-se em abrir os arquivos, em pôr a roupa suja cá fora, em revelar nomes. A velha guarda ficou horrorizada. Eles não queriam ver o KGB ser arrastado pela lama da história. Mas também tinham outras motivações para guardarem os segredos. É que, sabe,

Allon, eles não faziam ficariam afastados do poder por muito tempo. Logo nessa altura, já planejavam o seu regresso. E foram bem-sucedidos, claro. O KGB, com outro nome, está mais uma vez a governar a Rússia.

— E você controla a última vala comum do Grande Terror. A última? Nem por isso. Não é possível enfiar uma pá no solo da Rússia sem dar com ossos. Mas esta é extensa. Aparentemente há setenta mil almas enterradas debaixo destas árvores. Setenta mil. Se isso viesse alguma vez a público... — A voz foi sumindo, como se lhe faltassem as palavras momentaneamente. Digamos que poderia causar um embaraço considerável no interior do Kremlin.

— E é por isso que o presidente se mostra tão disposto a tolerar as suas atividades? Ele recebe a sua parte. O czar tira uma parte de tudo. Quanto teve de lhe pagar para ter direito a raptar a minha mulher? Ivan não deu qualquer resposta. Gabriel insistiu com ele para ver se conseguia provocar mais uma explosão de fúria.

— Quanto, Ivan? Cinco milhões? Dez? Vinte?

Ivan voltou-se para ele.

— Estou farto das suas perguntas, Allon. Além disso, já não falta muito. Sua sepultura não identificada aguarda-o. Gabriel olhou por cima do ombro de Chiara e viu um monte de terra fresca, coberto por uma camada de neve. Disse-lhe que a amava. E depois fechou os olhos. Estava outra vez ouvindo coisas.

Helicópteros.

CAPÍTULO 72

PROVÍNCIA DE VLADIMIRSKAYA, RÚSSIA

O coronel Leonid Milchenko conseguia ver finalmente a propriedade: quatro riachos congelados que confluíam para um pântano congelado, uma pequena datcha com um buraco na porta da frente, fruto de uma explosão, uma fila de pessoas avançando lentamente por uma floresta de bétulas.

Ligou o microfone acoplado aos fones.

— Está vendo?

O capacete do piloto mexeu-se para cima e para baixo rapidamente.

— Até onde pode ir?

— Até a beira do pântano.

— Isso fica no mínimo a trezentos metros de distância. É o lugar mais perto em que posso aterrissar esta coisa, coronel.

— E os Alfas?

— Vão descer por cordas. Diretamente para as árvores.

— Ninguém morre.

— Sim, coronel.

Ninguém morre...

Quem ele estava a tentar enganar? Isto era a Rússia. Morria sempre alguém. Mais dez passos pelo meio da neve. A seguir, Ivan ouviu também os helicópteros. Parou. Inclinou a cabeça, como um cão. Deu um olhar rápido para Rudenko. E recomeçou a andar.

Tempo... Tempo precioso...

A mensagem de Navot irrompeu nas telas do anexo.

HELICÓPTEROS SE APROXIMAM...

Carter tapou o bocal do telefone e olhou para Shamron. A equipe do FSB confirma que há uma fila de pessoas a avançar em

direção às árvores. Parece que eles estão vivos, Ari! Mas não continuará assim por muito tempo. Quando essas tropas do Grupo Alfa chegam ao terreno?

— Dentro de noventa segundos.

Shamron fechou os olhos.

Duas voltas para a direita, duas voltas para a esquerda... A fossa para os mortos abriu-se à frente deles, uma ferida na carne da Mãe-Rússia. O céu cor de cinza ia derramando neve à medida que se aproximavam dela em fila, acompanhados pelo barulho de hélices à distância. Hélices grandes, pensou Gabriel. Suficientemente grandes para fazerem a floresta tremer. Suficientemente grandes para porem os homens de Ivan agitados. E também Ivan, que de repente começou a gritar com Grigori em russo, incitando-o a andar mais depressa para a sua morte. Mas Gabriel, nos seus pensamentos, suplicava a Grigori que diminuísse o passo. Que tropeçasse. Que fizesse qualquer coisa para permitir que os helicópteros tivessem tempo de chegar.

Foi então que o primeiro apareceu de repente, no nível da copa das árvores, formando uma tempestade de neve e vento. Por breves instantes, Ivan ficou perdido naquela especie de nevoeiro. Quando surgiu novamente, tinha a cara contorcida de raiva. Empurrou Grigori para a beira da fossa e começou a gritar com os guardas em russo. A maioria já não estava prestando atenção nele. Alguns observavam o helicóptero pousando na margem da área pantanosa. Os outros tinham os olhos postos no céu, a ocidente, onde surgiam mais dois helicópteros.

Quatro guarda-costas mantiveram-se leais a Ivan. Quando ele mandou, colocaram os condenados em fila, ao longo da fossa e com os calcanhares encostados na beira, já que Ivan decretara que todos seriam mortos com um tiro no rosto. Gabriel foi posto numa ponta, Mikhail na outra, Chiara e Grigori no meio. Primeiro, Grigori ficou colocado ao lado de Gabriel, mas pelos vistos isso não servia. Numa

rajada de russo, com a pistola a agitar-se descontroladamente, Ivan ordenou aos guardas que mudassem Grigori rapidamente de lugar e pusessem Chiara junto a Gabriel. Enquanto a troca era feita, apareceram mais dois helicópteros de rompante, vindos de ocidente. Ao contrário do primeiro, não passaram rapidamente por eles, antes ficaram a pairar mesmo por cima das suas cabeças. Caíram cordas dos seus ventres e, passado um instante, forças especiais vestidas de preto desciam velozmente pelo meio das árvores. Gabriel ouviu o som de armas a tombarem na neve e viu braços a erguerem-se em sinal de rendição. E vislumbrou dois homens de sobretudo a correrem desajeitadamente em direção a eles, pelo meio das árvores. E viu Oleg Rudenko tentando desesperadamente tirar a Makarov das mãos de Ivan. Mas Ivan não a queria largar. Ivan queria o sangue a que tinha direito. Deu um único e poderoso encontrão no peito do seu chefe de segurança, fazendo-o cair na neve. A seguir, apontou a Makarov diretamente à cara de Gabriel. Mas não carregou no gatilho. Em vez disso, sorriu e disse: Divirta-se a ver a sua mulher morrer, Allon.

A Makarov deslocou-se para a direita. Gabriel lançou-se na direção de Ivan, mas não conseguiu chegar até ele antes de a pistola explodir com um estrondo ensurdecedor. Ao tombar de cara na neve, dois homens do Grupo Alfa saltaram-lhe em cima imediatamente e pressionaram-no contra o chão congelado. Durante vários segundos agonizantes, debateu-se para se libertar, mas os russos recusavam-se a deixá-lo mover-se ou a levantar a cabeça. “A minha mulher!”, gritou-lhes. “Ele matou a minha mulher?” Se responderam ou não, não sabia. O tiro roubara-lhe a capacidade de ouvir. Tinha apenas consciência de uma luta titânica que se desenrolava perto do seu ombro. Foi então que, um momento depois, viu de relance Ivan a ser levado para longe, por entre as árvores.

Foi apenas nessa altura que os russos ajudaram Gabriel a levantar-se. Girando a cabeça depressa, viu Chiara a chorar junto a um corpo caído. Era Grigori. Gabriel ajoelhou-se e tentou consolá-la, mas ela parecia não estar ciente da sua presença, Eles nunca chegaram a matá-la! — gritava ela. A Irina está viva, Grigori! A Irina está viva!

QUINTA PARTE

AJUSTE DE CONTAS

CAPÍTULO 73

JERUSALÉM

Nos dias que se seguiram à conclusão da cúpula do G8 em Moscou, três notícias aparentemente sem relação surgiram numa sucessão rápida. A primeira dizia respeito ao futuro incerto da Rússia; a segunda, ao seu passado negro. A última conseguia tocar nessas duas questões e acabaria por vir a revelar-se a mais controversa. Mas a verdade isso seria de esperar, resmungaram alguns dos veteranos do serviço secreto britânicos, já que o assunto dessa notícia era, nem mais nem menos, Grigori Bulganov. A primeira notícia veio a público exatamente uma semana depois da cúpula e tinha como pano de fundo a economia russa mais especificamente, a sua vital indústria energética. Por se tratar de uma boa notícia, pelo menos do ponto de vista de Moscou, o presidente russo optou por fazer ele próprio o anúncio. E fê-lo numa conferência de imprensa no Kremlin, ladeado por vários dos seus assessores mais importantes, todos veteranos do KGB. Numa declaração curta, feita com o olhar penetrante que era a sua imagem de marca, o presidente anunciou que Viktor Orlov, o dissidente e antigo oligarca que residia agora em Londres, tinha sido finalmente posto na ordem. Todas as ações que Orlov detinha da Ruzoil, o gigante siberiano dos combustíveis, iriam ser colocadas de imediato sob o controle da Gazprom, a companhia, propriedade do Estado russo, que detinha o monopólio em termos de petróleo e gás. Em troca, revelou o presidente, as autoridades russas tinham concordado em desistir de todas as acusações criminais contra Orlov e retirar o pedido com vista à sua extradição.

Em Londres, na Downing Street, o gesto do presidente russo foi saudado como "próprio de um estadista", ao passo que os funcionários afetos à Rússia no seio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e dos institutos políticos se interrogaram abertamente se poderia ou não haver novos ventos a soprar do Leste. Viktor Orlov considerou essas especulações irremediavelmente ingênuas, mas os jornalistas que compareceram à conferência de imprensa que ele convocou apressadamente em Londres saíram de fato com a sensação de que ele não tinha grandes hipóteses de poder dar luta. A decisão de abdicar da Ruzoil, disse, baseava-se numa avaliação realista dos fatos. O Kremlin era agora controlado por homens que não recuariam perante nada para terem aquilo que queriam. Quando se combatiam homens assim, reconheceu, a vitória não era possível, apenas a morte. Ou talvez qualquer coisa pior do que a morte. Viktor prometeu que não seria silenciado e depois anunciou de imediato que não tinha mais nada a declarar.

Dois dias mais tarde, Viktor Orlov foi discretamente presenteado com o seu primeiro passaporte britânico durante uma pequena recepção organizada no número 10 de Downing Street. E também lhe foi concedida uma visita guiada e exclusiva ao Palácio de Buckingham, conduzida pela própria rainha. Tirou várias fotografias aos aposentos privados de Sua Majestade e passou-as ao seu decorador. Pouco tempo depois disso, foram vistas vans de entregas em Cheyne Walk e quem por ali passava conseguia por vezes vislumbrar Viktor a trabalhar no escritório. Segundo parecia, tinha decidido por fim que era seguro abrir as cortinas sem receio e apreciar a vista magnífica que tinha sobre o Tamisa.

A segunda notícia também teve origem em Moscou, mas, ao contrário da primeira, pareceu deixar o presidente russo perplexo e sem palavras. Dizia respeito a uma descoberta numa floresta de bétulas na província de Vladimirskaya: várias valas comuns repletas de vítimas do Grande Terror estalinista. Os cálculos preliminares

colocavam o número de corpos ao nível das setenta mil almas O presidente russo não deu importância à descoberta, considerando-a "pouco significativa", e resistiu aos apelos para que fosse visitar o local. Um gesto desse gênero teria sido politicamente delicado, já que Stalin, morto há mais de meio século, continuava entre as figuras mais populares do país. Com relutância, concordou em ordenar uma inspeção aos arquivos do KGB e do NKVD e concedeu autorização à Igreja Ortodoxa Russa para construir um pequeno monumento comemorativo no local — sujeito à aprovação do Kremlin, claro. "Mas deixemos as manifestações de remorsos para os alemães", disse ele no seu único comentário. "Afinal de contas, temos de nos lembrar que o Koba levou a cabo essas repressões para ajudar a preparar o país para a guerra que se avizinhava contra os fascistas." Todos os que estavam presentes ficaram arrepiados com a maneira desinteressada como o presidente falara de assassinato em massa. E também com o fato de se ter referido a Stalin pelo antigo nome de guerra que tinha no partido: Koba. As circunstâncias em redor da descoberta daquele campo da morte nunca foram reveladas, tal como o dono da propriedade nunca foi identificado. "É para sua própria proteção", insistiu um porta-voz do Kremlin. "A história pode ser uma coisa perigosa." A terceira notícia surgiu não em Moscou, mas sim na cidade russa por vezes conhecida como Londres. E esta também era uma notícia que tinha a ver com morte — não com a morte de milhares de pessoas mas sim de uma. Segundo as informações, o corpo de Grigori Bulganov, ex-FSB e dissidente bastante público, teria sido descoberto numa doca deserta no Tamisa, vítima de um aparente suicídio. A Scotland Yard e o Ministério do Interior refugiaram-se atrás de alegações de questões de segurança nacional e trouxeram a público muito poucos detalhes sobre o caso. No entanto, não deixaram de reconhecer que Grigori era uma alma algo perturbada, que não se adaptara bem a uma vida no exílio. Como prova disso, realçaram que ele tinha andado a tentar

reacender a relação com a ex-mulher — ainda que se tivessem esquecido de mencionar que essa mesma ex-mulher se encontrava naquele momento a viver no Reino Unido, com um novo nome e proteção governamental. E também foi revelado o fato algo curioso de Grigori não ter comparecido recentemente à final do campeonato do Central London Chess Club, uma partida que se esperava que vencesse facilmente. Simon Finch, o adversário de Grigori, surgiu brevemente na imprensa para defender a sua decisão de aceitar o título por desistência do oponente. Depois, utilizou a exposição que lhe foi concedida para publicitar a sua mais recente causa, a abolição das minas terrestres. A editora de Grigori, a Buckley & Hobbes, anunciou que Olga Sukhova, amiga de Grigori e também ela dissidente, aceitara simpaticamente terminar o livro Assassino no Kremlin. Apareceu por breves instantes no enterro de Grigori, no Cemitério de Highgate, antes de ser levada por uma escolta de vários seguranças armados, que a devolveram rapidamente ao seu esconderijo. Muita gente na imprensa britânica, incluindo os jornalistas que tinham lidado com Grigori, rejeitou a alegação de suicídio feita pelo governo, considerando-a um disparate. No entanto, sem disporem de mais fatos, não lhes restou outra hipótese que não fosse especular, coisa que fizeram sem hesitação. Era óbvio, disseram eles, que Grigori tinha inimigos em Moscou que o queriam ver morto. E era óbvio, insistiram, que um desses inimigos devia tê-lo matado.

O Financial Times realçou que Grigori era bastante próximo de Viktor Orlov e sugeriu que a morte do dissidente pudesse estar de alguma forma relacionada com o caso Ruzoil. Pela sua parte, Viktor referiu-se ao concidadão falecido como sendo um "verdadeiro patriota russo" e criou um fundo em seu nome para a liberdade. E a história morreu aí, pelo menos no que dizia respeito à imprensa tradicional. Mas na Internet e em alguns dos pasquins de escândalos mais sensacionalistas, continuou a gerar matéria para

notícias durante várias semanas. O que as conspirações têm de maravilhoso é o fato de, por norma, um jornalista esperto ser capaz de arranjar uma maneira de ligar dois assuntos quaisquer, por distintos que possam ser. Mas nenhum dos jornalistas que investigou a morte misteriosa de Grigori tentou alguma vez ligá-la às valas comuns acabadas de descobrir na província de Vladimirskaya. Tal como nunca foi avançada nenhuma ligação entre russo e o casal destroçado que se tinha refugiado num pequeno apartamento sossegado na Rua Narkiss, em Jerusalém. Os nomes de Gabriel Allon e Chiara Zolli não eram um elemento daquela história' E nunca o seriam.

Já tinham recuperado de traumas relativos a operações anteriormente, mas nunca ao mesmo tempo e nunca de feridas tão profundas. As lesões físicas sararam depressa. As outras recusavam-se a melhorar. Eles comprimiam-se atrás de portas trancadas, vigiados por homens armados. Incapazes de tolerar estarem separados por mais do que alguns segundos, seguiam-se mutuamente de sala para sala. Quando faziam amor, era algo de voraz, como se cada encontro pudesse ser o último, e era raro o momento em que não estavam a tocar-se. O sono de ambos era rasgado por pesadelos. Sonhavam que assistiam à morte um do outro. Sonhavam com a cela por baixo da datcha na floresta. Sonhavam com os milhares que tinham sido assassinados ali e com os milhares que jaziam sob as bétulas, em sepulturas não identificadas. E, claro, sonhavam com Ivan. Na verdade, Ivan era quem Gabriel via mais vezes. Ivan deambulava-lhe pelo subconsciente a toda a hora, vestido com a sua roupa inglesa de ótima qualidade e empunhando a sua pistola Makarov. Por vezes, tinha a acompanhá-lo Yekaterina e os guarda-costas. Normalmente, estava sozinho. E tinha sempre a pistola apontada à cara de Gabriel.

Divirta-se a ver a sua mulher morrer, Allon...

Chiara não demonstrava especial vontade em falar da sua provação e Gabriel não a pressionou. Sendo filho de uma mulher que sobrevivera aos horrores do campo de concentração de Birkenau, sabia que Chiara sofria de uma forma aguda de culpa — a culpa do sobrevivente, que era toda ela um tipo especial de inferno. Chiara tinha sobrevivido e Grigori tinha morrido. E tinha morrido porque se colocara à frente de uma bala que era dirigida a ela. Era essa a imagem que Chiara mais vezes via em sonhos: Grigori, espancado e praticamente incapaz de se mexer, a reunir forças para se pôr à frente da pistola de Ivan. Chiara fora baptizada no sangue de Grigori. E estava viva por causa do sacrifício de Grigori. O resto foi saindo aos poucos e, por vezes, nos momentos mais estranhos. Uma noite, ao jantar, descreveu a Gabriel pormenorizadamente o momento da sua captura e as mortes de Lior e Motti. Passados dois dias, quando se encontrava a lavar a louça, relatou co408 mo tinha sido passar aquelas horas todas na escuridão. E como uma vez por dia, apenas por alguns instantes, o sol iluminava o banco de neve no exterior da janela minúscula. E, por fim, uma tarde, enquanto estava a dobrar a roupa, confessou de lágrimas nos olhos que tinha mentido a Gabriel a propósito da gravidez. Estava grávida de oito semanas na altura em que foi raptada e perdera o bebê na cela de Ivan.

— Foram as drogas — explicou. — Mataram meu bebê. Mataram teu bebê.

— Por que não me disseste a verdade? Eu nunca teria ido à procura de Grigori.

— Tive medo que ficasses zangado comigo.

— Por quê?

— Por ter ficado grávida.

Gabriel deixou-se cair desamparado no colo de Chiara, com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Eram lágrimas de culpa, mas também de raiva. Apesar de Ivan não o saber, tinha conseguido

matar o filho de Gabriel. O seu filho que não chegara a nascer, mas mesmo assim o seu filho.

— Quem te deu as injeções? — perguntou.

— Foi a mulher. Vejo a morte dela todas as noites. É a única recordação de que não fujo — soltou ela, limpando as lágrimas.

— Preciso que me prometas três coisas, Gabriel.

— Tudo.

— Promete-me que vamos ter um bebê.

— Prometo.

— Promete-me que nunca nos separaremos. Nunca.

— E promete-me que os vais matar a todos.

No dia seguinte, estes dois destroços humanos apresentaram-se na Boulevard King Saul. Juntamente com Mikhail, foram sujeitos a rigorosos exames físicos e psicológicos. Uzi Navot analisou os resultados ao final da tarde. A seguir, telefonou para casa de Shamron, em Tiberíades. São muito maus? — perguntou Shamron.

— Muito.

— Quando ele vai ficar preparado para voltar ao trabalho?

— Ainda vai demorar.

— Quanto tempo, Uzi?

— De repente, nunca.

— E Mikhail?

— Está uma desgraça, Ari. Estão todos uma desgraça.

Shamron calou-se de repente.

— A pior coisa que podemos fazer é deixá-lo ficar sentado sem fazer nada. Ele precisa voltar à ativa.

— Presumo que tenha uma ideia?

— Como vai o interrogatório do Petrov?

— Ele está resistindo.

— Vai ao Negev, Uzi. Pressione os interrogadores.

— O que quer?

— Quero os nomes. Todos eles.

CAPÍTULO 74

JERUSALÉM

Já era fim de março. As chuvas frias do Inverno já tinham vindo e partido, e o tempo primaveril estava quente e ótimo. Por sugestão dos médicos, tentavam sair do apartamento pelo menos uma vez por dia. Deleitavam-se com as coisas mais mundanas: uma visita ao movimentado mercado Makhane Yehuda, um passeio pelas ruas estreitas da Cidade Antiga, um almoço sossegado num dos seus restaurantes preferidos. Por insistência de Shamron, eram sempre acompanhados por um par de guarda-costas, rapazes com cabelo cortado à escovinha e óculos escuros e que faziam com que ambos se recordassem demasiado de Lior e Motti. Chiara disse que queria visitar o monumento comemorativo a norte de Tel Aviv. Ver os nomes dos guarda-costas gravados na pedra deixou-a tão perturbada, que Gabriel teve praticamente de carregá-la de volta ao carro. Dois dias depois, no Monte das Oliveiras, foi a vez dele de se ir abaixo com o sofrimento. Lior e Motti tinham sido enterrados a alguns metros apenas do seu filho.

Gabriel sentia uma vontade invulgarmente forte de passar algum tempo com Leah, e Chiara, incapaz de suportar a ausência dele, não tinha outra escolha a não ser acompanhá-lo. Ficavam sentados com Leah no jardim do hospital durante horas e ouviam-na pacientemente enquanto ela deambulava pelo tempo, ora no presente, ora no passado. Com cada visita, foi sentindo mais confortável na companhia de Chiara e, durante os momentos de lucidez, as duas mulheres comparavam notas sobre o que era viver com Gabriel Allon. Falavam das idiossincrasias dele e das suas mudanças de humor, bem como da necessidade que tinha de absoluto silêncio enquanto estava a trabalhar. E quando se sentiam generosas, falavam dos seus dons incríveis. Depois, a luz

desaparecia nos olhos de Leah e ela regressava uma vez mais ao seu inferno pessoal. E, por vezes, Gabriel e Chiara regressavam ao deles. O médico de Leah pareceu pressentir que havia alguma coisa errada. Durante uma visita no início de Abril, chamou Gabriel e Chiara à parte e perguntou-lhes discretamente se não precisavam de ajuda profissional. Vocês os dois estão com ar de quem já não dorme há semanas.

— E não dormimos — respondeu Gabriel.

— Querem falar com alguém?

— Não temos autorização.

— Problemas no trabalho?

— Algo assim.

— Posso dar alguma coisa que ajude a dormir? Temos uma autêntica farmácia no nosso armário de medicamentos.

— Não quero voltar a vê-los aqui pelo menos por uma semana. Façam uma viagem. Apanhem um pouco de sol. Parecem fantasmas.

Na manhã seguinte, seguidos de perto por guarda-costas, foram de carro até Eilat. Durante três dias, conseguiram não falar da Rússia, nem de Ivan, nem de Grigori, nem da floresta de bétulas perto de Moscou. Passaram o tempo pegando sol na praia ou mergulhando entre os recifes de coral do mar Vermelho. Comeram demais, beberam vinho demais e fizeram amor até a exaustão. Na última noite, falaram do futuro, da promessa que Gabriel tinha feito de deixar o Escritório e do lugar onde poderiam viver. De momento, não tinham outra escolha a não ser permanecer em Israel. Era impossível deixar o país e o casulo protetor do Escritório enquanto Ivan continuasse na face da terra.

— E se ele deixasse de existir? — perguntou Chiara.

— Poderíamos morar onde quiséssemos... dentro do razoável, claro.

— Então, suponho que tenha pura e simplesmente de matá-lo.

Saíram de Eilat na manhã seguinte e partiram para Jerusalém. Ao atravessar o deserto de Negev, Gabriel decidiu, de forma espontânea, fazer um pequeno desvio perto de Beersheba. Seu destino era uma prisão e centro de interrogatórios, situada no meio de uma área militar restrita. Acolhia apenas um punhado de reclusos, os piores dos piores. Incluído neste grupo seleto, estava o prisioneiro nº 6754, também conhecido como Anton Petrov, o homem que Ivan contratou para sequestrar Grigori e Chiara. O comandante das instalações providenciou para que Petrov fosse levado até o pátio de exercícios para Gabriel e Chiara poderem vê-lo. Usava moletom azul e branco. Tinha perdido a musculatura, bem como a maior parte do cabelo. mancava muito ao andar.

— É uma pena que não o tenha matado — lançou Chiara.

— Não pense que isso não me passou pela cabeça.

— Quanto tempo vamos mantê-lo aqui?

— O tempo necessário.

— E depois?

— Os americanos gostariam de lhe dar uma palavrinha.

— Alguém precisa garantir que ele tenha um acidente.

— Veremos.

Já estava escuro quando chegaram à Rua Narkiss. Pela quantidade muita de guarda-costas, Gabriel percebeu que tinham uma visita à sua espera lá em cima, no apartamento. Uzi Navot estava sentado na sala de estar. Tinha um dossiê. E tinha nomes. Onze nomes. Todos antigos agentes do KGB. Todos a viverem bem na Europa Ocidental, à conta do dinheiro de Ivan. Navot deixou o dossiê com Gabriel e disse que ficava à espera de notícias. Gabriel deixou que Chiara tomasse a decisão.

— Mate todos eles — disse ela.

— Vai demorar o seu tempo.

— Leve o tempo que precisar.
— E não poderá ir comigo.
— Eu sei.
— Vá para Tiberíades. Gilah vai tomar conta de você.

Reuniram-se na manhã seguinte, na Sala 456C do Boulevard King Saul: Yaakov e Yossi, Dina e Rimona, Oded e Mordecai, Mikhail e Eli Lavon. Gabriel foi o último a chegar e afixou onze fotografias no placard informativo que se encontrava à entrada da sala. Onze fotografias de onze russos. Onze russos que não sobreviveriam ao Verão. O encontro não demorou muito tempo. A ordem das mortes ficou estabelecida e as tarefas distribuídas. A Divisão das Viagens tratou dos voos, a Divisão de Identidade, dos passaportes e dos vistos. A Divisão dos Trabalhos Domésticos abriu várias portas. A Divisão das Finanças passou-lhes um cheque em branco. Partiram de Tel Aviv em várias vagas, viajaram aos pares e voltaram a reunir-se duas semanas mais tarde, em Barcelona. Foi lá, numa rua sossegada do Bairro Gótico, que Gabriel e Mikhail mataram o homem que tinha seguido Grigori ao longo da Harrow Road naquele final de tarde em que se dera o seu sequestro. Pelos pecados que cometera, foi morto à queima-roupa com tiros disparados por Berettas de calibre 22. Enquanto morria prostrado na valeta, Gabriel sussurrou-lhe duas palavras ao ouvido.

Por Grigori...

Passada uma semana, em Lisboa, no Bairro Alto, sussurrou as mesmas duas palavras à mulher que Grigori vira a andar na sua direção, a mulher que não trazia chapéu-de-chuva e não tinha nada na cabeça para a proteger da chuva. Duas semanas depois, em Biarritz, foi a vez do parceiro dela, o homem que a tinha acompanhado na Westbourne Terrace Road Bridge. Ouviu as duas palavras enquanto dava um passeio à meia-noite pelo areal da La

Grande Plage. Foram-lhe ditas com ele de costas. Quando se virou, viu Gabriel e Mikhail, de braços esticados e armas nas mãos.

Por Grigori...

Depois disso, as notícias dos assassinatos começaram a circular por entre aqueles que ainda faltavam morrer. Para impedir que os 414 sobreviventes fugissem para a Rússia, o Escritório foi semeando histórias falsas de que tinha sido Ivan, e não os israelenses, o responsável. Ivan tinha lançado um Grande Terror, segundo os rumores. Ivan estava a limpar a floresta. Quem quer que fosse idiota ao ponto de pôr os pés na Rússia, seria morto à maneira russa, com grande sofrimento e violência extrema. E, por isso, os culpados deixaram-se ficar no Ocidente, colados ao chão, sem poderem ser localizados. Ou pelo menos era isso que julgavam. Mas, um por um, ficaram sob mira. E, um por um, morreram.

O motorista do Mercedes que levou Irina até a sua "reunião" com Grigori foi morto em Amsterdam, nos braços de uma prostituta. O motorista da van que transportou Grigori na primeira parte da sua viagem de regresso à Rússia foi morto à saída de um bar em Copenhaga. Os dois lacaios enviados para matar Olga Sukhova em Oxford foram os seguintes. Um morreu em Munique, o outro em Praga.

Foi então que Sergei Korovin se lançou numa tentativa desesperada de intervenção.

O SVR e o FSB estão a ficar nervosos — disse ele a Shamron. — Se isto continua, quem sabe onde pode ir parar? Como se estivesse a seguir uma página do livro de tácticas de Ivan, Shamron professou ignorância. E a seguir avisou Korovin que era melhor o serviço secreto russos terem muito cuidado. Caso contrário, seriam eles a seguir. Ao final da tarde, as bases do Escritório espalhadas pela Europa já tinham detetado um aumento considerável de segurança em redor das embaixadas russas e de conhecidos agentes secretos russos. Isso era desnecessário, claro. Gabriel e a sua equipe

não tinham nenhum interesse em atacar os inocentes. Só os culpados.

Chegados a esse ponto, apenas lhes faltavam quatro nomes. Quatro agentes que tinham levado a cabo o sequestro de Chiara na Úmbria. Quatro agentes que tinham sangue do Escritório nas mãos. Sabiam que andavam a ser caçados e tentavam não se manter muito tempo no mesmo lugar. Mas o medo tornava-os descuidados. O medo tornava-os alvos fáceis. Foram mortos numa série de operações-relâmpago: Varsóvia, Budapeste, Atenas, Istambul. Enquanto morriam, ouviram cinco palavras em vez de duas.

Por Liar e Motti.

A essa altura, já era quase agosto. Estava na hora de voltar para casa.

CAPÍTULO 75

TIBERÍADES, ISRAEL

Então e o que se passava com Ivan? Durante várias semanas a seguir ao pesadelo na floresta de bétulas perto de Moscou, manteve-se longe da vista. Ouviam-se rumores de que tinha sido preso. Rumores de que fugira do país. Rumores, até, de que tinha sido levado pelo FSB e morto. Eram falsos, claro. Ivan estava apenas a cumprir uma outra grande tradição russa, a tradição do exílio interno. Para ele, isso não se caraterizava por extenuantes trabalhos forçados nem por rações que conduziam a uma fome extrema. O gulag de Ivan era a sua mansão, mais parecida com uma fortaleza, em Zhukovka, a cidade secreta dos oligarcas a leste de Moscou.

E tinha Yekaterina para lhe suavizar as feridas.

Embora o nome de Ivan nunca tivesse sido publicamente relacionado com o campo da morte na província de Vladimirskaya, a exposição que o local recebeu pareceu prejudicar o seu estatuto no interior do Kremlin. Em determinados círculos, atribuiu-se grande significado ao fato de a empresa de urbanização de Ivan ter perdido um importante projeto de construção; e de a sua discoteca ter deixado de repente de estar na moda junto dos siloviki e da restante gente bem relacionada de Moscou; e de o seu concessionário de carros de luxo ter sofrido uma súbita e acentuada diminuição nas vendas. Mas essas eram leituras incorretas, situações mais sintoma" ticas da perturbada economia russa do que de um verdadeiro declínio na boa sorte de Ivan. E, mais ainda, os seus negócios de armas continuavam a seguir de vento em popa, até porque a venda de armas era uma das poucas abertas num clima financeiro mundial

na sua generalidade sombrio. Com efeito, o serviço secreto britânicos, americanos e franceses aperceberam-se todos de um súbito e acentuado aumento no número de aviões detidos por Kharkov, que se encontravam a aterrissar em pistas isoladas, do Médio Oriente da África e para lá dela. E o presidente russo continuou a tirar a sua parte. O czar, como Ivan gostava de dizer, tirava sempre a sua parte. As operações de vigilância efetuadas pela NSA revelaram que Ivan teve conhecimento da liquidação metódica dos agentes de Anton Petrov e que isso não o perturbou minimamente. Na sua opinião, tinham-no traído, pelo que mereciam o destino que lhes calhara. Na verdade, durante esse longo Verão de vingança, pareceu obcecado por apenas duas questões. Teriam os seus filhos estado a bordo do jato americano que aterrissara em Konakovo? E teriam eles escrito mesmo a carta cheia de ódio que lhe fora entregue pelo piloto? Os filhos e a mãe deles sabiam a resposta, claro, tal como o presidente americano e um punhado dos seus funcionários mais importantes. E também o sabia o pequeno grupo de agentes do serviço secreto israelenses que se reuniu, ao pôr do Sol da primeira sexta-feira de Agosto, a norte da velha cidade de Tiberíades. A ocasião era o sabat; o cenário era a villa cor de mel de Shamron, com vista para o mar da Galileia. Toda a equipe estava presente, juntamente com Sarah Bancroft, que tinha decidido passar as férias de Agosto com Mikhail em Israel. Havia cônjuges que Gabriel nunca tinha conhecido e crianças que apenas vira em fotografias. A presença de tantas crianças foi difícil para Chiara, em especial quando viu as caras delas iluminadas pelo brilho das velas do sabat. Ao mesmo tempo que Gilah recitava a oração, Chiara pegou na mão de Gabriel e agarrou-a com força. Gabriel deu-lhe um beijo na cara e ouviu outra vez as palavras que ela lhe tinha dito na Úmbria. Choramos os mortos e guardamo-los no coração. Mas vivemos as nossas vidas. O Verão passado junto ao lago fizera maravilhas ao aspeto de Chiara. Tinha a pele bronzeadíssima e o

cabelo volumoso a brilhar, com madeixas douradas e ruivas. Sorriu despreocupadamente ao longo da refeição e até desatou às gargalhadas quando Bella repreendeu Uzi por se servir uma segunda vez do famoso frango com especiarias marroquinas feito por Gilah. Observando-a, Gabriel quase podia imaginar que nada daquilo tinha acontecido realmente. Que fora tudo apenas um sonho de que ambos tinham finalmente despertado. Não era verdade, claro, e não havia tempo suficiente que fosse alguma vez capaz de sarar as feridas que Ivan tinha infligido. Chiara era como um quadro acabado de restaurar, retocado e a reluzir com uma camada fresca de verniz, mas mesmo assim danificado. Teria de ser tratada com grande cuidado.

Gabriel receara que aquela reunião fosse uma oportunidade para relembrar os tenebrosos detalhes do caso, mas este apenas foi mencionado uma única vez, quande Shamron falou da importância daquilo que tinham alcançado. Sendo judeus, todos eles possuíam familiares cujos restos mortais tinham sido transformados em cinzas pelos fornos crematórios ou enterrados em valas comuns nos países bálticos ou na Ucrânia. A sua memória era preservada pelas chamas comemorativas e pelos arquivos armazenados na Sala dos Nomes de Yad Vashem. Mas não havia sepulturas para visitar, nem lápides onde derramar lágrimas. Através das suas ações na Rússia, a equipe de Gabriel fornecera um lugar semelhante aos familiares das setenta mil pessoas assassinadas no campo da morte na província de Vladimirskaya. Tinham pago um preço terrível, e Grigori não sobrevivera, mas com o sacrifício deles tinham aplicado uma espécie de justiça, talvez até mesmo de paz, a setenta mil almas inquietas. Durante o resto da refeição, Shamron regalou-os com histórias do passado. Nunca se encontrava mais feliz do que quando estava rodeado pela família e os amigos, e o bom humor pareceu amenizar-lhe as fendas e fissuras profundas no seu rosto envelhecido. Mas também havia ali tristeza. A operação tinha sido traumatizante para

todos eles, mas, de muitas maneiras, fora especialmente dura para Shamron. Com o seu modo de pensar frio e criativo, tinha salvo a vida a todos eles. Porém, durante mais de uma hora naquela terrível manhã, temera que três agentes, dois dos quais amava como seus filhos, estivessem prestes a sofrer uma morte horrível. Havia um preço emocional a pagar por uma operação como aquela e Shamron pagou-o, mais à frente nessa noite, quando convidou Gabriel a juntar-se a ele no terraço para uma conversa privada. Sentaram-se os dois no local onde Gabriel e Chiara se tinham casado, com Shamron a fumar tranquilamente e Gabriel a contemplar o céu azul e preto por cima dos montes Golã.

— Sua mulher está radiante esta noite. Parece quase como nova.

— As aparências enganam, Ari, mas é verdade que ela está com um aspecto maravilhoso. Suponho que tenha de agradecer a Gilah. É óbvio que cuidou muito bem dela na minha ausência. Gilah é boa em recompor as pessoas, mesmo quando não tem bem certeza de como elas acabaram por ficar destroçadas. E devo dizer que gostamos muito de ter Chiara conosco no verão. Se ao menos meus próprios filhos viessem nos visitar mais vezes...

— Talvez viessem se não fumasse tanto.

Shamron deu uma última tragada no cigarro e apagou-o com força e lentamente.

— E você até parecia estar se divertindo. Ou estava só me enganando?

— Foi uma noite magnífica, Ari. Na verdade, foi exatamente o que todos nós precisávamos.

— Sua equipe te adora, Gabriel. Eles eram capazes de fazer tudo por ti.

— E já fizeram, Ari. É só perguntares ao Mikhail.

— Acha que ele vai mesmo se casar com aquela moça americana?

— Ela se chama Sarah. Sendo judeu de Tiberíades, com certeza não terá problema em se lembrar desse nome.

— Responda a minha pergunta.

— Só se fosse idiota não se casaria com ela... É uma mulher formidável.

— Mas não é judia.

— Mas bem podia ser.

— Acha que a CIA vai deixá-la continuar por aqui se ela se casar com um dos nossos?

— Se não deixar, devia contratá-la. Se não fosse Sarah, Petrov podia ter matado Uzi em Zurique.

Shamron não deu resposta a não ser acender outro cigarro.

— Como ele está? — perguntou Gabriel.

— Petrov? — respondeu Shamron, franzindo os lábios com indiferença. — Não está lá muito bem.

— O que aconteceu?

— Segundo parece, conseguiu escapar das instalações onde estava detido. Um grupo de beduínos encontrou o corpo dele no meio do Negev, uns oitenta quilômetros ao sul de Beersheba. A essa altura, os abutres já o tinham apanhado. Pelo que ouvi dizer, não foi nada bonito.

— Pena não ter podido lhe dar uma última palavrinha.

— Não tenha. Enquanto estava na Europa, ainda conseguimos arrancar mais uma confissão. Admitiu ter matado aqueles dois jornalistas da Moskovskaya Gazeta no verão passado, a mando de Ivan. Mas, tendo em conta as circunstâncias delicadas de sua admissão de culpa, não estávamos em posição de transmitir a informação às autoridades francesas e italianas. Por enquanto, os dois casos vão ficar oficialmente por resolver.

— O que fizeram com os cinco milhões de euros que Petrov deixou no Becker & Puhl?

— Nós o obrigamos a endossá-los para Konrad Becker para cobrir os custos da balbúrdia que vocês causaram no banco dele. Envia cumprimentos, por sinal. Mas ficaria muitíssimo agradecido se realizasse suas operações financeiras em outro lugar.

— E foram forçados a limpar mais alguma trapalhada?

— Não. A nossa campanha de desinformação conseguiu desviar as suspeitas todas para Ivan. Além disso, os tipos que vocês mataram não eram exatamente cidadãos exemplares. Eram antigos capangas do KGB que faziam dos assassinatos, dos sequestros e das extorsões sua atividade. Para a polícia e a segurança europeia, foi um favor. — Shamron olhou em silêncio para Gabriel por um momento. — Ajudou?

— Em quê?

— Matá-los?

Gabriel lançou um olhar às águas negras do lago.

— Fiz coisas terríveis para conseguir recuperar Chiara, Ari. Fiz coisas que nunca mais quero voltar a fazer.

— Mas?

— Sim, ajudou.

— Onze — disse Shamron. — Irônico, não acha?

— Como assim?

— Sua primeira missão surgiu porque o Setembro Negro matou onze israelenses em Munique. E, na última missão, você e Mikhail mataram onze russos responsáveis pelo sequestro de Chiara e pela morte de Grigori.

Instalou-se um silêncio pesado entre eles, apenas interrompido pelo som das gargalhadas vindas da sala de jantar.

— Minha última missão? Pensei que você e o primeiro-ministro tinham decidido que estava na hora de eu assumir o controle do Escritório.

— Já viu seus relatórios médicos? — disse Shamron, abanando a cabeça devagar. — Não está em condições de assumir a

responsabilidade de comandar o Escritório neste momento. Não quando temos um confronto com os iranianos se avizinhando. E não quando sua mulher precisa de atenção.

— O que está dizendo, Ari?

— Qe está livre da promessa que fez em Paris. Estou dizendo que você está despedido, Gabriel. Agora, tem uma nova missão. Volte a engravidar sua mulher o mais depressa possível. Já não é assim tão novo, meu filho. Precisa ter outro filho rapidamente.

— Tem certeza, Ari? Está mesmo preparado para me dispensar?

— Tenho certeza de que teremos sempre alguma coisa para você fazer. Mas não ficar sentado na sala do diretor. Vamos infligir essa desagradável tarefa a outra pessoa.

— E já têm algum candidato em vista?

— Por acaso, já nos decidimos por um. Vai ser anunciado no mês que vem quando Amos renunciar ao cargo.

— Quem é?

— Eu — respondeu Uzi Navot.

Gabriel virou-se e viu Navot parado no terraço, com os braços corpulentos cruzados na frente do peito. À meia-luz, parecia-se chocantemente com Shamron quando era novo.

— Uma escolha brilhante, não acha?

— Estou sem palavras.

— Por uma vez — soltou Navot, avançando e pondo a mão no ombro de Gabriel. Temos um sistema fantástico, você e eu. Você recusa um cargo e eles o oferecem a mim.

— Mas o homem certo ficou com o cargo nos dois casos, Uzi. Eu teria sido um diretor terrível. Mazel tov.

— Está falando sério, Gabriel?

— O Escritório vai ficar em boas mãos durante vários anos — respondeu Gabriel, inclinando a cabeça na direção de Shamron.

— Agora, só nos falta convencer o Velho a largar a bicicleta.

Shamron fez uma careta.

— É melhor não nos deixarmos entusiasmar. Mas deixemos também uma coisa bem clara. Uzi não será meu peão. Será ele mesmo. Mas é óbvio que estarei sempre aqui para oferecer conselhos.

— Quer ele queira quer não.

— Tenha cuidado, meu filho. Ou o aconselho a lidar com você duramente.

Navot aproximou-se e encostou-se na balaustrada.

— O que vamos fazer com ele, Ari?

— Na minha opinião, deviam trancá-lo num quarto com a mulher e mantê-lo lá até ela ficar grávida outra vez.

— Combinado — disse Navot, olhando para Gabriel. — É uma ordem. E não vai desobedecer a outra ordem minha, Gabriel.

— Não senhor.

— Então, o que vai mesmo fazer com todo esse tempo livre?

— Descansar.

— Depois disso... — Encolheu os ombros de forma evasiva. — Para ser franco, não faço ideia.

— Só não tenha ideia de sair do país — avisou Shamron. — Por enquanto, seu endereço é no número dezesseis da Rua Narkiss.

— Preciso trabalhar.

— Nós arranjamos uns quadros para restaurar.

— Os quadros estão na Europa.

— Não pode ir para a Europa — respondeu Shamron. — Ainda não.

— Quando?

— Quando tivermos tratado de Ivan. Nessa hora, pode ir.

CAPÍTULO 76

JERUSALÉM

Gabriel e Chiara fizeram um esforço firme para seguir as ordens de Navot à letra. Não encontraram grandes razões para sair do apartamento; uma fornalha típica de agosto tinha-se instalado em Jerusalém e as horas de sol eram insuportavelmente quentes. Apenas se aventuravam lá fora depois do cair da noite e mesmo assim só por pouco tempo. Pela primeira vez em muitos anos, Gabriel sentia um forte desejo de produzir obras originais. O seu tema era, evidentemente, Chiara. Em apenas três dias, pintou um nu assombroso que, depois de terminado, encostou à parede, aos pés da cama. Por vezes, quando o quarto estava às escuras e ele se encontrava inebriado com os beijos de Chiara, quase era possível confundir o quadro com a realidade. Foi durante uma dessas alucinações que o telefone da mesinha-de-cabeceira tocou bastante inesperadamente. Com Chiara montada nas suas ancas, sentiu-se tentado a não atender. Relutantemente, levou o fone ao ouvido.

— Precisamos falar — disse Adrian Carter.

— Estou ouvindo.

— Por telefone não.

— Onde?

Encontraram-se para tomar café dois dias depois, no terraço do Hotel King David. Quando Gabriel chegou, deparou-se com Carter num fato de popelina com pregas e a ler o International Herald Tribune. Já tinham passado muitos meses desde que haviam estado juntos pela última vez. Na verdade, o último encontro ocorrera na Irlanda, no Aeroporto Shannon, na manhã a seguir à cúpula do G8. Segundo os termos do acordo alcançado com o

presidente russo, Gabriel, Chiara, Mikhail e Irina Bulganova tinham sido autorizados a deixar Moscou da mesma maneira que Gabriel chegara: rodeados de agentes do serviço secreto americanos e a bordo do carplane. Tinham desembarcado na parada para reabastecimento e cada um seguira seu caminho. Irina viajara com Graham Seymour para o Reino Unido, enquanto Gabriel, Chiara e Mikhail voaram para casa, para Israel, com Shamron. Nessa manhã, Carter estava tão dominado pela emoção que esqueceu de pedir a Gabriel o passaporte americano oficial que ele usou para entrar na Rússia. Fez isso naquele preciso momento, logo depois de voltar a se sentar. Gabriel jogou-o na mesa, com a insígnia virada para baixo.

— Espero que não tenha usado nas suas feriazinhas europeias de verão.

— Não saí de Israel desde que voltei da Rússia.

— Boa tentativa, Gabriel. Mas nós sabemos de muito boa fonte que você e sua equipe passaram o verão matando amigos e parceiros de negócios de Anton Petrov. E fizeram um belo trabalho.

— Não fomos nós, Adrian. Foi Ivan.

— Os chefes de nossas bases europeias também ouviram esses rumores.

Carter abriu o passaporte e começou a folhear as páginas.

— Não se preocupe, Adrian. Não vai encontrar nenhum visto novo. Eu não faria isso com você nem com o presidente. Minha mulher está viva por causa de vocês. E nunca poderei recompensá-los.

— Acho que ainda tem muito saldo a seu favor. — Carter deu um gole no café e mudou de assunto. — Ouvimos dizer que está prestes a acontecer uma mudança no comando do Boulevard King Saul. Desnecessário dizer que em Langley estamos satisfeitos com a escolha. Sempre gostei do Uzi.

— Mas?

— Obviamente, estávamos com esperança de que o próximo chefe fosse você. Compreendemos por que isso não vai ser possível. E apoiamos sua decisão incondicionalmente.

— Nem digo como fico aliviado por saber que tenho o apoio de Langley, Adrian.

— Faça um esforço e tente controlar essa ironia israelense cáustica — respondeu Carter, limpando levemente os lábios no guardanapo. — Já tem alguma ideia de teus planos para o futuro?

— No momento, Chiara e eu temos de ficar por aqui.

Gabriel inclinou a cabeça na direção do par de guarda-costas, sentados a duas mesas de distância. Protegidos por crianças com armas.

— Podiam vir para a América. Elena diz que serão sempre bem-vindos. Aliás, ela diz que estaria até disposta a construir uma casa para você e Chiara lá na fazenda. Se eu estivesse no seu lugar, ficaria tentado.

— Isso porque você nasceu na Nova Inglaterra e está habituado ao inverno. Eu venho do vale de Jezreel.

— Ela não está brincando, Gabriel.

— Por favor, agradeça a Elena e diga que aprecio verdadeiramente a oferta. Mas não posso aceitar.

— Os filhos dela vão ficar muito desapontados Escreveram uma carta para você — disse Carter, entregando um envelope a Gabriel. — Na verdade, é dirigida a você e a Chiara.

— E o que diz?

— Um pedido de desculpas. Querem que vocês saibam como lamentam o que o pai deles fez.

Gabriel tirou a carta do envelope e leu-a em silêncio.

— É linda, Adrian, mas diga às crianças que não precisam se sentir culpadas pelas ações do pai. Além disso, nunca poderíamos recuperar Chiara sem a ajuda delas. Segundo parece, fizeram uma

bela atuação na Base Andrews. Fielding diz que ficará na história. O embaixador russo nunca suspeitou de nada.

Gabriel guardou a carta outra vez no envelope e sorriu. Embora o embaixador russo não se tenha dado conta, tinha desempenhado um pequeníssimo papel num logro intrincado. Era verdade que Anna e Nikolai tinham subido a bordo de um C-32 da força aérea americana na Base Andrews, mas, por insistência de Gabriel, tinham sido mantidos bem longe do espaço aéreo russo. Com efeito, segundos depois de passarem pela porta da cabine, entraram diretamente no compartimento de carga de um veículo hidráulico de fornecimento de refeições e serviços, onde Sarah Bancroft os esperava. Dez minutos após o embaixador ter partido, juntaram-se à mãe a bordo do Gulfstream e voltaram para Adirondack. Apenas o bilhete era genuíno. Tinha sido escrito pelas crianças na Base Andrews e entregue ao piloto. De acordo com Elena, os filhos estavam falando sério quando escreveram tudo aquilo.

— O meu diretor deu de cara com o embaixador russo numa recepção na Casa Branca há uns dois meses. Ainda estava espumando de fúria com o que aconteceu. Pelo visto, morre de medo da ira de Ivan. Passa o menor tempo possível na Rússia.

Gabriel enfiou a carta no bolso da camisa. Com certeza Carter não tinha feito todo aquele caminho até Jerusalém para recuperar um passaporte e entregar uma carta, mas não parecia estar com pressa nenhuma em revelar o verdadeiro motivo da visita. Naquele momento, lia o jornal. Dobrou-o em quatro e passou-o a Gabriel.

— Está vendo isso? — perguntou, batendo com o dedo num dos títulos.

Era uma notícia sobre o novo monumento comemorativo no campo da morte na província de Vladimirskaya. Apesar de discreto e pequeno, já tinha atraído dezenas de milhares de visitantes, para grande descontentamento do Kremlin. Muitos visitantes eram

familiares das pessoas que tinham sido mortas lá, mas na maioria eram cidadãos comuns, russos que vinham ver algo que fazia parte de seu passado negro. Desde a inauguração do memorial, a reputação de Stalin tinha caído a pique. E a do atual regime também. Com efeito, havia cada vez mais russos expressando sua insatisfação. O jornalista do Herald Tribune interrogava-se se os russos não se poderiam mostrar menos dispostos a aceitar um futuro autoritário se falassem mais abertamente sobre o seu passado totalitário. Gabriel não acreditava muito nisso. Lembrou-se de uma coisa que Olga Sukhova lhe tinha dito, quando atravessavam o Cemitério de Novodevichy.

Os russos nunca tinham conhecido uma verdadeira democracia. E, com toda a probabilidade, nunca iriam conhecer.

— Diz aqui que o presidente russo ainda não foi visitar o local.

— É um homem muito ocupado — respondeu Carter. — Acha que está arrependido da decisão de tornar público tudo aquilo?

— Receio que não tivesse outra saída. Concordamos em não revelar nada sobre o caso e encobrir a morte de Grigori com aquela história ridícula do suicídio. Mas as valas não faziam parte do acordo. Aliás, deixamos bem claro ao Kremlin que, se não dissessem a verdade ao povo russo, faríamos isso por eles.

Gabriel dobrou outra vez o jornal e tentou devolvê-lo a Carter.

— Veja a notícia embaixo dessa.

O assunto era uma nova sangria levada a cabo no Congo que tinha deixado mais de cem mil pessoas mortas. A notícia vinha acompanhada por uma fotografia de uma mãe desesperada, agarrada ao corpo do filho morto.

— E adivinha quem anda atiçando as chamas? — perguntou Carter.

— Ivan?

Carter assentiu com a cabeça.

— Fez aterrissar lá dois aviões carregados de armas no mês passado. Morteiros, RPG, AK e vários milhões de cartuchos de munições. E o que acha que o presidente russo disse quando pedimos para intervir?

— "Qual Ivan?"

— Qualquer coisa do gênero. É evidente que não há lisonja nem fala mansa que cheguem para convencer o Kremlin a pôr fim às operações de Ivan. Se quisermos acabar de vez com os negócios dele, temos de ser nós mesmos a fazê-lo.

— Enquanto Ivan estiver na Rússia, ninguém pode tocá-lo.

— Isso é verdade, enquanto ele estiver na Rússia. Mas se por acaso saísse...

— Ele não vai sair de lá, Adrian. Não com um mandado de captura internacional da Interpol a ameaçá-lo.

— Isso é o que qualquer pessoa pensaria. Mas Ivan pode ser muito impulsivo — atirou Carter, entrelaçando as mãos debaixo do queixo e contemplando as muralhas da Cidade Antiga. — Pelas nossas contas, você e sua equipe mataram onze russos na Europa no verão. Estávamos pensando se não estaria interessado em ir atrás de mais um.

Gabriel sentiu o coração bater nas costelas. As suas palavras seguintes foram ditas com fingida calma.

— Para onde ele vai?

Carter disse.

— E ele não tem acusações pendentes lá?

— Em Langley, acham que o país em questão não quer mesmo atacá-lo.

— Por quê?

— Questões políticas, claro. E o petróleo. Esse país quer melhorar os laços com Moscou e acredita que uma ação contra um

amigo pessoal do presidente russo apenas levaria a uma retaliação do Kremlin.

— E o serviço secreto do país em questão sabe que Ivan está a caminho de lá?

— Tendo em conta as preocupações que os políticos deles nos levantam, optamos por não informar. Além disso, faria com que as outras opções fossem mais difíceis de executar.

— Que outras opções?

— Parece que temos três.

— Número um?

— Deixá-lo aproveitar as férias e esquecer o assunto.

— Má ideia. Número dois?

— Sermos nós a prendê-lo e levá-lo para ser julgado em solo americano.

— Muito complicado. Além do mais, isso provocaria uma crise entre os Estados Unidos e um aliado europeu importante.

— Foi exatamente o que nós pensamos. Aliás, consideramos que estamos impossibilitados de tomar qualquer medida no solo desse país.

Carter interrompeu-se por um instante e, a seguir, acrescentou: — O que nos leva à terceira opção.

— E qual é?

— *"Kachol v'lavan."*

— Até que ponto tem certeza de que Ivan estará lá?

Carter entregou-lhe o dossiê.

— Tenho certeza absoluta.

CAPÍTULO 77

SAINT-TROPEZ, FRANÇA

De modo bem apropriado, o barco se chamava Mischief: cinquenta e quatro metros de luxo fabricado na América e registrado nas Bahamas, detido e comandado por um tal Maxim Simonov, mais conhecido como Mad Maxim, rei da lucrativa indústria russa do níquel, amigo e companheiro de folia do presidente russo e antigo convidado na Villa Soleil, o palácio à beira-mar, e agora vazio, de Ivan Kharkov em Saint-Tropez. E embora Maxim fosse proprietário de uma villa que valia vinte milhões de dólares, na Costa del Sol, em Espanha, preferia a privacidade e a mobilidade do seu iate. Tinha andado a viajar pela costa do Norte da África em junho e passara o mês de julho a saltitar de ilha em ilha na Grécia. Na parte final do passeio, dera ordens à tripulação para um pequeno desvio até a costa turca, onde, na manhã de 9 de agosto, recebera a bordo dois passageiros: um homem de aspeto corpulento, chamado Alexei Budanov, e sua jovem e deslumbrante mulher, Zoya. Embora sem filhos, o casal tinha vasta bagagem; tanta, na verdade, que foi preciso um segundo camarote de luxo só para acomodar tudo. Mad Maxim pareceu não se importar. Os amigos tinham passado um ano horrível. E Mad Maxim, alma generosa como poucas, encarregara-se de garantir que tivessem pelo menos umas boas férias de verão. O anfitrião tinha ganho a alcunha não pela perspicácia para os negócios, mas pelas atividades de lazer. As festas que dava tinham a reputação de serem acontecimentos tresloucados que raramente terminavam sem violência ou detenções. De fato, vários 432 anos antes, Maxim estivera detido por pouco tempo, depois de ter alegadamente mandado vir um avião carregado de prostitutas russas para entreter os convidados no seu château à saída de Paris. Mais tarde, a polícia francesa aceitou retirar todas as acusações após o bilionário tê-la convencido de que as moças simplesmente faziam parte de uma companhia de dança contemporânea. O caso, escandaloso mas um tanto cômico, não prejudicou em nada a

reputação de Maxim em seu país. Na verdade, os jornais de Moscou aclamaram-no como o exemplo perfeito do Novo Russo. Mad Maxim tinha dinheiro e não tinha medo de o exibir, mesmo que isso implicasse meter-se de vez em quando em problemas com a polícia francesa.

O ritmo das suas festanças não abrandava no mar. Quando muito, liberto dos constrangimentos de autoridades metediças e de vizinhos queixosos, atingiu novos níveis de intensidade. Esse Verão já tinha produzido muitas noites memoráveis de deboche, mas foi atingido um novo cume com a chegada de Alexei e Zoya Budanov. Com uma tripulação de trinta pessoas a cuidar dos seus interesses, o séquito passou a viagem a comer, a beber e a fornicar ao longo do Mediterrâneo, até chegar ao mítico Porto Velho de Saint-Tropez, na tarde de 20 de Agosto. Embora se encontrassem exaustos e profundamente ressacados devido às aventuras da véspera, os passageiros embarcaram de imediato nos botes de borracha do Mischief e seguiram para terra. Todos, menos o homem que dava pelo nome de Alexei Budanov, que permaneceu no convés da ré, com as mãos apoiadas no corrimão, a olhar fixamente para Saint-Tropez como se fosse a sua cidade proibida. E, apesar de Mr. Budanov não o saber, já estava a ser vigiado por um homem que se encontrava à frente do farol no final do Quai d'Estienne d'Orves.

O homem usava bermuda, pulôver branco, chapéu panamá e grandes óculos escuros. Meses antes, numa floresta de bétula perto de Moscou, Mr. Budanov tinha tentado matar sua mulher. Agora, o homem planejava matar Mr. Budanov. Mas, para isso, precisava de uma coisa. Precisava que ele saísse do iate. Estava convencido de que Mr. Budanov não ficaria por lá muito mais tempo. O russo era viciado em dinheiro, mulheres e Saint-Tropez. A estância francesa fora o pano de fundo para sua queda e seria o cenário de sua morte. O homem de estatura e constituição médias tinha certeza disso.

Tinha simplesmente de ser paciente. Tinha de deixar Mr. Budanov vir até ele.

E depois acabaria com ele.

Felizmente, não teria de esperar sozinho. Havia oito companheiros com ele. Usando nomes diferentes e falando línguas diferentes, tinham passado grande parte do verão: num périplo pela Europa como nenhum outro. Esta seria a última parada no seu itinerário. E depois tudo estaria terminado. Viviam todos juntos debaixo do mesmo teto, numa villa situada nas colinas por cima da cidade. Tinha persianas azuis e uma grande piscina com vista para o mar ao longe. Passavam pouco tempo na piscina, apenas o suficiente para enganar os vizinhos. Com efeito, dispendiam a maior parte do tempo nas ruas de Saint-Tropez, vigiando, seguindo, escutando. Um amigo na CIA facilitava a tarefa enviando transcrições e gravações de todos os telefonemas feitos do iate ou pelos seus passageiros. Essas interceptações avisavam com antecedência sempre que Mad Maxim ou um membro do grupo se preparava para ir à cidade. Ficavam sabendo antecipadamente onde planejavam almoçar em cada dia, onde planejavam jantar e que discoteca de luxo planejavam virar do avesso depois da meia-noite. E as interceptações também permitiam ouvir a voz de Alexei Budanov em pessoa. Quase todas as chamadas dele eram para Moscou. Nem por uma vez pronunciou o próprio nome.

Nem tirou os pés do Mischief. Mesmo quando os outros jantaram no Le Grand Joseph, o seu lugar preferido para comer, manteve-se fechado no iate. E o homem de estatura e constituição médias passava o tempo a pouca distância dali, à frente do seu farol. Para ajudar a preencher as horas mortas, sonhava que fazia amor com a mulher. E restaurava quadros imaginários. E recordava-se, com grande pormenor, do pesadelo na floresta de bétulas. Durante a maior parte do tempo, no entanto, manteve os olhos postos no ia434 te. E esperou. Sempre a espera... Esperar por um avião ou trem.

Esperar por uma fonte. Esperar que o Sol nasça depois de uma noite de matança. E esperar que Ivan Kharkov regressasse finalmente a Saint-Tropez.

No final da tarde do dia 29, enquanto observava os botes do Mischief a voltarem para o navio-mãe, Gabriel recebeu uma chamada no seu celular seguro. A voz que ouviu era a de Eli Lavon.

É melhor vir aqui imediatamente.

No fim, não foi a tecnologia americana a responsável pela destruição de Ivan, mas sim a astúcia israelense. Enquanto seguia pelo Chemin des Conquettes, uma rua residencial a sul do movimentado centre ville de Saint-Tropez, Lavon tinha reparado num novo letreiro na porta do restaurante conhecido como Vila Romana. Escrito em inglês, francês e russo, lamentava anunciar que o famoso restaurante e local de diversão de Saint-Tropez estaria fechado dali a duas noites para uma festa privada. Fingindo ser um paparazzo à procura de estrelas de cinema, Lavon tinha agitado algumas notas para os garçons para ver se conseguia saber a identidade de quem reservara o estabelecimento. Um barman informou-o de que seria uma festa totalmente russa. Um dos rapazes que punha e levantava as mesas confidenciou-lhe que seria uma festança — foi essa a palavra, uma festança. E, por fim, da estonteante anfitriã, conseguiu obter o nome do homem que daria a festa e pagaria a conta: Mad Maxim Simonov, o rei do níquel da Rússia. "Nada de estrelas de cinema", disse a moça. "Só russos bêbados e as namoradas. Todos os anos, celebram a última noite da temporada. Deve ser uma noite para recordar mais tarde." E seria, pensou Lavon. Uma noite bem memorável, de fato.

Gabriel fez uma aposta, convicto de que ela lhe seria bastante proveitosa. Apostou que Ivan Kharkov não seria minimamente capaz de fazer toda aquela viagem até a Côte d'Azur e resistir à atração gravitacional do Villa Romana, um restaurante onde já tivera uma mesa habitualmente reservada para si. Iria tomar as suas

precauções, talvez chegasse até a utilizar um disfarce rudimentar qualquer, mas viria. E Gabriel estaria à espera. Se iria carregar no gatilho ou não, dependeria de dois fatores. Não iria derramar sangue inocente, além daquele que pertencesse a guarda-costas armados, e não desceria ao nível de Ivan matando-o à frente da sua jovem mulher. Lavon engendrou um plano de ação. Apelidaram-no de brincadeiras com telefones.

Foi uma noite para recordar e, tal e qual como Gabriel previra, Ivan foi incapaz de resistir a aparecer na festa. A música techno-pop era ensurdecedora, as mulheres quase não estavam vestidas e o champanhe corria como um rio borbulhante. Ivan não deu muito nas vistas, ainda que não tivesse trazido nenhum disfarce, já que nem um único convidado se teria atrevido a comunicar a sua presença. E quanto à possibilidade de estar sob algum tipo de perigo físico, também isso parecia ter sido descartado. Os dois guarda-costas que Mad Maxim tinha trazido para proteção estavam parados como porteiros logo à entrada do Villa Romana. Se qualquer um deles mexesse sequer um músculo, morreriam os dois ali, às duas da manhã. Às duas da manhã, porque as defesas de Ivan se encontrariam enfraquecidas pelo cansaço e pelo álcool. Às duas da manhã, porque essa é a hora em que o Chemin des Conquettes sossega por fim, numa noite quente de Verão. Às duas da manhã, porque seria nessa altura que Ivan iria receber o telefonema que o levaria para a rua. O telefonema que assinalaria que o fim estava finalmente próximo.

Como centro de operações, Gabriel e Mikhail escolheram a ponta de um pequeno parque infantil, ao norte do Chemin des Conquettes, porque a entrada do Villa Romana ficava a menos de cinquenta metros. Estavam em suas motos, numa pequena área escura entre os postes, ouvindo as vozes que saíam dos receptores que tinham no ouvido. Ninguém olhou para eles duas vezes. Estar sentado indolentemente numa moto, às duas da madrugada, é o que

se faz numa noite quente de verão em Saint-Tropez, em especial quando as primeiras trovoadas de outono estão apenas a uns dias de distância.

Não foi um trovão que os fez ligar os motores, mas uma voz baixa. A voz disse que a chamada tinha acabado de ser feita para o celular de Ivan. Disse que estava quase na hora. Gabriel tocou na Glock 45 que tinha nas costas, carregada com balas de ponta oca altamente destrutivas, e mudou-a ligeiramente de posição. A seguir, baixou o visor do capacete e esperou o sinal.

Era Oleg Rudenko ligando de Moscou — ou, pelo menos, foi nisso que Ivan acreditou. Não tinha bem certeza. Nunca a teria. A ligação era fraca demais, a música estava alta demais. Ivan sabia três coisas: quem estava telefonando falava russo, tinha o número de seu celular e dizia que era extremamente urgente. Foi o suficiente para fazê-lo se levantar e avançar para o sossego da rua, com o celular colado a um ouvido e a mão tapando o outro. Se Ivan ouviu as motos chegando, não deu sinal. Na verdade, estava gritando em russo, de costas, no instante em que Gabriel parou a moto. Os guarda-costas, na entrada do restaurante, pressentiram de imediato que havia problemas e cometeram a tolice de enfiar as mãos nos paletós. Mikhail deu um tiro no coração de cada um antes de conseguirem tocar nas armas. Ao ver os guardas tombando, Ivan rodopiou, aterrorizado, apenas para dar de cara com um silenciador na ponta de uma Glock. Gabriel levantou o visor do capacete e sorriu. Então, apertou o gatilho e o rosto de Ivan desapareceu. Por Grigori, pensou, enquanto se afastava na moto pela escuridão adentro. Por Chiara.

FIM

NOTA DO AUTOR

O romance é uma obra de entretenimento. Os nomes, personagens, lugares e incidentes descritos neste livro são produto da imaginação do autor ou ficcionais. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, negócios, companhias, acontecimentos e locais verdadeiros, é pura coincidência. A companhia Ruzoil, o gigante siberiano dos combustíveis, não existe, tal como acontece com a revista Moskovskaya Gazeta ou com a agência Galaxy Travel, na Rua Tverskaya. Viktor Orlov, Olga Sukhova e Grigori Bulganov não devem ser interpretados de forma alguma como versões ficcionais de pessoas reais. O quartel-general do serviço secreto israelenses já não está no Boulevard King Saul em Tel Aviv. Optei por manter aí o quartel-general dos meus serviços secretos fictícios, em parte, por sempre ter gostado do nome. Aldrabei os horários das companhias aéreas para os adaptar à minha história. Quem tentar chegar a Londres a partir de Moscou, irá procurar em vão pelo voo 247 da Aeroflot. Não existe nenhum banco privado em Zurique chamado Becker & Puhl. Os seus procedimentos de funcionamento internos foram inventados pelo autor. O Escritório de Apoio Logístico ao Presidente foi retratado com precisão, mas, tanto quanto sei, nunca foi utilizado para servir de disfarce a um espião israelense.

Não existe nenhum aeródromo em Konakovo, pelo menos que eu saiba; e também não há qualquer divisão do FSB conhecida como Escritório de Coordenação. Há um clube de xadrez que se reúne de fato nas noites de terça-feira na Lower Vestry House da St. George's Church, em Bloomsbury. Chama-se Greater London Chess Club, e não Central London Chess Club, e os seus membros são inacreditavelmente encantadores e amáveis. As minhas maiores

desculpas à gerência do Villa Romana, em Saint-Tropez, por ter executado um assassinato à porta do seu restaurante, mas receio bem que tivesse de ser feito. Além disso, as minhas desculpas também aos moradores do delicioso local pie é Bristol Mews, em Maida Vale, por ter colocado um desertor russo no meio deles. Se o autor tivesse alguma vez de se esconder em Londres, seria com certeza lá. Os leitores não devem ir à procura de Gabriel Allon ao nº 16 da Rua Narkiss, em Jerusalém, nem de Viktor Orlov ao nº 43 de Cheyne Walk, em Chelsea. Nem devem atribuir demasiada importância à utilização que faço de um anel que injeta veneno, embora suspeite que o KGB e os seus sucessores provavelmente têm um. O campo da morte da época do Grande Terror, descoberto no clímax de O Desertor, é fictício, mas infelizmente as circunstâncias históricas que poderiam ter criado um local desse gênero não são. É possível que nunca se venha a saber precisamente quantas pessoas foram fuziladas durante as repressões brutais que duraram de 1936 até 1938. As estimativas variam de números próximos dos setecentos mil até bem mais de um milhão. Mas basta dizer que a quantidade de pessoas executadas é apenas uma medida para o sofrimento que Stalin infligiu à Rússia durante o Grande Terror. O historiador Robert Conquest calcula que as purgas e as fomes induzidas por Stalin custaram provavelmente entre onze a treze milhões de vidas. Outros historiadores avançam com números ainda mais elevados. Mesmo assim, as sondagens de opinião continuam a constatar que Stalin se mantém, até hoje, altamente popular junto dos russos. Um dos poucos locais onde os russos podem chorar as vítimas de Stalin é Butovo, logo a sul de Moscou. Aí, de Agosto de 1937 a Outubro de 1938, estima-se que vinte mil pessoas tenham sido fuziladas com um tiro na nuca e enterradas em extensas valas comuns. Visitei com a minha família, no Verão de 2007, enquanto fazia a pesquisa para o livro As Regras de Moscou, o memorial que tinha sido inaugurado há pouco tempo em Butovo e, em grande medida, isso serviu de

inspiração a . Uma pergunta perseguiu-me enquanto ia passando lentamente pelas valas comuns, acompanhado por cidadãos russos chorosos. Por que razão não existem mais lugares deste gênero? Lugares onde os russos comuns possam ver com os seus próprios olhos as provas dos crimes inimagináveis de Stalin . A resposta, claro, os governantes da Nova Rússia não estão especialmente interessados em expor os pecados do passado soviético. Pelo contrário, estão envolvidos numa tentativa cuidadosamente orquestrada de passar uma esponja por cima dos seus aspetos mais repulsivos, celebrando ao mesmo tempo as suas façanhas. Os seus motivos são compreensíveis. O NKVD, que levou a cabo o Grande Terror, a mando de Stalin, foi o antecessor do KGB. E antigos agentes do KGB, incluindo o próprio Vladimir Putin, comandam neste momento a Rússia.

Existe um perigo nesse tipo de miopia histórica, claro: o perigo de que possa acontecer outra vez. De maneiras mais triviais, e bastante mais subtis, já está a acontecer. Desde que subiu ao poder em 1999, Vladimir Putin, o antigo presidente russo e agora primeiro-ministro, tem supervisionado uma alargada restrição de liberdades cívicas e de imprensa. E, em Dezembro de 2008, o governo introduziu nova legislação que viria a expandir vastamente a definição de "traição ao Estado". Os ativistas de direitos humanos, já de si numa posição delicada, temem que as leis possam ser utilizadas para mandar prender qualquer pessoa que se atreva a criticar o regime. Segundo parece, Andrei Lugovoi, o ex-agente do KGB acusado pelas autoridades britânicas do envenenamento, em Novembro de 2006, de Aleksandr Litvinenko, acha que a nova legislação não vai suficientemente longe. Atualmente membro do parlamento, e um herói para muitos russos, afirmou ao jornal espanhol El País que quem quer que se atreva a criticar a Rússia "deve ser exterminado". Lugovoi disse ainda: "Se acho que alguém devia ter matado o Litvinenko, no interesse do Estado russo? Se está

a falar do interesse do Estado russo, na acepção mais pura da palavra, eu próprio teria dado essa ordem." E isto vindo do homem procurado pelas autoridades britânicas pelo mesmíssimo homicídio de que fala. Para aqueles que se atrevem a questionar o Kremlin e a poderosa elite russa, as prisões e acusações são por vezes a menor das suas preocupações. Demasiadas pessoas foram simplesmente mortas a sangue-frio. Basta ter em atenção o caso de Stanislav Markelov, o empenhado advogado especialista em direitos humanos e ativista da justiça social, abatido a tiro numa rua central de Moscou, em Janeiro de 2009, à saída de uma conferência de imprensa. Também assassinada foi Anastasia Baburova, jornalista freelance que escrevia para a Novaya Gazeta — tragicamente, a mesma publicação onde trabalhava Anna Politkovskaya, que foi abatida a tiro, em Outubro de 2006, no elevador do prédio onde morava em Moscou. De acordo com o Comité para a Proteção dos Jornalistas, sediado em Nova York, quarenta e nove profissionais dos media foram mortos na Rússia desde 1992. Durante o mesmo período, apenas no Iraque e na Argélia morreram mais no cumprimento do dever. Também esta é uma tragédia russa.

AGRADECIMENTOS

Como sempre, estou em grande dívida para com o meu querido amigo David Bull, que é na realidade um dos melhores restauradores de arte do mundo. Todos os anos, David abre mão de várias horas do seu tempo extremamente valioso para espreitar por cima do meu ombro, e do de Gabriel, de maneira a certificar-se de que estamos a fazer o nosso trabalho corretamente. A sabedoria dele só é superada pelo prazer da sua companhia.

Consultei centenas de livros, artigos de jornais e de revistas e websites enquanto preparava este manuscrito, demasiados para os nomear aqui, mas seria negligente se não mencionasse várias obras importantes: The Terminal Spy, de Alan S. Cowell, The New Cold War, de Edward Lucas, Stalin, de Robert Service, Stalin, de Edvard Radzinsky, e Comrade J, de Pete Earley.

Vários agentes do serviço secreto israelenses e americanos falaram comigo confidencialmente e agradeço-lhes agora mantendo o anonimato, que é como eles prefeririam. Aaron Nutter partilhou generosamente histórias dos seus tempos no Escritório de Apoio Logístico ao Presidente, na Casa Branca, e, juntamente com os outros membros do Peloton One, foi uma ótima companhia nas manhãs de sábado e domingo. O Dr. Benjamin Shaffer, o eminente ortopedista de Washington, informou-me sobre ferimentos e infecções provocadas por balas. O Dr. Andrew Pate, o conceitua do anestesista de Charleston, na Carolina do Sul, explicou-me os efeitos nocivos dos sedativos nas mulheres grávidas. O meu querido amigo Louis Toscano já vem aperfeiçoando a minha escrita desde que

trabalhamos juntos na venerável agência de notícias United Press International, em finais do século passado, e melhorou muito graças à sua mão segura. Os meus editores, Tony Davis e Kathy, Crosby, pouparam-me vários embaraços, ao passo que Olga Gardner Galvin escrutinou o meu uso de palavras russas. Obviamente, a responsabilidade por quaisquer enganos ou erros tipográficos que possam vir a surgir na versão final do livro recai sobre mim e não neles.

Um agradecimento sentido à minha formidável equipe editorial, especialmente a John Makinson, David Shanks, Marilyn Ducksworth, Neil Nyren, Leslie Gelbman, Kara Welsh, Kate Stark, Dick Heffernan, Norman Lidofsky, Alex Clarke e ao presidente da Putnam, Ivan Held. Como Ivan Kharkov agora está morto, Ivan Held já pode ficar outra vez com seu nome só para si. Além disso, gostaria de estender os meus agradecimentos à melhor equipe de publicitários a trabalhar nesta área: Stephanie Sorensen, Katie McKee, Victoria Comella, Stephany Perez, Samantha Wolf e Elisa Frazier. Fomos abençoados com muitos amigos que encheram as nossas vidas de amor e risos nos momentos críticos, durante o ano em que escrevemos, em especial Linda Rappaport e Len Chazen, Roger e Laura Cressey, Jane e Rob Lynch, Sue e Fred Kobak e a sua maravilhosa família, e Joy e Jim Zorn. Jeff Zucker, Ron Meyer e Michael Gendler proporcionaram-me amizade e apoio, enquanto o rabi David J. Wolpe, autor do livro Faith Matters, me ajudou a ultrapassar um dia particularmente difícil de escrita com o seu humor e encanto. Um agradecimento especial a Sloan Harris pelo seu profissionalismo, entusiasmo e sugestões perspicazes, e a Marisa Ryan por ter lançado seu olhar talentoso sobre a capa.

Ao longo dos doze romances que já escrevi, percebi que é nas pessoas que tenho em casa que me apoio mais. Este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda dos meus filhos, Nicholas e Lily. Não só me ajudaram a montar o manuscrito final, como me deram

amor e apoio incondicionais enquanto procurava cumprir o meu prazo de entrega. Por fim, tenho de agradecer à minha mulher, Jamie Gangel. Além de gerir o meu negócio, governar a nossa casa e criar duas crianças formidáveis, também arranjou tempo para rever de forma brilhante cada um dos meus rascunhos. Se não fosse a sua paciência, apoio e atenção ao pormenor, o livro não teria sido terminado. A minha dívida para com ela é incomensurável, assim como o meu amor.

Digitalização **Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves**

